

Arte  
5<sup>o</sup>  
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

# Ápis

Eliana Pougy  
André Vilela

Manual do  
Professor



ea  
editora ática





Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

### Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)

Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)

Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

### André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-SP)

Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo

Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte

Professor de História da Arte

Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

**Direção geral:** Guilherme Luz

**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

**Gestão de projeto editorial:** Tatianny Renó

**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

**Edição:** Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)

**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Ana Paula C. Malfa, Carlos Eduardo Sigris, Célia Carvalho, Cesar G. Sacramento, Claudia Virgilio, Gabriela M. Andrade, Heloísa Schiavo, Maura Loria, Patricia Cordeiro, Patricia Travanca, Sueli Bossi, Tayra Alfonso e Vanessa P. Santos

**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte) e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

**Iconografia:** Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

**Licenciamento de conteúdos de terceiros:**

Cristina Akisino (coord.), Liliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

[www.atica.com.br](http://www.atica.com.br) / [editora@atica.com.br](mailto:editora@atica.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pougy, Eliana  
Ápis arte, 5º ano : ensino fundamental, anos  
iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. --  
São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-08-18817-8 (aluno)  
ISBN 978-85-08-18818-5 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-11327

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

**2017**

Código da obra CL 713536

CAE 728790 (AL) / 728746 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



Impressão e acabamento



# Apresentação

Olá, professor!

Esta coleção busca auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, tem como base o ensino da Arte por meio de projetos de trabalho que respeitam a faixa etária dos estudantes e as culturas infantis, repletos de experimentações artísticas e de leituras e reflexões acerca de obras de arte das diferentes linguagens artísticas, e que resultam em produtos e manifestações artísticas híbridas.

A abordagem contextualizada da coleção privilegia o estudo das artes contemporâneas e das manifestações artísticas tradicionais, uma vez que elas são as formas de arte com as quais mais mantemos contato e, portanto, ajudam a incentivar a pesquisa e a liberdade de expressão ao valorizar a singularidade de cada artista, além de destacar a identidade cultural brasileira e os artistas do país.

Acreditamos que esse diálogo entre as culturas infantis, as artes contemporâneas e as artes tradicionais brasileiras permite um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo, além de promover aulas dinâmicas e interessantes, que estimulam a exploração de materiais e de técnicas e convidam à participação dos estudantes.

Aprender arte é um direito de todos os alunos. As aulas de Arte, por esse viés, promovem a inclusão e permitem que cada estudante possa desenvolver a própria forma de expressão, além do respeito pelo próprio trabalho, pelo trabalho dos colegas e também pelo trabalho dos artistas. Dessa forma, ao aprender arte, os estudantes também desenvolvem as chamadas habilidades socioemocionais.

Desejamos a você um bom trabalho e muita, mas muita arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental!

Os autores.

# SUMÁRIO

## Orientações gerais

<b>I. Princípios gerais</b> .....	VI
1. Ensino de Arte e livro didático .....	VII
2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho .....	VIII
Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho .....	IX
Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares . . .	XI
3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular .....	XI
<b>II. Fundamentos teóricos</b> .....	XVI
1. A Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVI
2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual .....	XVIII
3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental .....	XIX
Linguagem visual e audiovisual .....	XIX
O trabalho com a produção midiática .....	XXI
Linguagem da dança .....	XXII
Linguagem musical .....	XXIII
Linguagem teatral .....	XXIV
Linguagens integradas .....	XXV
<b>III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural</b> . . .	XXV
1. O ambiente de aprendizagem .....	XXV
2. Visitas culturais .....	XXVI
Preparando a visita .....	XXVI
Durante a visita .....	XXVII
Depois da visita .....	XXVII
Comunicando o que foi aprendido .....	XXVII
<b>IV. Avaliação</b> .....	XXVII
1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes .....	XXVIII
Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas .....	XXVIII
Pesquisa pessoal .....	XXVIII
Construção de sua postura de aluno na escola .....	XXIX

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha . . . . .	XXIX
Produção artística e aprimoramento técnico . . . . .	XXX
Ampliação de repertório . . . . .	XXX
Participação e envolvimento . . . . .	XXX
<b>2. Avaliação das sequências didáticas . . . . .</b>	<b>XXXI</b>
Avaliação inicial . . . . .	XXXI
Avaliação processual. . . . .	XXXI
Avaliação final para o professor . . . . .	XXXII
<b>3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho . . . . .</b>	<b>XXXII</b>
<b>V. Estrutura geral da coleção . . . . .</b>	<b>XXXIII</b>
1. Seções e boxes da coleção . . . . .	XXXV
2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção . . . . .	XXXVII
3. Material Digital do Professor . . . . .	XLV
<b>VI. Referências para aprofundamento do professor . . . . .</b>	<b>XLVI</b>

## Orientações específicas

<b>Unidade 1 – A arte tem raiz? . . . . .</b>	<b>8</b>
Capítulo 1: Cantando a memória indígena! . . . . .	14
Capítulo 2: A herança portuguesa! . . . . .	32
<b>Unidade 2 – Arte é patrimônio? . . . . .</b>	<b>60</b>
Capítulo 3: Danças africanas! . . . . .	66
Capítulo 4: Narrativas de ontem, de hoje e de sempre! . . . . .	84
<b>Bibliografia . . . . .</b>	<b>110</b>



# Orientações gerais

## I. Princípios gerais

A despeito das diversas formas de entender o que é arte e de como se ensina e se aprende arte na escola – todas coerentes com os diferentes momentos históricos em que foram concebidas –, hoje se entende que a disciplina Arte<sup>1</sup> é um *componente curricular obrigatório e que seu objeto de estudo é a arte produzida socialmente, em suas diferentes linguagens* (artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas).

Assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)<sup>2</sup> e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup>, esta coleção entende que a arte é um saber passível de ser ensinado e aprendido, e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Como área do conhecimento, a arte abarca o fazer e o pensamento artísticos, que se caracterizam como um modo particular de dar sentido à vida, pois esse pensamento e esse fazer relacionam-se à *experiência estética* ou à experiência que vivemos ao apreciar e produzir *beleza*.

Beleza é um dos valores que atribuímos às coisas do mundo e tem uma relação direta com aquilo que agrada aos nossos sentidos. Mas isso não quer dizer que o belo é apenas o que é “bonito” ou “correto”. Muitas vezes, algo que não é considerado bonito nem convencionalmente correto pode despertar fortes emoções, como o medo, o asco, a raiva, a revolta ou a tristeza e, conseqüentemente, causar intensas experiências estéticas.

É sempre bom lembrar que o significado que cada pessoa em cada cultura dá à beleza varia; por isso dizemos que é relativo às experiências vividas pelo sujeito e aos valores culturais de dado grupo social. Assim, a arte também pode ser definida como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência cultural.

Durante essas experiências, nos emocionamos e usamos a razão ao mesmo tempo. A arte nos faz usar a razão porque as obras de arte e os produtos culturais trazem consigo um conteúdo, um tema ou um assunto que, por meio das linguagens livres da arte, nos fazem refletir, questionar, colocar em discussão e, muitas vezes, rever valores, atitudes, certezas e conceitos. Por isso, além de mobilizar sensações e afetos, a experiência estética nos leva a conhecer mais sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre as diversas áreas do conhecimento e sobre a própria arte.

Os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como qualquer um de nós, desde o nascimento fazem parte de determinado universo cultural (familiar, da comunidade, regional, de sua época) e, assim, estão expostos às mais variadas manifestações artísticas. Muitas vezes, convivem com artistas amadores ou profissionais, que fazem parte das artes tradicionais feitas pelo povo, do *design*, do mundo acadêmico, que podem ser membros de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. Como experimentadoras ousadas, as crianças se expressam artisticamente por meio de linguagens verbais e não verbais, utilizando diferentes materiais, instrumentos e técnicas.

Todo esse contato com a arte, no entanto, não significa que as crianças não precisem aprender mais sobre esse campo na escola. Pelo contrário: o prazer e o conhecimento artísticos e a experiência estética e cultural podem e devem ser cultivados e ampliados pela mediação educativa realizada pela instituição escolar, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades relativas a essa área do saber. Por isso, compreendemos que é na escola, e com sua mediação, professor<sup>4</sup>, que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem conhecer melhor a cultura em que estão inseridos e aprender mais sobre o

<sup>1</sup> Quando se trata do componente curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

<sup>2</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a; BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

<sup>3</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

<sup>4</sup> Segundo orientações da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb), quem ministra as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental são os licenciados em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, para evitar a polivalência. Caso não existam professores especialistas na escola, para cumprir a LDB vigente, quem ministra essas aulas é o professor de sala que, preferencialmente, tenha formação em Arte.

campo expandido da arte, abrindo-se, desse modo, para a produção artística e cultural de outras culturas, de hoje e de outros tempos.

É na escola que os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da arte, abrindo-se para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade.

Como afirma a BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. <sup>5</sup>

Além disso, é nas aulas de Arte que os estudantes aprendem procedimentos e técnicas construídas socialmente e que permitem a eles se expressarem artisticamente. Isso quer dizer que as manifestações e produções artísticas são fruto de aprendizado sistematizado, que é direito dos estudantes brasileiros.

O grande objetivo das aulas de Arte é, portanto, *promover experiências estéticas e culturais, a fim de desenvolver as competências e habilidades artísticas dos estudantes, ampliar seu repertório acadêmico e cultural e promover uma cidadania participativa, crítica e criativa*. Esse é nosso desafio.

## 1. Ensino de Arte e livro didático

O livro didático de Arte vem sendo construído desde a década de 2000, inicialmente para escolas particulares. Em 2011, passou a integrar as políticas públicas participando do Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD – EJA), buscando a formação integral dos estudantes das escolas públicas brasileiras e fazendo cumprir a Lei de

Diretrizes Básicas (LDB) 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Depois, a Arte também esteve presente no PNLD 2014 – EJA; PNLD 2015 – Ensino Médio; PNLD 2016 – 4º e 5º ano; PNLD 2017 – 6º a 9º ano; PNLD 2018 – Ensino Médio; e, agora, no PNLD 2019 – 1º a 5º ano, pela primeira vez contemplando também o 1º, 2º e 3º ano, o que reforça a valorização do componente curricular e a importância do livro didático como suporte para as aulas de Arte.

O livro didático é um suporte porque traz uma proposta didático-pedagógica clara, textos de apoio e sugestões de atividade que buscam cumprir o que dispõem as orientações governamentais presentes nos PCN e na BNCC. Além disso, tem o papel de inspirar a prática dos professores, já que traz estruturadas propostas que abarcam o trabalho didático-pedagógico de um segmento completo da educação básica.

Entretanto, ele só é útil e verdadeiramente um suporte à medida que os professores possam dialogar com ele e usar sua autonomia e criatividade na condução das atividades propostas no livro.

Nesse sentido, a coleção traz propostas de trabalho que podem e devem ser ampliadas por você em diálogo com sua realidade local. Por isso, escolhemos projetos temáticos, conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais) e atividades que buscam desenvolver as competências e as habilidades descritas na BNCC, mas que, ao mesmo tempo, se abrem para a possibilidade de trabalho com outros temas, conteúdos e atividades que podem ser elencados a partir da realidade e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e da rede de ensino de que ela faz parte.

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 193.



## 2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho

A partir dos princípios explanados anteriormente e das orientações dos PCN e da BNCC, esta coleção organiza o ensino e o estudo dos diferentes campos da arte por meio da investigação e da participação ativa dos estudantes, ou por meio de Projetos de Trabalho:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.<sup>6</sup>

Um Projeto de Trabalho se vincula à exploração de *problemas significativos* para os estudantes, mas que, ao mesmo tempo, os aproxima dos saberes escolares. Em outras palavras, um projeto parte de questões consideradas relevantes para os estudantes e também para o desenvolvimento das competências e habilidades específicas da Arte.

Consequentemente, essa questão ou problema tanto pode partir do interesse dos estudantes quanto ser proposto pelo professor<sup>7</sup> que, por sua vez, deve ter em vista o desenvolvimento dessas competências e habilidades a partir de objetivos, conteúdos e propostas de atividades preestabelecidos.

A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexos, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender. Finalidade esta que se pode fazer coincidir com os objetivos finais de cada nível educativo.<sup>8</sup>

Por isso, em primeiro lugar, é necessário que coordenação, professor e estudantes concordem com a escolha de um problema que sirva de *disparador* de

um projeto que, no caso das aulas de Arte, pode estar relacionado a uma inquietação sobre algum assunto ou tópico do campo das artes ou sobre uma questão técnica, artística, estética ou ética a respeito do trabalho de um artista ou grupo de artistas, e também relacionado a temáticas contemporâneas que mobilizam a reflexão e a crítica sobre quem somos hoje.

Em um projeto, diferentemente de outras modalidades organizativas, o professor medeia a escolha do tema, pois ele é quem deve dirigir o “fio condutor” do trabalho, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com o universo cultural dos estudantes:

O ponto de partida para a definição de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Em cada nível e etapa da escolaridade, essa escolha adota características diferentes. Os alunos partem de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre os Projetos já realizados ou em processo de elaboração por outras classes. Essa informação se torna pública num painel situado na entrada da escola (com isso, as famílias também estão cientes). Dessa forma, o tema pode pertencer ao currículo oficial, proceder de uma experiência comum (como os acampamentos), originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro Projeto.

[...]

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia num “porque gostamos”, e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem.<sup>9</sup>

A obra em questão propõe temas geradores que foram pensados na especificidade da infância, tais como a integração das linguagens artísticas e a brincadeira. O professor, como ser autônomo e conhecedor da turma, poderá propor, e abrir espaço para que os

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p.193.

<sup>7</sup> Paulo Freire, importante educador brasileiro, também propõe essa abordagem metodológica em *Educação como prática da liberdade* (1986).

<sup>8</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 66.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 67.

alunos também proponham, vetores de interesse que estejam na mesma direção dos temas geradores propostos ao longo da obra ou paralelos a eles.

Definidos o tema e a questão disparadora, tornam-se necessários o estudo sistematizado e a pesquisa, a fim de buscar respostas e soluções para o problema e, também, que as crianças organizem as informações, descobrindo a relação entre elas. Para tanto, é preciso que elas vivam situações de simulação de decisões, estabeleçam relações ou infiram novos problemas.

Por isso, em um projeto não interessa só a localização de respostas, mas, principalmente, entender o significado e a pertinência delas, aplicando-as em vivências diversas presentes em diferentes modos de ensinar e aprender, como aulas expositivas, debates, apresentações, oficinas, trabalhos em grupo e individuais, visitas culturais, etc.

Quando trabalhamos com projetos, é muito importante que os estudantes apresentem sua pesquisa em forma de seminário. Mesmo no trabalho com os estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, é possível e recomendável que eles tenham a oportunidade de apresentar para a turma o que descobriram. O importante é que, aos poucos, eles se acostumem com a divulgação do que pesquisaram, e que essa atividade não fique restrita a um texto que apenas vai ser corrigido pelo professor e devolvido a eles.

Além disso, o aprendizado e a compreensão por parte dos estudantes precisam se dar por meio de atividades diversas que englobam as dimensões do conhecimento artístico, como fruição, leitura de textos e obras de arte, pesquisa, reflexão, crítica, estesia, expressão e criação, mas sempre de modo dialógico e participativo.

Conseqüentemente, ao longo de um Projeto de Trabalho, os estudantes acabam por produzir diversos e valiosos produtos e instrumentos de avaliação do seu aprendizado, que auxiliam o professor a desvendar o que eles descobriram, que dúvidas surgiram, as dificuldades e os sucessos de cada um, entre outros aspectos. Isso permite que o professor participe ativamente do processo, indicando fontes de pesquisa, avaliando cada etapa do trabalho e mantendo uma postura de participação e envolvimento.

Ao final do projeto, deve acontecer uma produção que sintetize o conhecimento aprendido e exponha para a comunidade escolar esse aprendizado. Esse produto, no caso das aulas de Arte, pode ser a criação e produção de obras de arte e sua exposição/divulgação,

de modo que elas sintetizem o aprendizado e expressem o que os estudantes vivenciaram.

A partir desse primeiro projeto, outros problemas, questões e temas surgirão. Nesse sentido, o professor consegue construir um currículo vivo e interessante, além de integrado às orientações curriculares da escola, da rede de ensino e do Estado.

O Projeto de Trabalho é uma situação de aprendizagem em que os estudantes participam ativamente, pois buscam respostas às suas dúvidas em parceria com o professor, ou de forma coletiva. Em outras palavras, ao participar das diferentes fases e atividades de um projeto, os alunos desenvolvem a consciência de seu próprio processo de aprendizado, ou seja, aprendem a aprender.

## Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), a interdisciplinaridade é recomendada no trabalho escolar, pois facilita o exercício da *transversalidade*, ou o modo de organizar o currículo por meio de temas transversais. A articulação dos conhecimentos é um dos objetivos deste modo de organizar o currículo, pois permite romper com a forma rígida de trabalhar com os conteúdos escolares.

Nesse sentido, ao realizar um Projeto de Trabalho, o professor tem a oportunidade de fazer os estudantes entenderem que determinado conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina, isto é, que esse conhecimento transita entre diferentes modos de entender e explicar a vida, e pode, inclusive, fazer parte de outras disciplinas, o que abre espaço para trabalhos interdisciplinares.

Segundo Fernando Hernández<sup>10</sup>, para realizar projetos interdisciplinares, é importante que o professor integre conteúdos e desenvolva habilidades de vários componentes curriculares em um mesmo projeto, reconhecendo a curiosidade das crianças, estimulando suas questões e as possíveis relações que elas mesmas são capazes de fazer sobre as conexões entre os saberes. Portanto, a organização do currículo por Projetos de Trabalho permite que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e entre a Arte e os outros componentes curriculares aconteça, pois eles não se esgotam em seus conteúdos iniciais: os conteúdos dos diferentes componentes curriculares podem e devem ser trabalhados ao mesmo tempo.

Além disso, a BNCC afirma que:

<sup>10</sup> HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida

familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada<sup>11</sup>.

Assim, os conteúdos e procedimentos específicos de cada uma das linguagens artísticas e alguns dos conteúdos das outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental estão contemplados em cada uma das unidades da coleção, conforme o tema contemporâneo presente em cada projeto. Acreditamos que essa abertura para a interdisciplinaridade poderá despertar em você, professor, a vontade de experimentar e trazer mais conteúdo de outras disciplinas para cada projeto.

A seguir, apresentamos a organização dos temas, linguagens e disciplinas participantes de cada unidade/projeto da coleção:

Volume	Unidade	Tema	Linguagens	Disciplinas
1ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalho, ciência e tecnologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Desenho</li> <li>Música – Paisagem sonora</li> <li>Artes integradas – Desenho animado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Direitos da criança e do adolescente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Teatro – Pantomima literária</li> <li>Artes integradas – Filme documentário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Matemática</li> <li>Geografia</li> </ul>
2ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de objetos</li> <li>Dança – Dança contemporânea</li> <li>Artes integradas – Intervenção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Ciências</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Vida familiar e social</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Escultura</li> <li>Música – Música de concerto</li> <li>Artes integradas – Exposição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>História</li> <li>Ciências</li> </ul>
3ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Educação ambiental</li> <li>Educação para o consumo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Artes visuais – Assemblagem e fotografia</li> <li>Música – Música experimental</li> <li>Artes integradas – Plástica sonora</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>Ciências</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Teatro de rua</li> <li>Dança – Dança aérea</li> <li>Artes integradas – Palhaçaria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Educação Física</li> </ul>
4ª	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Respeito e valorização do idoso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Música – Música tradicional brasileira</li> <li>Dança – Danças afro-brasileiras</li> <li>Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Língua Portuguesa</li> <li>Geografia</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diversidade cultural</li> <li>Vida familiar e social</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teatro – Contação de histórias</li> <li>Artes visuais – Gravura e relevo</li> <li>Artes integradas – Instalação interativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Arte</li> <li>Geografia</li> <li>História</li> </ul>

<sup>11</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 19-20.

5 <sup>o</sup>	1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Música – Música indígena</li> <li>• Artes visuais – Pintura</li> <li>• Artes integradas – Festejo brasileiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Geografia</li> <li>• Matemática</li> </ul>
	2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade cultural</li> <li>• Educação em direitos humanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dança – Danças africanas</li> <li>• Teatro – Mamulengo</li> <li>• Artes integradas – Filme em <i>stop-motion</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arte</li> <li>• Língua Portuguesa</li> <li>• História</li> </ul>

### Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares

Quando falamos em projetos interdisciplinares, é preciso organizar o trabalho escolar de modo que os estudantes aprendam os diversos procedimentos das diferentes disciplinas, e não apenas os seus conteúdos abstratos. Nesse sentido, os Projetos de Trabalho concordam com a Pedagogia Ativa e dela obtêm seu saber pedagógico e sua prática didática.

Foi com John Dewey e outros representantes dessa pedagogia, como Maria Montessori, Célestin Freinet, Jean-Ovide Decroly, Anísio Teixeira, entre outros, que se valorizou a aprendizagem do aluno não só por meio de aulas expositivas, mas principalmente pela prática e pelo estudo do meio em que ele participa.

Nessa forma de entender o processo de ensino-aprendizagem, o professor organiza e coordena situações de aprendizagem em espaços variados, e não apenas expõe conteúdos aos alunos em sala de aula.

A grande justificativa para esse tipo de didática é que cada disciplina possui um lugar e uma ação no espaço social: a Educação Física é praticada em quadras e espaços abertos e naturais; a Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a História e a Geografia são pesquisadas e pensadas em salas de aula, bibliotecas com computadores ligados à internet, filmotecas e bancos de imagens; as Ciências da Natureza operam em laboratórios de ciências e em meio à natureza; a Arte ocupa ateliês, teatros, estúdios, discotecas e espaços de divulgação cultural; a Matemática é formulada em salas de aula e em laboratórios, e assim por diante.

Esses locais são específicos, pois permitem colocar em prática os conceitos e as teorias de cada área do saber, ou seja, mantêm e renovam procedimentos específicos e singulares que se ensinam e que se aprendem de geração em geração.

Na escola, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as práticas específicas são muito relevantes, pois é a partir do concreto que as crianças até 10 anos aprendem. Em outras palavras, sem experimentar procedimentos, elas não conseguem assimilar<sup>12</sup> os con-

teúdos completamente. Por exemplo: quando se ensina e se aprende sobre os seres vivos, é importante entrar em contato com os animais em seu *habitat*; quando se ensina e se aprende sobre as artes visuais, é importante o acesso ao ateliê de artistas e também a museus de arte.

Assim, ao planejar projetos interdisciplinares, além de elencar os conteúdos que se relacionam, o professor precisa planejar atividades práticas próprias de cada área do saber. Dessa forma, o estudante pode experimentar as diferentes formas de pensar e agir sobre um mesmo objeto de estudo.

Cada capítulo da presente coleção, de acordo com a BNCC, apresenta objetos do conhecimento e as respectivas habilidades de alguns componentes curriculares que podem ser unidas em projetos interdisciplinares. Cabe a você, professor, buscar os procedimentos dessas disciplinas, em livros didáticos ou em outras fontes, de modo a promover experiências de aprendizagem integradas aos estudantes.

### 3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O documento baseia-se nos princípios éticos, políticos e estéticos ditados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e visa a uma educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências gerais:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

<sup>12</sup> PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.



2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.<sup>13</sup>

Segundo a BNCC, é por meio das linguagens que os indivíduos interagem consigo mesmos e com os outros, configurando-se como sujeitos sociais. As diferentes linguagens são responsáveis por mediar as práticas sociais que, por sua vez, constituem o espaço de realização das atividades humanas. Esse entendimento leva à conclusão de que os conhecimentos humanos são sempre construídos por formas de linguagem, uma vez que são fruto das interações sociais.

Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem das linguagens na escola deve:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.<sup>14</sup>

Na BNCC, a área de conhecimento Linguagens é composta dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as disciplinas da área de Linguagens organizam suas aprendizagens com o objetivo de levar o estudante à compreensão de que cada linguagem tem suas especificidades, sem deixar de observar que fazem parte de um todo, e de que as linguagens são construções sociais em constante transformação.

Nesse sentido, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Linguagens:

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 63.



1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.<sup>15</sup>

A BNCC entende a Arte como área do conhecimento e propõe o estudo centrado em quatro linguagens: *Artes visuais, Dança, Música, Teatro*, além da exploração das relações e articulações entre elas por meio das *Artes Integradas*.

[...] o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico,

social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.<sup>16</sup>

Além disso, as cinco dimensões da área (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) devem ser trabalhadas em todas as linguagens artísticas.

Assim, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Arte:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 65.

<sup>16</sup> Ibidem, p.196-197.

<sup>17</sup> Ibidem, p.198.

Para garantir o desenvolvimento dessas competências específicas, o componente curricular Arte apresenta este conjunto de habilidades para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

## Artes visuais

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR01)</b> Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR02)</b> Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR03)</b> Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR04)</b> Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR05)</b> Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. <b>(EF15AR06)</b> Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
<b>Sistemas da linguagem</b>	<b>(EF15AR07)</b> Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Dança

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR08)</b> Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR09)</b> Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. <b>(EF15AR10)</b> Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR11)</b> Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. <b>(EF15AR12)</b> Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## Música

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR13)</b> Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR14)</b> Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Materialidades</b>	<b>(EF15AR15)</b> Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
<b>Notação e registro musical</b>	<b>(EF15AR16)</b> Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR17)</b> Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

## Teatro

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Contextos e práticas</b>	<b>(EF15AR18)</b> Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Elementos da linguagem</b>	<b>(EF15AR19)</b> Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Processos de criação</b>	<p><b>(EF15AR20)</b> Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p><b>(EF15AR21)</b> Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p><b>(EF15AR22)</b> Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>

## Artes integradas

Objetos de conhecimento	Habilidades
<b>Processos de criação</b>	<b>(EF15AR23)</b> Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Matrizes estéticas e culturais</b>	<b>(EF15AR24)</b> Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Patrimônio cultural</b>	<b>(EF15AR25)</b> Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
<b>Arte e tecnologia</b>	<b>(EF15AR26)</b> Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

## II. Fundamentos teóricos

### 1. A Arte-educação baseada na cultura visual

Esta coleção busca seu referencial teórico na *Arte-educação baseada na cultura visual*. Essa abordagem, que foi sendo construída ao longo do século XX e que possui forte influência do pensamento antropológico e pedagógico brasileiros, entende que a arte e a educação podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas visuais, ou das diversas culturas que organizam e regulam a percepção visual, as funções da visão e os seus usos.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem respaldo nos *Estudos Culturais*, um campo de estudos interdisciplinares que envolve diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Comunicação Social, a Arte, a Literatura, as Ciências Sociais, entre outras. Em seu artigo “A cultura visual antes da cultura visual”<sup>18</sup>, Ana Mae Barbosa, importante arte-educadora brasileira, enfoca a importância do pensamento brasileiro para a construção dessa abordagem crítica, em especial a contribuição do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Freyre sempre se interessou pelas artes visuais e pela iconografia como documentos históricos e importantes fontes de contextualização para pensar os jogos de poder presentes em nossa sociedade. Um exemplo disso são as pinturas que ele utilizou como fonte de análise das relações de poder entre as diferentes classes sociais brasileiras em seus livros.

Para os Estudos Culturais, cultura é a produção e a troca de significados entre membros de determinados grupos sociais, significados esses que podem estar presentes nas conversas do dia a dia, nas teorias mais elaboradas dos intelectuais, na arte acadêmica, na TV ou nos festejos populares. Mas a cultura não é somente essa multiplicidade de manifestações e produções culturais, entre elas, as artísticas. Ela é, também, um campo de conflitos e de negociação para a validação de significados dados a essas manifestações e produções.

Esses conflitos, negociações e validações acontecem tanto no âmbito das linguagens quanto no das práticas sociais, ou seja, os seres humanos agem, pensam e se expressam de forma a validar, ou até mesmo impor, significados preconcebidos para modos de pensar, agir, desejar. A isso chamamos de controle das subjetividades. Esse controle acontece porque a fonte

geradora de sentidos parte tanto de instâncias individuais quanto coletivas, engendradas em jogos de poder e de linguagem.

Outro referencial importante para os Estudos Culturais é o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*<sup>19</sup>, Paulo Freire afirma que é possível que professores e estudantes de diferentes grupos culturais estabeleçam uma relação dialógico-dialética em que todos aprendam juntos. Em seu texto, ele propõe um método de ensino em que a palavra escrita deve ser vista como fruto da experiência vivida e da leitura de mundo dos estudantes. Nesse sentido, ela deve ser vista como geradora de problemas, ou como uma palavra-geradora. Segundo Paulo Freire, as palavras-geradoras precisam ser objetivadas ou vistas a distância, para, então, serem codificadas e “descodificadas” pelos estudantes com a mediação do professor. É nesse processo de objetivação, codificação e descodificação da palavra-geradora que a experiência vivida ganha sentido e uma nova leitura de mundo se estabelece. Por isso, alfabetização, para Paulo Freire, é significação produzida pela práxis.

Para tanto, é imprescindível que professores e estudantes encontrem-se naquilo que Freire chamou de *Círculo de Cultura*, pois é nesse círculo que acontece o diálogo autêntico e a síntese cultural – ou o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si, no outro. Segundo Freire, é somente em um círculo de cultura que é possível a educação como prática da liberdade e é somente em um círculo de cultura que o mundo pode ser relido em profundidade crítica. Esse círculo, entretanto, não é um local tranquilo, controlado, pois as consciências são comunicantes e comunicam-se na oposição.

Em seu trabalho, Paulo Freire também destacou a importância de se praticar, na escola, o respeito pelo repertório cultural dos estudantes sem negar, entretanto, a importância do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente constituído. Segundo o educador, a alfabetização deve ser a porta de entrada para os saberes antes apenas relegados à elite. E, para aprendê-los, faz-se necessário superar a curiosidade ingênua e instaurar a curiosidade epistemológica, pois é ela que garante uma consciência transformadora. É preciso, portanto, que a escola alfabetize, e que, também, leve os estudantes a pesquisar, buscar fontes, refletir, comunicar suas descobertas, estudar, enfim, estar sempre em diálogo com o professor.

<sup>18</sup> BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

<sup>19</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.



A influência de Paulo Freire nos Estudos Culturais permitiu que uma nova forma de educar e de ensinar arte ganhasse espaço.

Um dos mais influentes educadores da Cultura Visual é o espanhol Fernando Hernández, que tem como referências Paulo Freire e John Dewey<sup>20</sup>. Em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*<sup>21</sup>, Hernández afirma que:

[...] a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas com um olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar respostas ao que acontece ao mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para se ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e conectar o que se ensina e o que se aprende na escola com o que acontece além dos seus muros.

No Brasil, ao longo do século XX, a preocupação por um ensino de Arte crítico e dialógico manifestou-se desde a década de 1950. Nas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criadas por Augusto Rodrigues, as aulas saíam dos muros da escola e alcançavam a cidade, estimulando a pesquisa e a participação de todos.

Tendo em vista a construção de pesquisas artísticas e educacionais, que buscavam verificar de que forma a Arte colabora não só para o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos estudantes, mas também para a sua autonomia e participação na sociedade, ou seja, para a sua cidadania consciente e crítica, Ana Mae Barbosa buscou inspiração em sua experiência de trabalho e formação com Paulo Freire, além da abordagem do ensino de arte concebida nos Estados Unidos, a *Discipline Based Art-Education* (Arte-educação baseada na Disciplina), as *Escuelas al Aire Libre* (Escolas ao ar livre) mexicanas e o *Critical Studies* (Estudos críticos) inglês<sup>22</sup>.

A Arte-educação baseada na disciplina tratava de forma integrada a história da arte, a crítica, a estética e a produção. Essa concepção previa a superação da autoexpressão criativa e do tecnicismo, resgatando um conteúdo específico em artes, com foco no desenvolvimento do pensamento artístico e estético.

No Brasil, essa proposta sofreu uma adaptação desenvolvida por Ana Mae Barbosa a partir de sua convivência e experiência profissional com Paulo Freire e de sua formação pedagógica crítica: uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “leitura da imagem”. Essa forma de entender o processo de ensino e aprendizagem foi denominada *Abordagem Triangular*, pois orienta que o processo de ensino e aprendizagem da arte se dê em três eixos: leitura, produção e contextualização.

Além das EAB e Ana Mae Barbosa, pode-se destacar o trabalho de Noêmia Varela, Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pillar, Ivone Richter, Maria Helena Rossi, entre outras arte-educadoras que, com suas pesquisas, vêm destacando a importância do estudo e do ensino da arte para além da História da Arte.

A Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular dialogam e se complementam, como afirma Raimundo Martins<sup>23</sup>:

São muitas as maneiras de aprender e ensinar, muitas as infâncias, adolescências e identidades. Nenhuma abordagem pedagógica por si é capaz de dar conta dessa multiplicidade e riqueza.

[...]

Abordagens pedagógicas não devem ser exclusivas. Elas se justificam ao atender necessidades de aprendizagem ajudando estudantes a desenvolver uma visão crítica de significados culturais e artísticos, de valores e práticas sociais. A cultura visual é inclusiva e, ao contrário de concepções modernistas com ênfase excessiva nas belas artes, trabalha com imagens do cotidiano – filmicas, de publicidade, ficção, informação etc. As tecnologias fazem proliferar depoimentos, versões e formas abertas de interação, impactando a produção de subjetividades de alunos e professores.

Por isso, a Arte-educação baseada na cultura visual visa desenvolver um olhar sensível, um pensamento reflexivo e contextualizado e, também, um fazer artístico e a construção de uma autoria significativos, frutos de uma ação discente participativa e crítica. Sendo assim, orientamos a produção da presente coleção por esses fundamentos.

<sup>20</sup> Para Dewey, filósofo estadunidense, o conhecimento é construído por consensos que resultam de discussões coletivas, da cooperação e do autogoverno dos estudantes.

<sup>21</sup> HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 51.

<sup>22</sup> BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 33-34.

<sup>23</sup> MARTINS, Raimundo. Abordagem Triangular e Cultura Visual: possibilidades no ensino da arte complementares ou excludentes? *Boletim Arte na Escola*, São Paulo, edição 76, maio/jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 2 set. 2017.



## 2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual

A Arte-educação baseada na cultura visual afirma que vivemos em um mundo em que a imagem, estática ou em movimento, acompanhada ou não de sons e música, ou as *visualidades*, estão por toda parte, criando desejos, verdades e sonhos. Para Mitchell<sup>24</sup>, um dos teóricos da cultura visual, essa forma de cultura baseada na imagem inclui a relação com todos os outros sentidos e linguagens. Nesse sentido, as outras formas de arte, como a música, o teatro e a dança, vêm ganhando uma expressão audiovisual muito forte e, por conta do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, irreversível.

Segundo Mirzoeff, estudar a cultura visual nos leva a compreender a vida contemporânea. Para ele, compreendê-la é uma:

[...] tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. [A cultura visual] é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial.<sup>25</sup>

As imagens, para a cultura visual, são entendidas como mediadoras de valores culturais e caracterizam-se por trazerem metáforas que, por sua vez, surgem da necessidade de construção de significados tipicamente humana e social. Por isso, uma das finalidades da educação baseada na cultura visual é reconhecer as diferentes metáforas, valorizá-las e, assim, estimular a produção de novas metáforas.

Nesse sentido, a Arte-educação baseada na cultura visual busca dirigir o olhar dos estudantes para uma sensibilidade e crítica apuradas ao permitir que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de conhecer as histórias das artes e a história da vida dos diferentes artistas.

Por isso, o uso do livro didático pode ser um excelente apoio para a educação para a cultura visual: nele estão relacionadas imagens, sugestão de sites da internet, textos de apoio e atividades que podem ser usadas como fontes de informação e pesquisa e que,

também, podem servir como disparadores de outras questões e buscas por parte dos estudantes e dos professores.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem, como principal objetivo, estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento de sua própria cultura e, gradativamente, ampliando seu repertório. Desse modo, o ensino de arte pode auxiliar na reorganização da escola como um grande palco do diálogo entre diferentes culturas, ou da interculturalidade<sup>26</sup>.

O conteúdo das aulas de Arte precisa, então, abranger as mais diversas manifestações artísticas e culturais, mas principalmente as manifestações artísticas e culturais contemporâneas<sup>27</sup>. O processo de ensino e aprendizagem de arte se torna, assim, significativo tanto para os professores como para os estudantes. Além disso, as estratégias de ensino precisam ser pautadas pelo diálogo e pelo respeito à faixa etária dos alunos.

Para Fernando Hernández, a Arte-educação baseada na cultura visual pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ao promover o diálogo, a descoberta coletiva de problemas instigantes, a experimentação e a pesquisa engajada como procedimentos de ensino e aprendizado, as crianças se sentem valorizadas e participam ativamente do processo educativo.

Nesse sentido, o trabalho do professor ganha outra prática, voltada para os Projetos de Trabalho, e para um processo de ensino e aprendizado significativo, que pode abraçar qualquer tema e que é direcionado aos estudantes por argumentação, e não por apresentação. Professores, crianças e jovens são encarados como estudantes, intérpretes e copartícipes, por isso o professor é procurado pelos estudantes para que seja um orientador de pesquisas.

É importante ter em mente, entretanto, que os temas usados em Projetos de Trabalho devem ter relação com os projetos e temas anteriores e os possíveis posteriores, porque isso permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. É preciso ter um fio condutor que, por sua vez, relaciona-se com o Projeto Político-Pedagógico da escola,

<sup>24</sup> MITCHELL, William J. T. *Que és la cultura visual*. Princeton: Irving Lavin Institute for Advanced Study, 1995.

<sup>25</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003. p. 20.

<sup>26</sup> Para saber mais sobre interculturalidade, leia *Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação?*, de Simone Romani e Raimundo Rajobac. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12715/8342>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

<sup>27</sup> Por arte contemporânea, entendemos as produções e manifestações de arte feitas hoje, em sua diversidade.

com o currículo do município, do estado e do país em que a escola está situada.

Assim, o trabalho do professor em sala de aula enfoca a criação de índices ou listas, que organizam o trabalho, e a elaboração de sínteses para a conferência das descobertas feitas pelos estudantes.

Essas listas permitem uma previsão dos conteúdos (conceituais e procedimentais) e das atividades, da escolha de algumas fontes de informação que permitam iniciar e desenvolver o Projeto. Essa seleta de informação deve ser contrastada com fontes que os estudantes já possuam ou possam apresentar, e também com as possibilidades de saídas culturais e outros eventos de ampliação do repertório.

As sínteses, por sua vez, reforçam a consciência do aprender e auxiliam estudantes e professor a verificar o que foi aprendido.

A atuação dos estudantes (no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o professor) deve estar voltada para o planejamento das atividades, de modo que todos tenham consciência do que irá acontecer nos próximos encontros e quais tarefas terão de cumprir. A produção de uma lista com as tarefas, estudos, atividades, pesquisas, saídas culturais, auxilia no trabalho e envolve os estudantes.

Além disso, em um projeto, a produção de novas questões e problemas a partir do que foi vivenciado e aprendido é um dos resultados esperados. Afinal, um assunto nunca se esgota, se ele for interessante e fruto de questões significativas.

### 3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental

As linguagens artísticas visual, musical, corporal e teatral se caracterizam pela *liberdade* em relação à expressão: um artista pode criar seu próprio sistema de signos, inclusive misturando linguagens verbais e não verbais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o fazer artístico é uma *experiência poética*, em que se articulam os significados e a experimentação de técnicas materiais visuais e plásticas, de movimentos, de materiais sonoros, entre outros. Assim, os alunos dos anos iniciais devem ser convidados a experimentar os mais diversos procedimentos artísticos.

Para que essa **experimentação** aconteça é preciso, antes de tudo, que a escola e os professores reconheçam os trabalhos artísticos infantis como uma forma de investigação e de atribuição de sentido das crianças a suas vivências, inclusive às escolares, e que nem sempre são reveladas por meio de uma produção “bonita” ou

“bem-acabada”. É preciso, portanto, valorizar a expressão artística infantil e refrear a tendência de fazer o trabalho pelos alunos, “maquiando” o que poderia parecer uma “imperfeição”.

As linguagens artísticas também devem ser **apreciadas**. As crianças precisam ter momentos de fruição estética, de poder “mergulhar” em obras de arte e ler textos não verbais. Durante a apreciação, todos somos afetados de forma intensa, já que os signos presentes nas obras de arte podem provocar muitas emoções e despertar pensamentos e ideias que também levam a leituras diversas da realidade. A fruição estética possibilita a todos uma livre interpretação da obra apreciada, gerando o que chamamos de *polissemia* de sentidos.

A **fruição estética** é um processo que envolve emoção e razão e pode ser exteriorizada tanto por meio de expressões faciais e/ou corporais como por meio da linguagem verbal. Cada criança responde de um modo muito próprio aos estímulos da fruição estética. Algumas ficam animadas e alegres, outras, tímidas. Dessa forma, é importante que você esteja atento às respostas de seus alunos. Aos poucos, saberá avaliar quanto cada um se envolveu ou não com as atividades e poderá, também, perceber o gosto estético de cada criança. Afinal, em Arte é possível preferir determinada linguagem a outra, o que não significa que a criança poderá escolher se quer participar das atividades propostas ou não. Os alunos têm o *direito* de vivenciar todas as atividades escolares, já que para poder manifestar preferência é preciso conhecer. Em outras palavras, a expressão artística e a fruição dependem do repertório cultural de cada um.

Isso quer dizer que é papel da escola e da disciplina Arte planejar mediações educativas que levem os estudantes a vivenciar momentos de produção artística e fruição estética para que, assim, possam ampliar seu conhecimento artístico e estético e seu repertório cultural.

### Linguagem visual e audiovisual

Ao se expressar por meio da linguagem visual – com desenhos, pinturas, colagens, esculturas, fotografias, etc. –, as crianças revelam o que *sabem* e *sentem* em relação aos objetos. Esse fato está intimamente ligado a sua capacidade de *abstração*: o que elas apresentam resulta na escolha daquilo que lhes parece mais importante representar. Por exemplo: ao desenhar um carro, podem excluir as portas se a característica que mais lhes emociona é o movimento, representado pelas rodas.

Jean Piaget, em seu livro *A formação do símbolo na criança*<sup>28</sup>, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente no que se refere à habilidade de formar conceitos. Nesse sentido, muito mais do que avaliar a verossimilhança de um desenho infantil ou as habilidades técnicas demonstradas pelas crianças, ao educador importa compreender aquilo que elas querem mostrar com seus traços. A expressão visual infantil também pode ser entendida como um meio de confrontação entre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior, na medida em que articula a percepção do mundo “real” à imaginação e à capacidade criativa. Como afirmam Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*<sup>29</sup>, a expressão visual é, também, um meio de expressão do sujeito, cuja observação cuidadosa pode criar um vínculo mais profundo entre o professor e cada estudante.

Por isso, na presente coleção, a proposição de fazer com as artes visuais busca a sensibilidade e a expressão infantil, e não apenas um aprendizado técnico ou com resultados “corretos”. Aqui busca-se desenvolver a expressividade cultivada por meio das técnicas, e não a técnica por ela mesma.

Ao desenhar, pintar, colar ou esculpir, as crianças se expressam e se comunicam. Elas já apresentam um repertório visual oriundo do contato que têm com a produção artística de adultos, dos desenhos vistos na televisão ou no cinema, das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação e, também, a partir do contato com a produção de outras crianças. Dessa forma, constroem conhecimento sobre artes visuais participando da cultura. O mesmo ocorre quando leem e interpretam obras de arte visual: as crianças expressam sua experiência, conhecimento prévio e repertório cultural. O que significa que a apreciação pode ser mais ou menos complexa, dependendo do contato do apreciador com as obras de arte. Daí a importância da mediação ativa por parte da escola e dos educadores, a fim de criar indivíduos críticos e futuros produtores de arte com responsabilidade social e ações cidadãs.

Michael Parsons, em seu livro *Compreender a arte*<sup>30</sup>, afirma que a leitura de uma obra de arte visual sempre busca significações e sentidos. Por isso, as crianças podem e devem ser estimuladas durante essa leitura,

desde que ela seja dirigida com uma finalidade específica, como o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo. Segundo ele, a maioria das crianças em idade escolar dá ênfase ao tema da pintura e tem maior atração pelas imagens realistas, que valorizam a beleza e a harmonia. Os adolescentes, por sua vez, fazem uma análise mais subjetiva da obra, observando também a emoção que o objeto de arte transmite, e não apenas o que ele representa. Para o autor, existem ainda dois estágios de apreciação de arte, que estão ligados a uma maior formação: um olhar com foco na organização e no estilo da obra e em sua função social e um olhar que faz a reconstrução do sentido, interpretando-a com base em conceitos e valores vigentes.

Edmund Feldman, em seu livro *Becoming Human Through Art*<sup>31</sup>, identifica os diferentes tipos de olhar que podem suscitar do leitor que desenvolveu a crítica de arte. Ele os classificou em quatro estágios:

- A primeira abordagem da leitura de imagem seria a descritiva, na qual listamos o que vemos no objeto, seus elementos formais, como linhas, cores, formas, etc., fazendo uma leitura formal, sem julgamento ou opiniões.
- Depois, existe o estágio da análise, no qual relacionamos os elementos formais de uma composição e percebemos como eles se influenciam.
- Em seguida, temos o estágio da interpretação, em que damos sentido à composição, desvendando seu significado. Como uma obra possui vários níveis de significado e como a bagagem cultural e de informações do leitor pode variar, as interpretações também podem ser diversificadas.
- Por fim, há o estágio do julgamento, que depende de nosso conhecimento sobre os fundamentos da filosofia da arte. Como esta é temporal, pulsa conforme a época, o lugar e a cultura. Então, podemos dizer que o julgamento depende de fatores sociais e culturais e do momento histórico do leitor.

Também existem pesquisas brasileiras relevantes sobre leitura de imagens realizadas por Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Terezinha Franz, Anamélia Bueno Buoro, entre outros estudiosos, que entendem que as imagens são objetos do conhecimento e destacam a necessidade em desvelar aos alunos as imbricações entre arte e cultura.

<sup>28</sup> PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. São Paulo: LCT, 2010.

<sup>29</sup> LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

<sup>30</sup> PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Portugal: Presença, 1992.

<sup>31</sup> FELDMAN, Edmund B. *Becoming Human Through Art*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

Por tudo isso, durante a leitura de imagens, as crianças devem ser livres para se expressar. É por meio da sua escuta respeitosa e do diálogo estabelecido com você e os colegas que elas desenvolverão a capacidade de questionamento, tão importante para a formação de um leitor que interpreta os textos que estão a sua volta.

Mas, a fim de mediar conhecimentos, é preciso conduzir o olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento, etc., e, também, aspectos relativos aos conteúdos (conceituais, factuais, procedimentais) considerados relevantes para o aprendizado dos estudantes.

Para Anamélia Bueno Buoro<sup>32</sup>, existem sete momentos importantes para a mediação de leitura de imagem:

- Descrição da imagem.
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem a fim de perceber toda a estruturação da composição e possibilitar o afloramento de questões e significações pertinentes e inerentes ao texto visual.
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor.
- Pesquisa a fim de se aproximar mais do significado visual, saindo em busca das respostas que surgiram no processo de leitura.
- Comparação ou diálogo entre obras contemporâneas.
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano.

Além dos aspectos formais e do conteúdo de uma obra de arte visual, com base em uma perspectiva crítica<sup>33</sup>, é preciso olhar para o que há de mim na obra, ou como eu me reconheço nela, o que eu vejo de minha vida em sociedade nessa imagem, por que determinadas representações são sempre recorrentes, que interesses são satisfeitos com essas representações. Assim, é possível também discutir com as crianças aspectos presentes nas obras de arte relativos aos jogos de poder, à diversidade, aos temas contemporâneos e instigantes que fazem parte da vida delas e que as interessa.

A fim de trabalhar a leitura das obras de arte visuais apresentadas neste material, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Questões que buscam desenvolver nos estudantes um olhar crítico e contextualizado;
- Momentos de conhecer outros trabalhos do artista para que seja possível estabelecer relações entre suas obras;
- Ampliação de repertório para um diálogo com outras produções artísticas, inclusive de outras linguagens;
- Inserção progressiva de um registro escrito sobre as impressões a respeito da obra;
- Incentivo para a investigação da poética do artista e da linguagem construída por ele;
- Questionamentos sobre como os alunos se sentiram e o que pensaram ao ver as obras, revelando o que veem de si mesmos e da vida em sociedade na obra que analisam.

Com esse trabalho sistemático de experimentação em artes visuais e leitura de imagens, com foco na análise artística e estética, buscamos desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes visuais. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## O trabalho com a produção midiática

Segundo dados divulgados pelo Instituto Alana<sup>34</sup>, as crianças brasileiras passam mais de cinco horas por dia vendo programas de televisão, filmes e desenhos animados e assistem a aproximadamente quarenta mil propagandas em um ano. Como sabemos, muitos desses objetos culturais incentivam o consumismo exagerado. Por isso, tão importante quanto saber ler, interpretar e escrever, assistir a um filme ou a um vídeo com olhos críticos é fundamental para que se alcance uma formação cidadã.

Segundo a Arte-educação baseada na cultura visual, a cultura midiática pode e deve ser problematizada nas aulas de Arte, pois, em nossos dias, quase tudo o que nos sensibiliza e informa advém das imagens e “visuallidades” veiculadas pelos meios de comunicação e pe-

<sup>32</sup> BUORO, Anamélia B. *Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.; Idem. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

<sup>33</sup> SARDELICH, Maria E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>. Acesso em: 6 out. 2017.



la publicidade. Visualidade, para os arte-educadores, significa mais do que visão, ou seja, mais do que um dos sentidos humanos. Ela se relaciona ao modo como um grupo social cria o seu modo de “ver”, ou de descrever e representar o mundo visualmente. Um dos representantes dessa forma de entender o ensino de Arte é o já mencionado professor estadunidense Nicholas Mirzoeff<sup>35</sup>. Segundo ele, a visualização é a característica do mundo contemporâneo, entretanto, poucos de nós conhecemos aquilo que observamos, pois existe uma grande distância entre a constante experiência visual da cultura contemporânea e a habilidade para analisá-la. É preciso que a escola ajude os alunos a desenvolvê-la.

Utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula apenas como passatempo é, portanto, desconsiderar seu potencial educativo. Há uma notória preferência por essa linguagem. Os estudantes podem ampliar diversas habilidades se forem instigados a pensar sobre as produções midiáticas e a produzir audiovisuais. Enfim, são telespectadores e aprendem muitas coisas com a televisão: conhecem culturas, absorvem diferentes modos de falar e agir, recebem informações, etc. Tudo isso se dá por meio da representação imagética e da percepção sonora. Cabe, então, ao educador, saber usá-las de forma produtiva para criar significados.

O trabalho com a linguagem audiovisual na escola abrange três eixos primordiais: *apreciação*, *produção* e *divulgação*. A apreciação enfoca a leitura crítica de alguma obra mediada pelo educador. A produção, a participação em experimentações audiovisuais com e sem tecnologias, utilizando brinquedos, atividades com luz e sombra, registros do movimento, brincadeiras, etc. Já a divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças implica uma ação política de democratização de acesso aos meios de comunicação. Nesse sentido, a internet se configura em excelente meio, além dos eventos escolares.

Em relação aos gêneros cinematográficos, os desenhos animados são especialmente indicados para o trabalho com crianças. O mundo infantil é repleto de personagens fictícios que participam de histórias próprias. Essas fantasias nascem de uma realidade interna, criada pela vida afetiva e por representações que se constroem internamente.

Com a presença crescente das tecnologias na vida cotidiana, muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiram fotografias e fazem pequenos vídeos com telefone celular. Assim, é muito indicado o

uso desse aparelho em trabalhos com a linguagem audiovisual. É papel da escola fornecer parâmetros, tanto técnicos como éticos, para que as tecnologias sejam utilizadas com cuidado e consciência, evitando maus usos.

No material, o trabalho com a linguagem audiovisual é feito com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos, além de mostrar possibilidades de criação com o uso de tecnologias da informação. Ao pedir aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que usem a tecnologia para criar, visamos construir com eles novos sentidos para esses materiais, indo além do entretenimento e incentivando a crítica e o uso consciente. Sendo nativos digitais, a produção usando um celular, câmera fotográfica ou de vídeo, ou um gravador de áudio, pode ser uma tarefa que os engaje e seja próxima do que têm acesso fora da escola. Os desenhos animados e filmes de animação que compõem a coleção foram cuidadosamente selecionados e são abordados com um viés crítico e voltado para a formação cidadã.

## Linguagem da dança

A visão dualista que coloca corpo e alma como domínios opostos faz com que, muitas vezes, os educadores vejam o trabalho físico apartado do trabalho intelectual. Com isso, relega-se a dança ao âmbito da “ginástica” ou ao universo da “pura diversão”, como se nada disso pudesse contribuir para o aprendizado e a formação do cidadão. No entanto, alguns estudiosos da dança e do movimento humano, como Rudolf Laban, Klauss Vianna, Gerda Alexander, Angel Vianna, entre outros, entendem a dança como o “pensamento do corpo”, sugerindo que essa visão dualista seja abandonada e que o processo educativo seja tornado mais holístico e produtivo. Como afirma Isabel Marques<sup>36</sup>, é possível “pensar dançando e dançar pensando”.

Por isso, a presença da dança na escola não deve ter como objetivo apenas um aprimoramento técnico que forme bailarinos como “fazedores de dança”. Podemos entender o ato de dançar como um dos modos de a pessoa conhecer seu corpo e a si mesma. Nesse sentido, não existem os que “sabem” e os que “não sabem” dançar: a dança é um dos aspectos que compõem a existência de qualquer pessoa, uma vez que o movimento é a base de todas as ações humanas. Nosso corpo, mesmo quando parece estar parado, precisa estar em movimento para estar vivo (esta é, a propósi-

<sup>35</sup> MIRZOEFF, Nicholas. *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998; Idem. *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 1999.

<sup>36</sup> MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.



to, uma das questões centrais para muitos artistas da dança contemporânea, que incluem em seus trabalhos a importância do movimento interno dos órgãos e dos fluidos do corpo).

A dança é uma forma de o ser humano se expressar por meio do movimento corporal. É também uma maneira de conhecer o mundo e de interagir com ele e com as outras pessoas. Daí o trabalho com dança na escola ser uma maneira de criar elos mais estreitos entre professores e estudantes. Para isso, é fundamental reservar momentos para discutir sobre as práticas propostas. Conhecendo e compreendendo a expressão corporal dos alunos, o professor pode se aproximar deles, além de impulsionar uma maior integração do grupo.

Incorporando a dança às aulas de Arte, é possível explorar nossas possibilidades de movimento e as relações entre tais possibilidades e a expressão individual. Trabalham-se a relação entre os diferentes corpos, e a relação entre o corpo e o espaço. É claro que esse tipo de trabalho estimula a coordenação motora, o equilíbrio e o tônus muscular, além de abrir espaço para o exercício da imaginação, a capacidade lúdica e a socialização.

Descobrir maneiras de se movimentar para além daquelas com as quais estamos habituados no cotidiano constitui a criação estética que permeia a dança. E é justamente a busca por novas possibilidades, para além do usual, que permitirá que as crianças e os jovens que formamos possam imaginar e dar forma a um mundo diferente, não restrito àquilo que já está estabelecido.

Na coleção, para sistematizar o ensino de dança, propomos tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Exercícios de consciência corporal;
- Apreciação de diferentes manifestações de dança;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem corporal;
- Atividades de criação e de improvisação de movimentos dançados;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a dança em suas diferentes formas.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas à dança. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem musical

Para a tradição, a técnica e a erudição são aspectos considerados essenciais para uma boa formação musical. Desde meados do século XX, entretanto, outro modo de ensinar e aprender música vem sendo aceito e valorizado. A fim de ampliar a percepção e a consciência do indivíduo e contribuir para a superação de preconceitos, posturas individualistas e visões de mundo dualistas, três eixos de trabalho fazem parte dessa nova prática: a apreciação, a *performance* e a criação musicais. Para tanto, é preciso criar contextos educacionais que respeitem e estimulem o sentir, o questionar e o criar, além de promover situações para o debate relacionado à música e ao humano.

O ato de ouvir e apreciar músicas e canções consiste em receber estímulos sonoros, transformá-los em percepções e, então, inseri-las em nosso contexto mental (psíquico, afetivo, cultural, entre outros). Essa inserção se dá mediante a estruturação de novas configurações mentais. Nossa reação à música é, portanto, um ato de (re)criação. Segundo Moraes<sup>37</sup>, a música atua por meio de três dimensões: a corpórea-sensorial, a afetivo-subjetiva e a estético-social. Essas dimensões são indissociáveis e integram aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais.

A dimensão *corpóreo-sensorial* é epidérmica, está relacionada ao *ritmo* e é acompanhada pelo ato de dançar. Já a *afetivo-subjetiva* relaciona-se às *sensações, lembranças, emoções e sentimentos* e é difícil de definir verbalmente. A *estético-social*, por sua vez, envolve a apreciação musical baseada em determinadas *estruturas e formas estéticas compartilhadas* e é estabelecida histórica e socialmente por meio do contato com diferentes músicas e canções. Assim, a mediação escolar pode e deve diversificar e ampliar a escuta musical.

O jogo e a brincadeira permitem que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental realizem experimentações com materiais sonoros, instrumentos musicais, o corpo e a voz. Ao participar desse tipo de sensibilização, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas tanto à escuta musical como à *performance* e à criação. A escuta sonora e musical desenvolve aquilo que Murray Schafer<sup>38</sup> chamou de “ouvido pensante”: mais do que simplesmente ouvir, a escuta atenta e sensível leva os estudantes a perceber, analisar e refletir sobre o mundo a sua volta e sobre as produções musicais. A *performance*, por sua vez, não é tratada como

<sup>37</sup> MORAES, José J. de. *O que é música*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>38</sup> SCHAFFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.; Idem. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

atividade delegada apenas a instrumentistas talentosos ou “gênios” musicais, mas como uma atividade criativa e ativa, o que inclui a participação envolvida e comprometida dos estudantes.

Nessa perspectiva, a improvisação e a composição mais complexa são equivalentes na criação musical. Isso quer dizer que a criação musical se relaciona a uma organização de ideias que podem ou não seguir princípios de estilo. Mais uma vez, o engajamento dos estudantes é essencial: é preciso ter consciência de que se está criando uma sequência de sons e ter essa intenção, além do fato de essa sequência conseguir expressar seus pensamentos e emoções. Para Hans-Joachim Koellreuter<sup>39</sup>, a improvisação está sempre relacionada com a autodisciplina, a concentração, o trabalho em equipe, a memória e o senso crítico.

Em outras palavras, o processo de ensino e aprendizagem de música deve valorizar uma visão global e integradora do mundo e os processos de escuta, experimentação e criação. Nesse sentido, também deve dialogar com músicas e canções da estética contemporânea e das culturas não ocidentais.

Na coleção, a fim de sistematizar o ensino de música, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de escuta sensível de sons e de música;
- Atividades de fazer musical, enfocando as brincadeiras e os jogos musicais;
- Desenvolvimento gradativo do saber formal da música, como a notação musical e os instrumentos tradicionais;
- Ampliação do repertório cultural dos estudantes, abordando diversos gêneros musicais.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades da BNCC referentes à música. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## Linguagem teatral

Para Viola Spolin<sup>40</sup>, o objetivo do trabalho com a linguagem teatral na escola não é o de fazer do estudante um ator, mas abrir caminho para que cada um descubra a si próprio e reconheça a importância da arte em sua vida. O teatro ajuda o aluno a desenvolver maior domínio do tempo, do corpo e da verbalização e a se tornar mais expressivo. Porém, longe de ser ape-

nas instrutivo, o teatro é, sobretudo, uma forma de arte que deve ser explorada por seu caráter estético. Como arte, o teatro em sala de aula põe o aluno em contato com uma das mais antigas manifestações culturais, que sempre discute as questões essenciais dos seres no mundo. Nessa perspectiva, o teatro tem função estética, catártica, questionadora, social e política. Existem, então, algumas facetas do teatro que podemos explorar, como a criação do personagem, o espaço cênico e a ação teatral, que estão presentes nos jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin e trazidos ao Brasil pela professora Ingrid Koudela. Baseados na improvisação, os jogos teatrais constituem um recurso interessante para desenvolver capacidades como atenção, concentração e observação.

Nas produções teatrais em sala de aula, é essencial que se compreenda a diferença entre improvisação e dramatização. A improvisação caracteriza-se pela espontaneidade e jogo de regras. Já a dramatização se caracteriza pela construção intencional de uma peça de teatro, com todos os elementos que lhe são próprios: espaço cênico (cenário, figurino, maquiagem, iluminação), personagens e ação teatral.

Assim, o trabalho com teatro na escola articula o discurso falado e o escrito, a expressão corporal, as expressões plástica, visual e sonora na elaboração de dramatizações; contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão; ajuda os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades; coloca-os em contato com um novo gênero literário; e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura.

Na coleção, para sistematizar o ensino de teatro, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de apreciação de teatro;
- Experimentação de jogos teatrais;
- Atividades de improvisação, atuação e encenação;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem teatral;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a variedade de formas de teatro presentes em nossa sociedade.

Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas ao teatro. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

<sup>39</sup> KATER, Carlos. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa/Atravez, 2001.

<sup>40</sup> SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.; Idem. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.; Idem. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## Linguagens integradas

As linguagens integradas são a forma de expressão infantil mais característica. Ao desenhar, o corpo da criança se movimenta. Ao dançar, ela canta. Ao contar um fato, a encenação se faz. Ao brincar de faz de conta, imagina e cria. Por isso, ao abordar essas formas de arte que mesclam as linguagens durante a educação em arte dos estudantes, ganhamos a oportunidade de aproximá-los mais ainda dos saberes da arte.

Além disso, as artes contemporâneas, ou as artes que são criadas, produzidas e expostas por artistas vivos, caracterizam-se quase sempre por essa integração. A arte contemporânea nasceu da ruptura com os valores da arte tradicional ocidental, por isso atualmente temos obras de arte que podem nos causar sensações diversas. Existem muitas vertentes e tendências da arte contemporânea, por isso é muito difícil defini-la de maneira a dar conta de toda essa variedade. Mas uma coisa que podemos afirmar acerca das transformações que ocorreram na arte durante o século XX e continuam a se desenrolar no século XXI é que noções como as de beleza, imitação do real, obra-prima, talento e, principalmente, o papel e o valor da arte passaram a ser amplamente discutidos e revistos. Por isso, a arte tem estado em permanente mudança e muitas das produções artísticas atuais nos causam sensações de estranhamento, curiosidade e, por vezes, rejeição.

Muitas vezes o senso comum e os mecanismos de legitimação da arte, como os museus, as galerias, os livros e os críticos de arte, apresentam ideias que o público considera contraditórias. Um exemplo disso é o fato de muitos museus possuírem em seu acervo algumas obras de arte clássicas e outras contemporâneas que, embora discordem do ideal clássico, estão expostas na mesma instituição.

Nesse sentido a arte contemporânea caracteriza-se por:

- questionar o sistema de circulação das artes;
- incorporar as artes das periferias urbanas;
- ocupar as ruas e os espaços públicos;
- mesclar as culturas populares brasileiras e as artes que são fruto do ensino formal;
- valorizar, ver e ouvir quem somos nós.

Além disso, segundo Ana Mae Barbosa<sup>41</sup>, os seguintes elementos estruturam a arte contemporânea:

- diálogo entre as linguagens artísticas;
- uso inusitado de materiais e meios;
- estranhamento que causa no público;
- ludicidade e integração entre obra e espectador;
- uso de tecnologias de comunicação e informação.

Por isso, na coleção, de acordo com a BNCC, o ensino das artes integradas é sistematizado com atividades de apreciação e de produção. Gradativamente, apresentamos os elementos presentes nessa forma de arte, ampliando, assim, o repertório cultural dos estudantes. Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes integradas, em especial a habilidade **EF15AR23**, que prevê o reconhecimento e a experimentação das relações processuais entre as linguagens artísticas em projetos temáticos. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

## III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural

### 1. O ambiente de aprendizagem

O ambiente de aprendizagem em Arte é muito importante, pois auxilia o professor a conduzir os estudantes à experiência estética, estimulando sensações e pensamentos. Para tanto, é importante que o espaço destinado às atividades do fazer artístico seja minimamente adequado. Independentemente da situação física da sala, o cuidado com a preparação do espaço e com a recepção das crianças é fundamental.

Para a realização de atividades de arte visual, é importante haver acesso fácil a pias e a itens de higiene, como papel toalha, além da disponibilidade de mesas grandes (ou a possibilidade de juntar pequenas mesas ou carteiras). Observe a disposição dos materiais que serão utilizados e que devem ser previamente separados.

Os alunos devem utilizar aventais (ou camisetas velhas) e aprender a se comportar adequadamente diante de materiais e instrumentos – algo que precisa de sua mediação paciente, afinal, as crianças quase sempre ficam eufóricas ao mexer com tintas, argila, sucata, etc.

Se a escola dispuser dos recursos e do profissional, as atividades de arte audiovisual devem ser realizadas com equipamentos eletrônicos, como computadores

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://old-portalic.icnetworks.org/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e câmeras de vídeo, por exemplo, em parceria com o professor de Informática Educativa, no laboratório de informática.

Uma sala com algum tipo de isolamento acústico ou outro ambiente mais afastado deve ser reservada para as experimentações musicais. É importante separar com antecedência recursos como CDs e DVDs, instrumentos musicais e aparelhos de som e de gravação, quando necessário.

Se houver auditório na escola, ele deve ser utilizado para as atividades de teatro. Do contrário, pode-se utilizar a própria sala de aula, desde que as carteiras e as cadeiras sejam afastadas para abrir um espaço adequado para as atividades, que deve ser limpo e sem obstáculos.

As atividades de dança podem ser realizadas na quadra esportiva, no pátio da escola ou em uma sala de aula livre de carteiras e cadeiras. Como as crianças farão exercícios de apoio e de contato corporal no chão, se possível, utilize tatames ou tapetes emborrachados.

É importante lembrar que os alunos com deficiência podem e devem participar das atividades a seu modo, com ou sem a sua ajuda ou dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas. Sempre faça as adaptações necessárias para que eles possam participar efetivamente das atividades propostas.

## 2. Visitas culturais

Além do ambiente escolar, outro importante recurso que favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos são as visitas culturais. O estudo do meio, entre outras vantagens, possibilita a reintegração da escola ao meio físico, social e cultural em que está inserida e leva à compreensão e ao reconhecimento da importância dos processos e fatos históricos, conscientizando alunos e professores da responsabilidade ética de sua participação cidadã.

As visitas culturais têm como objetivos aprofundar um tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e, também, estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Elas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das

habilidades **EF15AR07** e **EF15AR25**, presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, o reconhecimento pelos alunos de algumas categorias do sistema das artes visuais (como museus, galerias, instituições, etc.) e o conhecimento e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial.

Portanto, fique atento às opções que sua cidade oferece. Você pode planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e, até, passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana (como a produzida pela cultura *hip hop*), feiras populares, coleções particulares, espaços culturais comunitários, aldeias indígenas, quilombos, entre outros.

Lembre-se de que para realizar uma visita cultural significativa, ou que tenha sentido para estudantes e professores, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que estão sendo trabalhados em sala de aula. Também é importante ressaltar que, nessas visitas, deve-se ter o cuidado de não podar a curiosidade das crianças, já que elas poderão agir de forma a interagir com a obra ou o artista. Quando isso couber, não é preciso pedir silêncio ou cercear a espontaneidade dos alunos<sup>42</sup>.

### Preparando a visita

É seu papel estimular os estudantes a participar ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que você quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

É importante, também, que haja uma atividade prévia de busca de imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o objeto da visita. Se alguém da turma já visitou o lugar, aproveite para explorar suas impressões e observações, sem censura.

Providencie as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os alunos da escola. Caso necessário, explique a eles os objetivos dessa saída cultural.

Peça a ajuda da direção da escola em relação ao transporte que os levará até o local. Lembre-se de visitá-lo antes de levar os alunos e se informar sobre possíveis regras e restrições, como a proibição de fotografar ou filmar. Caso seja uma visita longa, pense também na alimentação e no vestuário das crianças.

<sup>42</sup> Indicamos a leitura de um texto produzido por Ingrid Koudela sobre a ida das crianças ao teatro junto com o professor: KOUDELA, Ingrid. *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo, 2010. (Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.)



Verifique se o local possui monitores ou arte-educadores que possam auxiliá-lo durante a visitação. Converse com eles para planejar a apreciação conforme seus objetivos pedagógicos. Se a visita for a uma casa de espetáculos, averigüe se os artistas podem conversar com os alunos ao final da apresentação.

É também seu papel indicar aos alunos que material deve ser utilizado durante a visita, como caderno de anotações, papel e prancheta, caneta, lápis de cor, máquina fotográfica, câmera de vídeo, etc. Para que tudo corra bem, promova um bate-papo antes de sair e combine com os alunos algumas regras de convivência e comportamento. Registre o combinado na lousa como uma forma de contrato didático, regulando o conteúdo escrito à progressão da alfabetização dos alunos.

### Durante a visita

Estimule os alunos a questionar aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Se a visita for a alguma manifestação cultural popular, como um festejo, deixe que as crianças dançam e cantem livremente. Essas manifestações são muito envolventes e será uma experiência inesquecível para os alunos!

Em todas as situações, sua participação como mediador das informações advindas da visita cultural e do conteúdo trabalhado em sala de aula é muito importante. Registre a visita em vídeo e, se tiver permissão, também o diálogo das crianças com os artistas e/ou monitores. Esse registro é essencial para que você possa avaliar a experiência e verificar se os objetivos foram alcançados. Ele também pode compor o portfólio de cada aluno, sendo uma fonte diversificada de aprendizagem para a turma, inclusive, fora da escola.

### Depois da visita

Em uma roda de conversa, discuta com os alunos as impressões e descobertas realizadas durante o passeio. Faça uma síntese do que foi aprendido, registrando por escrito ou gravando em vídeo.

### Comunicando o que foi aprendido

As visitas culturais sempre suscitam muita expectativa e animação nas crianças, que se envolvem completamente nessa atividade. Por isso, aproveite para fechá-la com chave de ouro!

Sugerimos, por exemplo, que você ajude os alunos a produzir um jornal-mural sobre a visita, com imagens e, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, pequenas notas acompanhando-as, o que também será de grande valor para o processo de alfabetização. Dessa forma, eles reconhecerão a importância de comunicar aos outros suas descobertas e aprendizados.

Essas visitas são importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela cultura e despertar neles o desejo de realizá-las autonomamente. Incentive-os sempre a levar os familiares ao local visitado por vocês!

## IV. Avaliação

A avaliação é um recurso importante, não só para definir aprovação ou retenção do estudante, mas para acompanhar sua aprendizagem durante um Projeto de Trabalho. Além disso, a avaliação constante serve, também, para que o professor avalie suas estratégias de ensino. Por isso, os processos e instrumentos avaliativos não devem aparecer somente no final do percurso, como se a aprendizagem fosse um produto pronto que se pode medir e avaliar com um gabarito. Lembramos que essa avaliação deve ser formativa e constante.

Para tanto, é preciso que o professor crie uma rotina de registro, em um **diário de bordo**, das falas, comportamentos e atitudes das crianças, sua relação com os diversos conhecimentos e seu envolvimento nas atividades propostas. Esse diário pode ser um caderno ou um registro digital em que você relate o que aconteceu durante as aulas e onde possa arquivar fotografias e vídeos que fizer de suas aulas.

Além disso, é preciso recorrer sempre ao **portfólio**<sup>43</sup> de cada estudante, para verificar o desenvolvimento deles. O portfólio se constitui em uma pasta ou caixa em que são colocados, em ordem cronológica, os registros dos trabalhos realizados ao longo do ano letivo, como desenhos, fotografias, CDs, DVDs, textos escritos, etc. Vale ressaltar que mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro é uma das competências específicas de Arte na BNCC.

O portfólio é tanto um instrumento de avaliação como de autoavaliação e registro. Ao selecionar os trabalhos que farão parte desse instrumento, professores e alunos devem fazer uma avaliação crítica e cuidadosa dos objetivos estabelecidos e dos propósitos de cada atividade.

<sup>43</sup> Sobre o portfólio como recurso avaliativo do processo de desenvolvimento da criança, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado de Cassiana Raizer, *Portfólio na Educação Infantil: desvelando possibilidades para a avaliação formativa*. (Disponível em: <[www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf](http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

## 1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes

As fichas a seguir foram pensadas com o intuito de auxiliar o professor no acompanhamento do portfólio, sugerindo diferentes aspectos que podem ser avaliados e o que pode guiar essa análise e avaliação. É muito importante que cada docente possa refletir sobre sua prática e a realidade de sua sala de aula, para então escolher quais fichas usar, como usá-las e verificar a necessidade de criar novas fichas que contemplem aspectos diferentes das apresentadas nesta seção.

É importante ressaltar que o exame do portfólio a partir das fichas trará um recorte do desenvolvimento do aluno naquele momento, ou seja, é fundamental retomar fichas que já foram vistas para que haja a construção de um histórico do desenvolvimento de cada aluno, destacando as evoluções e mesmo as maiores dificuldades de cada um, o que pode guiar o conteúdo a ser trabalhado ou reforçado para cada estudante.

As fichas sugeridas se relacionam diretamente com algumas competências que constam na BNCC, por exemplo, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

### Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas

#### Indicador

Capacidade do aluno de se perceber, se colocar, produzir e estabelecer uma relação de autonomia com seu processo de aprendizagem.

#### Perguntas orientadoras

Quanto o aluno se apropria da produção dele? Que significado a produção do aluno tem para ele mesmo? Que significado seu trabalho tem para ele mesmo? Ele se sente representado pelo seu trabalho? Ele tem escolhas conscientes e marcas de autoria? O aluno manifesta interesse ou vontade de construir sua marca pessoal? Ele busca isso? Ou ele está querendo só repetir? O aluno tem consciência do que é autoria na

linguagem que ele está trabalhando? O aluno identifica/reconhece marcas pessoais no trabalho do outro? Identifica/reconhece marcas pessoais de artistas daquela linguagem?

1	O aluno precisa ser estimulado para se envolver nas atividades e não aponta para a construção de seu percurso pessoal. Ele tem dificuldade de estabelecer pontes entre sua individualidade e o coletivo, não compartilhando descobertas e dificuldades provenientes do processo.
2	O aluno se engaja em algumas empreitadas (produção, pesquisa, troca de ideias e experiências) em seu processo na sala. Ele apresenta algumas características próprias em seu trabalho resultantes de suas descobertas, mesmo que sem consciência disso.
3	O aluno tem consciência do que constitui o fator autoral na linguagem artística que ele está trabalhando, a partir disso, reconhece seu processo criativo e se sente representado pelo seu trabalho.
4	O aluno tem consciência da importância de ser o autor/protagonista de seu processo de aprendizagem e, a partir disso, interage com o grupo, cria e compartilha suas experiências de maneira crítica, colaborativa e dialógica. Ele reconhece sua pesquisa artística como fator necessário (indispensável e integrado) em sua interação com seu contexto sociocultural.

### Pesquisa pessoal

#### Indicador

Interesse do aluno pela busca de referências para produção e desenvolvimento de estratégias de pesquisa e reflexão acerca da produção artística.

#### Perguntas orientadoras

O aluno se sente estimulado a procurar referências artísticas além das que ele trouxe consigo? Na linguagem que está estudando, o aluno está revendo conceitos preestabelecidos? O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto? Ele entende que o gosto pode ser alterado?

1	O aluno não reconhece como novas referências artístico-culturais podem contribuir para suas concepções sociais e visão de mundo. Chega a apresentar preconceitos e pré-concepções a respeito de diferentes manifestações artísticas e culturais, ou seja, está orientado por referências externas e aceita sem elaborar, sem critérios.
---	---

2	O aluno manifesta interesse pelos temas e conteúdos, pela diversidade cultural que é apresentada nas atividades, mas ainda não se engaja na construção de sua própria pesquisa de ampliação de repertório. Ele não legitima a escola como um espaço de troca e criação de repertório.
3	O aluno reconhece, identifica e estabelece que seu repertório cultural pode ser ampliado de diversas maneiras e alimentado pelos conhecimentos que ele constrói das linguagens artísticas. O aluno compreende a diversidade de seu repertório e subsidia sua produção artística.
4	Ao se relacionar com o gosto e as referências do outro, o aluno aceita indicações, dicas, etc. e contribui para a ampliação de repertório dos colegas, realiza pesquisas pessoais fora da escola, aponta e compartilha suas fontes de pesquisa.

## Construção de sua postura de aluno na escola

### Indicador

Compreensão, reconhecimento e envolvimento nas dinâmicas da atividade e grau de iniciativa e participação na rotina estabelecida para o grupo.

### Perguntas orientadoras

Que papel o aluno exerce no grupo que participa? Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso? De que forma ele participa das atividades propostas? De que forma ele se relaciona com os colegas? Qual a assiduidade e participação dele?

1	O aluno recorrentemente não está implicado na atividade proposta (ele não sabe quais são os objetivos da atividade). O aluno não reconhece vários dos elementos da rotina estabelecida para o grupo e ele não participa, ou participa pouco, dessas atividades.
2	Quando chamado a participar, o aluno geralmente se envolve com as propostas da aula de Arte. Sua colaboração se dá porque ele reconhece que está inserido em um contexto de aprendizagem e assume o papel de responder aos estímulos que recebe para se integrar.
3	O aluno participa ativamente das rotinas de trabalho de seu grupo. Identifica e expressa a sua relação com a aula de Arte, e, nesse contexto, sabe do seu papel no grupo e tem consciência de sua responsabilidade sobre sua própria formação.

4	O aluno se compromete com a rotina de suas atividades por reconhecer o papel que elas desempenham na sua formação integral. Por identificar a aula de Arte como um espaço coletivo, ele trabalha tentando envolver pessoas com laços familiares e de amizade.
---	---

## Troca de experiências e participação em uma situação de partilha

### Indicador

Iniciativa/disposição em compartilhar, isto é, saber falar e saber ouvir (escuta ativa), os conhecimentos construídos acerca das linguagens artísticas, ciente da importância da contribuição individual nos processos coletivos de pesquisa e criação.

### Perguntas orientadoras

De que forma o aluno participa das situações coletivas, discussões e conversas acerca dos temas trazidos pelos educadores? O aluno considera a participação dos colegas na sua fala? O aluno muda de ideia a partir da escuta e consideração da fala do outro? Como o aluno lida com a mudança de ideia do colega? O aluno respeita opiniões diferentes das suas? O aluno participa ativamente dos diálogos no grupo ou só assiste à discussão? Ele respeita os períodos de silêncio e concentração? O aluno respeita o tempo do outro? Participa de situações de troca? Ele respeita a produção do outro? O aluno manifesta sua opinião de forma respeitosa e colaborativa?

1	O aluno não participa das situações coletivas de troca e discussão, ou, quando participa, é apenas para apontar seus próprios processos. Ele não reconhece ou não identifica relações entre seu processo e o processo dos colegas. Não manifesta interesse em falar sobre seu processo e compartilhá-lo, tampouco demonstra curiosidade no trabalho dos colegas.
2	O aluno se envolve e participa das situações coletivas de troca e discussão. Estabelece relações de coleguismo e de companheirismo com os outros aprendizes e, em parte de seu processo, é possível identificar poucas conexões com os processos e pesquisas dos colegas e os interesses coletivos do grupo.
3	O aluno participa ativamente das situações coletivas de troca e discussão. Sabe falar sobre seu processo e apresenta uma escuta cuidadosa em relação aos colegas. É um indivíduo ativo no desenvolvimento dos interesses coletivos do grupo.

4 O aluno tem consciência da importância da construção coletiva de conhecimentos e saberes e busca criar situações de integração de processos com os colegas, inclusive aprendizes de outras atividades e projetos. Em muitas situações exerce papel de liderança e é propositor de situações de troca de experiência e de coletividade.

## Produção artística e aprimoramento técnico

### Indicador

Grau de domínio dos procedimentos técnicos, materiais, suportes, meio de produção e expressão na linguagem artística.

### Perguntas orientadoras

Em que grau o aluno se apropria e sabe usar (domina) os procedimentos que são ensinados e como os incorpora em suas produções individuais? Como o aluno relaciona seu aprendizado técnico com o que ele quer fazer? As escolhas são diversificadas? Considera alternativas técnicas e poéticas? O aluno se disponibiliza a aprender novas técnicas e procedimentos?

1	O aluno precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
2	O aluno apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
3	O aluno consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
4	O aluno explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

## Ampliação de repertório

### Indicador

Curiosidade pela produção artístico-cultural na sua relação com o contexto social, identificação do próprio repertório e como incorpora essas referências na sua pesquisa pessoal.

### Perguntas orientadoras

De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno? O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção? Ele aceita o que é apresentado nas atividades? Ele faz produções em grupo que consideram a diver-

sidade de competências? Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele? Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?

1	O repertório apreendido se restringe a nenhum ou poucos aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. O aluno não reflete acerca de suas referências artístico-culturais e não legitima o papel desse processo no seu aprendizado.
2	O aluno se apropriou de aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. Demonstra interesse por referências fora do seu campo de interesse original, mas ainda sem organizar ou sistematizar essas novas referências na relação com sua pesquisa e produção pessoal.
3	O aluno incorpora as referências apresentadas nas vivências da aula de arte em sua produção e se dedica a pesquisas pessoais para ampliar seu repertório.
4	O aluno identifica que seu repertório artístico-cultural foi ampliado, reconhece a importância desse processo e colabora para a ampliação do repertório do grupo.

## Participação e envolvimento

### Indicador

Envolvimento e resposta do aluno às atividades propostas, atenção às dinâmicas individuais e do grupo e dedicação à própria produção.

### Perguntas orientadoras

O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final? Ele estabelece seus próprios objetivos? Ele se dispersa? Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?

1	O aluno costuma desviar a atenção e precisa recorrentemente ser chamado de volta a participar da atividade. Não parece ter consciência de suas vontades e desejos em relação às aulas de Arte.
2	O aluno mantém atenção nas propostas e participação nas atividades e se compromete com os objetivos e conteúdos que são compartilhados – o que está explícito pelo educador.
3	O aluno tem suas próprias metas e desejos em relação a seu aprendizado artístico-cultural, tem atenção e dedicação ao seu processo de aprendizagem e participa ativamente das propostas de trabalho, contribuindo para a configuração de um trabalho de grupo baseado na troca de experiências.



4

Ao longo do processo o aluno amplia e constrói novas metas e objetivos para sua formação artístico-cultural e estabelece planos de como alcançá-los. O aluno amplia suas perspectivas e campos de pesquisa e contribui na elaboração de novas propostas de trabalho para o grupo.

## 2. Avaliação das sequências didáticas

Diferentemente do Projeto de Trabalho, que é uma forma de organização do currículo, a sequência didática pode ser definida como uma série de aulas concatenadas, com um ou mais objetivos e que não necessariamente tem uma produção final. Uma sequência didática é um trabalho organizado de forma sequencial durante um tempo determinado e estruturado pelo professor a fim de focar conteúdos relacionados ao projeto. Podemos afirmar, portanto, que dentro de um Projeto de Trabalho podem ocorrer diversas sequências didáticas.

Procure analisar o processo de construção do conhecimento em Arte dos estudantes antes, durante e depois de cada sequência didática, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

A avaliação constante pode desvendar o processo de trabalho do professor de Arte durante todo o ano letivo, promovendo transformação das práticas pedagógicas com base na reflexão sobre a experiência vivida. Os momentos avaliativos ao longo do processo podem ser distintos e, em cada um deles, você deve procurar elaborar instrumentos como debates, questionários escritos e trabalhos práticos que possam fornecer dados para responder algumas questões importantes sobre a aprendizagem dos alunos. Há várias formas de elaborar instrumentos de avaliação em Arte. Podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários e outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico dos estudantes.

O processo de avaliação pode ser individual ou em grupo e não deve se restringir a atitudes e valores. Por meio dele, todos os alunos devem refletir sobre os avanços em relação às suas aprendizagens específicas.

A estrutura geral desta coleção foi pensada como sequências didáticas. Cada unidade tem uma abertura, dois capítulos e um fechamento, que serão detalhados na próxima seção deste Manual. Cada uma dessas partes da unidade se constitui em uma sequência didática, ou seja, a abertura é uma sequência, o Capítulo 1 é outra, o Capítulo 2 até o fechamento,

também. Para a avaliação desses e de outros conteúdos, sugerimos os seguintes momentos de avaliação.

### Avaliação inicial

- O que os alunos conhecem sobre arte (artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc.)?
- Com quais tipos de arte convivem no cotidiano?
- Frequentam algum tipo de aula de Arte fora da escola? Quais e em quais espaços essas aulas são realizadas?
- Conhecem as práticas culturais e artísticas que ocorrem na comunidade? Como adquiriram esse conhecimento?
- Costumam frequentar os espaços culturais da cidade (museus, galerias de arte, centros culturais, teatros, cinemas, etc.)? Quais? Com que frequência?

### Avaliação processual

#### Antes da sequência didática

- O que os alunos conhecem sobre o objeto cultural que será estudado?
- O tema da sequência didática faz parte ou tem alguma relação com o cotidiano dos alunos?
- Que experiências os estudantes têm com a linguagem artística que será estudada?
- Conhecem algum artista que trabalhe com o mesmo tipo de produção cultural que será estudado na sequência?

#### Durante a sequência didática

- Os alunos demonstram interesse pela produção apresentada no capítulo? Que pontos despertam mais curiosidade?
- O tema abordado no capítulo é significativo para sua turma? Que relações existem entre esse tema e o cotidiano das crianças?
- Como os alunos compreendem o contexto sócio-histórico-cultural que envolve o objeto cultural que está sendo estudado?
- O objeto cultural que está sendo estudado é acessível a todos ou é dirigido apenas a determinado grupo social?
- Como os alunos compreendem os elementos das linguagens artísticas implicados na produção do que está sendo estudado e como se apropriam deles?

#### Depois da sequência didática

- Depois dos estudos, o conhecimento dos alunos sobre o objeto cultural estudado mudou? Procure



identificar como eles se apropriaram dos conteúdos estudados.

- Os alunos identificam em seu cotidiano a presença do tipo de objeto cultural e da(s) linguagem(ns) artística(s) estudados(a)? Procure exemplos.
- Como os estudantes se relacionaram com sua própria produção artística durante as atividades? Ficaram satisfeitos? Apropriaram-se dos procedimentos trabalhados? Envolveram-se em pesquisas e experimentações com os materiais? Consideram que sua produção artística expressa suas opiniões/sentimentos/emoções?
- Consideram importante expor/divulgar seu trabalho artístico e se envolver em eventuais montagens e apresentações de seus trabalhos?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do projeto?

### Avaliação final para o professor

- Você realizou o mapeamento cultural? De que forma o mapeamento cultural auxiliou em seu plano de ensino?
- Foi possível abordar mais de uma linguagem artística na mesma atividade?
- Qual linguagem foi mais bem-aceita pelos alunos?
- Os recursos materiais existentes na escola foram disponibilizados para o seu trabalho com os estudantes? Quais recursos foram utilizados com êxito? Dê exemplos.
- Os espaços físicos da escola foram disponibilizados e estavam preparados para ser utilizados nas aulas de Arte?
- Você realizou a avaliação processual? Como utilizou a avaliação processual nas atividades de ensino?
- Até que ponto sua prática educativa foi alterada a partir da avaliação processual? Reflita se, ao longo do processo, você mudou de estratégia, elaborou novas atividades ou alterou alguma que já estava em andamento ao observar que os alunos estavam com dificuldades ou, então, se mudou o planejamento porque as crianças se entusiasmaram e aderiram à proposta, envolvendo-se mais do que o esperado.
- Elenque as alterações que realizou em seus procedimentos de ensino a partir da avaliação processual.
- Essas alterações resultaram na melhoria da aprendizagem dos alunos? Justifique.
- Você permitiu que os estudantes realizassem uma autoavaliação sobre as produções?

- Você promoveu visitas culturais? Os objetivos planejados foram alcançados?
- Conseguiu realizar mostras/exposições/festivais de arte? Comente.

### 3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho

A avaliação do trabalho final dos alunos, seja ele uma produção individual, seja em grupo, envolve a verificação do aprendizado de técnicas e também da ampliação do repertório cultural dos estudantes. Essa produção, portanto, deve refletir o aprendizado dos conteúdos estudados ao longo do Projeto de Trabalho e deve, principalmente, refletir o processo de elaboração e de planejamento dessa produção final.

Nesse sentido, é importante que os estudantes registrem o processo de elaboração e de construção da obra por meio de fotografias, desenhos, vídeos, gravação de voz, textos.

No mundo da arte, esse registro se chama **memorial descritivo**. O memorial descritivo artístico é uma pequena redação sobre o processo de trabalho, da prática artística e de outras preocupações mais amplas. Ele serve de explanação, em linhas gerais, dos conceitos, motivações e processos de um trabalho de arte.

Essa forma de registro auxilia na avaliação do produto final de um Projeto de Trabalho, pois ajuda na racionalização de um processo tipicamente subjetivo. Para auxiliá-lo na avaliação de produtos finais, elencamos algumas questões que podem dirigir tanto a sua crítica quanto a dos próprios alunos:

- Quais temas, ideias e preocupações vocês consideraram em seu trabalho?
- Existem quaisquer influências externas ou ideias, talvez fora do universo das artes, que têm influência sobre seu trabalho?
- Há uma “intenção” por trás do trabalho, o que você quer que o trabalho alcance?
- Existem teorias, culturas ou artistas ou escolas de pensamento que são relevantes para seu trabalho?
- Com que materiais e recursos vocês trabalharam? O que interessa a vocês sobre esses tipos de material?
- Por que você trabalha com esses materiais? Existe uma relação entre eles e as suas ideias?
- Que processos estão envolvidos no seu trabalho e como eles se relacionam com as suas ideias?

No caso do trabalho com crianças em fase de alfabetização, é possível dialogar com elas em uma roda de conversa. Assim, você poderá verificar quanto as crianças conseguiram absorver em relação aos conteúdos abordados e qual a relação deles com o produto final.

## V. Estrutura geral da coleção

Para cumprir a proposta de trabalhar com Projetos de Trabalho, tendo como fundamento teórico a Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular, cada livro desta coleção possui duas unidades temáticas que se configuram como Projetos de Trabalho e que duram um semestre letivo.

Essas duas unidades/projetos buscam trabalhar as quatro linguagens artísticas do componente curricular e, também, as diferentes linguagens integradas apontadas na BNCC e que contextualizam o estudo das linguagens.

Assim, cada projeto parte de uma questão disparadora que busca provocar o interesse dos estudantes. O trabalho desenvolvido a partir da pergunta busca levá-los a refletir sobre um *tema contemporâneo* (como direitos da criança e do adolescente, educação ambiental, vida familiar e social, educação para o consumo, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural), aliado ao estudo de uma *manifestação das artes integradas*, ou das artes que exploram as relações e as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, indicadas na BNCC:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*.

Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução,

inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas.<sup>44</sup>

Assim, cada unidade de cada volume da coleção possui:

1. *Abertura do Projeto*, que apresenta a questão disparadora e envolve os estudantes com imagens e textos instigantes e experimentações artísticas;
2. Dois *Capítulos*, que abordam de forma mais aprofundada linguagens artísticas que fazem parte do componente curricular e que ajudam na coleta de informações e em vivências que vão servir de fonte de pesquisa para resolver a questão disparadora do projeto;
3. *Fechamento do Projeto*, que apresenta de forma aprofundada a linguagem integrada ou híbrida estudada para que o produto final do projeto seja realizado.

A *Abertura do Projeto* traz textos e imagens que provocam a discussão e o debate acerca da questão disparadora, de forma reflexiva e contextualizada. Como os estudantes do 1º ao 5º ano são crianças, essa sensibilização busca ser lúdica, respeitando a faixa etária e as culturas infantis, e dialógica, por meio de uma roda de conversa inicial.

Nessa roda, professor e estudantes dialogam, o que permite que você desvele o que as crianças sabem sobre o problema, que outras questões ele abarca e que caminhos ele abre. Além disso, nesse momento, os estudantes vivenciam experimentações que desenvolvem competências e habilidades artísticas ao mesmo tempo que despertam seu interesse.

Cada um dos dois *Capítulos* que compõem uma unidade traz uma sequência didática relacionada ao aprendizado de uma linguagem artística por meio de atividades inspiradas na Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa e que também abarcam as seis dimensões do conhecimento presentes na BNCC, a saber: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Ressaltamos que o Projeto de Trabalho dialoga com a Abordagem Triangular. Ainda que a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa seja

<sup>44</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 196.

voltada para o ensino das artes visuais e não oriente uma ordem ou sequência didática específica de organização dos vértices do triângulo, na coleção, nos apropriamos dessa proposta para o ensino de todas as linguagens.

Por isso, as atividades estão organizadas de modo que os estudantes aprendam arte de forma contextualizada e permeada de sentido. Além disso, o estudo dos capítulos garante o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, mas permite que você amplie o trabalho, trazendo outros procedimentos e pesquisas, além de outros saberes/linguagens que quiser e considerar relevantes, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e rede de ensino de que participa.

Cada capítulo começa com a apresentação de uma obra de arte especialmente escolhida para que os estudantes continuem a refletir e construir respostas para o problema do projeto e, também, para apresentar alguns dos conteúdos obrigatórios da área de Arte.

A partir da apreciação e da contextualização da obra, o capítulo traz uma seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem ou saberes artísticos, mesclada a experimentações artísticas, que promovem a vivência necessária para a construção de seu percurso criador e autoral e, também, a construção de um olhar sensível e crítico, que busca desvelar o que há “por trás” da obra apresentada no livro, de acordo com o referencial teórico que embasa a coleção.

Além disso, o capítulo também apresenta outros trabalhos do artista que conheceram no início e traz uma seção de ampliação do repertório cultural dos estudantes, apresentando o trabalho de outros artistas, outras linguagens e outras culturas, estimulando a pesquisa e o trabalho coletivo, também de acordo com o referencial teórico.

O final de cada um dos dois capítulos propõe uma atividade de criação e produção artística com foco na linguagem estudada e que se relaciona à preparação do produto final do projeto.

Optamos por organizar as seções dos capítulos nessa ordem por acreditarmos que, quanto mais os estu-

dantes conhecerem e relacionarem o trabalho de artistas e grupos apresentados com seu contexto e a própria produção artística, mais serão capazes de criar e produzir arte.

O *Fechamento do Projeto* traz, também, a apresentação de uma obra e uma sequência de atividades que promove o aprendizado da linguagem artística integrada ou híbrida que se relaciona à pergunta apresentada na abertura, além de uma proposta de criação e produção que resultará no principal produto do projeto.

Desse modo, ao longo de um ano letivo, os estudantes entrarão em contato com artistas e obras de arte de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que garantem um percurso criador e autoral com um repertório ampliado e uma visão crítica que permite a criação artística autônoma.

Por fim, vale destacar que em um Projeto de Trabalho é preciso mobilizar a curiosidade e o interesse dos estudantes para que o aprendizado aconteça. Assim, os cinco volumes da coleção trazem uma proposta de progressão das aprendizagens que visa tornar o estudo das linguagens artísticas sempre instigante.

A cada ano letivo, propomos temas de projetos, obras de arte, atividades, pesquisas, reflexões e produção de produtos cada vez mais complexos e desafiadores, estimulando as descobertas dos alunos e a construção de novos conhecimentos. Ainda assim, de acordo com aquilo que está previsto na BNCC, essas aprendizagens não estão propostas de maneira rígida<sup>45</sup>, mas se relacionam com as anteriores e as posteriores na aprendizagem em Arte. Assim, sempre que julgar necessário, você pode adaptar a abordagem às necessidades e aos interesses da turma e também ao desenvolvimento do projeto, fazendo movimentos de retomada ou de antecipação de conteúdos, adaptando a complexidade do material e dos processos para o momento em que os alunos se encontram.

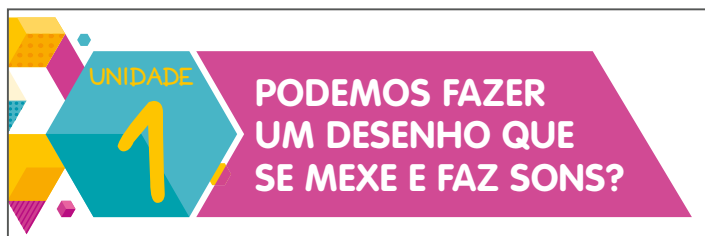
Com esse trabalho, a coleção busca desenvolver as competências específicas da área de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental presentes na BNCC.

<sup>45</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 197.

## 1. Seções e boxes da coleção

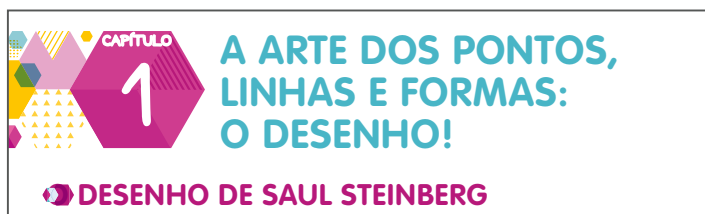
A seguir, apresentamos um esquema visual das seções e dos boxes que compõem cada volume da coleção. Os boxes fixos são apresentados dentro da seção em que aparecem. Os demais boxes são apresentados logo após as seções.

### 1. Introdução da unidade



É a abertura do Projeto de Trabalho. Nas duas primeiras páginas, apresenta uma imagem e a pergunta disparadora. Em seguida, há imagens e textos de sensibilização e, por fim, uma experimentação artística para que os alunos comecem a explorar o tema.

### 2. Abertura do capítulo



Cada capítulo aborda de forma mais aprofundada uma das quatro linguagens da arte, a partir da obra de um artista ou de um grupo em especial.

#### Para iniciar



O box “Para iniciar” traz perguntas para despertar o interesse do estudante e direcionar ao tema do capítulo.

### 3. Que obra é essa?



Seção que apresenta e promove a apreciação da obra do artista eleito para a construção do conteúdo do capítulo.

### 4. Como a obra foi feita?



Seção que desvela o produto artístico, mostrando que há um processo de construção da obra.

### 5. Conteúdos artísticos



Seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem e saberes artísticos apresentados a partir da apreciação e da contextualização da obra principal do capítulo.

### 6. Atividade prática



Momento privilegiado para a criança “colocar a mão na massa”, ou seja, experimentar, a partir de um dos vetores do trabalho conhecido, uma criação. É importante ressaltar que, nas primeiras atividades práticas, as crianças podem ter pouca familiaridade com o modo de fazer arte proposto, mas a continuidade, o incentivo e as suas proposições possibilitarão ao aluno desenvolver autonomia e desfrutar cada vez mais do processo de criação em arte.

### 7. Outros trabalhos de



Apresenta outros trabalhos do artista para que os alunos possam conhecer mais de sua produção e de sua poética.

#### Sobre o artista



Breve biografia do artista ou grupo que aproxima o artista do ser humano comum, desmistificando para a criança o imaginário do artista inacessível.

#### Assim também aprendo



Seção que auxilia o estudante a verbalizar suas aproximações e repulsas ao trabalho do artista/grupo e é uma forma de auxiliá-lo a construir seu senso estético.

## 8. Ampliando o repertório cultural

### AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

Oportunidade de trazer obras de outros artistas e linguagens que dialogam com o conceito estético desenvolvido no capítulo.

## 9. Experimentação

### EXPERIMENTAÇÃO

Vivência de experimentações artísticas que desenvolvem competências e habilidades de arte ao mesmo tempo que despertam o interesse dos alunos.

## 10. O que estudamos

### O QUE ESTUDAMOS

Momento em que o aluno revê o conteúdo desenvolvido ao longo do capítulo ou da unidade, tira dúvidas e reforça conceitos. Você pode aproveitar a seção para visitar algumas atividades que despertaram mais interesse nas crianças.

### Dica de visitação

#### DICA DE VISITAÇÃO

Sugestões de visitas culturais que podem aproximar um artista/grupo local da escola e da construção do saber em Arte das crianças.

### É hora de retomar o portfólio

#### É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

Construção passo a passo do produto final que os estudantes terão no fim do ano letivo: o portfólio.

## 11. Encerramento da unidade

PODEMOS FAZER  
UM DESENHO QUE  
SE MEXE E FAZ SONS!

É o fechamento do Projeto de Trabalho. Apresenta uma obra relacionada à pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos, auxiliando os alunos a respondê-la.

## 12. Fazendo arte

### FAZENDO ARTE

Proposta de criação e de produção que resultará no principal produto do Projeto de Trabalho.

### I. Saiba mais

#### SAIBA MAIS >>

Boxe que traz uma curiosidade ou mais informações sobre algum aspecto interligado à obra em questão ou ao tema abordado.

### II. Arte e...

#### ARTE & MATEMÁTICA

Boxe que busca promover a interdisciplinaridade do conteúdo artístico com outro componente curricular.

### III. Glossário

**INSTALAÇÃO:**  
TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA  
OU MODIFICA UM AMBIENTE.

Apresenta conceitos para os alunos. Se julgar conveniente, você pode adotar o procedimento de escrever as palavras glossariadas na lousa e, quando pertinente, explorá-las no processo de alfabetização.

### IV. Sugestão de...

#### SUGESTÃO DE...

Indicações de sites, vídeos, livros e filmes selecionados para os alunos.



## 2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção

A seguir, apresentamos as principais competências, objetos do conhecimento e habilidades trabalhados na coleção.

1º ano
<b>Unidade 1 - Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Trabalho, ciência e tecnologia
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
<b>Competência de Arte</b>
Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Desenho animado
<b>Objeto do conhecimento</b>
Arte e tecnologia
<b>Habilidade</b>
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> , etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 1
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Desenho
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
Capítulo 2
<b>Unidade temática</b>
Música – Paisagem sonora
<b>Objeto do conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
<b>Unidade 2 - Brincar é importante?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Direitos da criança e do adolescente
<b>Competências gerais</b>
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

#### Unidade temática

Artes integradas – Filme documentário

#### Objetos do conhecimento

Matrizes estéticas culturais

Arte e tecnologia

#### Habilidades

(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

### Capítulo 3

#### Unidade temática

Dança – Dança contemporânea

#### Objetos do conhecimento

Contextos e práticas

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

### Capítulo 4

#### Unidade temática

Teatro – Pantomima literária

### Objeto do conhecimento

Processos de criação

#### Habilidades

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

## 2º ano

### Unidade 1 - A arte faz pensar?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

#### Tema contemporâneo

Educação ambiental

#### Competências gerais

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

#### Competência de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

#### Competência de Arte

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Intervenção artística
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 1</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Teatro de manipulação
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidade</b>
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
<b>Capítulo 2</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança contemporânea
<b>Objeto de conhecimento</b>
Elementos da linguagem
<b>Habilidades</b>
(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
<b>Unidade 2 - Brinquedo pode ser arte?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Vida familiar e social
Educação para o consumo

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Criação de exposição interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – escultura
<b>Objetos de conhecimento</b>
Processos de criação
Sistemas de linguagem

## Habilidades

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

## Capítulo 4

### Unidade temática

Música – Música de concerto

### Objetos de conhecimento

Elementos da linguagem

Notação e registro musical

### Habilidades

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

## 3º ano

### Unidade 1 - A arte pode ser feita com tudo?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Educação ambiental

Educação para o consumo

### Competências gerais

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## Competência de Linguagens

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

## Competência de Arte

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar uma instalação sonora com materiais inusitados.

### Objeto de conhecimento

Processos de criação

### Habilidade

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Artes visuais – Assemblagem e fotografia

### Objeto de conhecimento

Materialidades

### Habilidade

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Música – Música experimental

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Notação e registro musical



<b>Habilidades</b>
(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
<b>Unidade 2 - A arte pode fazer a gente se sentir bem?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Tema contemporâneo</b>
Saúde
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competência de Linguagens</b>
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Festival de <i>clowns</i>

<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidade</b>
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Palhaçaria
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Dança – Dança e o Novo Circo
<b>Objeto de conhecimento</b>
Processos de criação
<b>Habilidades</b>
(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

## 4º ano

### Unidade 1 - A arte pode unir as pessoas?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Respeito e valorização do idoso

##### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

##### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

##### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

##### Unidade temática

Artes integradas – Organizar uma apresentação na escola

##### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

##### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

#### Capítulo 1

##### Unidade temática

Música – Música brasileira

##### Objetos de conhecimento

Contexto e práticas

Notação e registro musical

##### Habilidades

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

#### Capítulo 2

##### Unidade temática

Dança – Danças afro-brasileiras

##### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

##### Habilidade

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

### Unidade 2 - A arte pode construir lugares?

#### Abertura e Fechamento do Projeto

##### Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Vida familiar e social

<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
<b>Competências de Linguagens</b>
Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
<b>Competência de Arte</b>
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
<b>Unidade temática</b>
Artes integradas – Instalação interativa
<b>Objetos de conhecimento</b>
Patrimônio cultural
Arte e tecnologia
<b>Habilidades</b>
(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

<b>Capítulo 3</b>
<b>Unidade temática</b>
Teatro – Musical
<b>Objeto de conhecimento</b>
Contextos e práticas
<b>Habilidade</b>
(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
<b>Capítulo 4</b>
<b>Unidade temática</b>
Artes visuais – Gravura e relevo
<b>Objetos de conhecimento</b>
Contextos e práticas
Matrizes estéticas e culturais
<b>Habilidades</b>
(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

<b>5º ano</b>
<b>Unidade 1 - A arte tem raiz?</b>
<b>Abertura e Fechamento do Projeto</b>
<b>Temas contemporâneos</b>
Diversidade cultural
Educação em direitos humanos
<b>Competências gerais</b>
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criar um festejo na escola

### Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

### Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 1

### Unidade temática

Música e artes integradas – Música indígena

### Objetos de conhecimento

Materialidades

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 2

### Unidade temática

Artes visuais e artes integradas – Azulejaria

### Objetos de conhecimento

Matrizes estéticas e culturais

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Unidade 2 - Arte é patrimônio?

### Abertura e Fechamento do Projeto

### Temas contemporâneos

Diversidade cultural

Educação em direitos humanos

### Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.



Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

### Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

### Unidade temática

Artes integradas – Criação de filme usando a técnica *stop-motion*

### Objetos do conhecimento

Patrimônio cultural

Arte e tecnologia

### Habilidades

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares, etc.) nos processos de criação artística.

## Capítulo 3

### Unidade temática

Dança e artes integradas – Danças africanas

### Objetos de conhecimento

Contextos e práticas

Patrimônio cultural

### Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Capítulo 4

### Unidade temática

Teatro - Mamulengo

### Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

### Habilidade

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

## 3. Material Digital do Professor

Complementa o trabalho desenvolvido no material impresso, com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará:

- Orientações gerais para o ano letivo.
- Quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhados em cada bimestre.
- Sugestões de atividades que favoreçam o trabalho com as habilidades propostas para cada ano.
- Orientações para a gestão da sala de aula.
- Proposta de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares.
- Sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula.

## VI. Referências para aprofundamento do professor

### Arte-educação

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

\_\_\_\_\_. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

\_\_\_\_\_.; COUTINHO, Rejane. *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, 2000.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2015.

FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *Metodologia do ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Arte como um sistema cultural. In: \_\_\_\_\_. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

GRANT, N. *Multicultural Education in Scotland*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2000.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_.; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_.; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAYTON, Robert. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RICHTER, Ivone M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

### Interdisciplinaridade

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JANTSCH, Ari P.; BIANCHETTI, Lucídio. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa-América, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2017.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Vivaldo P. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2007.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

## Artes visuais

AGUILAR, Nelson (Org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, Herschel. *Teorias da Arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: a Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp, 2006.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1994.

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: Herman Blume, 1992.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*. Lisboa: Edições 70, 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

## Audiovisual

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA FILHO, André. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Raquel. *A arte da animação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Formato, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERON, T. M. Educação para mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa D. (Org.). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GALLIMARD, Jeunesse. *A imagem*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, 1981.

GRAÇA, Marina E. *Entre o olhar e o gesto: elementos para uma poética da imagem animada*. São Paulo: Senac, 2009.

HAMANN, Fernanda P.; SOUZA, Solange J.; PIRES, Cecília C. *Juro que vi... Lendas brasileiras: adultos e crianças na criação de desenhos animados*. Rio de Janeiro: Multirio/Núcleo de Publicações, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

LUCENA JÚNIOR, Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Salete. T. A. Desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2008.

## Música

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

BEYER, Esther. *Ideias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_; KEBACH, Patrícia (Org.). *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Cobogó, 2013.

FONTEERRADA, Marisa. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MOURA, Ieda C.; BOSCARDIN, Maria T.; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. São Paulo: InterSaberes, 2013.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Dança

BARRETO, Débora. *Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERREIRA, Táis; FALKEMBACH, Maria T. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

\_\_\_\_\_. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

## Teatro

CABRAL, Beatriz. *Drama como método de ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: provocação e diálogo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NOVELLY, Maria C. *Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTANA, Arão P. de. *Teatro e formação de professores*. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do Campo*. São Paulo: Autêntica, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.





Ensino Fundamental – Anos Iniciais  
Componente curricular: Arte

**Eliana Pougy**

Bacharel em Comunicação Social pela  
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)  
Especialista em Linguagens da Arte pelo  
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)  
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)  
Doutora em Teoria Política com foco em Educação na  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)  
Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

**André Vilela**

Licenciado em Educação Artística pela  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-SP)  
Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo  
Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte  
Professor de História da Arte  
Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

**ea**  
editora ática



editora ática

**Direção geral:** Guilherme Luz

**Direção editorial:** Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

**Gestão de projeto editorial:** Tatiany Renó

**Gestão e coordenação de área:** Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

**Edição:** Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)

**Gerência de produção editorial:** Ricardo de Gan Braga

**Planejamento e controle de produção:** Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

**Revisão:** Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Cúrci, Ana Paula C. Malfa, Carlos Eduardo Sigríst, Célia Carvalho, Cesar G. Sacramento, Claudia Virgílio, Gabriela M. Andrade, Heloísa Schiavo, Maura Loria, Patricia Cordeiro, Patricia Travanca, Sueli Bossi, Tayra Alfonso e Vanessa P. Santos

**Arte:** Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)

**Iconografia:** Sílvia Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

**Licenciamento de conteúdos de terceiros:** Cristina Akisino (coord.), Lilliane Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

**Tratamento de imagem:** Cesar Wolf e Fernanda Crevin

**Ilustrações:** Andrea Ebert, Ariel Fajtlowicz, Galvão e Joana Resek

**Cartografia:** Eric Fuzii (coord.)

**Design:** Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

**Ilustração de capa:** ArtefatoZ

---

**Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Tel.: 4003-3061  
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pougy, Eliana  
Após arte, 5º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.  
Bibliografia.  
ISBN 978-85-08-18817-8 (aluno)  
ISBN 978-85-08-18818-5 (professor)

I. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.  
II. Título.

17-11327

CDD-372.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

---

**2017**

Código da obra CL 713536

CAE 624435 (AL) / 624436 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

---

Impressão e acabamento

---





# APRESENTAÇÃO

Brincar é importante? A arte faz pensar? Brinquedo pode ser arte? A arte pode ser feita de tudo? A arte pode unir as pessoas? Arte é patrimônio?

Essas e muitas outras perguntas fazem parte dos nossos pensamentos desde que nós tínhamos a sua idade!

Para responder a essas questões, estudamos arte na escola e também fora dela.

Assim, fomos aprendendo e organizando ideias, elaborando outras perguntas e ordenando pensamentos.

Afinal, nós só aprendemos quando fazemos perguntas e vamos atrás de respostas, não é mesmo?

Por esse motivo, procuramos trazer neste livro de arte diversos questionamentos...

E é por isso que propomos a você que, ao longo dos estudos, busquemos, juntos, respostas para eles!

Vamos refletir sobre o fazer artístico, experimentar linguagens, apreciar as mais diversas obras, conhecer a vida e o trabalho de diferentes artistas e produzir muita arte.

Dessa maneira, esperamos que você chegue a algumas conclusões, faça várias descobertas e proponha muitas novas perguntas sobre arte!

Bom aprendizado!

Os autores



# CONHEÇA SEU LIVRO

Ao folhear este livro, você vai ver que ele contém ilustrações, fotografias, imagens de obras de arte, textos e atividades.  
Vamos entender como ele está organizado?

## Unidade

O livro tem duas unidades, com uma introdução, dois capítulos e um encerramento cada uma delas. A introdução apresenta uma imagem de página dupla e uma pergunta que vai conduzir o estudo de toda a unidade. Em seguida, há uma sensibilização e uma experimentação para você começar a explorar o tema.



## Capítulo

Cada capítulo aborda uma linguagem artística. Além de aprender mais sobre as artes visuais, o teatro, a dança e a música, você realizará atividades e experimentações que vão auxiliá-lo a responder à pergunta da unidade.



## Conhecendo obras e artistas

Cada capítulo começa com a apresentação do trabalho de um artista ou grupo, com exemplos de obras e informações sobre ele e as técnicas que utiliza. Em seguida, você vai conhecer mais sobre as linguagens artísticas, por meio de textos e atividades práticas.



## Ampliando o repertório cultural

Você vai conhecer outras obras e artistas de diferentes linguagens artísticas que se relacionam com a obra do artista ou do grupo apresentado no início do capítulo.



## Experimentação

Você vai realizar atividades de vivência e de experimentação artística, testando técnicas e explorando os elementos das linguagens da arte.

**EXPERIMENTAÇÃO**

Que tal preparar uma apresentação do "Xondoro?" com os colegas?

● O primeiro passo é construir os instrumentos musicais que vão acompanhar a apresentação! Observe as imagens dos instrumentos prontos e depois siga as orientações do professor para produzi-los.

**Atividade**

1. Agora, vamos formar um coral para cantar o "Xondoro?"

2. Com os colegas, memorize a letra da canção "Xondoro?".

3. Uma vez aprendida a letra, junte-se a seus colegas para formar uma roda e cantar. Marque o ritmo da canção com os pés, como em uma marcha, sem sair do lugar.

4. Enquanto isso, tente perceber em que momento as sílabas das palavras ficam mais fortes, porque, nesse ponto, você deve bater o pé com mais força e acender a voz.

5. Depois de algum tempo, em um segundo momento, continue cantando, mas saia do lugar e movimente o corpo, andando e dançando pela sala, a fim de sentir a música.

6. Listar os instrumentos musicais que produziu para acompanhar o coral?

**Apresentando**

● Depois que a turma tiver ensaiado bastante, o professor vai combinar com você e os colegas uma data para a apresentação.

**Registrando**

● Registre a apresentação com um gravador de voz ou o telefone celular e faça cópias em CD ou DVD para apresentar os familiares e guardar em seu portfólio.

**O QUE ESTUDAMOS**

● A arte é uma das maneiras pelas quais as culturas podem ser preservadas e valorizadas.

● A arte de cantar é comum a muitas culturas.

● Para cantar, deve-se saber usar com competência o aparelho fonador e, para isso, é preciso exercitá-lo.

● Os Guarani são um dos povos indígenas que vivem no Brasil e mantêm suas tradições culturais por meio da dança.

● Os diversos povos indígenas que vivem no Brasil produzem as mais variadas formas de arte, como a música, a escultura e a cestaria.

● Atualmente, artistas indígenas contemporâneos também criam obras de arte visual, escrevem livros, produzem filmes, etc.

**Dica de visitação**

Se na cidade onde você mora houver um museu dedicado à cultura indígena, não deixe de visitá-lo com os colegas! Caso tenha a oportunidade de visitar uma aldeia indígena, converse com os moradores sobre suas tradições, suas festas, suas crenças e suas danças.

**É hora de retomar o portfólio**

1. Depois de que vimos nessa página, seu conhecimento a respeito da música mudou? Justifique sua resposta com um breve parágrafo.

2. Você ficou satisfeito com sua produção artística? Por quê?

3. Você considera que suas produções artísticas expressam seus sentimentos, suas sensações e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário a respeito de cada uma de suas produções.

4. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

## O que estudamos

Finalizando o capítulo, há uma síntese dos assuntos abordados, dicas de visitas culturais e uma retomada do seu portfólio.

## Fazendo arte

Para concluir a unidade retomamos a pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos. Você vai realizar uma atividade de fazer artístico, inspirada nas obras dos artistas ou grupos estudados, que o ajudará a responder à pergunta inicial.

**FAZENDO ARTE**

● Que tal criar uma cena com a técnica do stop-motion para subir em uma mostra de cinema na escola? Para começar, conheça um pouco melhor essa técnica.

**Preparação da história**

1. O professor vai dividir a turma em grupos. Com os colegas, escolha uma história para filmar. Vocês podem selecionar um mito ou outra narrativa que tenham interesse. Definam a cena que será filmada.

2. Juntos, decidam como os personagens serão criados. Vocês podem construí-los com massa de modelar ou outro material maleável, para que seja possível modificar os momentos da história em cada cena. Planejem também o cenário da cena e separem o material necessário para montá-lo.

**Filmagem e edição**

1. Encontre um lugar na escola que seja calmo e onde não bata muito vento. A iluminação não deve mudar muito e não pode ser fraca. Aponte a câmera no tripé ou em outro tipo de suporte estável e fixe na mesma posição até o final da filmagem!

2. Com os colegas de grupo, retome o texto da história. Verifique em que cenário a cena se passa e que personagens participam dela. Monte e de acordo com isso, colocando os elementos na posição mais adequada para serem fotografados.

3. Faça os personagens se movimentarem de acordo com os acontecimentos da cena. Também vai de que você deve movê-los apenas um pouco de cada vez e fotografar após cada mudança. É aconselhável tirar duas fotos para cada segundo de vídeo.

4. Depois que tiver produzido todas as imagens, com a orientação do professor, transfira as fotos para o computador e utilize um programa de edição de vídeo a fim de criar a animação.

**Materiais necessários**

- materiais diversos para criar os personagens e o cenário, como massa de modelar e peças de montar
- câmera fotográfica digital ou celular
- tripé ou outro tipo de suporte para fixar a câmera
- computador
- programa de edição de vídeo

Além dessas seções, seu livro também apresenta alguns boxes:

**Arte e Língua Portuguesa**

O espetáculo **Pitoando: um espetáculo de música para crianças** é um exemplo de como a arte pode se dedicar a pesquisar e a divulgar as tradições brasileiras. Nesse trabalho, as artistas Cláudia Braga, Nise Franklin e Ursula Colichoren resgatam, re-produzem e recriam o repertório de canções e de músicas que fazem parte de nossa cultura há muito tempo.

Mas não é só de canções que a tradição oral é feita. Ela é composta de outros textos também! Em Língua Portuguesa, estudamos vários textos que são transmitidos de geração em geração, seja em versos, como as adivinhas, as parlendas e os trava-línguas, seja em prosa, como as fábulas, os mitos e as lendas.

**Conhecimento de mundo**

Observe de qual é o fonador e o conjunto de órgãos do corpo humano: boca, língua, nariz e ouvido. Observe a laringe.

**Atividade**

1. Observe a laringe.

2. Observe a laringe.

3. Observe a laringe.

**Sugestão de...**

**Livro**

Com texto de Rogério Andrade Barbosa e ilustrações de André Neves, o livro **O rei do mamulengo** (FTD, 2003) explora o improviso, o humor, a irreverência e a interação com o público que caracterizam o teatro de mamulengo pernambucano.

### Arte e...

Mostra como a arte se relaciona aos conteúdos e aos procedimentos de outros componentes curriculares.

### Saiba mais

Apresenta curiosidades e mais informações sobre assuntos e conteúdos abordados no livro.

### Sugestão de...

Apresenta uma seleção de sites, vídeos, livros e filmes para você.

Os ícones distribuídos em algumas páginas mostram como as atividades devem ser realizadas:



Atividade individual



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade oral



Atividade escrita



# SUMÁRIO

## Unidade 1 A arte tem raiz? .... 8

<b>A arte pode fazer a gente valorizar as nossas origens! .....</b>	<b>10</b>
<b>A arte pode fazer a gente compreender a nossa história! .....</b>	<b>11</b>
Experimentação .....	12

### Capítulo 1 Cantando a memória indígena!.....14

<b>A música dos Guarani .....</b>	<b>14</b>
Para iniciar .....	14
Que obra é essa? .....	16
Como a obra foi feita? .....	18
Música indígena.....	20
A voz e o canto .....	20
Canto e ritual .....	22
Características do canto indígena.....	22
Instrumentos musicais indígenas .....	24
Outros trabalhos dos Guarani .....	26
Ampliando o repertório cultural.....	28
Jaider Esbell.....	28
Da-ño're.....	29
Experimentação .....	30
O que estudamos.....	31



Galvão/Arquivo da editora

## Capítulo 2 A herança portuguesa!..... 32

<b>A pintura de Adriana Varejão .....</b>	<b>32</b>
Para iniciar .....	32
Que obra é essa? .....	34
Por que a obra foi feita? .....	36
A arte da azulejaria .....	38
Organização de um padrão visual .....	40
Composição por contraste .....	40
Composição por harmonia .....	42
Outros trabalhos de Adriana Varejão .....	44
Ampliando o repertório cultural.....	46
A técnica da azulejaria .....	46
A cultura portuguesa .....	47
Experimentação .....	48
O que estudamos.....	49
<b>A arte tem raiz!.....</b>	<b>50</b>
<b>O Bumba meu Boi do Brasil.....</b>	<b>50</b>
Que festejo é esse? .....	50
Como o festejo foi feito? .....	54
Fazendo arte.....	56
O que estudamos.....	59



Rogério Reis/123a

Unidade

2

Arte é patrimônio? .....60

Precisamos valorizar as obras de arte!.... 62

Precisamos preservar as obras de arte! ..... 63

Experimentação ..... 64

Capítulo 3 Danças africanas!..... 66

A dança do grupo Bacnaré ..... 66

Para iniciar ..... 66

Que obra é essa?..... 68

Como a obra foi feita? ..... 70

Consciência corporal..... 72

O movimento do corpo e o gasto de energia ..... 72

O corpo por dentro e por fora ..... 74

Movimentos voluntários e involuntários.... 75

Diversidade e criatividade ..... 76

Outros trabalhos do grupo Bacnaré ..... 78

Ampliando o repertório cultural..... 80

Identidades africanas ..... 80

Os iorubas ..... 81

Experimentação ..... 82

O que estudamos ..... 83

Capítulo 4 Narrativas de ontem, de hoje e de sempre!..... 84

O teatro de mamulengos de José Júlio... 84

Para iniciar ..... 84

Que obra é essa?..... 86

Como a obra foi feita? ..... 88

Linguagem teatral ..... 90

Os personagens..... 92

A ação teatral ..... 94

O espaço cênico ..... 94

Outros trabalhos de José Júlio ..... 96

Ampliando o repertório cultural..... 98

A embolada..... 98

O museu de bonecos do grupo

Giramundo ..... 99

Experimentação ..... 100

O que estudamos..... 101

Arte é patrimônio!..... 102

A animação de Jamile Coelho e Cintia Maria..... 102

Que obra é essa?..... 104

Como a obra foi feita? ..... 105

Fazendo arte..... 106

O que estudamos..... 109

Bibliografia ..... 110



The Bridgeman Art Library/Keystone/coleção particular



Galvão/Arquivo da editora



## Unidade 1

### A arte tem raiz?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 1 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte tem raiz?
- **Tema contemporâneo:** Vida familiar e social e diversidade cultural, com foco no patrimônio cultural e nos festejos das culturas brasileiras tradicionais.
- **Capítulo 1:** Elementos constitutivos da linguagem musical, em especial da música indígena.
- **Capítulo 2:** Elementos constitutivos da arte visual, em especial da pintura e da azulejaria.
- **Produto final:** Festejo tradicional brasileiro.

As questões do box e a ilustração ajudam a iniciar e a apresentar as discussões da unidade 1, que traz um problema em forma de questão que se relaciona ao estudo dos festejos tradicionais brasileiros. Essa forma de arte, inscrita no campo das Artes Integradas da BNCC, caracteriza-se pela mistura de várias linguagens artísticas.

A vida familiar e social e a diversidade cultural, com foco no patrimônio cultural e nos festejos das culturas brasileiras tradicionais, serão exploradas, ao longo do percurso dos capítulos, como exemplos de temas que podem ser pensados pela arte.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos das linguagens da música e das artes visuais.
- Conhecer e valorizar as matrizes culturais indígenas.
- Conhecer manifestações de diversas linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas, especialmente entre a música e as artes visuais.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à música e às artes visuais.
- Conhecer elementos constitutivos da música (altura, timbre, melodia) e elementos da linguagem visual (forma, textura, cor).
- Estabelecer relações entre matrizes culturais, identidades culturais, tradições e manifestações artísticas.
- Apreciar obras de arte musical e visual e descrever e analisar suas características formais e referências temáticas.





Você já se perguntou o que pode inspirar um artista a criar uma obra de arte? As respostas a essa pergunta podem ser muitas e variadas, mas o que não muda é o fato de que as obras de arte quase sempre revelam algo sobre o autor e sobre a cultura de que faz parte. Isso quer dizer que as obras de arte podem refletir as origens do artista! Mas será que as obras de arte feitas por artistas de um mesmo lugar têm algo em comum? Será que a arte tem raiz?

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Competências desta unidade

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

### A BNCC nestas páginas

#### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de começar a explorar o conceito de patrimônio cultural brasileiro (material e imaterial), incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias.

- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.



## ▶ A arte pode fazer a gente valorizar as nossas origens!

Nesta unidade, procuramos destacar o papel da arte na afirmação da identidade cultural e na preservação dos valores e das tradições dos distintos povos que formam o Brasil.

O conteúdo apresentado neste momento tem a função de aproximar os estudantes do tema que será abordado, provocando reflexões sobre as origens culturais e a arte e, ao mesmo tempo, desvelando o conhecimento prévio e a experiência dos alunos.

É preciso ressaltar que a cultura brasileira resulta da mistura de diversas culturas, como as de origens africana, indígena e europeia, o que a torna rica e diversa. O estudo das produções artísticas das matrizes africanas e indígenas, por exemplo, configura-se como excelente estratégia para promover uma ação afirmativa em relação a essas culturas.

Caso queira expandir o trabalho de leitura de imagem proposto na abertura da unidade, proponha mais algumas questões, como: "Que elementos da imagem permitem identificar os diferentes povos e as diferentes culturas?"; "Vocês sabem o que quer dizer etnia?"; "Vocês sabem o que quer dizer preconceito racial?"; "Na opinião de vocês, por que existe esse tipo de preconceito?".

Nesse momento, o propósito é que os alunos possam emitir suas opiniões sobre o tema, explorando-o livremente, mesmo que, por ora, não tenham conhecimento prévio dos termos. Incentive esse momento de troca e retome-o ao abordar esses conceitos ao longo dos capítulos desta unidade.

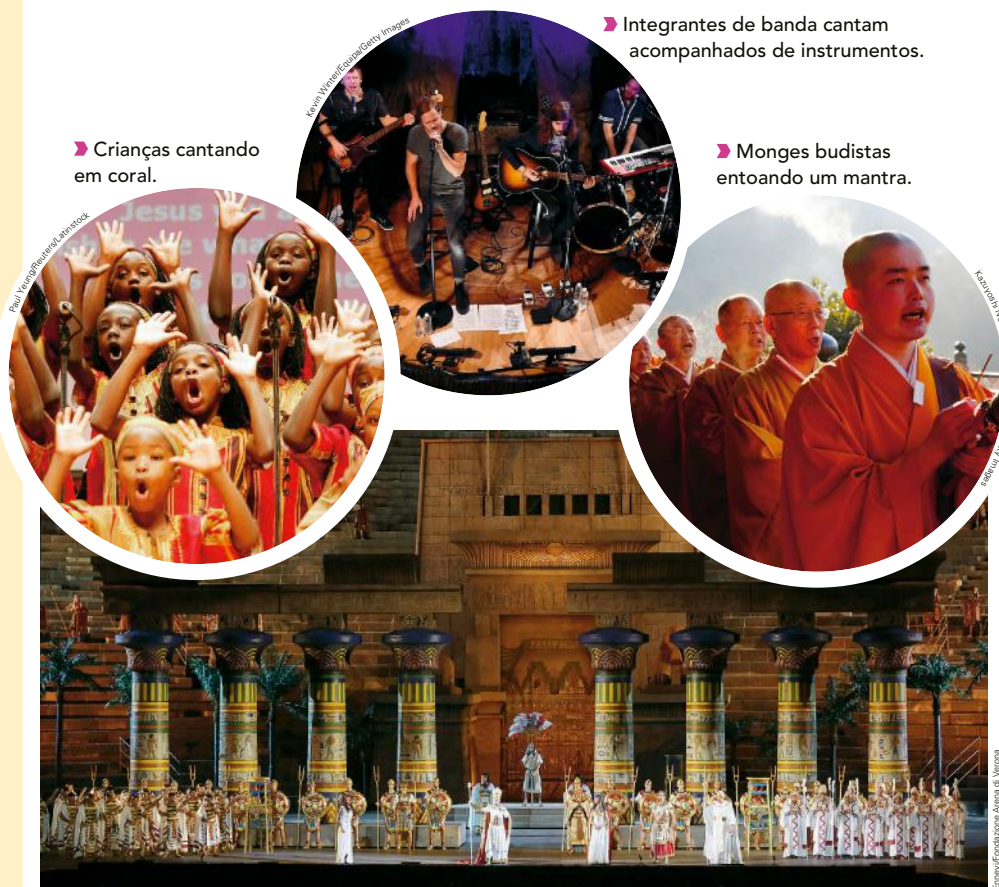
Anote a síntese dessa conversa inicial em seu diário de bordo a fim de acompanhar o desenvolvimento dos estudantes no decorrer dos estudos desta unidade.

## ▶ A arte pode fazer a gente valorizar as nossas origens!

Cantar é uma das formas mais antigas e espontâneas de expressar aquilo que pensamos e sentimos em relação a tudo o que está a nossa volta.

Podemos cantar de diversas maneiras e em diferentes situações: sozinhos ou acompanhados, com a ajuda de instrumentos musicais, em momentos de lazer ou em encenações teatrais, por exemplo.

Quando cantamos, podemos resgatar as músicas e as canções que fazem parte da tradição da sociedade em que vivemos, entrando em contato com as nossas origens e valorizando as criações daqueles que vieram antes de nós.



▶ Crianças cantando em coral.

▶ Integrantes de banda cantam acompanhados de instrumentos.

▶ Monges budistas entoando um mantra.

▶ Nas óperas, os artistas cantam e encenam para a plateia. Essa é uma das muitas possibilidades de se expressar com o canto. Na foto, espetáculo **Aida**, durante a temporada de ópera na cidade de Verona, Itália, 2016.

### 10 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## ▶ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC\_EF15AR01

### Patrimônio cultural

BNCC\_EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de começar a explorar o conceito de patrimônio cultural brasileiro (material e imaterial), além de tomar contato com exemplos de obras de arte visual, como pintura, escultura e azulejaria, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

## ▶ A arte pode fazer a gente compreender a nossa história!

Muitas vezes, convivemos com obras de arte no lugar onde moramos sem entender muito bem o porquê de estarem lá. Estátuas nas praças, pinturas em prédios públicos e museus, azulejos nas fachadas das casas e nas igrejas, entre outras obras, decoram a cidade e podem deixá-la mais bonita. Essas obras também podem mostrar uma interpretação dos fatos da nossa história e nos ajudar a compreender melhor nossas origens culturais.

Existem obras desse tipo onde você mora? Você conhece a história de alguma delas?



▶ **Independência ou Morte**, de Pedro Américo, 1888 (óleo sobre tela, 415 cm x 760 cm), mostra uma interpretação de uma cena histórica: a proclamação da independência do Brasil de Portugal.

▶ Paineis de azulejos portugueses no interior do claustro do Convento de São Francisco, Salvador, Bahia, 2015.



▶ **O Monumento às Bandeiras**, localizado em frente ao Parque do Ibirapuera, na praça Armando Salles de Oliveira, em São Paulo, foi criado por Victor Brecheret em 1954. Ele representa um período da nossa história em que os bandeirantes, imigrantes europeus, escravizaram os indígenas brasileiros.

▶ INTRODUÇÃO

11

### Sugestão de...

#### Site

Na página da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), é possível consultar a lista do Patrimônio Mundial. Disponível em: <[www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/)>. Acesso em: 22 nov. 2017.

## ▶ A arte pode fazer a gente compreender a nossa história!

Procure conversar com os alunos sobre a cidade em que vivem e a relação que têm com ela. Pergunte se já tiveram experiências marcantes com algum lugar da cidade ou se lembram da história de algum prédio ou monumento que existe nela.

Procure identificar se na cidade onde vivem há monumentos que apresentam significados simbólicos ou históricos e verifique se a turma sabe onde se localizam. Caso não haja obras desse tipo no lugar onde moram, mostre imagens de monumentos conhecidos no Brasil que são Patrimônio Mundial, tais como o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro.

Depois dessa sensibilização, converse com os alunos a respeito dos monumentos brasileiros: "Quais monumentos brasileiros vocês conhecem?"; "Em quais cidades eles ficam?"; "Como vocês acham que as populações dessas cidades os reconhecem?"; "A que personagens ou momentos da história do Brasil esses monumentos fazem referência?"; "De que forma eles são homenageados pelos monumentos?".

Aproveite para analisar e discutir com os alunos o papel dos monumentos na construção das identidades nacionais: "Quando personagens ou momentos da história são escolhidos como tema de um monumento, o que isso significa?"; "Quais valores sociais e políticos podem ser afirmados por um monumento?"; "Como isso pode influenciar a maneira como uma população vê a história de seu país?".

Há inúmeros monumentos famosos pelo mundo inteiro. Estudar sua história, os valores que eles representam e como as populações dos diferentes países se relacionam com eles é uma forma de aprofundar a reflexão dos alunos acerca do papel social e político da arte. Você pode fazer uma pesquisa com a turma sobre os monumentos do mundo em sites de turismo, por exemplo, e depois sugerir que, em grupos, eles aprofundem a investigação sobre a história e o papel social dessas obras.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



## Experimentação

Explique aos alunos que as músicas do carimbó são cantadas e muito animadas. Os instrumentos tradicionalmente usados para tocar o carimbó são o curimbó (tipo de tambor), o banjo ou a guitarra e o chocalho. Alguns grupos também tocam outros instrumentos, como o saxofone, a flauta e o clarinete. Para tocar o curimbó, o músico precisa se sentar em cima dele. Originalmente, os tambores eram construídos a partir de um tronco escavado, por isso ainda hoje costumam ser bem grandes.

Seria muito importante que, antes de realizar a atividade, os estudantes pudessem assistir a vídeos da dança e ouvir áudios das músicas que costumam acompanhá-la, para fornecer mais referências desse festejo. Esse tipo de material pode ser encontrado facilmente na internet.

Para **produzir os figurinos**, os alunos vão precisar de camisetas sem estampa, saias rodadas ou calças, lenços, fitas coloridas, papéis coloridos, retalhos de tecido, lanteroulas e cola quente. Se quiserem, eles podem desenhar um esboço do figurino para orientar a criação. Auxilie-os a fixar os adereços escolhidos para enfeitar as peças de roupa, manuseando a cola quente.

Para iniciar o **ensaio** do carimbó, é importante praticar seus passos básicos. Acompanhe os alunos para que pratiquem a coreografia passo a passo, primeiramente sem música. Antes de iniciar a prática dos passos, divida os alunos em pares. Organize uma fila de meninos e outra de meninas, uma de frente para a outra, com uma distância de cerca de 3 a 5 metros entre elas. Ao seu sinal, os meninos devem se aproximar das meninas, que deverão bater palmas, fazendo um convite para que os meninos entrem na dança. Em outra versão da dança, os meninos podem se aproximar das meninas batendo palmas, convidando-as. Os pares então se formam e começam a dançar, girando em torno de si mesmos em velocidade moderada para formarem uma grande roda. Cuide para que os alunos não girem muito rápido, para não ficarem tontos ou esbarrarem uns nos outros.

## EXPERIMENTAÇÃO

Para começar a experimentar como é resgatar e valorizar nossas origens, que tal aprender a dançar carimbó? Esse é um gênero musical e uma dança de roda tradicional do norte do Brasil, cuja origem está ligada aos indígenas de etnia tupinambá. Ao terminar o trabalho, compartilhe os resultados com os colegas e o professor. Depois, guarde um registro no **portfólio**.

### Saiba mais

O portfólio é uma pasta ou caixa em que você deve guardar as suas produções. Ele serve para ajudar a lembrar o que foi estudado nas aulas de arte!

Para começar, vamos criar o figurino para dançar carimbó?

1 Para dançar carimbó, as mulheres costumam usar saias bem rodadas, e os homens, camisas folgadas. Com o professor e os colegas, pesquise na internet alguns exemplos de figurinos usados nessa dança.

2 Depois, siga as instruções do professor para produzir seu figurino.



▶ Dançarinos de carimbó e seus figurinos. Santarém, Pará, 2017.

Agora, que tal aprender a dançar carimbó para preparar uma apresentação?

1 Com os colegas e o professor, escolha um carimbó para dançar. Na internet, é possível encontrar diversas canções para cantar e criar uma coreografia!

2 Para criar a coreografia, organizem-se em pares. A dança começa com os pares posicionados em duas filas, uma de meninos e outra de meninas, de frente uns para os outros.

12

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Juntos, vocês podem pensar em outros passos de dança para inserir na coreografia. Depois que todos estiverem ensaiados, organize com eles um evento na escola para que se apresentem.

### Sugestão de...

#### Site

Acesse a página do carimbó no *site* Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e conheça os materiais elaborados para seu registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, em 2014. Disponível em: <<http://portal.iphane.gov.br/pagina/detalhes/1052>>. Acesso em: 11 dez. 2017.



- 3 Quando a música começar, um dos membros do par convida o outro para a dança. O outro membro aceita o convite e os dois dançam batendo palmas e se aproximando. Com os pares formados, todos começam a dançar girando em torno de si mesmos.
- 4 Após alguns minutos, as duplas formam uma grande roda, ainda com giros e rodopios. Com a roda formada, as duplas continuam girando em torno de si ao mesmo tempo em que a roda gira em sentido horário.
- 5 Depois de alguns giros, os meninos se soltam de seu par e dançam com o corpo curvado para a frente, pisando forte no chão para marcar o ritmo e girando em torno das meninas. As meninas dançam girando e segurando na barra das saias.
- 6 Depois de algum tempo, a menina joga o lenço no chão para o menino pegar com a boca, sem usar as mãos. Esse momento é chamado de “dança do peru” ou “peru de atalaia”. Um par de cada vez vai ao centro da roda, dançando. Quem conseguir pegar o lenço é aplaudido!
- 7 Agora que você já aprendeu a dançar, combine com o professor e os colegas uma data para a apresentação e convide as outras turmas e os profissionais da escola, além de pessoas da comunidade, para participar da festa!



Vimos que a arte pode nos ajudar a valorizar as nossas origens e a compreender melhor a nossa história. Então, será que a arte tem raiz? Nos próximos capítulos, vamos aprender mais sobre música e arte visual para, juntos, conseguir responder a essa pergunta!

13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR11

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar um gênero de expressão musical tradicional, além de criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo, conhecendo e valorizando uma manifestação que faz parte do Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro: o carimbó.

Ao finalizar a abertura da unidade, questione os estudantes sobre o que acham da pergunta “A arte tem raiz?”. Pode ser necessário discutir com eles o significado do termo “raiz” nesse contexto. Pergunte a eles o que acham que o termo significa e se sabem que estamos falando de raízes culturais e ancestrais.

Discuta com a turma a ideia de raízes culturais, fazendo referência à história da formação do Brasil, aos diversos povos que para cá imigraram e, especialmente, aos povos indígenas que já estavam aqui. É importante apontar que as raízes culturais se mostram na permanência das referências, hábitos, crenças e manifestações culturais e artísticas desses povos, que constituem a nossa diversidade cultural.

Apresente para os alunos o título do capítulo 1: “Cantando a memória indígena!”. Em seguida, faça algumas perguntas como: “Do que será que fala esse capítulo?”; “Vocês conhecem alguma canção indígena?”; “Como será que a música pode representar a memória de um povo?”; etc.

Depois, junto com a turma, redija uma lista com tópicos relativos aos conteúdos e às atividades que eles imaginam que serão trabalhados durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada: “A arte tem raiz?”. Abaixo há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que valorizam o patrimônio cultural.
- Descobrir mais sobre as nossas origens culturais e sua relação com a arte.
- Criar uma obra que mostre o que aprendemos sobre música e artes visuais.

## Unidade 1 – Capítulo 1

### Cantando a memória indígena!

Ao iniciar os estudos do capítulo 1, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “A arte tem raiz?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e às atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior, para ninguém perder o fio da meada.

### A música dos Guarani

#### Para iniciar

Este capítulo é inteiramente dedicado à arte e à cultura indígenas. Os alunos vão conhecer o coral de crianças guaranis da aldeia Tenondé Porã, em Parelheiros, São Paulo. Abordamos a música indígena e a valorização das matrizes culturais do Brasil para continuar o trabalho relacionado à questão “A arte tem raiz?”.

Faça a leitura das questões do boxe com os alunos e estimule-os a falar sobre aquilo que conhecem sobre a música indígena. Registre as respostas e volte a elas depois de apresentar o trabalho do coral guarani, para que a turma possa rever as opiniões iniciais e verificar o caminho percorrido.

Peça que observem as imagens das páginas apresentadas e deixem os comentários livremente. Feito isso, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões.

Seria muito importante reproduzir a canção “Xondaro’i” para a turma. Ela pode ser encontrada no CD “Ñande Reko Arandu – Memória viva guarani” e também em endereços na internet, como nesta página do site da Fundação Nacional do Índio (Funai): <[www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas/684-ww](http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas/684-ww)> (Acesso em: 8 nov. 2017). Depois de reproduzir a canção, proponha que os alunos experimentem cantá-la, acompanhando o trecho da letra reproduzido no livro. Pergunte o que eles acharam de tentar cantar em guarani e estimule que compartilhem suas impressões com os colegas.



## Cantando a memória indígena!

### A música dos Guarani

A música pode ser uma forma de valorizar a cultura de um povo? Neste capítulo, vamos conhecer o **coral** das crianças indígenas guarani da aldeia Tenondé Porã, de Parelheiros, em São Paulo. Ao cantar, esses meninos e meninas resgatam a memória dos seus antepassados!

**coral:** conjunto de pessoas que cantam juntas.

#### Para iniciar

1. Você conhece alguma canção indígena? Qual?
2. Por que é importante preservar as tradições culturais?
3. Você concorda que o canto pode ser uma forma de resgatar e de valorizar a cultura de um povo?

Observe a imagem a seguir.



► Coral de crianças guaranis da aldeia Tenondé Porã, Parelheiros, São Paulo, 2011.

Observando a imagem, você conseguiu reconhecer um grupo de crianças indígenas? Que elementos da fotografia você pode citar para justificar essa conclusão? **Resposta pessoal.** Espera-se que os alunos mencionem elementos como as roupas, os adereços e a pintura corporal das crianças.

14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem musical.
- Apreciar manifestações da cultura indígena brasileira.
- Refletir sobre o papel da música em contextos diversos.
- Reconhecer e analisar as características das obras apreciadas.
- Valorizar as matrizes culturais brasileiras.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar a diversidade na produção artística.



▶ Meninos e meninas que compõem o coral da aldeia guarani Tenondé Porã, Parelheiros, São Paulo, 2011.



▶ No repertório do coral da aldeia Tenondé Porã, há canções em português e em guarani. Parelheiros, São Paulo, 2014.

A aldeia Tenondé Porã é formada por mais de cem famílias que, em geral, vivem do comércio de suas produções artísticas. São mais de mil moradores, a maioria crianças de até 6 anos.

Na escola de Tenondé Porã, as crianças aprendem a língua guarani e a língua portuguesa. Já com a comunidade da aldeia, aprendem a preservar as tradições de seu povo, como o canto e a dança.

O coral das crianças entoa, entre outros cânticos, o “Xondaro’i”, uma homenagem aos participantes do *Xondaro*, uma dança guarani que se assemelha às artes marciais e à capoeira.

A seguir, leia a letra dessa canção em guarani, acompanhada da tradução.

### Xondaro’i

Epuâ jevy xondario’i, xondaria’í  
 Jajerojy jajerojy  
 Nhanderu oexa agwâ  
 Nhandexy tenonde  
 Renbiexa meme’î

Levantem-se guardiões e guardiãs  
 Para agradecer e dançar  
 Nosso Pai Supremo  
 Nossa Mãe Suprema  
 Acompanhando tudo  
 Da morada sagrada

Letra da canção “Xondaro’i”. **Ñande Reko Arandu – Memória viva guarani.**  
 Organizado por Timóteo da Silva-Verá Popyguá. MCD, 2001.

O que você achou da letra? Você já tinha visto algum texto escrito em guarani?  
 Resposta pessoal.

- Valorizar a cultura e a arte indígenas.
- Conhecer a produção musical indígena e seus significados.
- Identificar os procedimentos utilizados na música indígena.
- Reconhecer elementos da linguagem musical na produção indígena.
- Conhecer características da cultura e da identidade guaranis.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Produzir música inspirando-se no trabalho apresentado, de forma a se apropriar desses saberes em suas próprias produções.

## Competências deste capítulo

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

## Linguagem

Música.

## Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e caracterizar um gênero de expressão musical de matriz indígena, conhecendo e valorizando uma manifestação cultural imaterial de uma cultura diversa.



## Que obra é essa?

Antes de propor a leitura do texto, faça algumas perguntas para levantar os conhecimentos prévios dos alunos, como: "Vocês costumam ver notícias sobre povos indígenas na televisão?", "Que imagem vocês têm dos povos indígenas em sua memória?", "Sabem como eles vivem, quais são seus costumes, como é seu dia a dia?", "Vocês conhecem arte indígena? Sabem qual a função da arte no contexto cultural e social dos povos indígenas?", "Vocês acham que nossa sociedade reconhece e valoriza a cultura e a arte indígena? Por quê? De que forma?". Registre hipóteses, depoimentos e dúvidas dos alunos, para listar as questões que poderão ser investigadas e respondidas no estudo do capítulo.

Depois, pergunte aos alunos quais canções tradicionais brasileiras eles conhecem. Procure partir das experiências dos próprios estudantes para destacar a importância das canções tradicionais para os Guarani. Esse levantamento do repertório da turma é importante para que os alunos percebam que existem canções que integram um repertório comum a muitas pessoas e fazem parte de nossas raízes culturais.

Promova, então, a leitura do texto, esclarecendo possíveis dúvidas. Intercale a leitura do texto com as imagens presentes na seção. Ressalte o fato de o trabalho do coral preservar uma tradição guarani.

Aproveite para discutir com os alunos as condições de vida dos povos indígenas na sociedade brasileira atual e seus esforços para manter suas culturas.

## Que obra é essa?

A música é uma manifestação muito importante da cultura guarani. Por meio dela, principalmente pelo canto das crianças, os indígenas guaranis acreditam entrar em contato com seus deuses.

De acordo com a tradição guarani, os deuses tocam instrumentos para fazer a Terra existir, e, por isso, as pessoas devem cantar e dançar para honrá-los. Essa crença também diz que, se não cantarem e dançarem, podem colocar em risco a vida de seu povo.

Quando os **jesuítas** chegaram ao Brasil, o canto dos indígenas foi proibido porque as letras de suas canções refletiam uma forma de entender o mundo muito diferente da dos colonizadores europeus.

**jesuíta:** membro de uma ordem religiosa chamada Companhia de Jesus, que veio da Europa para o Brasil na época da colonização.

Atualmente, porém, não só o canto, mas a dança, os rituais e as diferentes manifestações artísticas dos povos indígenas têm sido resgatados por eles para manutenção de sua cultura e afirmação de sua identidade.



► Jovem casal guarani-kaiowá da aldeia Amambai usando pintura e adereços que reafirmam sua identidade, Mato Grosso do Sul, 2012.

16

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Vídeo

Nesta reportagem da TV Brasil, é possível ver cenas do *Xondaro* e depoimentos dos indígenas da aldeia Tenondé Porã sobre essa tradição. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/paratodos/episodio/xondaro-a-danca-dos-indios-guarani>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

### Livro

PACIORNIK, Vitor Flynn. *Xondaro*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo/Editora Elefante, 2016.

O livro retrata, em quadrinhos, um pouco da luta dos Guarani pela conclusão da demarcação de suas terras em São Paulo.

### Leitura complementar

Para conhecer mais sobre o *Xondaro*, sugerimos a leitura do seguinte trabalho:

MENDES, Mara Souza Ribeiro. *Xondaro – Uma etnografia do mito e da dança guarani como linguagens étnicas*. Dissertação (Mestrado). Palhoça: Unisul, 2006.



Com que materiais são feitos os adereços dos jovens na imagem da página anterior? **Penas, sementes e outros materiais naturais como palha e fibras.**

▶ Jovens se preparando para o ritual *Jawari* com pintura corporal feita com jenipapo (cor preta), tabatinga (cor branca) e urucum (cor vermelha), na aldeia Aiha Kalapalo, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, 2016.



O *Xondaro* é um tipo de dança guarani que lembra uma luta. Ao dançar, os participantes precisam de muito equilíbrio para realizar gestos e movimentos inspirados nos animais.

Nessa dança, todos os movimentos são de defesa. Por meio dela, os participantes aprendem a se proteger de possíveis agressões dos animais, seja na floresta ou na aldeia.



▶ Jovens da aldeia Tenondé Porã praticando o *Xondaro*, tipo de dança de origem guarani que se assemelha a uma luta, Parelheiros, São Paulo, 2014.

Na canção “*Xondaro’i*”, cuja letra você conheceu, os antigos guerreiros do *Xondaro* foram homenageados por serem considerados os guardiões da aldeia.

## Texto complementar

### Os Guarani

Os Guarani estão espalhados em vários países da América Latina, como Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina, e são os responsáveis por muitos de nossos costumes e heranças culturais.

Atualmente, vivem no Brasil cerca de 53 mil índios Guarani em sete estados diferentes, divididos em três grupos – Kaiowá, Nandeva e Mbya –, tornando-se a etnia mais numerosa do país. Apesar de pertencer a uma mesma etnia, os Guarani apresentam algumas diferenças em cada tribo, principalmente no que diz respeito aos costumes, ao dialeto e à prática ritual.

Entre as muitas contribuições culturais dos Guarani para a construção de nossa identidade estão os ricos e complexos mitos, que falam sobre suas divindades, o surgimento da Terra e sobre acontecimentos que narram interpretações para conflitos ocorridos durante a ocupação de seu território. Um de seus principais mitos é o das quatro idades: do ouro, da prata, do bronze e do ferro. Para eles, o mundo está em declínio desde a idade do ouro, tornando-se cada vez pior até se desintegrar no caos. No entanto, ele ressurgirá novamente, revalorizado como uma flor, e recomeçará espontaneamente o seu curso.

*Elaborado pelos autores.*

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e caracterizar um gênero de expressão musical de matriz indígena, conhecendo e valorizando uma manifestação cultural imaterial de uma cultura diversa.

## Como a obra foi feita?

Promova a leitura compartilhada do texto com a turma. As informações servem para ampliar a apreciação dos alunos e não devem ser colocadas acima de suas opiniões. Destaque o trecho da entrevista de Timóteo da Silva-Verá Popyguá reproduzido no Livro do Estudante. Pergunte aos estudantes como interpretam a declaração de Timóteo e o que pensam sobre o assunto.

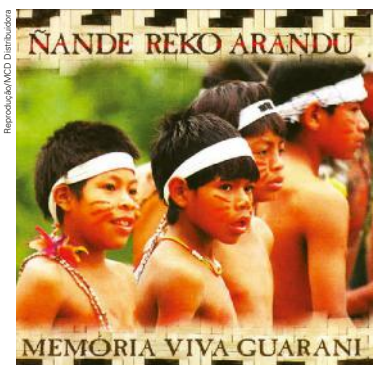
Para estimular os alunos a formular e a emitir opiniões, organize uma roda de conversa e deixe que todos se manifestem livremente. Depois disso, recupere as opiniões deles sobre a relação do canto com a preservação cultural. Nesse momento, aproveite para romper com possíveis estereótipos que os alunos possam ter sobre a cultura indígena e comente que hoje em dia existem aldeias situadas próximas a grandes centros urbanos, por exemplo, e que o modo de vida desses povos sofreu alterações ao longo do tempo.

Essa é uma boa oportunidade para conversar com os estudantes sobre o papel da arte para a cultura indígena. Esclareça que existem índios em várias partes do mundo formando comunidades independentes que se chamam aldeias. Cada aldeia tem seus costumes, crenças e cultura próprios. Mesmo as aldeias indígenas brasileiras são diferentes umas das outras. Ressalte que milhares de aldeias existiam e mantinham sua cultura muito antes da chegada dos colonizadores portugueses.

Essa também é uma oportunidade para conversar com a turma sobre as consequências da escrivização indígena no período do Brasil colonial e sobre a constante luta desses povos para o reconhecimento dos seus direitos e a preservação de sua cultura.

## Como a obra foi feita?

A canção “Xondaro’i”, entoada pelo coral de crianças da aldeia Tenondé Porã, foi registrada no CD **Ñande Reko Arandu – Memória viva guarani**, coletânea organizada pelo indígena guarani Timóteo da Silva-Verá Popyguá.



▶ Capa do CD **Ñande Reko Arandu – Memória viva guarani**, 2001.



▶ O indígena guarani Timóteo da Silva-Verá Popyguá.

Em entrevista para um jornal, Popyguá explicou as razões que o levaram a organizar a coletânea:

Levei dois anos para fazer esse CD, que é para mostrar que nós realmente existimos, porque quando um povo não mantém sua cultura, sua religião ou sua língua, fica completamente perdido.

Extraído de “Memória da cultura guarani ganha registro em álbum”.

**Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 fev. 1999. Ilustrada. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq19029933.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq19029933.htm)>. Acesso em: 8 nov. 2017.

O CD organizado por Timóteo da Silva-Verá Popyguá é resultado de um movimento cultural iniciado pelas aldeias guarani Tenondé Porã, Boa Vista, Ribeirão Silveira e Sapukai com o objetivo de formar corais infantis e recuperar antigos cânticos indígenas, dos quais só alguns poucos idosos se lembravam.

## 18 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Livro

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para os professores*. São Paulo: Contexto, 2011.

O livro é um apoio para o trabalho com a temática indígena na escola.

A iniciativa ganhou o apoio de organizações sociais, que patrocinaram a produção do CD. No encarte que o acompanha, as letras das canções são reproduzidas em guarani e em português, para que todos possam entendê-las.

## Saiba mais

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, estima-se que havia entre 2 e 4 milhões de indígenas habitando o nosso país.

O contato com a cultura europeia e a ocupação das terras indígenas pelos colonizadores resultaram na morte de grande parte dessa população. Desde então, o número de indígenas no Brasil foi reduzido a ponto de se julgar que esses povos poderiam desaparecer.

Entretanto, nas últimas décadas do século XX, indígenas de várias etnias têm se organizado para lutar pelo direito a suas terras e à preservação dos seus costumes e de seu modo de vida. Essa luta não terminou, mas já rendeu bons resultados, e trouxe ainda uma novidade: depois de séculos diminuindo, a população indígena voltou a crescer!

Atualmente, há cerca de 900 mil indígenas no Brasil, distribuídos por todo o território. O maior número deles vive nas regiões Norte e Centro-Oeste.

### Sugestão de...

#### Filme

Assista ao filme **Tainá – Uma aventura na Amazônia** (com direção de Tânia Lamarca e Sérgio Bloch, lançado em 2000) para se divertir com as aventuras da menina e conhecer um pouco do modo de vida de alguns povos indígenas do Brasil.



#### Site

No *site* do Censo 2010, há um mapa interativo no qual você pode ver a localização e conhecer mais sobre cada uma das etnias indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

## Arte e Geografia

Não é só a arte que se dedica a pesquisar e divulgar as culturas indígenas brasileiras. A Geografia também estuda as diferenças étnico-culturais entre os povos e as desigualdades sociais estabelecidas ao longo do tempo.

A arte, sem dúvida, pode ser um importante meio para valorizar e preservar as culturas das diferentes etnias indígenas. Assim, é fundamental conhecer e apreciar as diversas formas de arte desses povos!

### CAPÍTULO 1 19

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Arte e Geografia

Aproveite o box **Arte e Geografia** para retomar a pergunta “A arte tem raiz?”, questionando os alunos sobre como uma produção ou manifestação artística pode revelar as raízes culturais de um povo e da região onde vive.

Quando trabalhamos a interdisciplinaridade, um aspecto importante é mostrar similaridades e diálogos entre procedimentos ou objetos de estudos. Neste capítulo, estamos estudando a música e também as tradições indígenas, seus valores e costumes.

Muitos elementos, como a língua que falam e os rituais que praticam, são típicos de povos e aldeias de determinadas regiões. O mapeamento de territórios e regiões pode ser uma forma de conversar com os alunos sobre pontos de encontro entre a Geografia e a Arte.

### Sugestão de atividade complementar

Organize os alunos em grupos de quatro ou cinco integrantes e peça que cada um pesquise sobre uma etnia indígena brasileira. Faça um levantamento de quais grupos indígenas seus alunos já ouviram falar. Pergunte quais elementos da herança indígena estão presentes em nossa língua, na alimentação, etc.

Você pode levantar com os alunos quais aspectos despertam maior interesse (tais como: lendas, vestuário, danças, etc.) e focar a investigação nas características eleitas coletivamente. Alerta os alunos para que não utilizem imagens estereotipadas e pouco informativas.

Reúna a turma para a apresentação das pesquisas. Projete ou pendure um mapa do Brasil na parede e, com fitas adesivas coloridas, à medida que os grupos apresentam as etnias que pesquisaram, marque no mapa as regiões onde vivem.

### A BNCC nestas páginas

#### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

#### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

#### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar e caracterizar um gênero de expressão musical de matriz indígena, conhecendo e valorizando uma manifestação cultural imaterial de uma cultura diversa.



## Música indígena

### A voz e o canto

A voz pode ser considerada um dos mais dinâmicos e ecléticos instrumentos musicais que existem. Ela depende do funcionamento de nosso aparelho fonador, um conjunto de órgãos responsável pela emissão da voz que é formado por pulmão, traqueia, laringe, boca e nariz.

Como qualquer outro som, as vozes humanas são caracterizadas por propriedades como timbre, altura, intensidade e duração. Sobre essas propriedades que definem a voz humana, o timbre, por exemplo, é a assinatura da voz: o que a diferencia e dá sua identidade sonora. Em outras palavras, é o som próprio da voz de uma pessoa.

O timbre vocal é influenciado por fatores genéticos, étnicos, de clima, de desenvolvimento e, é claro, pelos cuidados que tomamos para preservar nossa voz. Algumas expressões que usamos para definir um timbre de voz são suave, aveludada, áspera, forte ou rouca, por exemplo.

Tecnicamente falando, o timbre é uma característica acústica da fala e do canto, determinada pela vibração da laringe em conjunto com as pregas vocais e impulsionada pela passagem do ar e pelas articulações de diversas cavidades anatômicas, como a boca, a traqueia e a garganta.

O timbre da voz humana varia de acordo com o formato dessas cavidades, que ressoam as vibrações das pregas vocais. Além disso, o som e as características de nossas vozes também são influenciados pela maneira como utilizamos nosso aparelhamento vocal, como a quantidade de ar que emitimos ao cantar, a velocidade e a força com as quais fazemos isso, a tensão na garganta e na laringe, a maneira de projetar o som pelas cavidades e até mesmo a forma de abrir a boca e de movimentar a língua.

O fôlego, a capacidade pulmonar e a forma de respirar são aspectos muito importantes para o canto. Existem técnicas de controle da respiração e da emissão de ar e da utilização do pulmão e

## Música indígena

### A voz e o canto

O coral da aldeia Tenondé Porã é formado por meninos e meninas como você. Ao cantar, eles resgatam e valorizam a cultura e as tradições do seu povo usando um único instrumento: a própria voz!

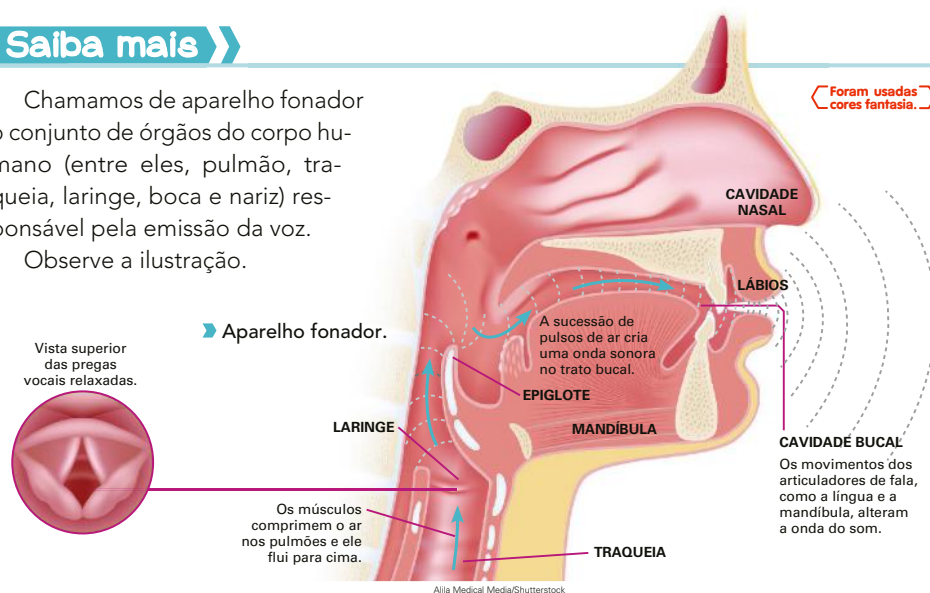
Assim como todo som, a voz humana tem características particulares de timbre, altura, intensidade e duração. Com alguns exercícios, podemos aprender a controlar o aparelho fonador e modificar a voz.

Você sabe o que é o aparelho fonador?

### Saiba mais

Chamamos de aparelho fonador o conjunto de órgãos do corpo humano (entre eles, pulmão, traqueia, laringe, boca e nariz) responsável pela emissão da voz.

Observe a ilustração.



Todo mundo pode cantar, pois essa é uma forma de expressão, um meio de comunicação e, para muitos, até uma atitude de libertação! No entanto, quando alguém se propõe a aprimorar o canto, precisa desenvolver algumas qualidades especiais da voz. Vamos conhecê-las?

- A **afinação** é a emissão de um ou mais sons em sua altura exata, ou seja, grave ou agudo, conforme indicado na composição criada por um músico. Ela está relacionada ao controle das pregas vocais, que se alongam ou se encurtam para produzir diferentes alturas – isso somado à percepção auditiva que as reconhece.

20

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

do diafragma que são fundamentais para que o cantor tenha controle da duração das notas e de sua intensidade, ou seja, do tempo e da força com as quais as notas permanecem soando.

Não só as notas longas, mas também as muito agudas ou muito graves exigem muito ar e um controle preciso da respiração para

soarem limpas e afinadas. Cantar suavemente também exige técnica e treinamento, pois um cantor pode desafinar ao cantar com suavidade, devido à dificuldade de controlar o canto com pouco ar. A quantidade de ar, além de alterar o volume da voz, também se relaciona à altura em que as notas são cantadas (mais agudas ou mais graves).



- A **tonicidade** é a energia necessária para cantar. O alcance da voz está sempre relacionado a essa energia.

Para obter essas qualidades da voz, além de conhecer as possibilidades do próprio corpo e do aparelho fonador, é necessário exercitar os músculos envolvidos nessa ação por meio de técnicas específicas.

## Atividade prática

Que tal participar de jogos musicais?

- Para começar, vamos prestar atenção à ressonância do som dentro de nossa cabeça? Siga os passos.

- 1 Com os colegas, escolha uma música que seja conhecida por todos.
- 2 Em seguida, vocês vão cantá-la usando apenas a sílaba “nu”.
- 3 Depois de cantar, reflita sobre como essa música soou para você: o som ecoou na frente, em cima ou atrás de seu rosto?



Eduardo Simões/Arquivo da Editora

- Quem quer jogar o jogo do círculo? É assim:

- 1 Todos se sentam em círculo.
- 2 Um dos participantes vai até o centro da roda e quica uma bola no chão, como se estivesse jogando basquete, enquanto canta “Esta é a minha bola, vou passá-la para mim”.
- 3 Depois de um tempo, que não deve ultrapassar um minuto, o jogador passa a bola de surpresa para um colega escolhido aleatoriamente, alterando o final da canção para: “Esta é a minha bola, vou passá-la para [o nome de quem vai receber a bola]”.
- 4 Quem receber a bola deve ir para o centro da roda e repetir o procedimento, escolhendo outro colega para receber a bola e assim sucessivamente, até que todos tenham participado.
- 5 Se algum jogador não conseguir pegar a bola de primeira, não há problema. Ele busca a bola e vai para o centro da roda!

### Material necessário

- uma bola

## Atividade prática

Entre as atividades práticas sugeridas neste capítulo há exercícios vocais e rítmicos, jogos e canto coletivo. Antes de iniciar as atividades, peça aos alunos que afastem as mesas e as cadeiras para o fundo da sala e formem uma roda ou um semicírculo no meio. Se possível, faça as atividades ao ar livre, no pátio ou em uma quadra. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Leia os comandos do Livro do Estudante com calma e tranquilidade e combine com a turma alguns procedimentos, como levantar a mão direita para interromper o exercício, se for necessário. Verifique se alguém ficou com alguma dúvida, antes de iniciá-los.

Para realizar a atividade que trabalha a ressonância do som dentro da cabeça, dê exemplos de canções e cantigas tradicionais que todos conheçam, como “Peixe vivo”. Depois, em roda, peça a eles que descrevam o que sentiram ao cantar. Ressalte o fato de nossa cabeça funcionar como uma caixa de ressonância, o que faz com que o som reverbere dentro dela.

Antes de iniciar o jogo do círculo, você vai precisar de uma bola, de plástico ou de basquete, que quique com facilidade. Durante o jogo, cada aluno vai cantar sozinho, mas a atenção dele estará voltada para a bola, o que pode fazer com que se sinta mais livre para cantar, sem se preocupar com a afinação. Incentive os estudantes a cantar à sua maneira. Esse é um excelente recurso para ajudar a turma a superar a timidez e soltar a voz.

## A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de perceber e explorar elementos constitutivos da música no canto, por meio de jogos musicais.

## Sugestão de atividade complementar

Explique para a turma que, antes de cantar, é comum fazer exercícios de relaxamento muscular e de aquecimento da voz. Você pode propor aos alunos que vibrem os lábios durante um tempo, emitindo o som “Brrrrrrrrrrrrrrrrrr...”, com pouco volume, pouca projeção e em uma afinação bem grave (som basal); que vibrem a língua durante um tempo, emitindo o som “Trrrrrrrrrrrrrrrrrr...”, também com pouco volume, pouca projeção e em som basal; que bebam água em temperatura ambiente, pois o movimento da deglutição (de engolir), assim como o do bocejo, relaxa a musculatura da laringe; e que mantenham a voz em repouso, permanecendo por cerca de vinte minutos sem falar.

## Canto e ritual

Proponha a alguns alunos que se revezem na leitura em voz alta do texto, enquanto o restante da turma acompanha por meio da leitura silenciosa. Oriente-os a pedir pausas sempre que necessário, seja para esclarecer dúvidas, seja para manifestar uma opinião.

Converse com os alunos sobre os povos indígenas, perguntando, por exemplo: “Vocês têm alguma ascendência indígena?”; “O que conhecem sobre as culturas indígenas?”; “Vocês sabem de alguma tradição ou hábito indígena que tenha sido incorporado por todos nós?”; “Quais dos povos indígenas mencionados no texto vocês conhecem?”, etc.

Se houver algum aluno indígena na sua sala, aproveite para pedir que ele compartilhe suas experiências. Ressalte que na cultura e na tradição brasileiras há muito da cultura indígena, o que se pode observar na língua, na culinária, nas artes e nos hábitos, por exemplo.

## Características do canto indígena

Seria muito importante que os alunos pudessem ouvir exemplos de canto indígena para perceber as características mencionadas. No site da Funai, há uma página que lista coletâneas de músicas e canções indígenas. Lá, é possível ouvir algumas faixas de cada CD. Sugerimos que você selecione algumas delas para reproduzir para os alunos. Disponível em: <[www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas](http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas)>. Acesso em: 9 nov. 2017.

## Canto e ritual

Pessoas de todas as idades e de todos os lugares do mundo cantam nas mais diversas ocasiões. A maneira como cantam e as razões que as levam a cantar podem ter relação com suas tradições, suas crenças e seu modo de viver. Ou seja, cantar é uma das maneiras de expressar sua cultura.

Entre os indígenas isso não é diferente. É por meio do canto, da música e da dança, entre outras manifestações, que povos como os Pataxó, Munduruku,

Bororo, Kalapalo, Barasana, Yanomami, Xavante, Guarani, Karajá, Krahô, Terena, Ticuna, Kaingang, Krenak, entre tantos outros, mantêm vivas suas tradições culturais no território brasileiro.



Edison Sato/Pulsar Imagens

► Mulheres guaranis-kaiowás entoam cânticos em cerimônia religiosa durante a Semana dos Povos Indígenas na aldeia Amambai, Mato Grosso do Sul, 2013.



Luciana Zanardi/Pulsar Imagens

► O povo indígena Yawalapiti, que vive na porção sul do Parque Indígena do Xingu, em Mato Grosso, celebra o *Kuarup*, uma das cerimônias mais importantes entre os povos dessa região. No ritual, homens e mulheres cantam e dançam para prestar homenagem aos mortos, 2016.

## Características do canto indígena

Há muitas características comuns que podem ser observadas na maneira de cantar dos diversos povos indígenas brasileiros. Vamos conhecer algumas delas? Geralmente, os cantos indígenas apresentam:

- Melodias que se repetem por muito tempo, chamadas de melodias cíclicas, e que não possuem grande variação de altura.

22

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Arte indígena

A concepção moderna de arte tem sua origem no século XV, fruto de um processo histórico que resultou em mudanças econômicas, sociais e culturais na Europa. No século XVIII, acompanhando a escala do capitalismo, começa-se a diferenciar o artista do artesão e a se caracterizar “as belas artes” como uma atividade autônoma.

Essa maneira de perceber a arte será substituída no século XIX, quando são introduzidas as ideias relacionadas à arte que perduram até hoje em nosso imaginário, tais como originalidade, imaginação criadora, expressão, simbolismo, gênio artístico, emoção e sentimento.

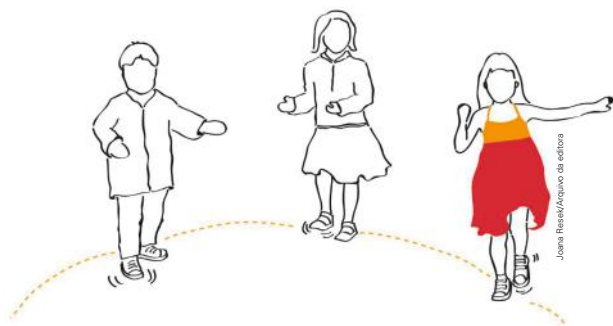
Nos séculos XX e XXI, embora essas ideias ainda tenham força, novas tendências artísticas têm alterado o modo como entendemos a arte, substituindo concepções como o individual

- Marcação sistemática do pulso ou do tempo da música, realizada com os pés e também com maracas e outros instrumentos.
- Timbre de voz anasalado (em geral, em razão do som de algumas línguas indígenas).

## Atividade prática

Vamos cantar juntos?

- 1 Todos devem ficar em pé e formar um grande círculo.
- 2 Comece marcando o ritmo com os pés, sem sair do lugar. Pise forte, como em uma marcha, e conte mentalmente: 1, 2, 3, 4; 1, 2, 3, 4; 1, 2, 3, 4; ...



- 3 Quando todos estiverem no mesmo ritmo, você e os colegas deverão repetir juntos os seguintes versos, sem parar de marchar:

Tu pi tu pi	Tatuapé
Tu pi tu pi	Tatuapé
Tu pi tu pi	quem sabe o que é que é?
Tu pi tu pi	caminho
Butantã	do
Tremembé	Tatu
Tatuapé	Tu tu tu tu

Trecho adaptado de Hélio Ziskind. "Tu tu tu tupi". Extraído de: <http://www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=08.00.00&nfo=3&leta=T>. Acesso em: 9 nov. 2017.

## Atividade prática

Durante a atividade proposta, com a repetição dos versos, a melodia vai surgir pela própria pronúncia das palavras. Depois de vivenciarem a experiência, ressalte para os alunos que essa canção apresenta algumas qualidades das músicas indígenas brasileiras: melodia cíclica e sem variação de altura, marcação sistemática do pulso feita com os pés e timbre de voz anasalado.

Se tiver oportunidade, mostre para os alunos um vídeo da composição original de Hélio Ziskind, que pode ser encontrado no endereço: [http://tvcultura.com.br/videos/43693\\_tu-tu-tu-tupi-helio-ziskind-e-a-turma-do-cocorico.html](http://tvcultura.com.br/videos/43693_tu-tu-tu-tupi-helio-ziskind-e-a-turma-do-cocorico.html). Acesso em: 24 nov. 2017.

Veja também a letra completa da canção no site do artista: <http://www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=08.00.00&nfo=3&letra=T>. Acesso em: 24 nov. 2017.

## A BNCC nestas páginas

### Contexto e práticas

**BNCC** EF15AR13

### Elementos da linguagem

**BNCC** EF15AR14

### Materialidades

**BNCC** EF15AR15

### Matrizes estéticas culturais

**BNCC** EF15AR24

Neste momento, os alunos poderão conhecer e caracterizar músicas e canções indígenas, percebendo e explorando elementos constitutivos da música e também as fontes sonoras existentes no próprio corpo.

lismo do artista pela criação coletiva. Dessa maneira, passamos a ver as obras de arte não mais como fruto excepcional de um gênio, mas como produto das condições materiais e culturais de cada sociedade.

Essa concepção de arte facilita a aproximação e a compreensão do panorama da arte indígena, que deve ser entendida como uma forma de arte como qualquer outra e não apenas reduzida à categoria de "artesanato", desprovida de criatividade ou valor.

Como afirma Lux Vidal, na apresentação do livro **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética** (2007, p. 13):

O homem ocidental tende a julgar as artes dos povos indígenas como se pertencessem à ordem estática de um Éden perdido. Dessa forma, deixa de captar, usufruir e incluir no contexto das artes contemporâneas, em pé de igualdade, manifestações estéticas de grande beleza e profundo significado humano.

*Elaborado pelos autores.*

## Instrumentos musicais indígenas

Promova a leitura compartilhada do texto com a turma. Intercale a leitura do texto e das imagens e oriente os alunos a compartilharem dúvidas e opiniões. Lembremos que as informações servem para ampliar a apreciação dos estudantes e não devem ser colocadas acima de suas opiniões.

Explore as imagens com os alunos e instigue-os a descrever ou imitar com a voz o som dos instrumentos que conhecem e a levantar hipóteses sobre o som dos instrumentos que não conhecem. Pergunte, por exemplo: “Como vocês imaginam que é o som desse instrumento?”; “Ele se parece com algum som da natureza?”; “Esse som se parece com o de algum instrumento que vocês conhecem? Qual?”.

Seria importante reproduzir para a turma alguns exemplos dos sons dos instrumentos apresentados. Esse tipo de áudio pode ser encontrado na internet ou em CDs ou DVDs. Procure pesquisar e separar esses materiais com antecedência.

### A BNCC nestas páginas

#### Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

#### Materialidades

BNCC EF15AR15

#### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os alunos serão apresentados a alguns instrumentos musicais indígenas, reconhecendo suas características a fim de caracterizar a música de matriz cultural indígena.

## Instrumentos musicais indígenas

Como vimos, no canto indígena os pés podem ser usados para marcar o pulso. Além do próprio corpo, esses povos usam instrumentos característicos para fazer música. Em geral, eles são construídos com materiais extraídos da natureza, como couro de animais, madeiras, sementes e fibras, e decorados com grafismos.

Conheça alguns desses instrumentos.

### Chocalho

O chocalho é um instrumento de percussão feito de cabaça ou palha, com sementes, conchas, contas ou grãos em seu interior. O som se parece com o chacoalhar do rabo de uma cobra cascavel.

As imagens não estão representadas em proporção.



Fabio Colubini/Arquivo do fotógrafo



Fabio Colubini/Arquivo do fotógrafo

### Pau de chuva

Instrumento de percussão que lembra um chocalho, com a diferença de que o pau de chuva é um longo tubo fechado de madeira, perfurado por madeirinhas que atravessam seu diâmetro. Quando o viramos, as sementes, os grãos ou as contas que estão dentro dele batem nas madeirinhas, produzindo um som muito característico, que lembra a chuva.

### Tambor

O tambor é outro instrumento de percussão. Ele pode ser feito de madeira, cabaça, borracha e couro. O som se parece com grandes gotas de chuva caindo em folhas largas de palmeira. Você consegue imaginar como é esse som?



Fabio Colubini/Arquivo do fotógrafo

24

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de atividade complementar

### Xilofone de garrafas

Material necessário: várias garrafas de vidro de tamanhos iguais (quanto mais garrafas, maior a variedade de sons); água; um funil; anilina ou tinta guache de várias cores; uma vareta de madeira ou uma colher de pau.

Divida a turma em grupos de cinco alunos. O primeiro passo é reconhecer o som que pode surgir das garrafas. Peça

que encham uma garrafa de água e deixem outra vazia. Com a vareta de madeira ou a colher de pau, eles devem bater em uma garrafa de cada vez. Verifique se eles conseguem perceber a diferença dos sons: a garrafa vazia produz um som mais alto, ou agudo, e a cheia de água um som mais baixo, ou grave. Explique que a quantidade de água dentro da garrafa determina a altura do som.



## Flauta e apito

Feitos de madeira, a flauta e o apito são instrumentos de sopro que executam uma variedade de sons, que podem se parecer com o suave assobio do vento ou até com o estridente canto dos grandes pássaros.



## Zunidor

Outro instrumento de percussão é o zunidor, que é feito de madeira e cujo som se parece com o das folhas se revirando com o vento forte. Como você acha que é esse som?

Você já conhecia alguns desses instrumentos?

As imagens não estão representadas em proporção.



Foto: Colman/Acervo de Imagens

## Saiba mais

Além dos instrumentos tradicionalmente utilizados pelos indígenas que vivem no Brasil, como o chocalho, o pau de chuva, o tambor e a flauta, os Guarani da aldeia Tenondé Porã também usam o violão (mbaraká) e a rabeca (ravé) em suas composições musicais. Os sons desses instrumentos podem ser ouvidos nas canções que integram a coletânea **Ñande Reko Arandu – Memória viva guarani**, que você conheceu no início do capítulo.

▶ Violão e rabeca usados pelos Guarani na aldeia Tenondé Porã, Parelheiros, São Paulo, 2014.



Foto: Colman/Acervo de Imagens

## Texto complementar

### Instrumentos indígenas e sons da natureza

A música sempre esteve presente no cotidiano dos povos indígenas, seja nos momentos de lazer, seja nos festejos ou rituais religiosos. Sons da natureza, como o cantar dos pássaros ou os ruídos dos animais silvestres, costumam ter muita influência nas manifestações musicais desses povos.

Uma parte essencial da música indígena são os instrumentos musicais. Cada povo possui instrumentos próprios, que são produzidos e utilizados de maneiras diferentes pelas diversas comunidades. Entre os povos indígenas brasileiros, predominam os instrumentos de percussão e de sopro.

Os instrumentos de percussão são aqueles que produzem som por meio de pancadas sobre a superfície ou pelo atrito. Nessa categoria podem ser incluídos os tambores, os bastões de ritmo, os reco-recos e os chocalhos. O próprio corpo humano também pode entrar nessa classificação, pela utilização dos pés e das mãos principalmente.

Os instrumentos de sopro, como os pios, os apitos e as flautas, produzem som pela introdução de ar em tubos e cavidades. Podem ser feitos de folhas retorcidas, frutos, troncos, bambus, ossos e chifres de animais.

*Elaborado pelos autores.*

Em seguida, cada grupo deve dispor as garrafas uma ao lado da outra e, utilizando o funil, colocar quantidades diferentes de água em cada uma, formando uma sequência: a garrafa mais vazia à direita e a mais cheia à esquerda.

O próximo passo é tingir a água de cada garrafa com uma cor diferente, misturando anilina ou um pouco de tinta guache. O xilofone está pronto!

Peça aos alunos que, com cuidado, toquem as garrafas usando a vareta de madeira ou a colher de pau. Chame a atenção para os diferentes sons que saem de cada uma delas. Essa também é uma boa oportunidade para trabalhar o conceito de melodia.

## Outros trabalhos dos Guarani

Ao realizar a leitura, questione os alunos sobre as produções artísticas indígenas apresentadas. Pergunte quais eles já conheciam e levante aquilo que sabem sobre cada uma delas. É importante que os alunos percebam que a arte indígena é ampla e variada e pode tomar forma em diferentes produções.

Se julgar conveniente e houver interesse dos alunos, proponha uma pesquisa mais aprofundada sobre essas e outras produções dos Guarani ou de outros povos indígenas.

Esta é uma boa oportunidade para discutir com a turma as contribuições dos povos indígenas para a arte hoje em dia. O texto complementar reproduzido a seguir pode subsidiar essa problematização.

## Outros trabalhos dos Guarani

A música e a dança não são as únicas manifestações artísticas dos indígenas guaranis. Esse povo possui uma vasta produção artística, que inclui desde pintura corporal a esculturas realizadas com elementos da natureza.

Observe as fotos a seguir para conhecer algumas dessas produções.



► Escultura de madeira dos indígenas guaranis-mbyas da aldeia de Tenondé Porã, São Paulo, 2011. Geralmente, os homens fazem as esculturas e as mulheres as comercializam.

As imagens não estão representadas em proporção.



► Colar produzido com sementes de plantas pelos indígenas guaranis-mbyas da aldeia Tenondé Porã, São Paulo, 2012.



► Cestaria produzida com cipó-imbé e fibras de taquara pelo povo guarani-mbya da aldeia Tenondé Porã, São Paulo, 2012.

26

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### O conceito de arte e os índios

Arte é uma categoria criada pelo homem ocidental. E, mesmo no Ocidente, o que deve ou não deve ser considerado arte está longe de ser um consenso. O que não dizer da aplicação desse termo em manifestações plásticas de povos que nem ao menos possuem palavra correspondente em suas respectivas línguas?

O assunto é complexo e, a despeito da inadequação do termo, muitas obras indígenas têm impactado a sensibilidade e/ou a curiosi-

dade do “homem branco” desde o século XVI, época em que os europeus aportaram nas terras habitadas pelos ameríndios. Nesse período, objetos confeccionados por esses povos eram colecionados por reis e nobres como espécimes “raros” de culturas “exóticas” e “longínquas”.

Até hoje, uma certa concepção museológica dos artefatos indígenas continua a vigorar no senso comum. Para muitos, essas obras constituem “artesanato”, considerado uma arte menor, cujo artesão apenas repete o mesmo padrão tradicional sem criar nada novo. Tal perspectiva desconsidera que a produção não paira acima do tempo e da dinâmica cultural.



## Sobre os Guarani

Os Guarani representam uma das maiores etnias indígenas das Américas. No Brasil, sua população é de cerca de setenta mil pessoas. Como outros povos indígenas que vivem em território brasileiro, entre eles os Araweté, os Tapirapé e os Suruí, os Guarani são falantes de uma das línguas da família tupi-guarani.

Na época da chegada dos europeus ao continente sul-americano, todo o litoral atlântico era ocupado por povos indígenas, a maioria da família linguística tupi-guarani. Por causa dessa localização, eles foram os primeiros habitantes das terras colonizadas a ter contato com os estrangeiros e a sofrer as consequências dessa ocupação, como o contato com doenças trazidas pelos europeus, o trabalho forçado, a escravidão e a morte de milhões de indígenas. Apesar de todas essas consequências negativas, é importante ressaltar que também houve trocas culturais entre esses povos.



► Jovem guarani-kaiowá da aldeia Amambai, Mato Grosso do Sul, 2012.

### Sugestão de...

#### Site

Para conhecer um pouco mais sobre os povos indígenas que vivem no Brasil, visite o *site* Povos Indígenas no Brasil Mirim. Disponível em: <<https://mirim.org>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

## Assim também aprendo

- ✍️ O que você achou dos trabalhos artísticos dos Guarani? Em um texto individual conte por que gostou ou não das produções apresentadas.

## Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta na seção e auxiliar os alunos na avaliação das aprendizagens sobre o tema, proponha aos estudantes a criação individual de um texto crítico sobre o trabalho do coral da aldeia Tenondé Porã. Antes, retome as etapas que os estudantes devem seguir para construir esse tipo de texto:

- Identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra e escrever sobre isso.
  - Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
  - Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.
- Em seguida, registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma. Depois, peça que os estudantes guardem no portfólio uma cópia do texto produzido.

## ▶ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas de artes visuais indígenas, reconhecendo a influência dessa matriz cultural em outras produções e valorizando o patrimônio estético e cultural desses povos.

Ademais, a plasticidade das obras resulta da confluência de concepções e inquietações coletivas e individuais, apesar de não privilegiar este último aspecto, como ocorre na arte ocidental. Confeccionados para uso cotidiano ou ritual, a produção de elementos decorativos não é indiscriminada, podendo haver restrições de acordo com categorias de sexo, idade e posição social. Exige ainda conhecimentos específicos acerca dos materiais empregados, das ocasiões adequadas para a produção, etc.

As formas de manipular pigmentos, plumas, fibras vegetais, argila, madeira, pedra e outros materiais conferem singularidade à produ-

ção ameríndia, diferenciando-a da arte ocidental, assim como da produção africana ou asiática. Entretanto, não se trata de uma “arte indígena”, e sim de “artes indígenas”, já que cada povo possui particularidades na sua maneira de se expressar e de conferir sentido às suas produções.

[...]

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas no Brasil*. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/artes>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

## Ampliando o repertório cultural

### Jaider Esbell

Faça a leitura coletiva do texto e peça aos alunos que observem as imagens e compartilhem suas impressões sobre as obras de Jaider Esbell, artista que, em 2017, ganhou o prêmio PIPA de artes visuais, que estimula e divulga a produção de arte contemporânea no Brasil. Aproveite para estabelecer relações com a pergunta “A arte tem raiz?”. Chame a atenção para os elementos e as temáticas da arte e da cultura indígenas que aparecem em suas obras: “Que imagens as obras mostram?”, “Que tipo de desenho, linhas e formas, cores e texturas o artista utiliza?”, “Vocês reconhecem semelhanças e diferenças com a produção de arte indígena que vimos na seção anterior?”. Converse com os alunos sobre as raízes da produção de Jaider Esbell: “De que maneira ele apresenta a cultura e a arte indígenas em suas pinturas?”.

A apreciação das obras de Jaider Esbell é um bom momento para discutir com os alunos sobre a contribuição dos povos indígenas para a arte atualmente. Ressalte que a produção indígena não está presa a um passado longínquo: ela resiste em manifestações tradicionais e contemporâneas, coletivas e individuais.

### Da-ño're

O *Da-ño're* é uma manifestação de canto e dança que faz parte de uma tradição esportiva muito apreciada pelos membros das aldeias xavantes situadas no leste de Mato Grosso: as *Uiwede*, ou corridas de revezamento com toras de buriti. Comente com os alunos que, nessas corridas, os participantes exibem duas qualidades muito importantes para o tradicional estilo de vida xavante: a força e a resistência física.

Na *Uiwede*, dois grupos ou times disputam entre si. Cada participante percorre trechos curtos, esforçando-se ao máximo para carregar sobre os ombros uma enorme e pesada tora de buriti.

Quando o participante se cansa, passa a tora a outro integrante do grupo. Destaque o caráter coletivo da *Uiwede*: apenas adultos podem transportar as toras, mas todos os

integrantes da comunidade acompanham as corridas, o que as transforma em eventos animados e divertidos. Depois que a corrida acaba, com a volta dos competidores para a aldeia, todos se posicionam em roda e, juntos, cantam e dançam. É o momento do *Da-ño're*. As formas circulares têm uma simbologia importante na cultura xavante. Para esse povo, o círculo representa a coletividade.

Explique aos alunos que a organização dos grupos no *Da-ño're* expressa o modo como os

Xavante compreendem o mundo, a natureza, a sociedade e o cosmo: compostos de duas metades opostas e complementares.

Comente que existem momentos do *Da-ño're* em que as mulheres também participam, apesar de não usar brincos e, por isso, não compor cantos. Essa é a atividade coletiva mais importante da aldeia xavante, assim todos os seus integrantes se reúnem para admirar o ritual.

É importante discutir com os alunos o papel dos rituais na preservação dos valores ancestrais

## Ampliando o repertório cultural

### Jaider Esbell

Jaider Esbell, indígena da etnia macuxi, é um artista contemporâneo que se expressa por meio de uma técnica tradicionalmente não explorada pelos povos indígenas brasileiros: a pintura em tela.

Nascido na cidade de Normandia, em Roraima, viveu até os 18 anos na área que hoje compreende a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no extremo norte brasileiro.



► **Pata Ewa'n – O coração do mundo**, de Jaider Esbell, 2016 (acrílica sobre tela, 230 cm x 250 cm).



► O artista indígena Jaider Esbell, em foto de 2015.



► **A árvore de todos os saberes**, de Jaider Esbell, 2013 (acrílica sobre tela, 230 cm x 250 cm).

### Sugestão de...

#### Site

Visite o *site* oficial de Jaider Esbell para conhecer melhor o trabalho do artista. Disponível em: <[www.jaideresbell.com.br](http://www.jaideresbell.com.br)>. Acesso em: 9 nov. 2017.



## Da-ño're

O *Da-ño're* é uma manifestação coletiva dos Xavante, povo indígena brasileiro que habita o leste de Mato Grosso. Tradicionalmente, ela ocorre no ritual de encerramento da *Uiwede*, uma corrida de revezamento com pesadas toras de **buriti**, disputada por dois grupos compostos de homens e meninos de gerações diferentes, que representam os clãs da aldeia.

**buriti:**  
nome de uma espécie de palmeira e, também, do fruto dessa árvore.

Quando os integrantes dos dois grupos se posicionam nas extremidades de um semicírculo, ao longo do qual as casas da aldeia estão dispostas, a dança e o canto começam. Em seguida, os grupos tomam direções contrárias e continuam a cantar e a dançar diante de algumas casas.

No fim da cerimônia, os integrantes dos dois grupos formam um grande círculo e cantam juntos para marcar o ritmo. Olhando para baixo, batem e arrastam os pés na mesma direção, fazendo a roda girar.

O *Da-ño're* é uma *performance* tipicamente masculina. Os Xavante acreditam que os homens iniciados recebem de seus ancestrais, em sonhos, os cantos que são entoados durante a cerimônia. Para ser capaz de sonhar um canto *Da-ño're*, um homem xavante precisa usar brincos especiais, que, segundo sua crença, foram criados pelos ancestrais para transmiti-lo.

Quando são iniciados, os jovens recebem seus primeiros brincos, que serão trocados por outros maiores à medida que crescem. Esses objetos, portanto, não são um simples adorno, mas parte da identidade do povo xavante.



Robe Guadagnini/Studio R

▶ Indígena usando brinco. Aldeia xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2016.



▶ No ritual *Da-ño're*, a grande roda simboliza a união do povo xavante. Aldeia xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso, 2002.

▶ CAPÍTULO 1 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

de uma cultura. A *Uiwede* e o *Da-ño're* estão ligados às antigas formas de organização da comunidade indígena e aos desafios de passagem para a vida adulta, além de manter os elos entre os membros da comunidade. Provavelmente, os alunos conhecem outras formas de manter vivas as tradições e os valores de uma cultura, como festas, folguedos, canções e histórias tradicionais. Converse com eles sobre outros modos de se preservar as tradições. Suas contribuições podem ajudar a contextualizar a arte do povo xavante.

## Sugestão de atividade complementar

Proponha aos alunos que busquem na internet informações sobre os Xavante e suas tradições musicais. A partir desse exemplo, estimule os estudantes a procurar informações sobre manifestações musicais de outros povos indígenas. Quando todos os grupos tiverem concluído suas buscas, incentive as comparações entre o canto e a dança dos povos pesquisados e o que foi visto sobre as práticas musicais dos Guarani. Para isso, pergunte, por exemplo: "Vocês percebem semelhanças e diferenças entre as manifestações musicais que pesquisaram e as do povo Guarani? Quais?"; "Quais características do canto indígena podem ser reconhecidas nas manifestações pesquisadas?"; "Na opinião de vocês, o canto e a dança podem contribuir para preservar ou transformar a cultura de um povo? Por quê?"; "É importante valorizar as diversas culturas que formam nossa identidade cultural? Por quê?". Estimule os estudantes a se manifestar livremente. Ao mediar a conversa, procure destacar que o conhecimento das culturas indígenas contribui para combater as atitudes de preconceito em relação a elas, que persistem em nossa sociedade desde os tempos da dominação colonial.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar as obras de um artista visual indígena e conhecer uma manifestação coletiva dos Xavante, reconhecendo a influência dessa matriz cultural e valorizando o patrimônio estético e cultural desses povos.

## Experimentação

Essa proposta demanda que você planeje com antecedência o tempo e os recursos necessários para realizá-la. No dia combinado para a produção dos instrumentos, comecem pela organização da sala: forrem as mesas e providenciem materiais para higiene. Para mais informações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Disponibilize para a turma os materiais necessários para a confecção dos instrumentos: uma garrafa PET pequena; tinta plástica de cores variadas; um pedaço de cabo de vassoura de 20 cm de comprimento; fita adesiva; um pedaço de cano de PVC; uma mola que caiba dentro do cano, sem esticar; duas tampas para fechar as extremidades do cano e sementes, grãos ou miçangas.

Oriente os alunos que comecem fazendo o chocalho. Peça que decorem a garrafa PET com motivos indígenas usando a tinta plástica. Quando a tinta secar, coloque as sementes, grãos ou miçangas dentro da garrafa. Depois, auxilie-os a encaixar o pedaço de cabo de vassoura na boca da garrafa PET e a fixá-la passando fita adesiva sobre a junção. O chocalho está pronto! Os alunos devem utilizá-lo para marcar o ritmo da música.

Em seguida, os estudantes devem fazer um pau de chuva. Ajude-os a fechar uma das extremidades do cano de PVC com uma das tampas. Eles devem colocar a mola dentro do cano e, depois, as sementes, grãos ou miçangas. Auxilie-os a fechar a outra extremidade do cano. Com a tinta, peça que decorem o cano com motivos indígenas. Depois, é só mover o instrumento devagar para ouvir o som da chuva.

Quando o chocalho e o pau de chuva estiverem prontos, deixe os alunos experimentá-los livremente. Depois, ajude-os a pensar na melhor forma de utilizar os instrumentos para acompanhar o coral.

Para a atividade de canto em coral, é preciso que vocês encontrem um local adequado para que possam ensaiar à vontade. As atividades de canto, em geral, expõem os

# EXPERIMENTAÇÃO

Que tal preparar uma apresentação do “Xondaro’i” com os colegas?

- 👤 O primeiro passo é construir os instrumentos musicais que vão acompanhar a apresentação! Observe as imagens dos instrumentos prontos e depois siga as orientações do professor para produzi-los.



Foto: Paulo Maranhão/Agência da Editora

- 👤 Agora, vamos formar um coral para cantar o “Xondaro’i”!

### Sugestão de...

#### Música

Se possível, ouça o “Xondaro’i” no site da Funai. Disponível em: <[www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas/684-ww](http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas/684-ww)>. Acesso em: 16 jan. 2018.

- 1 Com os colegas, memorize a letra da canção “Xondaro’i”.
- 2 Uma vez aprendida a letra, junte-se a seus colegas para formar uma roda e cantar. Marque o ritmo da canção com os pés, como em uma marcha, sem sair do lugar.
- 3 Enquanto isso, tente perceber em que momento as sílabas das palavras ficam mais fortes, porque, nesse ponto, você deve bater o pé com mais força e acentuar a voz.
- 4 Depois de algum tempo, em um segundo momento, continue cantando, mas saia do lugar e movimente o corpo, andando e dançando pela sala, a fim de sentir a música.
- 5 Utilize os instrumentos musicais que produziu para acompanhar o coral!

## Apresentando

- 👤 Depois que a turma tiver ensaiado bastante, o professor vai combinar com você e os colegas uma data para a apresentação.

## Registrando

- 👤 Registrem a apresentação com um gravador de voz ou o telefone celular e façam cópias em CD ou DVD para presentear os familiares e guardar em seu portfólio.

30

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

alunos mais tímidos. Nesse caso, a estratégia mais interessante é cantar sempre em grupo, para que eles não fiquem tão expostos.

Seria importante reproduzir várias vezes o canto para os estudantes para que eles aprendam de cor. Caso não seja possível reproduzir o “Xondaro’i” para os alunos, escolha outra canção indígena que seja mais acessível para vocês.

Organizados em círculo, os alunos devem cantar a canção marcando o ritmo com os pés, como em uma marcha, sem sair do lugar. Depois, juntos, oriente que percebam os momentos em que as sílabas das palavras ficam mais acentuadas. Nessa hora, eles devem bater o pé com mais força e acentuar a voz. Ao cantar, peça que movimentem o corpo a fim de sentir a música.

# O QUE ESTUDAMOS

- A arte é uma das maneiras pelas quais as culturas podem ser preservadas e valorizadas.
- A arte de cantar é comum a muitas culturas.
- Para cantar, deve-se saber usar com competência o aparelho fonador e, para isso, é preciso exercitá-lo.
- Os Guarani são um dos povos indígenas que vivem no Brasil e mantêm suas tradições culturais por meio do canto.
- Os diversos povos indígenas que vivem no Brasil produzem as mais variadas formas de arte, como a música, a escultura e a cestaria.
- Atualmente, artistas indígenas contemporâneos também criam obras de arte visual, escrevem livros, produzem filmes, etc.



## Dica de visitação

Se na cidade onde você mora houver um museu dedicado às culturas indígenas, não deixe de visitá-lo com os colegas! Caso tenha a oportunidade de visitar uma aldeia indígena, converse com os moradores sobre suas tradições, suas festas, seus cantos e suas danças.

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento a respeito da música mudou? Justifique sua resposta com um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com suas produções artísticas? Por quê?
3. Você considera que suas produções artísticas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário a respeito de uma de suas produções.
4. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

» O QUE ESTUDAMOS

31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

### Materialidades

BNCC EF15AR15

### Processos de criação

BNCC EF15AR17

## Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de perceber e explorar elementos constitutivos da música, bem como fontes sonoras existentes no próprio corpo, de forma coletiva, além de explorar um exemplar do patrimônio cultural imaterial de matriz indígena.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos dos Guarani e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de os alunos responderem às questões propostas, retome com eles a lista que foi feita no início do bimestre. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem da música?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem musical em suas produções?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com a linguagem musical, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?  
Além disso, avalie se o aluno:
  - precisa de ajuda e só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador.
  - apresenta facilidade em trabalhar com elementos da linguagem musical, mas ainda precisa de alguma orientação.
  - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem musical sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
  - explora e pesquisa elementos da linguagem musical a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.



## Unidade 1 – Capítulo 2

### A herança portuguesa!

Neste capítulo, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “A arte tem raiz?”. Depois de abordar as raízes indígenas, vamos estudar outra matriz muito importante de nosso patrimônio cultural: a portuguesa.

Antes de iniciar o estudo do capítulo, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a pergunta norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre as artes visuais para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com os alunos:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio da linguagem da arte visual.
- Descobrir mais sobre a arte visual e seus elementos.
- Experimentar exercícios de arte visual.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que trabalham com a azulejaria.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre pintura e azulejaria.

### A pintura de Adriana Varejão

#### Para iniciar

Neste capítulo, abordamos a pintura e a azulejaria a partir do trabalho da artista Adriana Varejão. Procuramos relacionar essas diferentes formas de expressão nas artes visuais à herança portuguesa na cultura brasileira, articulando esses conteúdos à pergunta “A arte tem raiz?”. Retome as conversas realizadas no capítulo anterior sobre o conceito de raiz cultural e de como diferentes matrizes e referências culturais podem fazer parte da construção dos saberes e dos costumes de um povo ou de um lugar.



## A herança portuguesa!

### A pintura de Adriana Varejão

No capítulo anterior, vimos como as culturas indígenas brasileiras buscam resgatar e valorizar a sua tradição por meio da música.

Além dos indígenas, você sabe que outros povos fazem parte de nossas raízes culturais? Quais são as influências dos colonizadores portugueses? Como essas influências podem se manifestar nas artes visuais? É o que vamos descobrir a partir de agora!

#### Para iniciar

1. Descreva o que você vê na imagem a seguir.
2. As cores utilizadas fazem você se lembrar de algo?
3. Como você acha que essa aparência foi obtida?



▶ Detalhe da obra **Celacanto provoca maremoto**, de Adriana Varejão, 2004-2008 (óleo e gesso sobre tela, 184 peças, 110 cm x 110 cm cada).

32 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

As questões do boxe buscam fazer com que os estudantes levantem hipóteses a respeito do trabalho da artista Adriana Varejão. Para isso, será necessário conversar a respeito das referências que se relacionam com o trabalho da artista. O texto menciona que cada tela de pintura lembra um grande azulejo português. Questione os alunos verificando se eles sabem por que as telas se parecem com os referidos

azulejos. Pergunte, por exemplo: “Alguém já viu um azulejo português?”; “Será que as telas são realmente parecidas com eles?”; “Por que essas telas se pareceriam com os azulejos portugueses?”; “Seria pela cor, pelo formato, pelo tipo de desenho?”. Peça que todos anotem as dúvidas que tiverem para que seja possível investigá-las ao longo do capítulo.



A imagem que você viu mostra um detalhe da obra **Celacanto provoca maremoto**, da artista brasileira Adriana Varejão. Observe esta outra imagem da obra.



► **Celacanto provoca maremoto**, de Adriana Varejão, 2004-2008 (óleo e gesso sobre tela, 184 peças, 110 cm x 110 cm cada).

**Celacanto provoca maremoto** é uma composição formada por 184 telas que lembram a azulejaria portuguesa, com seus tradicionais desenhos em azul e branco. O uso do gesso dá à pintura uma aparência desgastada, que faz com que as telas pareçam azulejos portugueses antigos, como os que decoram os edifícios de diversas cidades brasileiras, por exemplo, São Luís do Maranhão.

Adriana Varejão criou essa obra para ser colocada em um pavilhão criado especialmente para abrigar os trabalhos dela no Instituto Inhotim, complexo de arte que fica em Minas Gerais. Ter um pavilhão próprio é uma grande honra para um artista!



► Pavilhão de Adriana Varejão no Instituto Inhotim, Brumadinho, Minas Gerais, 2013.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos e conceitos da linguagem visual.
- Apreciar obras de arte visual.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.

### Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

### Linguagem

Artes visuais.

### Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

### A BNCC nestas páginas

#### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

#### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais, além de conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira.

## Que obra é essa?

Promova a leitura compartilhada do texto e esclareça eventuais dúvidas. Peça que os alunos observem as imagens e ajude-os a analisá-las, ressaltando as referências utilizadas por Adriana Varejão. Com essa obra, a artista nos faz pensar sobre a necessidade de preservar e de valorizar o patrimônio histórico-cultural, ao mesmo tempo que encaramos o passado com realismo. Para saber mais, leia a apresentação da obra no site do Instituto Inhotim (Disponível em: <[www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/celacanto-provoca-maremoto/](http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/celacanto-provoca-maremoto/)>. Acesso em: 16 jan. 2017). Você pode fazer perguntas como: "Esses painéis parecem antigos?"; "Onde vocês acham que eles ficam?"; "Para que servem os azulejos?"; "Onde podemos encontrar azulejos ao ar livre?".

Trabalhe essas e outras questões para que os estudantes reflitam sobre o que estão observando e possam pensar sobre os significados e as referências presentes na obra de Adriana Varejão.

A palavra "celacanto" provavelmente é desconhecida dos alunos e pode gerar muitas dúvidas e curiosidade. Converse com a turma sobre o significado do termo e sobre sua relação com o trabalho da artista.

Para analisar a obra, também é importante que os estudantes saibam um pouco mais sobre a azulejaria portuguesa e sua presença na história do Brasil. Depois de observar as imagens apresentadas na seção e comentar suas características, converse com a turma sobre as memórias da colonização pelos portugueses e sobre os aspectos positivos e negativos desse período de nossa história.

É muito importante que os alunos possam construir as próprias interpretações da obra, de suas relações com as raízes portuguesas e de seus significados nos contextos contemporâneos.

Quando algum aluno quiser se manifestar, incentive-o a compartilhar suas opiniões, pois é nesse diálogo que eles esclarecem dúvidas e se envolvem na leitura. Se algum estudante já conhecia a técnica da azulejaria, estimule-o a contar aquilo que sabe para os colegas.

## Que obra é essa?

A obra **Celacanto provoca maremoto** é inspirada nas antigas paredes azulejadas de edifícios históricos brasileiros, que muitas vezes precisam ser **restauradas** em razão dos danos causados pela ação do tempo ou pela má conservação.



► **restauração:** atividade que visa consertar e reparar problemas causados pelo tempo, pelo clima ou pelo uso.

► Painel de azulejos portugueses da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador, Bahia, 2017.

Na arte da azulejaria, geralmente se observa um **padrão** em que as formas se repetem e produzem belos efeitos visuais. Observe, no exemplo a seguir, o padrão obtido pela forma de composição dos azulejos.

► **padrão:** é a repetição de elementos em uma composição visual.

► O azulejo de origem portuguesa é um exemplo de composição que define um padrão visual. Na foto, detalhe de azulejos portugueses usados para revestir um edifício histórico no centro de Cachoeira, Bahia, 2016.



34

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil

A utilização de azulejo na arquitetura brasileira iniciou-se como revestimento de barras decorativas e posteriormente em fachadas inteiras. Esse processo foi uma herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil. A utilização desse tipo de revestimento demonstra a influência lusitana nos nossos costumes e na nossa arquitetura. Inicialmente a utilização desse material não passava de um simples produto de importação, dependente dos tipos e padrões fornecidos pelas olarias portuguesas. Esse material tornou-se indispensável na decoração da nossa arquitetura por garantir uma proteção eficaz contra



Na obra de Adriana Varejão, como você deve ter observado, não existe padrão. No painel criado pela artista, os azulejos parecem ter sido dispostos desordenadamente, ou seja, o critério de organização das peças é diferente da arte da azulejaria tradicional portuguesa. Essa forma de composição remete à maneira como, muitas vezes, os azulejos quebrados são repostos nos antigos painéis barrocos. Em outras palavras, a artista faz uma crítica ao modo como as restaurações têm sido realizadas, às vezes sem muito cuidado e apuro. O que você pensa sobre o assunto?

Isso também ajuda a interpretar o título da obra, **Celacanto provoca maremoto**: em um maremoto, nada fica no lugar!

Mas afinal, o que é um celacanto?

### Saiba mais

O celacanto é um peixe muito ágil que vive nos oceanos. Graças ao formato da nadadeira da sua cauda, ele consegue nadar para baixo, para cima e até de costas.

Os cientistas acreditavam que ele estava extinto, pois foram encontrados diversos fósseis do celacanto durante o século XIX, o que indica que é um peixe pré-histórico!

Ao longo do século XX, no entanto, foram encontrados muitos celacantos vivos na costa do oceano Índico. Por isso, esse peixe pode ser considerado muito resistente: um verdadeiro sobrevivente!



▶ Celacanto adulto fotografado na costa oeste do oceano Índico, 2016.

O que mais será que a artista quis expressar em sua obra?

as intempéries de um país tropical, como a abundância de chuva e a ação do sol. A retomada do azulejo de fachada coincide com a renovação da arquitetura brasileira, que se inicia nos anos 30, após o declínio do neocolonial, e se prolonga até a inauguração de Brasília. O azulejo assume posição de destaque e renovação e de expressão plástica. Na arquitetura contemporânea brasileira, redescobriu-se o valor estético das superfícies revestidas com azulejos e suas aplicações tornaram-se frequentes a partir dos painéis criados por Portinari para o Ministério da Educação e

Cultura no Rio de Janeiro e para a igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, projetados por Oscar Niemeyer, uma redescoberta e retorno às suas raízes. O uso desse material no decorrer da história, que resistiu ao tempo, se inova a cada dia procurando novas possibilidades na sua utilização funcional e também como forma de expressão plástica. [...].

AMARAL, Liliane Simi. *Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil*. Disponível em: <[www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/2/arq\\_e\\_arte\\_decorativa\\_do\\_azulejo\\_no\\_brasil.pdf](http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/2/arq_e_arte_decorativa_do_azulejo_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

### Sugestão de atividade complementar

Uma boa maneira de sensibilizar os alunos é criar com eles um jogo de montar com estampas inspiradas nos azulejos de Adriana Varejão.

Cada aluno deverá recortar um quadrado de papel sulfite (ou papel-cartão) na cor branca, na medida 5 cm por 3,5 cm. Usando fita adesiva colorida azul, cada aluno deverá fazer uma linha no papel, onde preferir: no meio, do lado direito, do lado esquerdo, inclinada, etc. Usando fita dupla face, peça que colem seus azulejos lado a lado em uma das paredes da sala de aula, de forma aleatória.

Em um primeiro momento, deixe que os estudantes comecem livremente o painel criado. Depois, procure relacionar as impressões e os comentários dos alunos àquilo que já foi discutido sobre a obra de Adriana Varejão. Faça uma síntese do que foi conversado e anote-a em seu diário de bordo.

### A BNCC nestas páginas

#### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas de artes visuais tradicionais e contemporâneas, explorando e reconhecendo alguns de seus elementos constitutivos.

## Por que a obra foi feita?

Faça a leitura do texto com os alunos e peça que observem as imagens. Estimule o compartilhamento de impressões e o levantamento de hipóteses. É importante ressaltar que o trabalho de azulejaria tem uma ligação muito forte com a arquitetura e com a decoração. Esse tipo de arte está presente nos edifícios, nas ruas, na vida cotidiana. A arte mural, seja em azulejos, seja em pinturas, muitas vezes buscou se aproximar da cidade e das pessoas. Explore essa característica com os alunos.

Durante a leitura do texto da seção com a turma, lembre com eles lugares da cidade onde a arte está presente, sejam monumentos, esculturas, pinturas murais, grafites. É importante discutir a presença da arte em espaços públicos, para que entendam melhor o sentido do trabalho de azulejaria como decoração: aproximar a beleza do cotidiano da cidade e dos espaços públicos.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar elementos constitutivos dessa linguagem e reconhecer e analisar a influência de diferentes matrizes estéticas e culturais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

## Por que a obra foi feita?

A obra de Adriana Varejão, além de alertar sobre a necessidade de conservação do patrimônio artístico herdado da azulejaria portuguesa, existente em diversas cidades brasileiras, também busca questionar como aconteceu a colonização portuguesa durante o processo de construção do Brasil.

Como você já deve ter estudado em História, o país foi colonizado pelos portugueses a partir do século XVI. Essa colonização não foi pacífica: houve muitos confrontos entre indígenas e colonizadores. Apesar da resistência por parte dos indígenas, verdadeiros sobreviventes, Portugal se manteve como **metrópole** por quase quatro séculos.

Entretanto, a relação entre Brasil e Portugal durante a colonização também proporcionou muitas trocas entre esses povos. Por influência dos colonizadores, o azulejo decorativo começou a ser usado no Brasil no século XVII, principalmente em igrejas e mosteiros, herança religiosa portuguesa presente no país.

### metrópole:

é o nome que se dava à nação que dominava um território, chamado colônia.

► Detalhe do painel de azulejos do Convento da Ordem Terceira de São Francisco, Salvador, Bahia, 2015.



Werner Fluckert/Info.com.br



André D'Almeida/Imagens

► Casarios coloniais revestidos com azulejos portugueses, São Luís, Maranhão, 2015.

36 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Azulejos no Brasil contam história portuguesa

Em 1755, Lisboa foi devastada por um terremoto. Mas a cidade que ruuiu ainda é conhecida, em parte, devido aos painéis de azulejos de Salvador, na Bahia.

Nessa época, a azulejaria portuguesa, feita a pedido das ordens religiosas que se instalavam na principal colônia do império, era um instrumento de reafirmação dos poderes da Igreja Católica e de Portugal sobre o Brasil. [...]

“O Brasil guarda um espólio riquíssimo da azulejaria portuguesa”, disse à Folha o historiador Paulo Henriques, diretor do Museu Nacional do Azulejo, de Portugal. “E os azulejos da Bahia do século 18 são o retrato de uma presença da Coroa muito ostensiva.”

Os azulejos portugueses desse período, na opinião de Paulo Henriques, superaram em imaginação a pintura da época. Isso apesar de trabalharem, de uma forma geral, apenas com o cobalto (azul). A outra opção à época, o amarelo (manganês), fora abandonada por opção



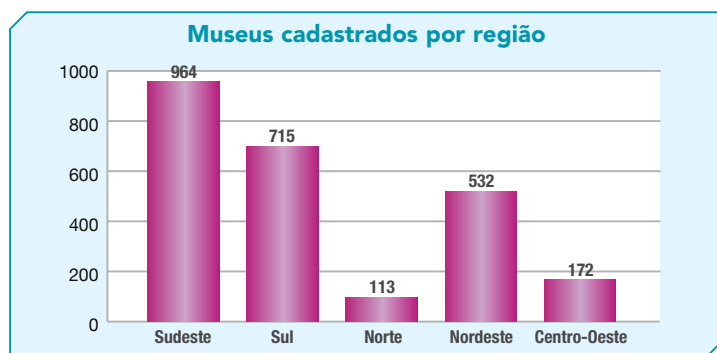
Essa influência é marcante na arquitetura de cidades dos estados da Bahia, de Pernambuco, do Rio de Janeiro e, especialmente, em São Luís, no Maranhão, que é conhecida como “cidade dos azulejos”.

Entre os exemplos mais significativos destacam-se as azulejarias do Convento da Ordem Terceira de São Francisco, em Salvador (BA); da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira (BA); da Capela Dourada, em Recife (PE); do Mosteiro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (RJ); e das fachadas dos sobrados de São Luís (MA).

A relação Brasil-Portugal, portanto, foi marcada por inúmeros conflitos, mas também por trocas culturais. Em sua obra, Adriana Varejão busca falar dessa relação de forma crítica, mostrando que o encontro entre esses povos provocou um verdadeiro maremoto em ambas as culturas.

## Arte e Matemática

Não é só a arte que se preocupa com a restauração, o cuidado e a valorização dos nossos bens culturais. A Matemática fornece ferramentas que podem nos auxiliar a conhecer melhor a realidade cultural em nosso país. Gráficos como o reproduzido a seguir, que mostra a oferta de museus em cada região do Brasil, permitem visualizar a cultura em números. Observe:



Cultura em números: anuário de estatísticas culturais. 2. ed. Brasília, MinC, 2010.

O que você pode concluir a partir desse gráfico? Que região do Brasil tem mais museus? E qual delas tem menos? Qual é a situação da sua região? A partir desse gráfico, em que lugares do Brasil parece haver mais necessidade de melhorar a oferta desse tipo de espaço de cultura?

estética – influenciada por holandeses e, indiretamente, pela porcelana chinesa, a azulejaria portuguesa fez uma opção preferencial pelo azul.

Portugal é o país europeu no qual a arte da azulejaria mais se desenvolveu. O uso do material, desde o século 16, ultrapassou seus objetivos decorativos. Com mensagens religiosas ou políticas, seu conteúdo era explícito. Os azulejos mostram cenas morais ou casamentos reais. Além disso, a perspectiva das figuras e a construção tridimensional ampliavam o campo visual, reorganizando os espaços para os quais os azulejos foram encomendados.

“No século 19, o azulejo deixa os espaços internos, vai para as fachadas e ganha um outro sentido”, afirma Paulo Henriques. A partir da Independência do Brasil, a azulejaria refletiria uma herança do gosto português sobre o brasileiro, e não mais uma relação de poder. [...]

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Azulejos no Brasil contam história portuguesa. *Folha de S.Paulo*, 3 maio 1999. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq03059919.htm>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Arte e Matemática

Ao estabelecer relações interdisciplinares, é importante mostrar aos alunos que os componentes curriculares podem compartilhar dados, procedimentos e informações com um objetivo comum, como neste caso, em que o levantamento da quantidade de museus por região auxilia a visualizar o panorama da realidade cultural do país.

A partir da leitura do gráfico, incentive os alunos a discutir a situação da região onde vivem. Pergunte, por exemplo: “De acordo com os dados do gráfico, que análise podemos fazer sobre a presença de museus na região em que vivemos?”.

Traga a conversa também para o espaço de vivência dos alunos, levantando o que eles sabem sobre os equipamentos culturais existentes no local onde moram (o que oferecem, se estão disponíveis para todos, se são muito ou pouco frequentados, em que aspectos poderiam ser melhorados, etc.).

Ao final da análise, oriente que produzam um texto com o objetivo de sintetizar as conclusões e que depois guardem uma cópia no portfólio.

## Interdisciplinaridade: Arte e Matemática na BNCC

**Leitura, coleta, classificação, interpretação e representação de dados em tabelas de dupla entrada, gráfico de colunas agrupadas, gráficos pictóricos e gráfico de linhas**

BNCC EF05MA24

A análise do gráfico possibilitará aos estudantes utilizar conhecimentos matemáticos para interpretar dados estatísticos referentes a outra área do conhecimento.

## A arte da azulejaria

Observe as imagens da seção com os alunos, procurando identificar as semelhanças e as diferenças entre os azulejos das várias culturas. A cada imagem, faça perguntas como: “Quais são as formas que vemos nestes azulejos?”; “Que cores eles têm?”; “Como são organizadas as figuras, formas e linhas em cada um deles?”; “Que tipos de linhas e formas nós vemos?”; “Como são as combinações de cores?”; “Podemos dizer que cada país ou cultura desenvolveu seu tipo de azulejo, com características próprias?”; “Quais são as características próprias de cada uma?”; “Quais são as semelhanças e as diferenças entre os azulejos de cada cultura?”.

Retome a pergunta “A arte tem raiz?”. Discuta com os alunos se as características marcantes de cada tipo de azulejaria podem estar relacionadas às raízes daquela cultura específica. “Vocês acham que os desenhos, formas, linhas e cores que vemos na azulejaria de determinada cultura estão relacionados às suas tradições e raízes?”. Relembre que, no capítulo anterior, vimos que há grafismos e ilustrações típicas de nossas etnias indígenas, que fazem parte de suas raízes. Será que as figuras, linhas, formas e cores que vemos em muitos desses azulejos de diferentes países e culturas também fazem parte de suas tradições?

O objetivo da seção é contextualizar o método de composição da azulejaria. O tema permite mobilizar muitos conteúdos importantes para a apreciação de imagens, como os conceitos de composição, simetria, paralelismo, repetição, padronagem, formas geométricas, cores e tonalidades cromáticas. A observação atenta dessas imagens pode potencializar a aprendizagem desses conteúdos. Estimule os alunos a investigá-las, a procurar identificar as diferentes combinações do desenho e a descobrir os métodos empregados em cada uma.

## A arte da azulejaria

A azulejaria é uma arte muito antiga, que tem origem nas tradições orientais. Ela se tornou conhecida na Europa por meio dos povos árabes.



► Painel de azulejos árabes do século XIV em mesquita na cidade de Kerman, Irã.

Inicialmente, por causa da dominação árabe, que durou aproximadamente 700 anos, a azulejaria tornou-se muito popular na Espanha. Durante uma visita a esse país, no início do século XVI, dom Manuel, rei de Portugal, impressionou-se com a beleza dos murais e painéis e decidiu importar os azulejos espanhóis para decorar igrejas e palácios.



► Painel de azulejos de padrão **mudéjar** na Casa de Pilatos, palácio construído em 1490 na cidade de Sevilha, Espanha.

**mudéjar:** estilo de arte desenvolvido pelos mouros, ou povos de origem árabe, durante sua permanência na Espanha.

### 38 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

MATOSINHO, Tônia. Azulejaria e a influência portuguesa nas cidades brasileiras. *Revista Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 46, v. 1, 2016. Disponível em: <goo.gl/W3sLc5>. Acesso em: 28 nov. 2017.

No artigo, a autora busca refletir sobre a influência que o povo lusitano exerceu no Brasil, particularmente nas cidades coloniais, destacando a presença do azulejo como um elemento decorativo remanescente dessa arquitetura.

A partir de 1498, os azulejos começaram a ser feitos em Portugal e, aos poucos, foram ganhando um estilo característico, com desenhos mais realistas e grande riqueza de detalhes. Foram esses os azulejos trazidos para o Brasil pelos colonizadores.



► Painel de azulejos portugueses retratando a cidade de Lisboa antes do terremoto de 1755, no século XVIII. Museu Nacional do Azulejo, Lisboa, Portugal, 2010.

## Atividade prática

Que tal fazer azulejos de papel?

- 1 Forme um grupo com mais três colegas.
- 2 Cada integrante do grupo deve recortar quatro quadrados de 20 cm × 20 cm na cartolina.
- 3 Com os colegas, decida as formas que serão usadas para compor o desenho dos azulejos. Recorte essas formas várias vezes nos papéis coloridos.
- 4 Cole os recortes de papel colorido sobre os quadrados de cartolina, criando quatro azulejos iguais. Cada integrante do grupo deve criar um desenho diferente em seus azulejos.
- 5 Com os colegas, organize os azulejos de todos os integrantes do grupo sobre a folha de papel paraná. Cole os azulejos somente depois de testar várias composições.

### Material necessário

- tesoura com pontas arredondadas
- cartolina
- papéis coloridos
- cola branca
- papel paraná

## Atividade prática

Para realizar esta atividade, os alunos devem ser organizados em grupos de quatro integrantes. Eles confeccionarão painéis utilizando diferentes tipos de papel, de forma semelhante ao processo de criação de painéis decorativos de azulejo.

Explique que o objetivo da atividade não é que eles copiem os azulejos portugueses. Eles podem criar esquemas geométricos, por exemplo. O mais importante é que pensem o painel como um todo e planejem o trabalho com os colegas.

Para trabalhar com formas geométricas ou abstratas, oriente os alunos a criarem, por exemplo, um padrão básico e pequenas variações para ele e, depois, a elaborarem estratégias para combinar as peças. As formas geométricas podem ser recortadas em papel colorido e coladas na superfície do quadrado de cartolina, como indicado no Livro do Estudante, ou ainda pintadas com guache ou tinta plástica. Se necessário, auxilie os alunos a recortar os quadrados de cartolina no tamanho indicado.

É importante lembrar que, em cada grupo, todos os alunos trabalharão com as mesmas formas geométricas, mas cada um vai criar combinações diferentes com elas, para confeccionar seus azulejos de papel. Ao final, terão um painel feito de azulejos com padrões sutilmente diferentes.

Para finalizar a atividade, com a turma, escolha uma parede da sala de aula ou da escola para pendurar os painéis produzidos.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de identificar e apreciar formas distintas das artes visuais, explorar elementos constitutivos dessa linguagem e reconhecer e analisar a influência de diferentes matrizes estéticas e culturais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.



## Organização de um padrão visual

Uma composição é a organização, por diversas maneiras ou estratégias, dos elementos de uma obra visual. Quando falamos em composição, portanto, nos referimos ao conjunto total de um trabalho visual, seja ele um desenho, uma pintura, uma peça publicitária ou de *design*, um cartaz, seja uma cenografia. Estamos nos referindo à forma como esse trabalho se apresenta, à estrutura pela qual se organizam as partes que o compõem, que resultam na impressão que ele causa.

A noção de composição e o domínio de seus elementos são muito importantes para quem trabalha com produções visuais, pois se referem justamente ao resultado final. Em atividades como a arquitetura, o *design*, a cenografia e a cenotecnia, por exemplo, o trabalho consiste, muitas vezes, em elaborar uma composição visual, levando em conta a estética do resultado final e os recursos materiais e técnicos disponíveis.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

Neste momento, os alunos vão ampliar seu repertório imagético, explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais, como a cor e a forma, além de experimentar diferentes formas de expressão artística.

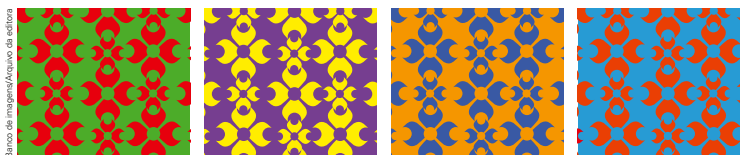
## Organização de um padrão visual

Na linguagem visual, o padrão é a repetição de linhas, de pontos, de cores. Nós podemos ver padrões nos painéis de azulejos, nas estampas de roupas e de tapetes, por exemplo.

Os elementos visuais de uma composição podem ser organizados por **contraste** ou por **harmonia**.

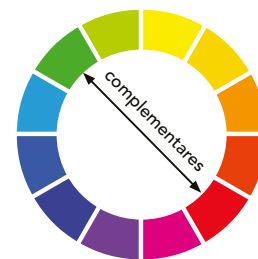
### Composição por contraste

Em uma composição visual, o **contraste** pode ser obtido com elementos que se opõem, como ocorre com as **cores complementares**. Veja o exemplo.



Composição com contrastes de cores complementares.

Observando o círculo cromático, é possível perceber quais são os pares de cores complementares. No exemplo ao lado, a seta mostra que o verde está em posição oposta ao vermelho, o que indica que o verde e o vermelho são cores complementares.



Círculo cromático.

Que outros pares de cores complementares você poderia indicar?

Resposta pessoal. Verifique se os alunos identificaram as cores complementares corretamente.

Além das cores, uma forma de contrastar elementos em uma composição visual é por meio das texturas. Veja o exemplo ao lado.



Painel de azulejos com cores e texturas contrastantes, São Luís, Maranhão, 2008.

## Texto complementar

[...] O processo de composição é o passo mais crucial na solução dos problemas visuais. Os resultados das decisões compositivas determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador. É nessa etapa vital do processo criativo que o comunicador visual exerce o mais forte controle sobre seu trabalho e tem a maior oportunidade de expressar, em sua plenitude, o estado de espírito que a obra se destina a transmitir. O modo visual, porém, não oferece

sistemas estruturais definitivos e absolutos. Como adquirir o controle de nossos complexos meios visuais com alguma certeza de que, no resultado final, haverá um significado compartilhado? Em termos linguísticos, sintaxe significa disposição ordenada das palavras segundo uma forma e uma ordenação adequadas. As regras são definidas: tudo o que se tem de fazer é aprendê-las e usá-las inteligentemente. Mas, no contexto do alfabetismo visual, a sintaxe só pode significar a disposição ordenada de partes, deixando-nos com o problema de como abordar o processo de



## Atividade prática

Vamos experimentar a mistura de cores primárias?

- 1 Umedeça o pedaço de cartolina com algodão embebido em água.
- 2 Depois, com um conta-gotas, pingue algumas gotas de cada uma das tintas, previamente diluídas em água, de modo que as cores se misturem.
- 3 Deixe secar e observe o efeito da mistura de cores.

### Material necessário

- meia folha de cartolina
- algodão
- água para diluir as tintas e umedecer o algodão
- conta-gotas
- tinta guache nas cores primárias

Agora, vamos experimentar as cores complementares.

### Material necessário

- tinta guache nas cores primárias
- dois pratos de plástico
- três folhas de papel-cartão na medida A4
- pincéis

- 1 Coloque as três cores primárias em um dos recipientes, sem misturá-las.
- 2 Em outro recipiente, misture as cores primárias para criar as cores secundárias. Lembre-se de que:
  - vermelho + amarelo = laranja
  - azul + vermelho = roxo
  - amarelo + azul = verde
- 3 Usando as cores complementares, faça três pinturas abstratas, uma em cada folha de papel-cartão:
  - na folha 1, utilize amarelo e roxo
  - na folha 2, utilize azul e laranja
  - na folha 3, utilize vermelho e verde

composição com inteligência e conhecimento de como as decisões compositivas irão afetar o resultado final. Não há regras absolutas: o que existe é um alto grau de compreensão do que vai acontecer em termos de significado, se fizermos determinadas ordenações das partes que nos permitam organizar e orquestrar os meios visuais. Muitos dos critérios para o entendimento do significado na forma visual, o potencial sintático da estrutura no alfabetismo visual, decorrem da investigação do processo da percepção humana. [...]

DONDIS, A. Donis. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 29.

## Atividade prática

Organize-se com antecedência para a atividade, planejando o tempo e os recursos necessários para realizá-la. No dia de executar a proposta, oriente os alunos a forrar as mesas. É importante que eles usem aventais ou camisetas velhas e largas, para não sujar o uniforme. Disponibilize materiais de higiene, como papel toalha ou pedaços de tecido para limpeza das mãos, por exemplo.

Além do papel-cartão, você pode sugerir aos alunos que utilizem outros tipos de suporte para realizar a experimentação das cores, como pedaços de madeira, papelão ou tecido. No lugar do conta-gotas, os estudantes poderão usar um canudo, segurando-o como uma pipeta.

Neste momento, é importante retomar com a turma alguns conceitos relativos à teoria da cor. Resaltamos que existem vários estudos acerca do tema e que ele é mais bem compreendido quando estabelecemos relações com conceitos da Física e da Química. Por causa da faixa etária dos alunos, em nossa abordagem privilegiamos o estudo das cores-pigmento opacas, que são as mais facilmente encontradas nos materiais artísticos utilizados por eles.

As cores primárias dos pigmentos opacos são o azul, o amarelo e o vermelho. As cores secundárias dos pigmentos opacos são o roxo (mistura do vermelho com o azul), o laranja (mistura do vermelho com o amarelo) e o verde (mistura do amarelo com o azul). No círculo cromático aparecem 12 cores dos pigmentos opacos: as três primárias, as três secundárias e as seis terciárias (roxo-avermelhado, laranja-avermelhado, laranja-amarelado, verde-amarelado, verde-azulado e roxo-azulado).

## Sugestão de...

### Vídeo

No vídeo, o professor Fernando Lang da Silveira explica a teoria das cores sob a perspectiva da Física, diferenciando cor-pigmento de cor-luz. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151247](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151247)>. Acesso em: 28 nov. 2017.

## Composição por contraste e por harmonia

Há muitas maneiras de categorizar e de identificar as propriedades e as características do resultado final de uma composição visual. Para entender melhor o que é uma composição e como ela pode ser elaborada, podemos apontar algumas características do resultado final de uma composição.

Em uma composição contrastante, as diferenças e oposições entre seus elementos chamam a atenção e não vemos muitas repetições. Pode haver pequenas diferenças entre cada conjunto de elementos.

Geralmente, os contrastes aparecem com mais evidência nas cores e tonalidades: luz e sombra, cores quentes e cores frias, tons fortes e tons pastel. Também podem ser explorados contrastes entre texturas, por exemplo, as cheias e as vazias.

Quando uma composição explora as características contrastantes, ela costuma apresentar elementos e resultados como instabilidade, assimetria, irregularidade, complexidade, fragmentação, profusão, exagero, espontaneidade, atividade, ousadia, ênfase, variação, distorção, profundidade, justaposição, acaso, agudeza.

Uma composição visual também pode explorar as características e os aspectos visuais para uma cena final mais harmônica. A harmonia em uma composição visual pode ser obtida pelo uso de elementos visuais semelhantes, como cores ou texturas análogas, por exemplo. Na disposição dos elementos, costumamos ver menos movimento e diferenças na cena harmônica: as partes são semelhantes, assim como seus tamanhos e os espaços que ocupam, e as posições são alinhadas, por exemplo.

Quando uma composição apresenta harmonia em seu resultado final, o observador pode perceber as seguintes características: equilíbrio, simetria, regularidade, simplicidade, unidade, economia, minimização, previsibilidade, sutileza, neutralidade, estabilidade, exati-

## Composição por harmonia

Em uma composição visual, a **harmonia** pode ser obtida com elementos que apresentam semelhança, como ocorre com as **cores análogas**. Veja o exemplo:



► Composição de azulejos com cores análogas, Bodrum, Turquia, 2016. Observe que, nesse exemplo, a harmonia também é obtida pela textura dos azulejos, que é semelhante.

As cores análogas são as que ficam próximas no círculo cromático. No exemplo a seguir, as setas mostram que o laranja, o laranja-avermelhado e o vermelho são cores análogas.



Que outras cores você indicaria como análogas?

Resposta pessoal. Verifique se os alunos identificaram as cores análogas corretamente.

---

---

---

42

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

dão, planura, singularidade, sequencialidade.

Assim como no caso dos elementos contrastantes, é importante observar se uma cena a ser desenhada apresenta características harmônicas e determinar como apresentá-las em sua composição.

Profissionais das artes visuais, do *design*, da cenografia e da arquitetura, entre outros, devem sempre levar em conta as características contrastantes ou harmônicas que desejam no resultado final e determinar como obtê-las em seus trabalhos.

## Atividade prática

Vamos experimentar as cores análogas?

### Material necessário

- tinta guache nas cores primárias
- dois pratos de plástico
- três folhas de papel-cartão na medida A4
- pincéis

- 1 Coloque as três cores primárias em um dos recipientes, sem misturá-las.
- 2 Em outro recipiente, misture as cores primárias para criar as cores secundárias.
- 3 Aplicando o conceito de cores análogas, faça três pinturas abstratas, uma em cada folha de papel-cartão:
  - na folha 1, utilize tons de vermelho e laranja



Svetlana Lukyanova/Shutterstock

- na folha 2, utilize tons de roxo e azul



Svetlana Lukyanova/Shutterstock

- na folha 3, utilize tons de verde e amarelo



Svetlana Lukyanova/Shutterstock

Lembre-se de que as cores, as linhas, as formas e a maneira de usá-las podem transmitir diversas sensações e impressões. Pense no que deseja transmitir com cada cor ao criar sua pintura.

## Sugestão de atividade complementar

Proponha aos alunos que, em duplas, criem duas composições, baseadas nos conceitos de contraste e harmonia. Cada dupla vai precisar de uma folha de cartolina, tesoura com pontas arredondadas, cola branca, papéis coloridos, revistas e jornais antigos. Para começar, oriente que recortem a cartolina ao meio.

Em uma metade, a dupla deve criar uma composição de altos contrastes, somente com recortes de papel colorido. Peça que usem combinações entre cores quentes e frias, primárias e secundárias e, especialmente, entre cores complementares. Oriente que explorem relações entre figura e fundo e forma e tamanho dos recortes, usando figuras geométricas, recortes grandes, pequenos, etc.

Na outra metade da cartolina, a dupla deve criar uma composição harmônica, usando somente recortes de revistas, jornais e impressos. Nesses recortes, eles devem evitar usar figuras inteiras, procurando explorar texturas, cores, detalhes, etc. Peça que utilizem imagens semelhantes, que se aproximem visualmente em termos de cores, formas, texturas e tons.

Quando os trabalhos estiverem concluídos, oriente que as duplas observem as duas composições e reflitam: “O que se vê em cada uma delas?”; “Quais são as diferenças entre elas?”; “Como eles reagiram ao contraste e à harmonia?”; “Que composição foi mais difícil de criar? Por quê?”.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os alunos vão explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais e experimentar a criação nessa linguagem, explorando diferentes formas de expressão artística.



## Outros trabalhos de Adriana Varejão

Ao realizar a leitura, questione os alunos sobre as outras produções de Adriana Varejão apresentadas. Se julgar conveniente e houver interesse da turma, proponha uma pesquisa mais aprofundada sobre elas.

### Texto complementar

#### Adriana Varejão

A obra de Adriana Varejão toma impulso com a pintura figurativa e gestual dos anos 1980, na qual lhe interessa a permanência das marcas do processo. A pintura constitui o campo maior de sua produção, incorporando elementos de outras linguagens, como a escultura.

Ao conhecer a cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, o repertório barroco passa a marcar suas criações. A narrativa, a mescla de linguagens bi e tridimensionais e a exuberância material das obras dialogam com a visualidade barroca, em busca de uma experiência estética totalizante.

[...]

A intensidade barroca é expressa pela lógica compositiva de preenchimento total do espaço e pela cenografia das telas.

Em suas obras, os materiais estão ligados simbolicamente à história cultural brasileira. Na década de 1990, o desenho toma maior importância, dialogando com a iconografia colonial e, por vezes, estabelecendo uma relação narrativa.

[...]

A obra de Adriana Varejão expõe a violência nos processos de assimilação cultural. Questiona ainda a superfície pictórica, o papel simbólico da imagem e a maleabilidade de seus signos. Tal como as incisões em sua pintura, a iconografia colonial surge como irrupção anacrônica. Mas a escolha dos signos é sempre permeada pelas relações que estabelecem com a contemporaneidade.

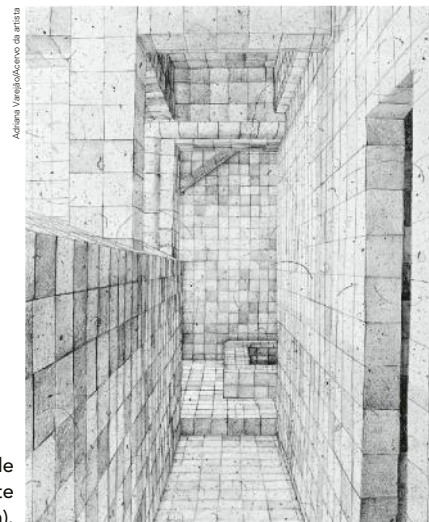
ADRIANA Varejão. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

## Outros trabalhos de Adriana Varejão

O tema dos azulejos se repete em muitas outras obras de Adriana Varejão, sejam pinturas, desenhos ou fotografias. Conheça algumas delas.



► **O virtuoso**, de Adriana Varejão, 2006 (óleo sobre tela, 120 cm x 163 cm).



► **O obsessivo (desenho)**, de Adriana Varejão, 2007 (grafite sobre papel, 42 cm x 30 cm).



► **Palatinus Lido Bath**, de Adriana Varejão, 2005 (fotografia em impressão digital, 50 cm x 66 cm).



## Sobre a artista

Adriana Varejão nasceu no Rio de Janeiro, em 1964, filha de um piloto da aeronáutica e de uma nutricionista.

Aos 20 anos, enquanto estudava na faculdade de Engenharia, começou a fazer cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, também no Rio de Janeiro. A partir dessa experiência, passou a trabalhar em um ateliê no bairro do Horto com outros estudantes de Arte.

Aos 25 anos, viajou para Nova York, onde entrou em contato com a pintura do alemão Anselm Kiefer (1945) e do americano Philip Guston (1913-1980), fortes influências em seu trabalho.

Em 1986, a artista recebeu o Prêmio Aquisição do 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, promovido pela Fundação Nacional de Artes (Funarte/RJ). Dois anos depois, realizou sua primeira exposição individual, na Galeria Thomas Cohn, no Rio de Janeiro.

O trabalho de Adriana Varejão busca fazer uma releitura dos elementos visuais incorporados à cultura brasileira durante a colonização, como os azulejos portugueses.



► Adriana Varejão, em foto de 2014.

### Sugestão de...

#### Site

Visite a página de Adriana Varejão na internet e conheça mais sobre sua obra. Disponível em: <[www.adrianavarejao.net](http://www.adrianavarejao.net)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

## Assim também aprendo



O que você achou do trabalho de Adriana Varejão? Crie um texto coletivo com o professor e os colegas contando por que vocês gostaram ou não da obra da artista. Levem em consideração o fato de ela valorizar e ao mesmo tempo criticar a herança dos colonizadores portugueses presente na cultura brasileira.

## Assim também aprendo

Antes de iniciar a escrita do texto coletivo, retome com os estudantes as etapas que podem seguir para construir um texto crítico:

- Identificar aspectos que reconhecem como características marcantes no trabalho de Adriana Varejão.
- Levantar todas as interpretações que tiveram sobre a obra **Celacanto provoca maremoto** e sobre os outros trabalhos da artista.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma em cada etapa. Depois, peça aos alunos que copiem o texto em uma folha de caderno para arquivá-lo no portfólio.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Neste momento, ao conhecer outras obras de Adriana Varejão e um pouco da trajetória da artista, os alunos poderão apreciar formas distintas das artes contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

## Ampliando o repertório cultural

### A técnica da azulejaria

Ao conversar com os estudantes sobre a técnica e os processos de confecção de azulejos, fale sobre os materiais usados na produção de azulejaria. Pode ser interessante para eles saber que a cerâmica e a azulejaria vêm da argila, um material maleável e flexível. Se eles já tiveram contato com a argila, comente as transformações pelas quais este material passa ao se tornar cerâmica.

O tipo de cerâmica com que os azulejos são feitos é elaborado com compostos de silício, carbono, oxigênio e nitrogênio. A argila e outros minerais chamados silicatos são quebrados, moídos e reduzidos a pó. Esse pó, depois de ser misturado e umedecido, produz um material flexível que está pronto para ser moldado em forma de azulejo. A queima é fundamental para tornar o material rígido e resistente.

Ao ler o trecho que fala a respeito da temperatura do forno de cerâmica (650 °C a 1650 °C) é interessante estabelecer uma referência para que os estudantes possam entender quão alta é essa temperatura. Conte a eles, por exemplo, qual é a temperatura climática aproximada da sala de aula no momento da leitura e também que um forno de cozinha, por exemplo, atinge no máximo entre 250 °C e 280 °C. Com essas comparações, eles podem entender melhor quão quente pode ser um forno de queima de azulejos.

## Ampliando o repertório cultural

### A técnica da azulejaria

Geralmente, os azulejos são feitos com argila, que se transforma em cerâmica após o processo de amassamento, secagem e queima em forno.

A queima do azulejo é realizada em fornos de altas temperaturas, que variam de 650 a 1650 graus Celsius. Esse processo deixa o azulejo em seu formato permanente, além de garantir resistência e durabilidade ao material.

O preparo do azulejo decorado requer uma segunda queima. Depois de pintada, a superfície do azulejo recebe uma camada protetora, que dá à peça o aspecto esmaltado. A impermeabilização obtida com a camada de esmalte protege o material contra a umidade.

As estampas dos azulejos podem seguir ou não um padrão. A escolha cabe ao artista, que decide a composição que preferir, utilizando diferentes elementos da linguagem visual.



► Azulejos sendo preparados para ir ao forno em fábrica em Lisboa, Portugal, 2010.



► Forno de queima de azulejo em Fez, Marrocos, 2006.



► Pintura de azulejo antes da queima final em Lisboa, Portugal, 2010.

46

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

AMORIM, Lilian Bayma de. *Cerâmica marajoara: a comunicação do silêncio*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/Je7RyF>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

O catálogo indicado contém fotos e informações de peças de cerâmica marajoara, uma forma de arte que já fazia parte das manifestações dos povos indígenas brasileiros muito antes da chegada dos colonizadores portugueses.

## A cultura portuguesa

A cultura portuguesa tem origem na diversidade de povos que compuseram a **península Ibérica** ao longo da História, entre eles cristãos, judeus e árabes.

Os povos de origem árabe viveram por mais de quinhentos anos nesse território, onde deixaram marcas significativas, como a arte da azulejaria.

A cultura portuguesa, por sua vez, teve forte influência na formação do povo brasileiro e de sua cultura.

Dos portugueses, recebemos uma herança fundamental: a língua portuguesa. O catolicismo e as festas do calendário religioso também fazem parte do legado da colonização.

Algumas festividades ibéricas que se incorporaram à cultura brasileira são as festas juninas e o Carnaval, por exemplo.

► O entrudo, uma festa ibérica muito popular entre os portugueses, deu origem ao Carnaval brasileiro. Observe na foto as vestimentas dos foliões em Lisboa, Portugal, 2015.



► No entrudo, os foliões também usam máscaras feitas de madeira, Lisboa, Portugal, 2015.

• **península Ibérica:** região do continente europeu onde atualmente ficam Portugal, Espanha, o território britânico de Gibraltar e o Principado de Andorra.

## A cultura portuguesa

Geralmente, quando pensamos em patrimônio, temos a tendência de associá-lo somente ao patrimônio material, ligado à riqueza, que é herdado ou que possui algum valor afetivo. Porém, patrimônio não se limita apenas ao sentido de herança. Refere-se também aos bens produzidos por nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

ROCHA, Thaíse Sá Freire. *Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF*. Disponível em: <[www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055\\_ARQUIVO\\_Artigo-Anpuh.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf)>.

O artigo propõe uma reflexão sobre a importância da preservação do patrimônio cultural para a formação da identidade cultural.

#### Filme

**O povo brasileiro** (2000, direção de Isa Grinspum Ferraz) é um documentário em série baseado no livro homônimo de Darcy Ribeiro. O filme é uma pesquisa sobre a formação do nosso povo e mostra imagens de todas as regiões do Brasil, com depoimentos de seus moradores. Tem participação de Chico Buarque, Tom Zé, Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Paulo Vanzolini e Gilberto Gil, entre outras personalidades.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de reconhecer e analisar diferentes matrizes estéticas e culturais das artes visuais, além de tomar contato com algumas das influências importantes para a formação do patrimônio cultural material e imaterial brasileiro.



## Experimentação

Para realizar esta atividade, providencie um espaço com acesso fácil a pias e itens de higiene, como papel toalha. Também é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Antes de propor a experimentação, retome com os alunos a atividade na qual criaram um painel de azulejos de cartolina. Pergunte: “O que vamos fazer nessa atividade?”; “O que aprendemos na atividade com azulejos de cartolina que podemos retomar nessa proposta?”; “Podemos explorar os mesmos tipos de figura e de combinação?”.

Em seguida, explique como funciona a técnica do estêncil. É preciso que os alunos tomem bastante cuidado ao criar o desenho que será utilizado na máscara, o molde vazado. É importante que o desenho não seja muito detalhado para não dificultar o trabalho. Linhas demais implicam muitos cortes na matriz, que pode ficar muito fragilizada, desmanchando-se no momento da aplicação da tinta. Também é importante tomar cuidado para que as linhas dos desenhos não se encontrem, o que cria formas fechadas, que podem se desprender da matriz.

Oriente os estudantes também sobre o uso da tinta. O maior cuidado a ser tomado é evitar o excesso de tinta na esponja, para que ela não escorra. Como a tinta plástica seca rapidamente, é importante que os alunos estejam atentos para evitar que a matriz grude no papel.

# EXPERIMENTAÇÃO

Como provavelmente não há forno nem material para fazer azulejaria a seu alcance, que tal usar recursos alternativos e experimentar pintar padrões usando tinta plástica? Para isso, você vai utilizar a técnica do estêncil. O estêncil é um molde vazado que permite que o mesmo desenho seja reproduzido várias vezes.

- 1 Desenhe o contorno de uma figura na folha de papel sulfite (pode ser uma forma geométrica ou figurativa, o que você preferir).
- 2 Recorte o miolo da figura para fazer o molde.
- 3 Com a fita adesiva, cole o molde no papel-cartão.
- 4 Coloque a tinta no recipiente.
- 5 Com a esponja, passe a tinta para o molde.
- 6 Espere secar e retire o molde. Seu azulejo de papel está pronto!
- 7 Repita o procedimento nos outros pedaços de papel-cartão.
- 8 Depois que seus azulejos de papel e os dos seus colegas estiverem secos, montem um painel colando os azulejos nas folhas de papel paraná.

### Material necessário

- lápis preto
- folha de papel sulfite
- tesoura com pontas arredondadas
- fita adesiva
- pedaços de papel-cartão na medida 20 cm × 20 cm
- tinta plástica nas cores que você quiser
- recipiente para colocar a tinta
- esponja
- cola branca
- papel paraná

## Expondo

Com os colegas e sob a orientação do professor, escolha um local para expor o painel. Convide colegas, professores e a comunidade escolar para conhecer o trabalho. Vai ser um sucesso!

## Registrando

Guarde, no portfólio, fotografias do processo de trabalho e do painel.

48

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

WEIMER, Caroline Mello. *Padronagens: conexões entre arte, ensino e cotidiano*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139977/000990796.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139977/000990796.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

No trabalho, a autora discute a relevância do tema da padronagem no ensino das artes visuais e relata uma experiência prática realizada com alunos do Ensino Fundamental.



# O QUE ESTUDAMOS

- A azulejaria é uma técnica antiga e que faz parte de muitas culturas.
- Os portugueses trouxeram a azulejaria para o Brasil durante o período da colonização.
- A obra **Celacanto provoca maremoto**, da artista brasileira Adriana Varejão, reflete sobre a herança cultural portuguesa, sobre a relação Brasil-Portugal e sobre a restauração dos painéis de azulejaria que existem em várias cidades brasileiras.
- Padrão é a repetição de elementos em uma composição visual.
- Uma composição visual pode ser contrastante ou harmoniosa.
- Para criar uma composição, o artista escolhe os elementos da linguagem visual que quer usar em sua obra.



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem construções com azulejaria de tradição portuguesa? Se sim, não deixe de visitá-las com o professor e os colegas.

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito das artes visuais? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário a respeito de uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

» O QUE ESTUDAMOS

49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

### Materialidades

BNCC EF15AR04

### Processos de criação

BNCC EF15AR05

BNCC EF15AR06

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de experimentar a criação em artes visuais de modo coletivo e colaborativo, usando a pintura e a colagem. Eles também vão explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais e dialogar sobre a sua criação e a dos colegas.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos de Adriana Varejão e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Antes de os alunos responderem às questões propostas, retome com eles a lista que foi feita no início do bimestre. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem visual?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem visual em suas produções?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com a linguagem visual, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?  
Além disso, avalie se o aluno:
  - precisa de ajuda e só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador.
  - apresenta facilidade em trabalhar com elementos da linguagem visual, mas ainda precisa de alguma orientação.
  - consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem visual sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
  - explora e pesquisa elementos da linguagem visual a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.

## A arte tem raiz!

A última parte da unidade tem como objetivo fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta “A arte tem raiz?”. Para começar, retome a lista com tópicos relativos às atividades realizadas com os alunos antes de iniciar os capítulos 1 e 2. Pergunte se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações.

Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um festejo brasileiro que una as culturas indígena e portuguesa.
- Conhecer um festejo brasileiro que una as artes visuais e a música.
- Descobrir mais sobre os festejos.
- Aprender passos de dança, letras de canções e figurinos de um festejo.
- Participar de um festejo na escola.

## O Bumba meu Boi do Brasil

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e, então, inicie a leitura do texto e das imagens sobre o festejo do Bumba meu Boi, manifestação que faz parte do patrimônio cultural brasileiro e que integra as diferentes linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais.

Leia com os alunos o texto que conta o enredo do auto do Bumba meu Boi e esclareça as possíveis dúvidas deles sobre a história e seus personagens. Faça perguntas que permitam comparar o Bumba meu Boi a outros festejos tradicionais que conhecem e que já estudaram.

Ao apreciar as imagens, chame a atenção para a riqueza de cores, detalhes e adereços que caracteriza a encenação do auto. Incentive os alunos a observar como são decorados os trajes e adereços dos personagens do Bumba meu Boi e quais são as semelhanças e as diferenças entre esses trajes e as roupas que usamos em nosso dia a dia.

## A arte tem raiz!

### O Bumba meu Boi do Brasil

Ao longo do trabalho com esta unidade, descobrimos que as manifestações artísticas podem se relacionar com as raízes culturais do artista e da comunidade de que ele participa.

Aprendemos que a música dos diferentes povos indígenas brasileiros possui um significado muito importante para eles e que, hoje em dia, os jovens de diferentes etnias vêm resgatando e valorizando sua música tradicional.

Também vimos que a azulejaria, uma das manifestações artísticas e culturais presentes em diversas cidades brasileiras, é uma herança da colonização portuguesa em nossas terras.

Sem dúvida, a arte tem raiz! Agora, vamos conhecer um festejo brasileiro que, entre outros, une as culturas indígena, africana e portuguesa?

### Que festejo é esse?

Bumba meu Boi, também chamado de Boi-Bumbá, Boi-Calemba, Boi-Pintadinho e Boi de Mamão, é um festejo que conta a história da morte e da ressurreição de um boi. O festejo mistura elementos das tradições ibéricas com encenações de peças religiosas e tem forma de auto.

Auto é um tipo de teatro cujo drama se repete através dos tempos. Em um auto, geralmente, aparecem personagens **alegóricos**, como o desejo, o poder, a morte, a solução e a ressurreição.

Que tal conhecer uma das várias versões da história do Bumba meu Boi e alguns de seus personagens?

**alegoria:**  
representação de uma ideia por meio de formas que a tornam compreensível.

### A história

Catirina, casada com Pai Chico, está grávida e tem o desejo de comer a língua do boi mais bonito da região. Esse boi, que pertence ao poderoso dono da fazenda, é roubado e morto por Pai Chico para satisfazer o desejo de Catirina.

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de conhecer mais uma manifestação do patrimônio cultural brasileiro, reconhecendo e analisando a influência das matrizes estéticas e culturais indígenas, africanas e portuguesas.

O fazendeiro manda vaqueiros e indígenas à procura do animal. Quando descobre a morte do boi, jura vingança contra Pai Chico e Catirina.

Os pajés, então, são chamados para reanimar o boi e, depois de muitas tentativas, finalmente conseguem ressuscitá-lo. O fazendeiro, ao saber do motivo do roubo, perdoa Pai Chico e Catirina, encerrando a representação com uma grande festa.



► Bumba meu Boi, Caxias, Maranhão, 2014.

## Os personagens

### O boi

Símbolo de força e resistência, o boi era considerado por indígenas e africanos escravizados no Brasil um grande companheiro de trabalho.

No festejo do Bumba meu Boi, a fantasia de boi é composta de uma armação central coberta por tecido enfeitado de paetês, bordados e pinturas e acrescida de uma saia colorida. Quem faz o papel do boi fica embaixo de toda essa estrutura e é chamado de miolo.



► O Boi dos Brincantes em Madre Deus, São Luís, Maranhão, 2008.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

SAURA, Soraia Chung. *Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba meu Boi*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

O trabalho, fruto de 10 anos de observação participante, analisa o Bumba meu Boi como manifestação popular com base nos dados colhidos no Maranhão e em São Paulo.



Faça a leitura em voz alta do texto enquanto os alunos o acompanham por meio da leitura silenciosa. Chame a atenção para as imagens que o ilustram e as analise com os estudantes.

O Bumba meu Boi é uma manifestação artística tradicional muito importante e nela estão conjugados os aspectos de algumas das matrizes culturais formadoras do Brasil.

Em 2011, esse festejo tornou-se patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

IPHAN. *Complexo Cultural do Bumba meu Boi do Maranhão*. Brasília: Iphan, 2011. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2017.

O dossiê elaborado pelo Iphan apresenta mais informações sobre o Bumba meu Boi, como as diferentes versões da história e seus vários personagens.

### Pai Chico e Catirina

Africanos escravizados que trabalham na terra, a grávida Catirina e seu esposo Pai Chico usam roupas muito coloridas. Catirina costuma ser representada por um homem com trajes e maquiagem femininos.

► Catirina e Pai Chico, durante o Galo da Madrugada, Recife, Pernambuco, 2015.



### O dono da fazenda



É o rico dono do boi, por isso seu traje é imponente e elegante. Esse papel é interpretado geralmente por um dos organizadores do auto.

► Dono da fazenda, em encenação em São Luís, Maranhão, 2008.

### O vaqueiro

É quem avisa o dono da fazenda sobre a morte do boi. Seu figurino é bastante chamativo. O chapéu é enfeitado com fitas e miçangas.

► Vaqueiro, em encenação do Grupo Bumba meu Boi de Maracanã, São Luís, Maranhão, 2013.



### Texto complementar

O Bumba meu Boi do Maranhão é uma celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo, composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, e o plano material, composto pelos artesanatos, como os bordados do boi, confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros. Em todo seu universo, destaca-se também a riqueza das tramas e personagens.

De um modo geral, o auto do Bumba meu Boi é apresentado como a morte e a ressurreição de um boi especial. As apresentações

cômicas são feitas com grande participação do público e são entremeadas por toadas curtas contando a história sobre um boi precioso e querido pelo seu amo e pelos vaqueiros. Pai Francisco, o escravo de confiança do patrão, mata e arranca a língua do boi para satisfazer os desejos de grávida de sua esposa, Mãe Catirina. O crime de Pai Francisco é descoberto e por isso ele é perseguido pelos vaqueiros da fazenda, caboclos guerreiros e os índios. Quando preso, são infligidos terríveis castigos e, para não morrer, Pai Francisco se vê forçado a ressuscitar o animal. É quando o doutor entra em cena para

## O pajé

É o indígena feiticeiro, uma das figuras mais importantes da apresentação. Por meio da pajelança, conjunto de danças e invocação de espíritos, ele ressuscita o boi.



► Pajé, em encenação em São Luís, Maranhão, 2008.

## Indígenas e caboclos

São os responsáveis por encontrar Pai Chico. Suas roupas e coreografias também são muito vistosas.



► Indígenas durante apresentação do Boi Garantido, no Festival Folclórico de Parintins, Amazonas, 2011.

53

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

ajudar a trazer à vida o boi precioso, que, ao voltar, urra. Todos, então, cantam e dançam em comemoração.

Profundamente enraizado no cristianismo e, em especial, no catolicismo popular, o Bumba meu Boi envolve a devoção aos santos juninos São João, São Pedro e São Marçal. Os cultos religiosos afro-brasileiros do Maranhão também estão presentes, como o Tambor de Mina e o Terecô, caracterizando o sincretismo entre os santos juninos e os orixás, voduns e encantados que requisitam um boi como obrigação espiritual. [...] Muitas vezes definido como um folguedo

popular, o Bumba meu boi extrapola a brincadeira e se transforma em uma grande celebração tendo o boi como o centro do seu ciclo vital e o universo místico-religioso.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.  
Bumba meu Boi do Maranhão é o mais novo Patrimônio Cultural brasileiro. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1388/bumba-meu-boi-do-maranhao-e-o-mais-novo-patrimonio-cultural-brasileiro>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

## A BNCC nestas páginas

Matrizes estéticas e culturais

BNCC EF15AR03

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de conhecer mais uma manifestação do patrimônio cultural brasileiro, reconhecendo e analisando a influência das matrizes estéticas e culturais indígenas e portuguesas.

## Como o festejo foi feito?

Ao ler o texto e apreciar as imagens desta seção com os alunos, estimule-os a observar com atenção as características da música e dos instrumentos musicais que fazem parte da manifestação do Bumba meu Boi. Incentive os estudantes que conhecem alguma toada a cantá-la e a expressar o que acham da música, o que sentem ao ouvi-la e se gostam ou não dela.

Para contextualizar a letra da toada apresentada, explique aos alunos que Tião Carvalho, um dos intérpretes, é morador do Morro do Querosene, em São Paulo. Natural do Maranhão, há muitos anos realiza as festas do ciclo de nascimento, morte e ressurreição do boi.

Faça também algumas questões sobre os instrumentos musicais apresentados, a partir daquilo que já foi estudado sobre a linguagem da música e as fontes sonoras. Pergunte, por exemplo: "As imagens mostram instrumentos musicais que vocês já conheciam?"; "Os instrumentos mostrados se parecem com outros que vocês conhecem?"; "Como esses instrumentos podem ser tocados para produzir sons?"; "Quais instrumentos vocês acham que produzem sons graves? E sons agudos?"; "Quais deles vocês acham que produzem sons longos?"; "E sons curtos? Por quê?"; "Quais vocês imaginam que têm os sons mais fortes e quais têm os sons mais fracos? Por quê?".

Chame a atenção dos estudantes para o fato de que todos os instrumentos são de percussão. Seria muito importante que os estudantes pudessem ouvir exemplos de alguns desses instrumentos. Esse tipo de material pode ser encontrado em CDs ou DVDs de música tradicional brasileira e também em vídeos e áudios na internet. Oriente os alunos na pesquisa desse tipo de material para que vejam como os instrumentos citados são tocados e ouçam os sons deles.

## Como o festejo foi feito?

### Música

Além das danças, das fantasias e das encenações, no Bumba meu Boi também há muita música. As músicas tocadas durante o festejo são chamadas de toadas de Bumba meu Boi.

Conheça, a seguir, a letra de uma toada.

#### Senhora dona da casa

Senhora, dona da casa  
Brilho da noite vem se apresentar  
Meu amor desceu a ladeira  
Dançando boi com seu maracá  
Lá no morro ele se criou  
Lá no morro ele se encantou  
Para todo mundo brincar

Tião Carvalho e Naná de Nazaré. "Senhora dona da casa". In: Grupo Cupuaçu. *Toadas de Bumba meu Boi*. [S.l.]: Núcleo contemporâneo, 1999. 1 CD. Faixa 5.

### Instrumentos musicais

Nos festejos do Bumba meu Boi também são usados vários instrumentos musicais. Conheça alguns deles.

#### Maracá (ou maraca)

Instrumento de percussão feito de material metálico e recheado de sementes ou contas.



Ita Kirsch/Azeredo do fotógrafo

#### Tamborinho (ou ritinta)

Tambor pequeno tocado com a ponta dos dedos. Sua cobertura é feita de couro.



Rubens Chaves/Pulsar Imagens

54 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Site

Na página do Grupo Cupuaçu é possível saber mais sobre o CD *Toadas de Bumba meu Boi* e conhecer outros trabalhos com as músicas, danças e festejos tradicionais brasileiros. Disponível em: <<http://grupocupuacu.org.br>>. Acesso em: 29 nov. 2017.



## Texto complementar

O trecho a seguir descreve algumas características da lírica das toadas:

[...]

A toada do Bumba meu Boi do Maranhão é um gênero que tem características peculiares, pela sua extensão melódica, o que a destaca das demais toadas de “Bumbas” existentes em outras regiões, tornando-a um gênero com estilo diferente, pouco comum nos gêneros folclóricos. Segundo Bueno (2001, p. 225-226):

Abrange saltos de extensão longa com a oitava. Essa extensão melódica, com o domínio virtuoso dos saltos tonais passionais, é pouco comum nos chamados gêneros folclóricos e aproxima as toadas a gêneros de canção popular brasileira, com mecanismos de composição semelhantes.

Seu conteúdo aponta para as qualidades caracterizadoras do gênero, pelo ritmo e forma passional de cantar. São geralmente cantadas pelo Amo e respondidas por um coro ou “batalhão” de brincantes. Suas letras são descrições cotidianas, tanto em nível do léxico quanto da sintaxe, incluindo-se no nível de linguagem popular. Seu aspecto formal apresenta diferentes tipos de rima e de versos. Não há uma métrica a ser seguida em sua composição, sendo normalmente, nesse sentido, espontâneas.

[...]

SANTOS, Joelina Maria da Silva. *As toadas do Bumba meu Boi*. Araraquara: Unesp, 2011. p. 140-141. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103563/santos\\_jms\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103563/santos_jms_dr_arafcl.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 29 nov. 2017.



### Tambor de onça (ou tambor-onça)

Instrumento parecido com uma cuíca – para tocá-lo é preciso puxar a vareta presa ao couro. Seu som imita o ruído de uma onça.



### Zabumba

Também chamado de bumbo, é um grande tambor. Sua origem é africana.



### Tambor de fogo

Também de origem africana, tem como base uma tora de madeira com uma cavidade aberta com fogo. Como cobertura, é utilizado couro de boi.



### Matraca

É um instrumento composto por dois pedaços de madeira. Para tocá-lo, deve-se bater um pedaço contra o outro.



### Pandeirão

Grande pandeiro, coberto com couro de cabra e que pode ter mais de um metro de diâmetro.

As imagens não estão representadas em proporção.

55

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR13

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR24

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de conhecer canções e instrumentos presentes na manifestação do Bumba meu Boi, caracterizando e valorizando elementos dessa manifestação do patrimônio cultural brasileiro.



## Fazendo arte

Planeje-se com antecedência para a realização da atividade, prevendo o tempo e os recursos necessários para executá-la. Por ser um festejo com muitos personagens e detalhes, optamos por uma atividade coletiva, com todos os alunos da turma.

Você também pode dividir a turma em dois grupos, se preferir, e adaptar as orientações. Converse com os alunos sobre os aspectos de que eles mais gostaram no Bumba meu Boi, sobre seus personagens preferidos e sobre como eles fariam para contar a história.

### Planejando o festejo

Ajude a turma a decidir democraticamente quem vai interpretar os personagens e quem vai fazer outro tipo de tarefa, como organizar os materiais, ajudar a elaborar as fantasias, escolher as músicas, etc. Enfatize que em um trabalho em grupo todas as etapas e as tarefas são igualmente importantes para que o resultado final seja satisfatório.

### Criando trajes e adereços

Depois da definição dos papéis, oriente os alunos a criar os figurinos e os adereços. Peça a eles que deem prioridade para peças de roupas já prontas, que possam ser adaptadas.

## FAZENDO ARTE

- Como vimos, o festejo do Bumba meu Boi é um auto que conta uma história. Vamos planejar um festejo com os colegas da escola e os membros da comunidade?

### Planejando o festejo

- 1 Forme uma roda com todos os colegas da sala e o professor para conversar sobre a história do Bumba meu Boi, os personagens e os elementos de que você mais gostou nesse festejo.
- 2 Depois, decidam quem vai interpretar cada um dos personagens e quem será responsável por executar as outras tarefas, como organizar o espaço, trazer os materiais, confeccionar as fantasias, pensar na música, etc.
- 3 Lembre-se de que em um trabalho em grupo o papel de cada um é muito importante!

### Criando trajes e adereços

- 1 Defina com a turma se todos vão participar da produção das fantasias e dos adereços. Depois, para se inspirar, observe novamente as imagens sobre o Bumba meu Boi e preste atenção nas cores, nos detalhes e nos materiais usados nos trajes.
- 2 Em seguida, com os colegas, separe os materiais necessários para a produção das fantasias. Vale usar roupas e chapéus velhos, papel crepom, fitas, restos de papel colorido, retalhos, penas, lantejoulas e tudo mais que sua imaginação mandar!
- 3 Lembre-se: a turma deve produzir fantasias para contar a história do Bumba meu Boi, por isso é importante que vocês caracterizem todos os personagens.
- 4 Como você sabe, o boi é o personagem central da história. Então, que tal construí-lo de uma maneira diferente? Para isso, siga as orientações.

56

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

O festejo do Bumba meu Boi desenvolve-se em torno de uma narrativa tradicional. Nessa narrativa, existem personagens com papéis específicos e características próprias. Assim, você pode propor uma atividade complementar que trabalhe a improvisação e o jogo teatral a partir dos personagens do Bumba meu Boi.

Para isso, organize grupos de cinco a dez alunos e peça que cada um deles escolha um dos personagens do Bumba meu

Boi. É importante que se remetam à história e identifiquem as características dos personagens: quem é bravo, quem é apressado, quem é autoritário, qual deles é malandro, qual é curioso, quem é rude, qual é amoroso, etc.

Depois, peça a cada aluno que escreva em um papel as características do personagem que escolheu. Em seguida, o grupo deve escolher um local e uma situação na qual esses personagens vão se encontrar, que não precisam ser necessariamente

## Construindo o boi

1 Para o corpo do boi, você deve recortar um círculo no fundo da caixa de papelão grande, que seja suficiente para que seu corpo entre nesse espaço.

2 Agora, para fazer a roupa do boi, cole papéis coloridos, tecidos e fitas em volta da caixa toda. Depois, cole retalhos de tecido e fitas nas abas da caixa de papelão até a altura dos pés, formando a saia.



3 Para vestir o boi, é necessário fazer as alças. Para isso, utilize dois pedaços de fita de mais ou menos 40 centímetros e cole as pontas de um deles de um lado da caixa, formando uma alça. Depois, faça o mesmo do outro lado. Espere secar bem e, se necessário, use fita adesiva para reforçar a fixação.

### Material necessário

- tesoura com pontas arredondadas
- caixa de papelão grande
- cola branca
- restos de papel colorido
- retalhos de tecido
- fitas
- fita adesiva
- tintas coloridas
- pincéis
- caixa de sapatos



4 Para fazer os chifres do boi, use o círculo da caixa de papelão que você recortou, cortando-o ao meio e, depois, em formato de lua crescente. Pinte da cor que desejar!



5 Com a caixa de sapatos, você vai fazer a cabeça do boi! Em uma das laterais menores, faça um corte chanfrado, como na imagem. Depois, com os papéis coloridos, faça os olhos, o focinho e as narinas do boi.

57

## Construindo o boi

A construção do boi pode ser feita em conjunto, com a colaboração de todos os alunos. Combine com eles com antecedência quais materiais devem ser trazidos de casa e deixe-os livres para enfeitar o personagem. Se necessário, ajude-os recortando as partes do papelão, que são mais rígidas. Caso seja preciso utilizar cola quente ou grampeador na montagem, esses materiais devem ser manipulados apenas por você.

Quando os figurinos, os adereços e o boi estiverem prontos, é importante ensaiar o auto algumas vezes. Intercalem as falas com a canção “Senhora dona da casa”. Depois que o auto terminar, os brincantes dançam em volta do boi, fazendo-o dançar também.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao participar da elaboração do produto final do projeto, os alunos terão a oportunidade de reconhecer as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, conhecendo e valorizando uma manifestação do patrimônio cultural brasileiro.

## Sugestão de...

### Livro

BARBIERI, Stela; VILELA, Fernando. *Bumba meu Boi*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Neste livro, os autores contam a história do festejo para o público infantil, inspirando-se na versão maranhense do auto.

mente ligados à narrativa do boi. Incentive-os a escolher locais que conhecem, como escola, farmácia, mercado, clube, hospital, áreas de lazer, etc. Eles também precisam definir o que cada personagem está fazendo no local escolhido: esperando na fila, indo comprar algo, procurando algo ou alguém, perdido, trabalhando, etc.

Para o jogo de improviso, a cena deve se iniciar pelo temperamento dos personagens e do que eles estão fazendo no local,

pois os alunos vão começar a dialogar seguindo essas premissas. Deixe que eles desenvolvam a cena de acordo com o que determinaram sobre o temperamento dos personagens, mas estimule a reflexão, perguntando: “O que seu personagem está fazendo nesse local?”; “Por que ele foi a esse lugar?”; “Como você acha que ele se comportaria nessa situação?”. Você também pode propor que os grupos repitam o exercício, trocando de personagem, de local, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Apresentando

Se as festas juninas costumam ser comemoradas na escola, você pode propor que a turma se apresente para os familiares e para a comunidade nessa época.

Ao final da vivência, organize uma roda com os alunos e estimule que compartilhem o que sentiram e aprenderam.

## Registrando

Lembre os estudantes de registrar a apresentação, seja por meio de fotos, seja por meio de vídeos. Depois, com a ajuda do professor de Informática Educativa, auxiliem-os a transferir os registros para um CD ou DVD.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao participar da elaboração do produto final do projeto, os alunos terão a oportunidade de reconhecer as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, conhecendo e valorizando uma manifestação do patrimônio cultural brasileiro.

Em seguida, cole o focinho no buraco que ficou na caixa.



Sergio Dotta/Dotta

- Depois de colar os chifres e os olhos, é a vez de prender a cabeça do boi ao corpo. Para isso, destaque com a tesoura o lado oposto do focinho, mantendo-o ainda preso à caixa. Cole a face destacada na caixa de papelão grande.



Sergio Dotta/Dotta

- Para finalizar, use os papéis coloridos e as fitas para fazer o rabo. Seu boi está pronto!



Sergio Dotta/Dotta

## Apresentando

- Depois de confeccionar todas as fantasias, é hora de preparar a apresentação.

- Com os colegas, escolha as músicas para o festejo. Lembre-se de que a música típica do Bumba meu Boi é a toada.
- Combine com o professor e os colegas uma data para a apresentação e convide os colegas e a comunidade escolar. Planeje como será a entrada e a saída dos personagens no local da apresentação.

## Registrando

- Que tal fotografar todo o processo e a apresentação de vocês? Guarde cópias das fotos da apresentação no portfólio.



# O QUE ESTUDAMOS

- O Bumba meu Boi é um festejo brasileiro que une tradições indígenas, africanas e portuguesas.
- O Bumba meu Boi possui distintas manifestações dependendo do local onde acontece.
- As raízes culturais brasileiras podem se manifestar em formas de arte como os festejos.
- A arte tem raiz!



## Dica de visitação

Na cidade onde você mora há grupos de Bumba meu Boi? Se sim, não deixe de visitá-los com o professor e os colegas para conhecer mais sobre esse festejo.

## É hora de retomar o portfólio

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito das artes tradicionais brasileiras? Qual é a importância da preservação dessa forma de arte? Justifique sua resposta em um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas? Considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário a respeito de uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa? Comente em um breve parágrafo.

Vimos que a música, as artes visuais e os festejos são algumas das formas de manifestação das raízes culturais brasileiras. Com certeza, existem muitas outras formas de revelar as nossas raízes culturais. Que tal continuar criando?

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece os próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

## O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "A arte tem raiz?". Peça que todos voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final: a realização de um festejo na escola. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a esse resultado. Ao

longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens musical e visual, aprofundando sua compreensão sobre o patrimônio cultural brasileiro. Também conheceram um festejo brasileiro que faz parte do patrimônio cultural brasileiro. Nesse percurso, entraram em contato com diversos conteúdos e mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

## Unidade 2

### Arte é patrimônio?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 2 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** Arte é patrimônio?
- **Tema contemporâneo:** Patrimônio cultural, com foco nas culturas africanas e no patrimônio cultural imaterial brasileiro.
- **Capítulo 3:** Elementos constitutivos da dança, em especial das danças africanas.
- **Capítulo 4:** Elementos constitutivos da linguagem teatral, em especial do teatro de mamulengos.
- **Produto final:** Produção de cena usando a técnica de *stop-motion*.

A questão do boxe e a ilustração ajudam a iniciar e a apresentar as discussões da unidade 2, bem como a desvelar o conhecimento prévio dos alunos sobre o patrimônio cultural e a experiência deles com o assunto. Deixe-os livres para expressar o que pensam e registre no seu diário de bordo uma síntese do que disseram. Apresente essa síntese para a turma e sugira a produção de um texto coletivo, que, uma vez concluído, deverá ser arquivado no portfólio dos estudantes.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos da linguagem da dança e da linguagem teatral.
- Apreciar obras, manifestações culturais e produções artísticas e descrever o que vê, sente e compreende em relação a elas.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas às linguagens da dança e do teatro.
- Valorizar o patrimônio cultural e as matrizes culturais brasileiras e de origem africana.
- Estabelecer relações entre patrimônio cultural e produção artística.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.





Cada povo tem uma história, um modo de organização social e seus próprios hábitos culturais. Cada povo produz, também, suas manifestações artísticas, como músicas, danças, encenações, obras de arte visual, entre outras, que possuem características próprias e podem representar esse grupo. Considerando tudo isso, será que a arte é patrimônio?

61

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Competências desta unidade

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

## A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, por meio da sensibilização e do levantamento de conhecimentos prévios, os alunos terão a oportunidade de começar a refletir sobre as relações entre arte, matrizes estéticas culturais e patrimônio cultural.



## ◆ Precisamos valorizar as obras de arte!

Nesta unidade, propomos aos alunos que reflitam sobre a arte como parte do patrimônio cultural de um grupo social, de um povo ou de um lugar, incentivando-os a estabelecer relações com a questão norteadora da unidade.

Converse com os alunos sobre os festejos da região em que vivem e sobre as experiências pessoais deles nessas festas. Estimule-os a falar se costumam participar desses festejos, do que mais gostam, o que mais lhes chama a atenção, se conhecem as origens dessas manifestações, como são essas comemorações no lugar onde vivem, etc. Valorize o conhecimento que eles têm a respeito dessas manifestações tradicionais e, em seguida, leia o texto e as imagens de modo compartilhado e participativo. Chame a atenção da turma para elementos como as roupas e os adereços mostrados nas imagens e para os gestos e os movimentos das pessoas em cada uma.

Proponha aos alunos que relatem outras danças e celebrações que conhecem e que fazem parte das tradições de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. É importante conduzir a discussão de modo que eles percebam que valorizar essas manifestações artísticas é uma forma de ajudar a preservar e a resgatar histórias, costumes, valores e tradições.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas culturais

**BNCC** EF15AR24

### Patrimônio cultural

**BNCC** EF15AR25

Neste momento, ao apreciar imagens de manifestações tradicionais de dança e de teatro, os alunos terão a oportunidade de começar a conhecer e a caracterizar algumas manifestações de diferentes matrizes estéticas que fazem parte do patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas.

## ◆ Precisamos valorizar as obras de arte!

As obras de arte criadas por determinado grupo social possuem um valor único: elas podem representar esse grupo!

Na dança, por exemplo, os movimentos expressivos, as passagens de um movimento a outro, as direções que os corpos tomam no espaço e as coreografias podem expressar as crenças, os medos e as alegrias de um povo.

Por isso, a arte é uma produção social que precisa ser valorizada!



► Desfile do bloco de afoxé Ilê Aiyê durante o Carnaval em Salvador, Bahia, 2016.



► Grupo folclórico Mestre Romão dançando fandango, Paranaguá, Paraná, 2010.



► Marujada em procissão diante da Igreja Matriz de São Gonçalo do Rio Preto, Minas Gerais, 2014.

62

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

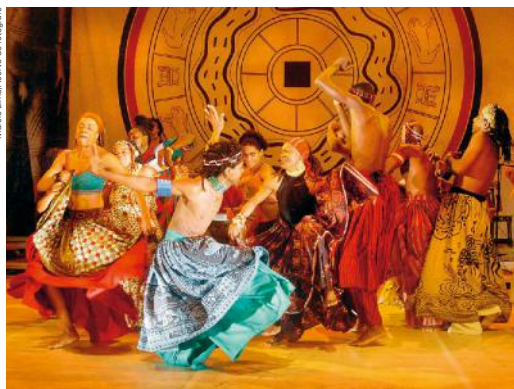


## ► Precisamos preservar as obras de arte!

As manifestações de arte criadas por um grupo social também podem ser um modo de representar e expor seus valores.

As encenações, por exemplo, por meio de narrativas, contos, canções, figurinos, cenários, entre outros elementos, podem mostrar muito sobre os valores do grupo que as fez, possibilitando ao público vivenciar hábitos e conhecer tradições e práticas sociais que poderiam se perder e ficar esquecidas.

Por isso, a arte é uma produção social que precisa ser preservada!



► O espetáculo **Áfricas**, do Bando de Teatro Olodum, além de homenagear os contadores africanos, os *griots* e as *griottes*, narra contos africanos e afro-brasileiros. O espetáculo estreou em Salvador, em 2007.



► Cena do espetáculo **Vietnã em marionetes**, apresentado durante o Festival Mundial de Marionetes de Jacarta, Indonésia, 2013. O teatro de bonecos é uma tradição muito antiga na Indonésia.



► Encenação da **Paixão de Cristo** em Curitiba, Paraná, 2017. Encenações dessa história da tradição cristã costumam acontecer em diversas cidades do Brasil e do mundo.

Você já assistiu a alguma dessas encenações? Como você se sentiu? Você se lembra de detalhes da produção, como cenário e figurino?

► INTRODUÇÃO 63

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Marionete é usada há mil anos

O teatro de bonecos é muito antigo. Tão antigo que não se pode dizer quem o inventou.

Conta-se que mil anos antes de Cristo nascer, os chineses já usavam marionetes em espetáculos para a nobreza.

Sabe-se que gregos e romanos conheciam e usavam o teatro de fantoches na Antiguidade. Na Indonésia e no Japão, as pessoas usavam bonecos no teatro de sombras.

Foram as companhias de teatro italianas que, no fim da Idade Média, divulgaram o teatro de bonecos na Europa.

Naquele tempo, as peças de teatro de bonecos eram apresentadas para adultos.

Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/21/folhinha/7.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/6/21/folhinha/7.html)>. Acesso em: 7 dez. 2017.

## Experimentação

A experimentação proposta tem como objetivo continuar a sensibilização dos alunos para o trabalho da unidade.

Por meio de jogos teatrais, procuramos levar os estudantes a refletir sobre o fato de que a arte pode nos colocar em contato com as distintas manifestações artísticas que constituem o patrimônio cultural de um grupo social, de um povo ou de um lugar.

Para realizar a atividade, é aconselhável usar um espaço amplo e livre de obstáculos, como a quadra de esportes ou o pátio da escola. Se optar por realizar as atividades em sala de aula, oriente os alunos a afastar as cadeiras e as mesas da área central da sala. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Ao conduzir as atividades cênicas, é importante promover a interação e a ação coletiva entre os alunos. Lembre-se sempre de estimular os estudantes e deixá-los à vontade para as práticas e interações corporais do teatro e da improvisação. Leia os comandos de cada atividade em voz alta e ajude a turma a não perder o foco da ação.

Durante a realização da atividade de compor uma imagem, use palavras e frases variadas, explorando os diversos contextos retratados pela turma nos desenhos que fizeram para compor o mural de memórias. Assim, eles poderão treinar a criatividade e a improvisação.

# EXPERIMENTAÇÃO

Que tal participar de um jogo teatral? Use a memória e a imaginação!

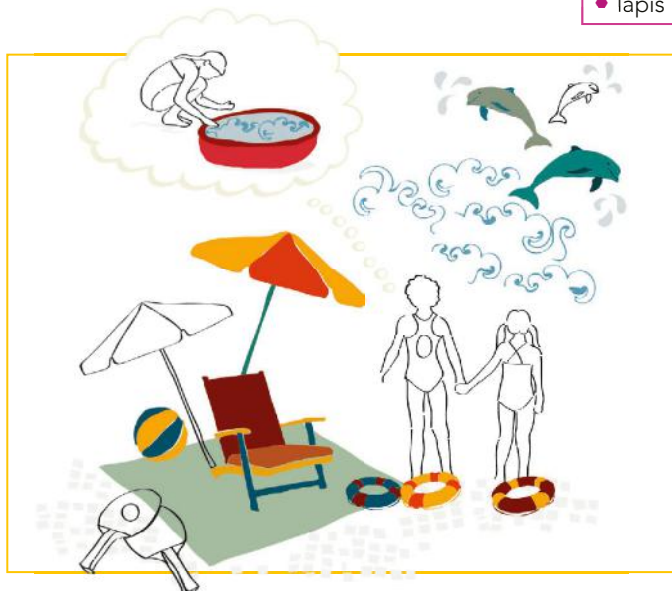
Ao terminar cada trabalho, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas. Depois, guarde os registros no portfólio.

Antes de começar o jogo teatral, vamos construir um mural de memórias!

- 1 Pense em um lugar de que você gosta muito. Pode ser um lugar de sua cidade, um lugar que você já visitou ou um lugar de que você já tenha ouvido falar.

### Material necessário

- papel sulfite
- lápis de cor




- 2 Faça uma representação desse lugar por meio de um desenho em uma folha de papel sulfite. Tente se lembrar de alguma atividade que tenha feito nesse lugar, pois isso pode ajudar a retratá-lo com mais detalhes!
- 3 Quando terminar seu desenho, exponha-o no mural da sala. Não se esqueça de escrever o nome do lugar na folha de sulfite, para que todos possam identificá-lo.
- 4 Faça uma observação dos trabalhos expostos e converse com os colegas sobre os lugares escolhidos.

64

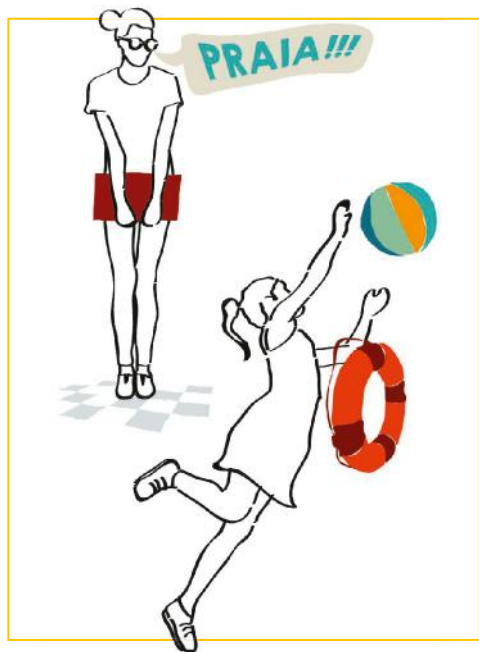
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de atividade complementar

Se achar pertinente, como forma de aquecimento para a experimentação, proponha que, em duplas, os alunos pratiquem um jogo teatral de desafio de improvisação. Um estudante deve se sentar em frente ao outro e, em seguida, cada um deles conta uma história diferente para o colega, ao mesmo tempo. Os dois devem contar a história sem parar, tentando desconcentrar o outro. Quem se atrapalhar ou parar de contar a história primeiro, perde.

 Todos juntos para compor uma imagem!

- 1 Este é um jogo para ser vivenciado por toda a turma. Escolha com os colegas uma posição confortável e neutra para esperar pelo comando do professor.
- 2 O professor dirá uma palavra relacionada a algum lugar representado nos desenhos do mural; ao ouvi-la, todos deverão formar uma figura que corresponda ao comando.
- 3 Você e os colegas devem permanecer na posição até que um novo comando seja dado pelo professor.



Como vimos até aqui, a arte está relacionada à cultura de um povo. Suas diversas manifestações podem ajudar a valorizar, preservar e resgatar histórias, costumes, valores e tradições. Por isso, a arte é uma forma de expressão cultural e também de registro da memória de um povo ou de um lugar.

Será que a arte faz parte do patrimônio de um grupo social, de um povo ou de um país? Vamos descobrir nos próximos capítulos!

65

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

**BNCC** EF15AR19

### Processos de criação

**BNCC** EF15AR21

A realização da experimentação proposta é uma oportunidade para que os alunos descubram teatralidades na vida cotidiana, exercitando a imitação e o faz de conta ao compor e encenar acontecimentos cênicos.

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidas no estudo dos capítulos 3 e 4. Neles, os alunos verão como duas linguagens artísticas – a dança e o teatro – estão relacionadas à ideia de patrimônio cultural.

Apresente para os alunos o título do capítulo 3: “Danças africanas!”. Em seguida, faça algumas perguntas: “O que vocês conhecem sobre a África?”; “Sobre quais países africanos vocês já estudaram?”; “Vocês já viram alguma dança africana?”; “Como vocês acham que são as danças dos diferentes países que formam a África?”; etc.

Depois, com a turma, redija uma lista com tópicos relativos aos conteúdos e às atividades que serão trabalhados durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário conhecer e fazer para responder à pergunta colocada: “Arte é patrimônio?”.

Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola e serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades:

- Conhecer um ou mais artistas que abordem as matrizes culturais africanas em suas obras.
- Descobrir mais sobre a linguagem da dança.
- Participar de exercícios de consciência corporal.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas ligadas às matrizes africanas.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre danças africanas.



## Unidade 2 – Capítulo 3

### Danças africanas!

Ao iniciar os estudos do capítulo 3, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “Arte é patrimônio?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e às atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior, para ninguém perder o fio da meada. Para ajudar a tecer as relações entre as danças africanas e o patrimônio cultural, ressalte que essas manifestações são parte importante da cultura desse continente.

### A dança do grupo Bacnaré

#### Para iniciar

Este capítulo é inteiramente dedicado às danças africanas. O estudo parte da apreciação do espetáculo de dança **Nações africanas**, realizado pelo grupo Balé de Cultura Negra do Recife – o Bacnaré.

Para iniciar a conversa sobre o tema, retome com a turma o que já estudaram sobre a África. Se julgar interessante, vá listando na lousa o que os alunos disserem, de modo a desvelar os conhecimentos prévios deles sobre o tema.

Depois, peça que observem as imagens e deixe-os comentá-las livremente. Feito isso, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões, fazendo perguntas como: “Que tipo de música vocês imaginam que está tocando?”; “Como é o figurino dos dançarinos?”; “E os adereços usados por eles?”; “Os movimentos dos dançarinos parecem ser amplos ou contidos?”; “Eles parecem se mover lenta ou rapidamente?”.

Nesse momento, lembre-se de incentivar os alunos a expressar as sensações e os sentimentos despertados pelas cenas de dança. Se possível, pesquise na internet e exiba vídeos do espetáculo para a turma.

## Capítulo 3

# Danças africanas!

### A dança do grupo Bacnaré

O povo brasileiro adora dançar! Gostamos de requebrar, girar, pular... Mas de onde vem toda essa alegria e remelexo? O que a dança brasileira tem a ver com as danças africanas? É o que vamos descobrir a partir de agora!

#### Para iniciar

1. Você já participou de algum festejo do qual a dança fazia parte? Como foi?
2. Para você, como os dançarinos escolhem os movimentos de suas danças?
3. Você acha possível criar uma dança inspirada em um povo ou em um lugar do mundo?

Observe com atenção as imagens a seguir.



▶ Cena do espetáculo **Nações africanas**, do grupo Balé de Cultura Negra do Recife (Bacnaré), no V Festival Internacional de Folclore do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2016.

66 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer alguns elementos da linguagem da dança.
- Conhecer e apreciar danças relacionadas às matrizes africanas.
- Valorizar o patrimônio cultural brasileiro.
- Participar de atividades de dança, individuais e coletivas.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua opinião, explicando o sentido que atribuiu às obras.



► Cena do espetáculo **Nações africanas**, do grupo Bacnaré, no V Festival Internacional de Folclore do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2016.

Essas imagens mostram cenas do espetáculo de dança **Nações africanas**, realizado pelo grupo Balé de Cultura Negra do Recife (Bacnaré), que estreou em 2014.

O que as pessoas estão fazendo? Que roupas e adereços elas estão usando? Sobre o que você acha que é esse espetáculo? O que você sente ao ver essas imagens?

► CAPÍTULO 3 67

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar uma produção inspirada no trabalho do grupo Bacnaré, apropriando-se dos saberes mobilizados no capítulo.

## ◆ Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestadas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
- Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

## Linguagem

Dança

## Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao apreciar imagens do espetáculo do grupo Bacnaré, os alunos terão a oportunidade de caracterizar uma manifestação de dança que tem relação com nossas matrizes africanas, conhecendo e valorizando o patrimônio cultural brasileiro.

## Que obra é essa?

Para desenvolver o trabalho com o capítulo, é importante pesquisar mais sobre a trajetória do grupo Bacnaré e sobre as referências utilizadas por eles. Se possível, assista a vídeos com trechos de alguns espetáculos que fazem parte do repertório do grupo. Esse tipo de material pode ser encontrado com facilidade na internet.

Ao começar o trabalho com a seção, sugerimos que você organize os estudantes em duplas ou pequenos grupos para que observem o mapa e as imagens das páginas. Peça aos alunos que localizem os países mencionados nas legendas das fotos no mapa da África reproduzido na página 68.

Faça a leitura das imagens com a turma e aproveite esse momento para levantar questões como: "Vocês já ouviram falar da África?"; "Quantos povos vocês imaginam que vivem nesse continente?"; "Já viram algum vídeo, filme ou espetáculo que mostre danças africanas?"; "O que vocês sabem sobre as danças de origem africana?"; "Nessas danças, como costuma ser o movimento do corpo dos dançarinos? É rápido, lento, suave ou enérgico?"; "Alguma parte do corpo fica mais evidente durante a dança? Qual?".

Promova então a leitura compartilhada do texto e explore com os alunos as questões nele propostas.

### Sugestão de...

#### Site

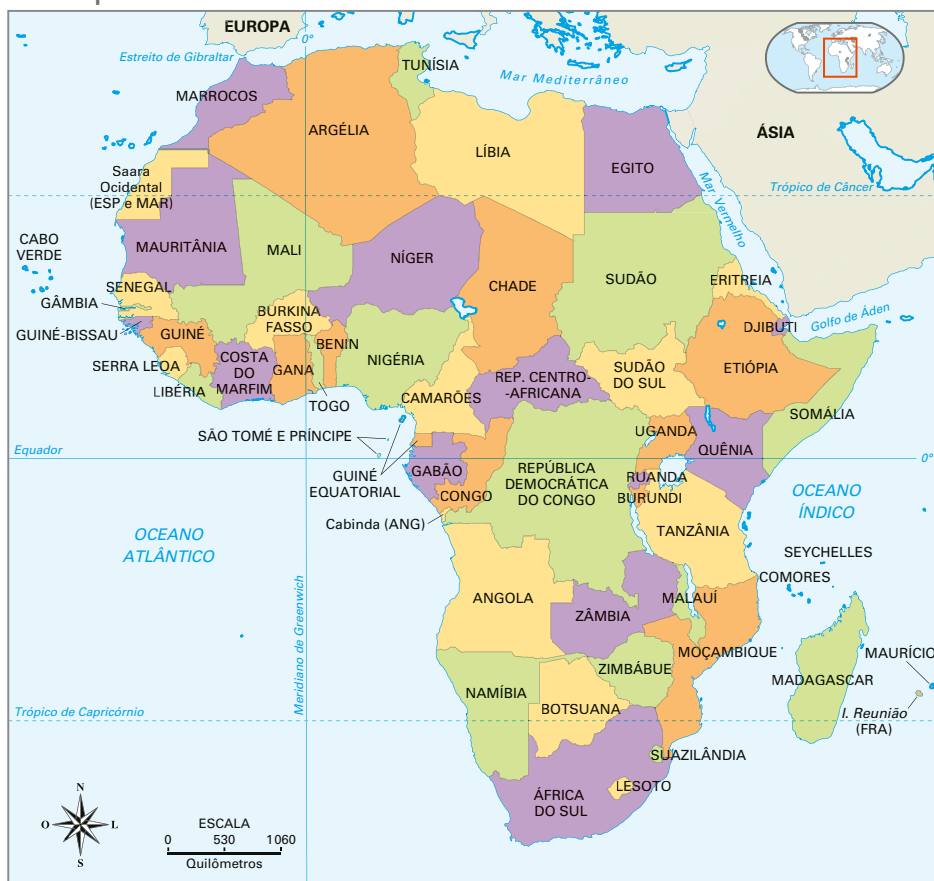
Recomendamos que você visite o *blog* do grupo Bacnaré. Disponível em: <<http://bacnarepe.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

## Que obra é essa?

A coreografia do espetáculo **Nações africanas** foi inspirada nas danças de povos do continente africano.

Como você pode observar no mapa a seguir, a África é um continente extenso, com mais de cinquenta países. Em seu território vivem centenas de povos com culturas bem distintas. Cada um deles tem um jeito próprio de dançar, mas há algo em comum entre essas várias culturas: a importância social e religiosa da dança. Por isso ela faz parte de diversos festejos e rituais.

### África: países



IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 45.



Diferentes povos africanos, tanto antigamente como hoje em dia, expressam-se na dança por meio de movimentos cheios de energia e vigor e, em geral, direcionados para o chão. O quadril, as pernas e os pés dos dançarinos estão em constante movimento e marcam o ritmo dos tambores.



► Apresentação de dança durante festival que uniu diversos povos da África, Quênia, 2014.



► Apresentação de dança e música durante festival cultural, Zimbábue, 2015.

Como é o figurino dos dançarinos retratados nas fotos? Na segunda imagem, os movimentos que as pessoas realizam durante a dança são direcionados para cima ou para baixo?

## ◆ A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de apreciar danças africanas, caracterizando manifestações de diferentes matrizes estéticas e culturais.

Ao abordar o continente africano e mencionar os diferentes povos que o constituem, é importante destacar a diversidade e a riqueza do continente. Para isso, sugerimos a leitura na íntegra do texto do qual destacamos o trecho a seguir.

### Texto complementar

[...] não podemos admitir nada de primitivo na história e na cultura material dos povos africanos, vez que se trata de sociedades que têm atrás de si mesma existência milenar. Temos testemunhos plásticos e iconográficos dos séculos V, VI e até VII a.C. nos países do Mediterrâneo antigo, que demonstram não apenas a presença da civilização egípcia, como também das civilizações da África sub-saariana, esta chamada de África negra. Vê-se aqui a antiguidade das culturas africanas, bem como sua dinâmica, alimentada não apenas por fluxos internos, mas também externos, desde longa data. [...]

É importante, portanto, ter sempre em vista que o continente africano é imenso, com centenas de grupos étnicos ou sociedades. [...]

Em contrapartida, devemos também estar alertas para não nos valermos do que, entre nós, é tido como premissa de civilização, achando que com isso chegamos à compreensão de outros povos. Ao lado de técnicas de metalurgia ou cultivo, ao lado de chefias ou de um comércio ativo, cada sociedade, cada cultura tem um sistema de categorias próprias de pensamento e existência, sendo ele o que a diferencia das outras, e o que lhe dá real relevância perante a humanidade. A cultura material e a arte, pelo seu caráter concreto (de “coisas”, objetos), podem ser veículos eficientes para que tais categorias não fiquem tão vulneráveis à ação destruidora de nosso etnocentrismo, desde que sejam enfocadas como produtos de sociedades diferentes e não desiguais.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. *África: culturas e sociedades*. Disponível em: <[www.arteafricana.usp.br/codigos/textos\\_didaticos/002/afrika\\_culturas\\_e\\_sociedades.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/afrika_culturas_e_sociedades.html)>. Acesso em: 7 dez. 2017.

## Como a obra foi feita?

Promova a leitura compartilhada do texto com a turma. Lembre-se de que as informações servem para ampliar a apreciação dos alunos e não devem ser colocadas acima de suas opiniões. Se achar pertinente, peça novamente que localizem, no mapa da África da página 68, os países mencionados no texto.

Ao orientar a leitura da imagem, converse com os estudantes sobre os efeitos visuais que podem ser obtidos por meio dos movimentos e das coreografias da dança. Chame a atenção para os detalhes das imagens, fazendo perguntas como: “Conseguimos ver todas as partes do corpo de todos os dançarinos nessas imagens?”; “O que conseguimos ver?”; “Vocês acham que isso foi proposital? Por quê?”; “Vocês acham que os dançarinos ficaram parados nessas posições ou estavam em movimento?”; “Que tipos de movimento poderiam estar fazendo?”; “Que impressões vocês têm ao olhar essas imagens?”.

Estimule os estudantes a levantar hipóteses acerca das motivações do grupo ao realizar o espetáculo. Comente que, ao utilizar referências de matriz africana, o grupo valoriza elementos importantes do nosso patrimônio cultural, buscando contribuir para preservá-lo. Se possível, faça uma pesquisa na internet de vídeos e imagens das danças mencionadas no texto para exibir para os alunos.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao apreciar imagens do espetáculo do grupo Bacnaré, os alunos terão a oportunidade de caracterizar uma manifestação de dança que se relaciona com nossas matrizes africanas, conhecendo e valorizando o patrimônio cultural brasileiro.

## Como a obra foi feita?

Os espetáculos do grupo Bacnaré têm como base a pesquisa das tradições de origem africana no Brasil, das danças afro-brasileiras e das danças tradicionais do próprio continente africano. Os integrantes do grupo já estiveram em vários países da África, como Senegal, Ruanda, Camarões e África do Sul, para apresentar seus espetáculos e trocar informações com grupos de dança locais.

Desses países, foram trazidas as danças que inspiraram o espetáculo **Nações africanas**, no qual o grupo procura destacar a grande diversidade cultural do continente africano. Entre essas danças estão: a **simbu**, ou **dança dos falsos leões**, do Senegal; o **dilla**, ritmo contagiante feito de movimentos rápidos, original de Camarões; e a **rwanda**, dança tradicional do centro-oeste africano, cuja característica mais marcante é a postura dos braços e da cabeça dos homens.

A proposta do grupo Bacnaré com o espetáculo **Nações africanas** é valorizar as culturas tradicionais africanas que fazem parte da história do Brasil por meio de um resgate das diversas manifestações da dança.



➤ Cena do espetáculo **Nações africanas**, do grupo Bacnaré, no V Festival Internacional de Folclore do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2016.

70

UNIDADE 2 ➤

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



As apresentações costumam reunir 26 dançarinos, seis **percussionistas** e dois cantores, que mostram a diversidade africana por meio de uma dança cheia de energia e que conta com o uso de diversos adereços, como as máscaras que simbolizam deuses africanos.

**percussionista:**  
musicista que toca instrumentos de percussão.



► Cena do espetáculo **Nações africanas**, do grupo Bacnaré, no V Festival Internacional de Folclore do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2016.

#### Sugestão de...

##### Site

Conheça mais sobre o trabalho do grupo Bacnaré no *blog* da companhia. Disponível em: <<http://bacnarepe.blogspot.com.br>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

## Arte e Língua Portuguesa

O patrimônio cultural brasileiro não é assunto apenas para a Arte. A Língua Portuguesa também se dedica a pesquisar e a divulgar as diversas manifestações que fazem parte do nosso patrimônio, como poemas, contos e romances, que revelam nossas origens culturais.

Assim como os movimentos dos dançarinos, as palavras e as figuras de linguagem usadas em textos verbais podem ser específicas de cada povo ou grupo social, por exemplo.

Para pensar um pouco mais sobre esse assunto, que tal pesquisar termos e palavras de origem africana que usamos em nosso dia a dia? Siga as orientações do professor.

► CAPÍTULO 3 71

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Sugestão de...

##### Livro

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Brasilidades que vêm da África*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Disponível em: <[www.letras.ufmg.br/padroao/cms/documentos/eventos/vivavoz/brasilidades-site.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padroao/cms/documentos/eventos/vivavoz/brasilidades-site.pdf)>. Acesso em: 13 dez. 2017.

O livro apresenta palavras de origem africana agrupadas por campo semântico: instrumentos musicais, danças, culinária, divindades, alcunhas, qualidades pejorativas, afeições e partes do corpo, procurando construir os significados desses africanismos a partir da ocorrência deles em textos correntes em língua portuguesa.

## Arte e Língua Portuguesa

Ao promover interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, aproveite para conversar com os alunos sobre os povos africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil em diferentes momentos históricos. Procure promover uma reflexão sobre a importância da cultura africana na formação do país. Destaque o papel das linguagens oral e escrita na valorização e na preservação das memórias e das tradições desses povos. Ressalte também a importância da língua em nosso patrimônio cultural.

Peça aos alunos que citem exemplos de histórias, hábitos e manifestações culturais brasileiras que tiveram origem nas culturas africanas. Aproveite para reforçar com a turma a importância de valorizar a nossa diversidade cultural.

Em seguida, oriente os alunos na pesquisa de termos e palavras de origem africana que são comuns no nosso cotidiano. Organize grupos de quatro ou cinco integrantes. Se julgar interessante, peça que cada grupo escolha palavras de um campo semântico diferente. Você pode pedir que os alunos criem um desenho para cada palavra pesquisada, compondo um dicionário ilustrado de palavras africanas. Depois que a pesquisa for realizada, planeje um momento para que os estudantes compartilhem com os colegas as informações que descobriram.

## Interdisciplinaridade: Arte e Língua Portuguesa na BNCC

### Estratégia de leitura

BNCC EF35LP05

Neste momento, ao pesquisar palavras de origem africana, os alunos terão a oportunidade de identificar o sentido desses vocábulos e refletir sobre eles.



## Consciência corporal

### O movimento do corpo e o gasto de energia

Faça a leitura do texto em voz alta, enquanto os alunos o acompanham por meio da leitura silenciosa. Chame a atenção para as imagens e analise-as com eles. Deixe-os compartilhar seus conhecimentos sobre o corpo humano e resalte a importância dos exercícios físicos para desenvolver a tonicidade muscular, a habilidade corporal e a capacidade de movimentação.

Aproveite o momento para estabelecer interdisciplinaridade com Ciências. Os estudos desse componente curricular são muito importantes para a compreensão do movimento. O conteúdo abordado neste momento se relaciona com as seguintes habilidades de Ciências na BNCC:

- **Nutrição do organismo**

**BNCC EF05CI06**

Selecionar argumentos que justifiquem por que os sistemas digestório e respiratório são considerados responsáveis pelo processo de nutrição do organismo, com base na identificação das funções desses sistemas.

- **Integração entre os sistemas digestório, respiratório e circulatório**

**BNCC EF05CI07**

Justificar a relação entre o funcionamento do sistema circulatório, a distribuição dos nutrientes pelo organismo e a eliminação dos resíduos produzidos.

Aproveite para conversar com a turma sobre a grande diversidade de formatos, tamanhos e desempenhos do corpo humano. Reafirme a importância do respeito às diferenças, tão úteis à criatividade. Permita que os alunos manifestem suas opiniões e esclareça as possíveis dúvidas que surgirem durante a leitura do texto e das imagens.

## Consciência corporal

### O movimento do corpo e o gasto de energia

Você sabia que para se mover e se desenvolver o corpo humano produz e gasta energia constantemente? Volte às imagens do espetáculo **Nações africanas**. Como são os movimentos dos dançarinos? Você acha que para realizá-los eles gastam muita ou pouca energia?

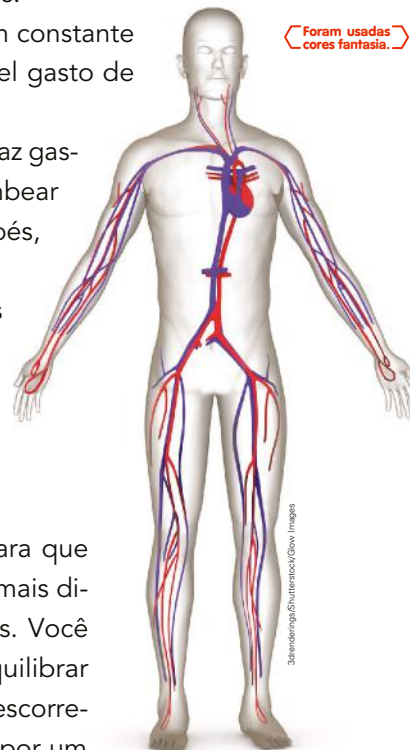
Mesmo quando estamos parados, e até enquanto dormimos, diversos músculos do nosso corpo, como os do coração e aqueles relacionados à respiração, continuam trabalhando para nos manter vivos.

Isso quer dizer que o nosso corpo está em constante funcionamento, o que leva a um considerável gasto de energia.

A circulação sanguínea, por exemplo, nos faz gastar muita energia, pois o coração precisa bombear o sangue por todo o corpo, da cabeça aos pés, sem parar.

Talvez você já tenha ouvido falar disso nas aulas de Ciências, ao estudar o sistema cardiovascular, responsável pela circulação do sangue, e o respiratório, responsável pela absorção do oxigênio que está presente no ar que respiramos e que é essencial à vida.

Outro exemplo é a energia necessária para que nosso corpo se mantenha em equilíbrio nas mais diferentes posições. Você já tentou se equilibrar para não cair ao escorregar ou ao andar por um lugar muito estreito? Seja quando está em pé, sentado ou deitado, vários músculos do seu corpo trabalham juntos para que você não perca o equilíbrio. Mesmo que você não perceba, eles estão em constante movimento e gastam muita energia!



Foram usadas cores fantasia.

► Sistema cardiovascular.



► Sistema respiratório.

72

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

**BNCC EF15AR09**

### Processos de criação


**BNCC EF15AR11**

Neste momento, os alunos terão oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e o todo corporal, considerando aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento.

## Atividade prática

Agora, que tal participar de exercícios de consciência corporal?

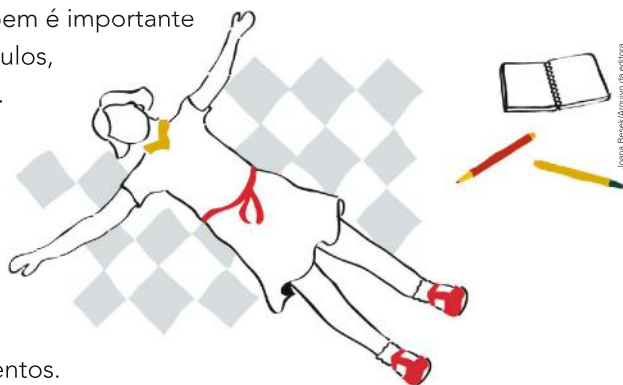
Ao terminar cada atividade, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas antes de guardá-los no portfólio.

 Você sabia que o ato de se espreguiçar ajuda a despertar o corpo? Vamos nos espreguiçar!

1 Deite-se no chão, de barriga para cima. Procure uma posição bem confortável e feche os olhos.

2 Depois, espreguice-se da forma que quiser, mas demoradamente!

3 Para se espreguiçar bem é importante mexer todos os músculos, incluindo os do rosto.



 Realizando micromovimentos.

1 Na mesma posição do exercício anterior, preste atenção em cada parte de seu corpo: dedos dos pés, tornozelos, panturrilhas, joelhos, quadril, barriga, peito, axilas, braços, antebraços, cotovelos, dedos das mãos, pescoço, cabeça, língua. Produza micromovimentos com cada um deles, procurando mexê-los de forma isolada.

2 Lembre-se de que, mesmo quando estamos parados, nosso corpo está em constante movimento: o sangue circula, o coração bate, os pulmões contraem-se e expandem-se, etc.



## Atividade prática

Para realizar as atividades de consciência corporal, deixe o ambiente o mais livre possível. Peça auxílio dos alunos para afastar as cadeiras e as mesas, liberando uma boa área da sala de aula. Outra possibilidade é realizar as propostas no pátio ou na quadra da escola. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Sugerimos que você conduza as atividades lendo os comandos de modo pausado e tranquilo. Quanto mais calma você transmitir, mais os alunos entrarão no clima de relaxamento necessário a essas atividades. É interessante que dois ou três alunos voluntários demonstrem o exercício antes que todos participem. Cheque se ainda há dúvidas, pois interrupções durante os procedimentos podem quebrar o clima de concentração.

Se houver alunos com deficiência em sua turma, deixe que expressem suas inseguranças e experiências. É muito importante integrá-los às atividades. Procure adaptar as instruções às necessidades de cada um.

Ao final da atividade, distribua papel sulfite e lápis de cor para que os alunos representem a vivência por meio do desenho. Socialize as produções e, depois, peça que as arquivem no portfólio.

## Texto complementar

Ao pensar na dança no contexto escolar, devemos ter como prioridade os processos pedagógicos, em que o processo e o produto são fundamentais para se compreender a importância de uma prática que respeite o corpo e a liberdade de expressão dos alunos. Não podemos perder de vista a humanização, a inclusão, a ludicidade, os princípios artísticos e as diversas estéticas. [...]

No que se refere às pessoas portadoras de necessidades especiais, [...] a dança possibilita a integração entre os indivíduos nos processos criativos e interpretativos de dança em sala de aula, trabalhando com a pluralidade cultural. Além disso, ela pode propiciar a aceitação, a valorização e a experiência de que diferentes corpos criam diferentes danças e de que não necessitamos de um corpo perfeito, segundo os padrões sociais, para nos expressar e comunicar.

SANTOS, Rosirene Campêlo dos; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. Dança e inclusão no contexto escolar: um diálogo possível. *Pensar a prática*, v. 6, 2003. Disponível em: <[www.revistas.ufg.br/fe/article/view/16052/9836](http://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/16052/9836)>. Acesso em: 13 dez. 2017.

## O corpo por dentro e por fora

A abordagem sobre os movimentos corporais, que trata brevemente dos sistemas muscular e ósseo, é uma antecipação de um conteúdo relacionado a esta habilidade da BNCC de Ciências:

- **Interação entre os sistemas locomotor e nervoso**

**BNCC EF06CI09**

Deduzir que a estrutura, a sustentação e a movimentação dos animais resultam da interação entre os sistemas muscular, ósseo e nervoso.

O conteúdo está previsto para o 6º ano e deverá ser aprofundado no momento adequado.

Chame a atenção dos alunos para as imagens e analise-as com eles. Permita que manifestem sua opinião e esclareça as possíveis dúvidas que surgirem durante a leitura do texto. É importante mapear essas dúvidas, que podem ser sobre conceitos ou mesmo sobre o significado de algumas palavras.

### A BNCC nestas páginas

#### Elementos da linguagem

**BNCC EF15AR09**

Neste momento, ao estudar os movimentos corporais, os alunos terão oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal.

## O corpo por dentro e por fora

O corpo humano é uma máquina engenhosa e o esqueleto é seu suporte.

Graças aos ossos e às articulações, podemos executar os mais diversos movimentos, desde os maiores e mais complexos, como correr, até os menores e mais simples, como estalar os dedos.



► Correr.



► Estalar os dedos.

As imagens não estão representadas em proporção.



► Esqueleto humano.

Se o suporte do corpo é o esqueleto, podemos dizer que sua embalagem é a pele. É ela que o delimita, separando-o de tudo que está a sua volta.

Você sabia que a pele é o maior órgão do corpo humano? É por meio dela que sentimos a textura, a temperatura, a dureza e a umidade de tudo que nos cerca.

74 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Livro

GREENE HASS, Jacqui. *Anatomia da dança*. São Paulo: Manole, 2011.

O livro, repleto de ilustrações, tem o objetivo de apresentar a relação entre o desenvolvimento dos músculos e a estética do movimento.



## Movimentos voluntários e involuntários

Entre a pele e o esqueleto há, além de outros elementos, os músculos, que são responsáveis por nossos movimentos voluntários e involuntários. Você já ouviu falar desses movimentos?

Os **movimentos voluntários** são aqueles que realizamos intencionalmente, como caminhar, abraçar alguém, subir em uma árvore, etc. Já os **movimentos involuntários** são os que se realizam independentemente de nossa vontade, como o batimento do coração e o funcionamento dos intestinos.

Os músculos esqueléticos determinam os movimentos voluntários e, graças a eles, os ossos também se movimentam para que possamos, por exemplo, nos deslocar de um lugar para outro.

Por meio de exercícios físicos, quando executamos uma série de movimentos voluntários, podemos tomar consciência de nosso corpo e potencializar nossa capacidade de concentração e de comunicação com o mundo. Além disso, realizando movimentos de forma mais consciente, podemos explorar e interagir melhor com o espaço a nossa volta.

Nosso corpo é único! Por isso é tão importante conhecê-lo, saber do que ele é capaz, que movimentos pode realizar (quanto conseguimos nos esticar, dobrar, saltar...). Em outras palavras, é fundamental aprender a conhecer as possibilidades e as limitações do próprio corpo.

### Saiba mais »

Mesmo em repouso, nossos músculos apresentam **tônus**, um estado de contração parcial que os deixa preparados para entrar em movimento quando necessário. Quanto mais nos exercitamos, mais tonificados ficam nossos músculos.

Foram usadas cores fantasia.



► Sistema muscular.

## Movimentos voluntários e involuntários

Explique aos alunos que o corpo humano tem músculos que envolvem a estrutura óssea e possibilitam os mais diversos movimentos. A movimentação corporal obedece aos comandos do cérebro e há estímulos que provocam movimentos independentemente de nossa vontade, como os reflexos, por exemplo.

Os movimentos que comandamos ou realizamos conscientemente, como sentar, cumprimentar alguém ou subir uma escada, são chamados de voluntários. Já os movimentos que independem de nossa vontade, como o batimento do coração e o funcionamento dos intestinos, são os involuntários.

Os movimentos voluntários são comandados pelos músculos esqueléticos. Graças a eles, os ossos se movimentam para que possamos nos deslocar de um lugar para outro, por exemplo.

O corpo humano tem cerca de 1200 músculos, que se contraem e se estendem para produzir os movimentos.

Ao praticarmos atividades físicas, executamos movimentos voluntários, que estão relacionados à consciência corporal. Quando realizamos movimentos de forma consciente, exploramos o espaço ao nosso redor e interagimos de modo mais significativo com ele e com as outras pessoas.

Mesmo quando estamos parados, nossos músculos não ficam totalmente relaxados. Eles permanecem em estado de contração parcial, que os mantém prontos para se movimentar quando necessário. Esse estado é denominado tônus. Uma pessoa que se exercita bastante tem os músculos mais tonificados.

## Atividade prática

Para realizar as atividades práticas propostas, será necessário dispor de espaço livre. Caso não seja possível utilizar o pátio ou a quadra de esportes, peça aos alunos que afastem cadeiras e mesas, liberando uma boa área da sala de aula. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Ao realizar a atividade de abaixar e levantar, peça a algum aluno que demonstre como deve ser feita a sequência de movimentos, abaixando e levantando uma vez com a cabeça ereta, outra com os ombros altos e o peito cheio e mais outra vez com as mãos nos quadris.

Antes de iniciar a atividade “Caminhando com atenção!”, avise os alunos para evitar esbarrar nos colegas. Combine que todos comecem a caminhar na mesma direção, evitando tumulto.

## Diversidade e criatividade

Oriente os estudantes na exploração da imagem perguntando, por exemplo: “Como os corpos dos dançarinos estão posicionados?”; “Os gestos retratados na imagem expressam algum sentimento ou emoção?”; “O que vocês sentem ao olhar para a imagem?”.

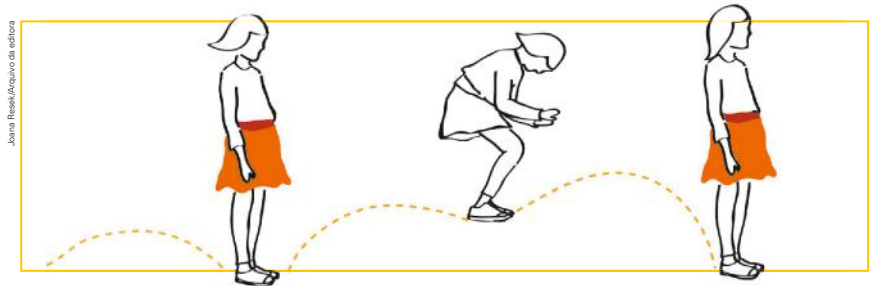
Ressalte para os alunos que atualmente vários grupos de dança questionam o pressuposto do corpo ideal em seus trabalhos, acolhendo dançarinos com diferentes corpos e explorando essa diversidade em seus espetáculos.

Continue a reflexão, propondo que os alunos pensem sobre as seguintes questões: “Como nos movimentamos quando dançamos?”; “Quais são as direções que o corpo pode tomar no espaço?”; “Para vocês, existe um jeito certo de dançar?”; “Nossos movimentos podem expressar quem somos e qual a nossa cultura de origem?”.

## Atividade prática

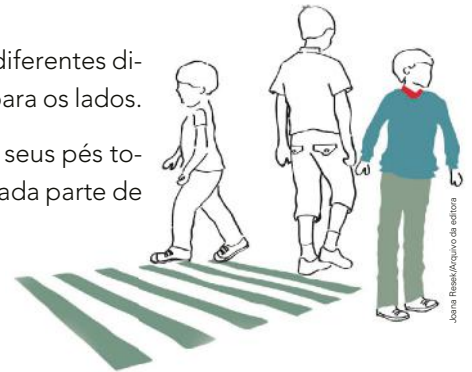
### Abaixando e levantando!

- 1 Abaixe-se e levante-se repetidas vezes. Procure comandar o movimento ora com a cabeça, ora com os ombros, ora com o quadril.
- 2 Observe como, dependendo da parte do corpo que exerce a “liderança”, os movimentos geram resultados muito diferentes.



### Caminhando com atenção!

- 1 Caminhe pela sala, andando em diferentes direções: para a frente, para trás e para os lados.
- 2 Preste atenção na maneira como seus pés tocam o chão e no movimento de cada parte de seu corpo.
- 3 Depois de algum tempo, pare e feche os olhos para relaxar.



## Diversidade e criatividade


Observe as pessoas a sua volta durante alguns minutos e procure perceber como alguns gestos ou movimentos simples (como caminhar, segurar uma caneta, sentar-se em uma cadeira ou falar ao telefone) tornam-se muito particulares e são realizados de formas diferentes por elas. A diversidade de movimentos que caracteriza os seres humanos inspira a criatividade e favorece a criação artística!

Observe a imagem a seguir. Descreva os gestos dos bailarinos: eles são delicados, fortes, para cima, para baixo, na altura do chão ou acima dele?



► Bailarinos em cena no espetáculo **Batuquinho**, da Cia. da Ideia realizando alguns movimentos que estão ao alcance de seu corpo, Rio de Janeiro, 2016.

## Atividade prática

 Sem deixar a bola cair!

- 1 Junte-se a um colega. Cada dupla vai caminhar pela sala equilibrando uma bola entre os corpos dos integrantes ao som da música que o professor vai reproduzir.
- 2 Lembre-se de que o objetivo do exercício é não deixar a bola cair enquanto a música estiver tocando!
- 3 Para segurar a bola, vocês podem usar a barriga, as costas, os ombros... Só não vale usar as mãos!
- 4 A atividade termina quando a música parar.

### Material necessário

- bola



## Sugestão de atividade complementar

### Composição visual com o corpo

Depois de trabalharem exercícios de consciência corporal e de se voltarem para a percepção e o funcionamento dos próprios corpos, proponha que os alunos realizem um exercício de composição visual corporal, como viram nas imagens do trabalho do grupo Bacnaré.

Oriente os estudantes a se organizarem em grupos de seis a oito integrantes para criar uma composição visual com os próprios corpos. A instrução principal deve ser que procurem ficar todos muito próximos uns dos outros, para que, juntos, os corpos de todos eles formem uma só imagem, como em uma escultura viva.

Auxilie-os a fazer registros fotográficos dos resultados.

## Atividade prática

Para realizar a atividade, com antecedência, selecione algumas músicas e providencie um dispositivo para reproduzi-las. Você também vai precisar de bolas de borracha, que podem ser substituídas por bexigas.

Se optar pelo uso das bexigas, oriente os alunos a não enchê-las muito, a fim de evitar que estourem durante a execução da atividade, o que pode desviar a atenção da turma.

No dia da realização da atividade, prepare o ambiente da sala de aula e divida os alunos em duplas. Caso seja necessário, forme também alguns trios.

Ao final, forme uma roda com os estudantes para que eles expressem o que sentiram durante a experiência. Registre os comentários deles em seu diário de bordo.



## Outros trabalhos do grupo Bacnaré

Depois da leitura compartilhada do texto e das imagens da seção, pergunte aos alunos o que sabem sobre Ganga Zumba, Zumbi e as lutas de resistência. Deixe que compartilhem seus conhecimentos sobre o tema e, então, se julgar necessário, forneça mais algumas informações sobre o assunto.

Durante a leitura de imagem, procure chamar a atenção dos alunos para algumas características comuns dos trabalhos do grupo, que podem ser identificadas como marcas de autoria e de estilo. Pergunte, por exemplo: “O que existe em comum nos espetáculos do grupo?”; “Como são as cores de seus figurinos?”; “O que vocês acham que essas cores representam?”; “Há semelhanças entre os figurinos dos espetáculos? Quais?”; “Há diferenças? Quais?”; “Como vocês explicariam isso?”; “Com que materiais são feitos os trajes e os adereços?”.

Aproveite a discussão do capítulo para incentivar os alunos a levantar mais informações sobre as danças africanas. Eles podem pesquisar na biblioteca da escola, na internet ou, ainda, perguntar a seus familiares se as conhecem. Você também pode propor um trabalho interdisciplinar com História.

## Outros trabalhos do grupo Bacnaré

Em **Memórias**, primeiro espetáculo do Bacnaré, criado nos anos 1980, o grupo relata, por meio da dança, a história dos povos africanos escravizados e trazidos para o Brasil durante a colonização portuguesa. A narrativa aborda desde o momento do embarque desses povos nos navios negreiros até as vivências dos africanos e afro-brasileiros no país, passando pelas lutas de resistência lideradas por Ganga Zumba e Zumbi.

### Saiba mais

Zumbi é considerado um dos grandes líderes de nossa história. Símbolo da luta contra a escravidão, lutou também pela liberdade de culto religioso e pela prática da cultura africana no país. O dia de sua morte, 20 de novembro, é lembrado e comemorado em todo o território nacional como o Dia da Consciência Negra.

Disponível em: <[www.palmares.gov.br/personalidades-negras](http://www.palmares.gov.br/personalidades-negras)>. Acesso em: 8 nov. 2017.



➤ Cena do espetáculo **Memórias**, do grupo Bacnaré, Recife, Pernambuco, 2012.

78

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

[...] Em 1640, os holandeses viam Palmares como “um sério perigo”. Mandaram Bartolomeu Lintz para obter informações sobre o quilombo, que foi descrito como composto de dois grandes assentamentos: uma aldeia grande na Serra da Barriga e uma menor à margem esquerda do rio Gurungumba. Quatro anos depois, Rodolfo Baro liderava forças holandesas no ataque à comunidade, onde viveriam seis mil pessoas, tendo sido mortas cem e capturadas 31, dentre as quais sete indígenas e crianças mulatas. No ano seguinte, Jürgens Reimbach atacava Palmares, descrito já como composto por nove aldeias.

Com a expulsão dos holandeses em 1654, os portugueses começaram a atacar o quilombo, em expedições modestas e infrutíferas. Em 1667, os quilombolas começaram a atacar fazendas para conseguir armas, libertar escravos e vingar-se de senhores e feitores. Em 1670, o governador de Pernambuco denunciou os colonos que passavam armas de fogo para os habitantes de Palmares, em desrespeito a Deus e às leis. Os ataques a Palmares continuaram e, em 1675, na campanha de Manoel Lopes, Zumbi se destacava como líder dos rebeldes, mas o governante era seu tio Ganga-Zumba. Em 1677, segundo documentos,

No espetáculo **Sons da África**, que estreou em 2010, além de valorizar as danças, o grupo também destaca a grande variedade de músicas africanas.

Rubens Donato/Fotofree



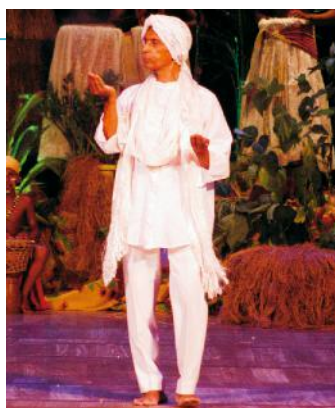
► Cena do espetáculo **Sons da África**, do grupo Bacnaré, Recife, Pernambuco, 2011.

### Sobre o grupo

O grupo Bacnaré foi fundado em 1985 pelo pesquisador e coreógrafo Ubiracy Ferreira (1937-2013). Durante muitos anos, as aulas de dança e os ensaios dos espetáculos aconteciam em sua casa, localizada em Recife.

Atualmente, na sede do grupo, situada na mesma cidade, os integrantes do Bacnaré criam e ensaiam suas coreografias, além de confeccionarem o figurino e os instrumentos musicais usados em seus espetáculos.

Eles também utilizam esse espaço para produzir artefatos, como cangas, chocalhos e camisas, e oferecer cursos e oficinas de dança africana.



Bacnaré/Divulgação

► Ubiracy Ferreira, fundador do grupo Bacnaré.

### Assim também aprendo



Você gostou do trabalho do grupo Bacnaré? Com um colega, escreva um breve comentário justificando por que vocês gostaram ou não do trabalho, levando em consideração a proposta do grupo de resgatar e de valorizar as danças africanas e afro-brasileiras.

Palmares compreendia mais de 60 léguas e dez aldeias. Em 1678, Fernão Carrilho capturou os dois filhos de Ganga-Zumba. Em Recife, embaixadores do quilombo e as autoridades estaduais subscreveram um tratado de paz. Zumbi não confiava nas autoridades; revoltou-se, matou seu tio e proclamou-se rei de Palmares. Os ataques portugueses intensificaram-se nos anos seguintes, sem sucesso, até que o paulista Domingos Jorge Velho ofereceu-se para conquistar os índios de Pernambuco, em 1685, o que abria as portas para sua atuação, também, no combate aos escravos fugidos e agrupados em Palmares. Os colonos

ainda insistiram em contar com as forças locais, sem êxito, e começaram a perseguir mais intensamente aqueles que colaborassem com os fugitivos. Dois anos depois, Jorge Velho e o governador de Pernambuco chegaram a acordo para a destruição de Palmares. Em 1694, o paulista, à frente de sua tropa de índios e mamelucos, conseguiu, em fevereiro, destruir o quilombo; no ano seguinte, Zumbi foi encontrado, morto e exposto em praça pública. [...]

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. *Palmares, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 11-13.

### Assim também aprendo

Para ajudar os estudantes a formar e a expressar opiniões sobre obras de arte, reveja com eles as imagens dos espetáculos do grupo Bacnaré e incentive-os a identificar os aspectos que mais lhes chamaram a atenção em relação a eles. Estimule-os a dar exemplos que justifiquem seu ponto de vista sobre as obras.

Depois de ler o box, organize a conversa e proponha aos alunos a elaboração em duplas de um texto crítico sobre o trabalho do grupo Bacnaré. Antes da produção, se necessário, retome o que é preciso considerar para construir um texto como esse:

- Identificar aspectos que lhes fizeram gostar ou não da obra.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista.
- Criar um título adequado ao texto, que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Cada integrante da dupla deve guardar uma cópia do texto em seu portfólio.

### A BNCC nestas páginas

#### Contextos e práticas

**BNCC EF15AR08**

Neste momento, ao conhecer outros trabalhos do grupo Bacnaré, os alunos terão a oportunidade de apreciar formas distintas de manifestações da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.



## Ampliando o repertório cultural

### Identidades africanas

Como vimos, no trabalho do grupo Bacnaré há diversas referências às culturas africanas, principalmente a ioruba e a banto. Neste momento, o objetivo é levar os alunos a refletir sobre alguns aspectos das identidades africanas. Ressalte que as diferenças entre esses povos, culturas e etnias são resultado de construções históricas e sociais.

Oriente a leitura das imagens incentivando os alunos a observar seus detalhes por meio de perguntas, como: “O que as pessoas retratadas estão fazendo?”; “Em que lugares elas estão?”; “Como estão vestidas? Quais são as semelhanças e as diferenças entre os trajes que usam?”; “O que essas imagens revelam sobre o modo de vida e os costumes de cada grupo representado?”.

Comente com os alunos que em várias regiões da África encontram-se grupos que buscam preservar modos de vida e valores tradicionais, mas que o continente não escapou do processo de mundialização da economia, que estabeleceu a padronização da produção e dos hábitos de consumo em escala planetária. As identidades locais encontram formas privilegiadas de afirmação nas várias modalidades artísticas – por exemplo, nas danças e nos ritmos musicais, que são admirados no mundo todo.

## A BNCC nestas páginas

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de matriz africana, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

## Ampliando o repertório cultural

### Identidades africanas

A diversidade **étnica** da população africana se expressa na variedade de modos de vida, tradições e manifestações artísticas existentes no continente. Observe, nas imagens a seguir, alguns exemplos de grupos étnicos da África.

**étnico:** que remete à etnia, grupo que apresenta identificação cultural e compartilha origens comuns.



▶ Representantes do povo kikuyu, do Quênia. A língua materna desse grupo étnico é o banto. Nyahururu, Quênia, 2014.



▶ A religião da maioria dos sudaneses é o islamismo e sua língua é o árabe. Na foto, pessoas oram durante feriado religioso em uma mesquita de Cartum, Sudão, 2016.



▶ O zulu é um dos grupos étnicos sul-africanos. Na foto, pessoas durante a cerimônia na província de KwaZulu-Natal, África do Sul, 2016.



▶ O ioruba é o maior grupo étnico da África ocidental. Na foto, reis ioruba participam de coroação, na região de Iorubalândia, Benin, 2012.

Você já ouviu falar de algum desses grupos étnicos? Vamos conhecer um pouco mais sobre as manifestações artísticas de um deles: o povo ioruba.

80

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



## Os iorubas

Entre os povos africanos, o grupo mais numeroso é o dos iorubas.

Os iorubas desenvolveram uma enorme variedade de manifestações artísticas, como cerâmica, tecelagem, confecção de máscaras e de esculturas de madeira e de metais, como o bronze e o latão. A maioria dessas obras é elaborada como forma de culto aos orixás, divindades de sua religião.

Observe as fotos ao lado.

O que você sente ao ver as obras retratadas? As linhas e as formas são finas ou grossas, delicadas ou fortes? E como são os materiais de cada obra?

Você percebe semelhanças e diferenças entre essas obras? Quais? Que histórias você imagina que elas contam?



► Cabeça de bronze ioruba, Ifé, Nigéria, séculos XII a XV (29 cm de altura).



► Máscara gelede, Nigéria/Benin, século XX (madeira entalhada).

## Saiba mais

A cultura ioruba espalhou-se pelo mundo, e também por terras brasileiras, especialmente durante o período de colonização. Os africanos que aqui chegaram escravizados resgataram e reconstruíram suas práticas culturais de origem.

Salvador, na Bahia, é uma das cidades brasileiras que mais tiveram influência da cultura africana. Essa influência pode ser reconhecida em costumes, crenças, religião, ritmos, comida e arte característicos do lugar.

Com mais de 80% da população **afrodescendente**, Salvador é considerada a “cidade mais negra” do mundo fora do continente africano.

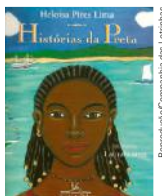
### afrodescendente:

pessoa que tem ascendência africana ou que tem pais, avós, bisavós, etc. de origem africana.

### Sugestão de...

#### Livro

Com informações históricas, reflexões e contos africanos, **Histórias da Preta**, de Heloísa Pires Lima (Companhia das Letrinhas, 2006), permite conhecer um pouco mais da cultura de povos que, arrancados de sua terra natal, chegaram escravizados ao Brasil, além de servir como estímulo ao exercício da cidadania. Vale a pena conferir!



## ► CAPÍTULO 3

81

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Os iorubas

Observe com os alunos as imagens e converse com eles sobre as características, os materiais e as funções dos objetos retratados. Estimule-os a compartilhar com os colegas as histórias que imaginam que essas obras contam, procurando relacionar essa observação à pergunta “Arte é patrimônio?”.

Comente que os iorubas desenvolveram uma grande variedade de produções artísticas, incluindo cerâmica, tecelagem, esculturas em madeira e metais e confecção de máscaras. Ressalte que as obras dos povos iorubas geralmente têm funções ritualísticas e representam entidades por eles cultuadas. As máscaras, por exemplo, podem representar os espíritos dos antepassados em alguns rituais.

A cultura ioruba espalhou-se pelo mundo, em especial em terras brasileiras, durante o período da colonização. Os africanos escravizados que aqui chegaram lutaram para manter seus costumes e suas tradições, conseguindo que alguns se perpetuassem.

## Sugestão de...

### Livro

WILLETT, Frank. *Arte africana*. São Paulo: Sesc Livros, 2017.

O livro é uma introdução geral ao estudo da arte africana e busca propiciar ao leitor o conhecimento para a apreciação das mais importantes produções artísticas desse continente.

## Experimentação

A experimentação proposta deve ser realizada em um espaço amplo e livre de obstáculos, como a quadra ou o pátio da escola. Se optar por realizar as atividades em sala de aula, oriente os alunos a afastar as cadeiras e as mesas da área central da sala. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Antes de iniciar a proposta, faça um levantamento com a turma procurando descobrir o local de origem das suas famílias. Depois, verifique se é viável formar grupos de alunos conforme o estado brasileiro ou o país de origem da família. Caso isso não seja possível, proponha que se agrupem conforme o município de origem.


Se não for possível realizar a atividade de acordo com o país, o estado ou mesmo o município de origem das famílias, proponha aos alunos que pesquisem danças típicas dos povos africanos e prossigam com a tarefa, alterando apenas a última etapa: em vez de a turma ter de adivinhar a origem da dança, os alunos que a apresentaram devem fazer uma breve fala sobre ela e sobre de onde vem.

Planeje com antecedência o tempo necessário para os ensaios e combine esses momentos com os alunos. Aproveite a oportunidade para ressaltar que eles não precisam reproduzir exatamente todos os movimentos planejados pelo grupo, mas que a organização dos movimentos que serão feitos é importante. Além disso, auxilie os alunos a decidir se usarão trilha sonora, se farão sons com a voz ou com o corpo, ou se não terão sons acompanhando a dança.

Para organizar a apresentação, defina previamente com a turma a ordem de entrada dos grupos e o local onde cada um começará sua exibição (no centro da sala ou nos cantos, por exemplo).

Ao final da experimentação, estimule os alunos a expressar o que vivenciaram. Pergunte se a atividade foi cansativa ou divertida, por exemplo, e peça que justifiquem suas impressões.

# EXPERIMENTAÇÃO

 Qual é o local de origem de sua família? Você conhece alguma dança típica desse local?

- 1 O professor vai organizar a turma em grupos, que serão formados de acordo com o local de origem das famílias. Cada grupo deverá escolher uma dança representativa desse local.
- 2 Com os demais integrantes do grupo, ensaie a coreografia da dança escolhida para apresentá-la aos colegas.
- 3 Depois de cada apresentação, os colegas devem tentar adivinhar o local de origem da família do grupo.


 Vamos criar coreografias inspiradas nas apresentações dos colegas?

- 1 Organize-se em grupo com até sete colegas. Escolha com eles a dança apresentada pelos colegas que servirá de base para a criação de uma nova coreografia.
- 2 Defina os movimentos que você pretende realizar e desenhe-os em uma folha de papel sulfite. Para isso, você pode criar símbolos. Por exemplo, para representar a ação de girar, você pode usar um círculo.
- 3 Lembre-se de pensar na força que utilizará em alguns gestos, na velocidade deles, na direção que terão e na fluência entre eles.
- 4 Por fim, escolha com os colegas as músicas que acompanharão as coreografias. Ou mesmo se elas serão realizadas sem música.

## Apresentando

- 1 Com o grupo e sob a orientação do professor, escolha uma data para a apresentação do espetáculo e planeje o evento. Vai ser um sucesso!
- 2 Apresente sua coreografia e prestigie as dos outros grupos.

## Registrando

 Depois que todos se apresentarem, escreva um texto coletivo que expresse o que você e seus colegas vivenciaram.

82

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09 BNCC EF15AR10

### Processos de criação

BNCC EF15AR11 BNCC EF15AR12

Neste momento, ao criar e improvisar movimentos dançados de modo coletivo e colaborativo, os alunos terão a oportunidade de estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal, experimentar diferentes formas de orientação no espaço e ritmos, além de discutir as experiências pessoais e coletivas em dança.

# O QUE ESTUDAMOS

- A arte pode resgatar e manter as identidades culturais.
- É importante colaborar para a preservação das tradições de um povo.
- A dança é uma arte em que o corpo é a forma de expressão.
- A dança pode expressar crenças, medos e alegrias, por exemplo.
- A consciência corporal permite que nos conheçamos melhor.
- As sequências de movimentos criadas pelos dançarinos para se expressarem são chamadas de coreografias.
- A África é um continente com mais de cinquenta países e centenas de povos diferentes.
- O ioruba é o mais numeroso dos povos africanos.



## Dica de visitação

Se na cidade em que você mora existirem casas de espetáculos, centros culturais ou lugares públicos em que sejam realizadas apresentações de dança, não deixe de frequentá-los com os colegas!



## É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, escreva um pequeno comentário respondendo às questões a seguir.

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito de dança?
2. Você ampliou seus conhecimentos sobre as danças africanas? A sua opinião sobre elas mudou? Você acha importante valorizar as tradições e as danças de origem africana? Por quê?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

» O QUE ESTUDAMOS

83

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre as questões apresentadas no box **É hora de retomar o portfólio**. Com base nessas questões e no exame dos trabalhos arquivados no portfólio, incentive-os a refletir sobre seu desempenho nos estudos e a compartilhar as avaliações que fizeram. Faça uma roda com todos os alunos sentados no chão. Eles podem estar com seus livros, o que os ajudará a se lembrar do que estudaram.

## É hora de retomar o portfólio

Retome a lista que foi feita no início do bimestre com a turma, assim os alunos terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado deles analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis.

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem da dança estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem da dança em suas produções de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso dos elementos da dança em suas produções?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações em dança, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem da dança;
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos da linguagem da dança, mas ainda precisa de alguma orientação;
- consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem da dança explorados, sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto;
- explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem da dança a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.



## Unidade 2 – Capítulo 4

### Narrativas de ontem, de hoje e de sempre!

Neste capítulo, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “Arte é patrimônio?”. Apresentamos aos alunos o teatro de mamulengos, valorizando a cultura regional e tradicional e o patrimônio cultural brasileiro.

Antes de iniciar o estudo do capítulo, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar à lista. Retome a pergunta norteadora do projeto e questione o que os alunos imaginam que precisam saber sobre o teatro para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar, analisando o título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com a turma:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio da linguagem teatral.
- Descobrir mais sobre o teatro e seus elementos.
- Experimentar jogos teatrais.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que valorizam o patrimônio cultural.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre teatro de mamulengos.

### O teatro de mamulengos de José Júlio

#### Para iniciar

Ao iniciar os estudos do capítulo 4, estabeleça as relações com a questão central da unidade: “Arte é patrimônio?”. Você pode pedir que os alunos falem livremente sobre o que acham que é patrimônio. Depois, explique para a turma que a Unesco define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associa-



## Narrativas de ontem, de hoje e de sempre!

### O teatro de mamulengos de José Júlio

No capítulo anterior, vimos como a dança pode ser usada para resgatar e para preservar as tradições de um povo ou de um país. Mas será que outras linguagens artísticas também podem fazer isso? Você conhece a tradicional arte do mamulengo? Neste capítulo, vamos conhecer o trabalho de um artista que busca valorizar e tornar sempre viva essa forma de arte teatral, um verdadeiro patrimônio nacional!

#### Para iniciar

1. Que formas de diversão você acha que podem acontecer na rua?
2. Descreva o que você está vendo na imagem a seguir. Você sabe o que é essa espécie de caixa de pano no centro da imagem?
3. Na sua opinião, por que as pessoas estão de frente para a caixa?



► Público aguarda o início da apresentação do Mamulengo Jurubeba, Recife, Pernambuco, 2017.

dos – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 14 dez. 2017).

As questões do box buscam fazer com que os estudantes levantem hipóteses sobre

o trabalho de José Júlio e o Mamulengo Jurubeba. Verifique se algum dos estudantes sabe do que se trata e se já assistiu a um espetáculo desse tipo. O teatro de mamulengos é conhecido dessa forma em Pernambuco. Ele é chamado de Babau na Paraíba, de João Redondo no Rio Grande do Norte e de Casimiro Coco no Ceará.

O artista pernambucano José Júlio, o Jurubeba, é um dos muitos mestres que buscam manter viva uma tradição da **Zona da Mata** e do **Agreste** nordestinos: o teatro de mamulengos.

**Zona da Mata:**  
região litorânea úmida que se estende do Rio Grande do Norte à Bahia.

**Agreste:**  
faixa de terra menos úmida paralela à Zona da Mata.

## Saiba mais

O teatro de bonecos do Nordeste, mais conhecido como **mamulengo**, foi registrado em 2015 no **Livro de registro das formas de expressão**, organizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que reúne as manifestações artísticas reconhecidas como **Patrimônio Cultural Imaterial** do Brasil.

O registro garante proteção aos bens culturais, uma responsabilidade tanto das instituições como da sociedade. Isso quer dizer que todos nós devemos ajudar a manter essa tradição viva para que ela não acabe!

**Patrimônio Cultural Imaterial:**  
práticas, saberes, tradições e costumes reconhecidos como bens culturais de uma sociedade.



▶ Apresentação do **Mamulengo Jurubeba**, de José Júlio, Recife, Pernambuco, 2017.

▶ CAPÍTULO + 85

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Valorizar o patrimônio cultural brasileiro e seus aspectos regionais.
- Reconhecer elementos da linguagem teatral.
- Conhecer e apreciar espetáculos de teatro.
- Participar de jogos teatrais.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua opinião, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e algumas de suas obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar uma produção inspirada no trabalho do artista José Júlio.

## Competências deste capítulo

- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

## Linguagem

Teatro

## Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

**BNCC** EF15AR18

### Patrimônio cultural

**BNCC** EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de apreciar uma forma de manifestação do teatro que integra o patrimônio cultural brasileiro.

## Que obra é essa?

Promova a leitura compartilhada do texto e destaque os conceitos apresentados, esclarecendo possíveis dúvidas. Lembre-se de que as informações do texto servem para ampliar a apreciação dos alunos e não devem ser colocadas acima de suas opiniões.

Intercale a leitura do texto com a das imagens apresentadas na seção. Aproveite para discutir com os estudantes as concepções que eles têm da arte de rua e das manifestações artísticas tradicionais. Fale ainda sobre a temática das histórias apresentadas pelo teatro de mamulengo.

Pesquise na internet vídeos de trechos de apresentações do Mamulengo Jurubeba e, se possível, exiba para os estudantes. Durante a exibição, faça perguntas que ajudem os alunos a perceber os vários aspectos envolvidos em uma apresentação de teatro de bonecos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) conferiu o título de Patrimônio Cultural do Brasil ao Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco em 4 de março de 2015. Para saber mais, leia os documentos no portal do Instituto (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/508/>>, acesso em: 14 dez. 2017).

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de apreciar uma forma de manifestação do teatro que integra o patrimônio cultural brasileiro.

## Que obra é essa?

Mamulengo é um dos nomes dados no Nordeste brasileiro para os fantoches, que são bonecos encaixados na mão como uma luva. É a mão dentro do fantoche que garante os movimentos dele. Em geral, os mamulengos são feitos de pano, madeira e papel machê, mas também podem ser usadas **cabaças** e cascas de coco, entre outros materiais.

As histórias do espetáculo **Mamulengo Jurubeba** costumam atrair adultos e crianças, com temas sempre atuais. Mesmo quando conta histórias escritas décadas atrás, José Júlio as adapta para o contexto de hoje.

**cabaça:** fruto da cabaceira, que pode servir tanto de alimento como de matéria-prima para produzir recipientes.



Durante o espetáculo, o público pode interagir com os bonecos, opinando a respeito da história, cantando as canções e até mesmo dançando!

▶ Bonecos durante apresentação do **Mamulengo Jurubeba**, Recife, Pernambuco, 2017.

## Saiba mais

Embora fantoches sejam feitos em alguns lugares do mundo há mais de mil anos, foi apenas a partir do século XVIII que os mamulengos se tornaram comuns no litoral do Nordeste. Antes usados na **evangelização**, os bonecos passaram a protagonizar histórias que entretinham as pessoas e brincavam com os fatos do cotidiano em praças e ruas.

A origem da palavra é controversa. Para alguns, viria de “mão molenga”, pois é preciso ter flexibilidade e agilidade para lidar com os bonecos. Para outros, a origem é a palavra **quimbunda ualenga**, que significa “mole”.

Pernambuco é o estado em que a tradição do mamulengo é mais difundida. Existe até um museu dedicado a essa arte, o Museu do Mamulengo, na cidade de Olinda, na região metropolitana do Recife.

**evangelização:** educação e conversão religiosa para o cristianismo.

**quimbundo:** língua falada por um povo da África ocidental. Muitos dos africanos escravizados e trazidos à força para o Brasil falavam quimbundo.



Como é costume nos teatros de mamulengo, o **Mamulengo Jurubeba** é encenado em uma **empanada**, uma estrutura revestida de **chita** que pode ser armada em qualquer lugar, como em praças, ruas e parques. É só chegar, assistir e se divertir!

Observe a seguir a foto da empanada usada por José Júlio.

**chita:**  
tecido de algodão colorido e bem estampado.



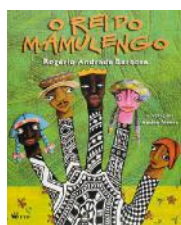
▶ Empanada do **Mamulengo Jurubeba**, Recife, Pernambuco, 2017.

A tenda funciona como um palco para os bonecos. Escondido pelos tecidos, o ator manipula os bonecos com suas mãos e faz as vozes dos diferentes personagens.

#### Sugestão de...

##### Livro

Com texto de Rogério Andrade Barbosa e ilustrações de André Neves, o livro **O rei do mamulengo** (FTD, 2003) explora o improviso, o humor, a irreverência e a interação com o público que caracterizam o teatro de mamulengo pernambucano.



Reprodução/FTD

▶ CAPÍTULO 4 87

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

#### Sugestão de...

##### Site

O Museu do Mamulengo fica na cidade de Olinda, em Pernambuco. Para obter mais informações sobre o espaço, visite o site oficial do museu. Disponível em: <<http://memorial.ufrpe.br/museudomamulengo/node/2>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

Para saber mais sobre a história do teatro de mamulengo, sugerimos a leitura do trecho de uma reportagem sobre o Museu do Mamulengo reproduzido a seguir. O texto na íntegra pode ser encontrado no *link* indicado abaixo.

#### Texto complementar

##### História

Segundo a professora Isabel Concessa, não há registros oficiais de quando os mamulengos foram criados, mas é certo que eles existem há pelo menos 300 anos. “Não há registro dessas manifestações porque não se preocupavam em arquivar a produção cultural das classes menos favorecidas, já que elas não eram consideradas um segmento social importante”, explica. A teoria mais aceita é que a brincadeira foi trazida para o Brasil no século 16 pelos padres franciscanos, que viram no teatro de bonecos europeu uma forma de ensinar o evangelho de forma didática aos índios. No início, os fantoches eram utilizados em presépios ao final das missas. Com o tempo, caíram no gosto popular, se espalharam e ganharam contornos próprios.

[...]

Isabel Concessa ainda lembra que, mesmo inspirado nos fantoches europeus, os mamulengos são uma criação tipicamente nordestina. “É uma forma do teatro de bonecos específica, não se confunde com os fantoches de outros locais. Caracteriza-se principalmente por ser uma produção popular, mas também conta com características próprias de linguagem, encenação, produção e manipulação”, afirma a professora da UFPE. Além da caracterização nordestina, os mamulengos se diferenciam por serem utilizados como uma luva e terem a cabeça e as mãos produzidos com a madeira de uma árvore típica do Nordeste, o mulungu. Os rostos não costumam ganhar muitas cores, reservadas às roupas de chita. “É uma produção simples, mas expressiva”, afirma Concessa.

BARBOSA, Marina. *Há 20 anos, Museu do Mamulengo de Olinda preserva tradição nordestina.*

Disponível em: <<http://goo.gl/R1NCSj>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

## Como a obra foi feita?

Aprecie as imagens da seção e leia o texto de forma compartilhada com os alunos. Converse com eles a respeito da importância de mestre Ginu e da homenagem feita a ele por José Júlio. Procure relacionar a produção do artista à pergunta “Arte é patrimônio?”.

Discuta com os estudantes a importância de lembrar e de passar adiante a história de um personagem que fez parte da cultura pernambucana. Associe a homenagem de José Júlio à valorização e à preservação da memória e da identidade local, noções relacionadas ao conceito de patrimônio imaterial.

Aproveite para falar mais com os alunos sobre a história de mestre Ginu (1910-1977). Para isso, leia o texto reproduzido a seguir.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de apreciar uma forma de manifestação do teatro que integra o patrimônio cultural brasileiro.

## Como a obra foi feita?

O **Mamulengo Jurubeba** foi criado em 1987, quando José Júlio morava no sítio Jurubeba, em Maceió, estado do Alagoas.

Seu amigo e mestre Otávio Coutinho foi quem lhe apresentou a arte e a história dos mamulengos. Juntos, eles adaptaram histórias de mamulengueiros conhecidos e confeccionaram seus próprios bonecos.



▶ José Júlio confeccionando um dos mamulengos do **Mamulengo Jurubeba**, Recife, Pernambuco, 2017.

A intenção dos artistas era e ainda é manter viva a tradição dos mamulengos. José Júlio diz que sua grande inspiração é o mestre Ginu (1910-1977), que sozinho produzia os bonecos, escrevia os roteiros e interpretava os diversos personagens simultaneamente. Algumas histórias e alguns personagens criados por Ginu seguem vivos até hoje nas encenações de José Júlio.

Durante a apresentação do **Mamulengo Jurubeba**, o artista manipula mais de dez bonecos, cada um com personalidade própria. Por isso, os adereços, as vestimentas dos bonecos e o tom de voz usado na atuação são muito importantes.

88

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Mestre Ginu

Januário de Oliveira, o Mestre Ginu, foi um dos mais notáveis artistas populares brasileiros. Era conhecido também como Professor Tiridá, nome do seu boneco mais conhecido. Nascido em Recife, a 19 de setembro de 1910, teve seu primeiro contato com a arte titeriteira aos 17 anos, através do Doutor Babau, de quem aprendeu todos os passos da brincadeira, desde a confecção dos bonecos até a criação e a interpretação das histórias. [...] Sua estreia como mamulengueiro se deu aos 18 anos, em outubro de 1928. [...]

Mais do que um simples continuador da tradição mamulengueira, Ginu foi um inovador, incor-



Além do ator que dá vida aos bonecos, o teatro de mamulengo é acompanhado de muita música. Os músicos do **Mamulengo Jurubeba** tocam forró, um gênero musical que faz muito sucesso não só em Pernambuco, mas em todo o Brasil.



► Músicos acompanhando o **Mamulengo Jurubeba** durante apresentação em São Paulo, 2011.

## Arte e História

Assim como os artistas, que buscam resgatar e valorizar o patrimônio cultural de nosso país, os historiadores estudam as nossas tradições com o objetivo de valorizar as nossas manifestações artísticas.

O trabalho do historiador consiste em pesquisar essas tradições, buscando fontes, elaborando documentos, resgatando objetos e criando espaços de divulgação de suas descobertas, como os museus, por exemplo. Por isso, essas duas formas de olhar o mundo se completam: as pesquisas dos historiadores ajudam os artistas a criarem obras de arte que valorizam as culturas tradicionais, enquanto os artistas do povo fornecem dados para que os historiadores compreendam melhor as formas de arte tradicional.

Você conhece alguma forma de manifestação artística tradicional da região onde vive que seja um patrimônio material ou imaterial? Que tal fazer uma pesquisa sobre isso?

### Sugestão de...

#### Site

Acesse a página dos **Livros de registro** do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Nela é possível conhecer os bens registrados como patrimônios culturais do Brasil. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

porando outras temáticas aos seus espetáculos e criando uma maneira peculiar de representar. Artista virtuoso, era capaz de apresentar todo o espetáculo sozinho, manipulando vários bonecos ao mesmo tempo e interpretando dezenas de personagens. Fazia, pelo menos, seis vozes completamente diferentes e tinha uma destreza com as mãos que resultava numa manipulação perfeita. [...].

Na técnica, Ginu também inovou, sendo o primeiro mamulengueiro a fazer uso de um microfone, pendurado no pescoço, e de alto-falantes para amplificar o som além da tenda. Seus espetáculos duravam até cinco horas e no auge da sua carreira chegou a ter 60 bonecos no seu acervo.

ASSOCIAÇÃO Pernambucana de Teatros de Bonecos. *Tributo aos mestres*: Ginu. Disponível em: <[www.bonecosdepernambuco.com](http://www.bonecosdepernambuco.com)>. Acesso em: 29 dez. 2017.

## Arte e História

Quando trabalhamos a interdisciplinaridade, um aspecto importante é mostrar similaridades e diálogos entre procedimentos ou objetos de estudos. Neste capítulo, estamos estudando uma manifestação do teatro que faz parte do patrimônio cultural brasileiro.

Peça aos estudantes que leiam o boxe e retome a pergunta “Arte é patrimônio?”. Explique aos alunos que a titulação de patrimônio cultural é conferida pelo Iphan, “uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.” (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 14 dez. 2017).

Em seguida, oriente os alunos na pesquisa de manifestações artísticas da região onde vocês vivem que sejam patrimônio material ou imaterial. Auxilie-os a acessar o site do Iphan para pesquisar as informações (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 14 dez. 2017). Após a realização da pesquisa, é importante reservar um momento para que os estudantes possam compartilhar suas descobertas com os colegas da turma.

## Interdisciplinaridade: Arte e História na BNCC

Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade

BNCC EF05HI10

Neste momento, ao conhecer o teatro de mamulengos de José Júlio, os alunos poderão apreciar uma manifestação do patrimônio cultural brasileiro e analisar suas mudanças e permanências ao longo do tempo.



## Linguagem teatral

Se possível, antes da leitura do capítulo, procure na internet trechos de espetáculos teatrais – em sites de compartilhamento de vídeos ou de companhias de teatro – para exibir aos alunos. Como exemplo, veja as apresentações de Pia Fraus (Disponível em: <<http://piafraus.com.br/site/videos/>>. Acesso em: 14 dez. 2017). Proponha uma conversa sobre o que acharam da interpretação e da maneira como os atores se colocam.

Depois, faça a leitura do texto sobre linguagem teatral em voz alta, enquanto os alunos o acompanham por meio da leitura silenciosa. Em seguida, peça aos alunos que compartilhem com os colegas brincadeiras de faz de conta que já tenham criado.

Para promover um envolvimento ainda maior com o tema desenvolvido no capítulo, conte para a turma alguma vivência sua com o teatro, seja como espectador, ator, figurinista, cenógrafo, maquiador, etc. Se possível, convide também familiares dos alunos ou moradores de comunidades próximas à escola que tenham relação com o teatro para falar de suas experiências.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22

Neste momento, ao estudar elementos da linguagem teatral e participar de jogos teatrais, os alunos terão a oportunidade de descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais; exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro; além de experimentar as possibilidades criativas do corpo e da voz.

## Linguagem teatral

Vimos que, durante o espetáculo **Mamulengo Jurubeba**, José Júlio interpreta vários personagens diferentes! Ele faz de conta que é cada um dos bonecos ao criar vozes, movimentos e personalidades para eles.

Você já brincou de faz de conta? Alguma vez já transformou seu quarto em navio, o quintal de sua casa em outro planeta, uma caixa de papelão em carro de corrida ou algo parecido?

Provavelmente, já imaginou ser um rei ou uma rainha, um super-herói, um bicho! E também já deve ter usado um objeto para representar alguma outra coisa. Por exemplo, um chumaço de algodão pode ser uma nuvem e um estojo pode ser uma espada. Tudo isso pode ser muito divertido!

Para brincar de faz de conta, basta imaginar como seria se fôssemos diferentes ou se vivêssemos em outro tempo ou lugar. Alguns artistas gostam de fazer esse tipo de exercício, então usam a imaginação e agem como se não fossem eles, ou seja, como se fossem um personagem vivendo uma ação.

Essa forma de agir dos artistas nada mais é do que teatro!



Você se lembra de alguma situação em que agiu como se não fosse você para contar uma história para alguém?

90


UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Atividade prática

Que tal participar de jogos teatrais?

Ao terminar cada atividade, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas antes de guardá-los no portfólio.

 Desenvolvendo uma ação... Quem se arrisca?

- 1 Forme dupla com um colega.
- 2 O professor vai definir uma posição para “congelar” vocês. Essa posição deve representar alguma ação.
- 3 Após cinco segundos congelados na mesma posição, o professor vai dar um comando e, então, a dupla deve improvisar o desenrolar dessa cena, sem dizer uma palavra!
- 4 Quando terminar essa improvisação, troque de colega e, seguindo as orientações do professor, desenvolva uma nova cena com ele. Lembre-se de que vocês não podem falar! Será muito divertido!



» CAPÍTULO 4 91

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Leitura complementar

Dossiê jogos teatrais no Brasil: 30 anos. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 7, ano VII, n. 1, jan./fev./mar./abr. de 2010. Disponível em: <[www.revistafenix.pro.br/artigos22.php](http://www.revistafenix.pro.br/artigos22.php)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

Com apresentação de Ingrid Dormien Koudela, o dossiê reúne artigos e resenhas com o objetivo de refletir sobre a prática dos jogos teatrais no Brasil.

## Atividade prática

Neste capítulo, as atividades práticas propõem a realização de jogos teatrais, criação artística com forte componente lúdico. É importante que os estudantes percebam que o prazer e a diversão estão integrados à produção artística, mas que os jogos, como toda brincadeira, possuem regras.

As propostas exigem trabalho coletivo, busca de soluções conjuntas e confiança em si e nos colegas. Explique aos alunos que esses aspectos são fundamentais nas atividades cênicas, uma vez que favorecem a parceria e o trabalho conjunto.

Ressalte que, mais do que a competitividade, é importante entender as regras de cada jogo e se concentrar na parceria com os colegas, respeitando os limites e as dificuldades de cada um.

Para realizar as atividades, será necessário dispor de espaço livre. Caso não seja possível utilizar o pátio ou a quadra de esportes, peça aos alunos que afastem cadeiras e mesas, liberando uma boa área da sala de aula. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Na atividade proposta, combine um sinal com os alunos, como em um jogo de estátua, para avisá-los de que eles deverão voltar a se mexer e depois congelar novamente. Crie uma sequência de “congelamento” e ação com tempo de intervalo variado. Assim, sem saber quanto tempo ficarão paralisados e quanto tempo têm para se programar para a próxima ação, os estudantes terão a chance de exercitar a improvisação.

## Os personagens

Promova a leitura compartilhada do texto e da imagem com os alunos. Aproveite para comentar que a maquiagem, o figurino e a caracterização de personagens são especializações das artes cênicas. Sempre que apreciar cenas de espetáculos de teatro com os alunos, destaque esses elementos, além das expressões e da gestualidade dos atores.

Ressalte para os alunos que, nas peças teatrais, podemos identificar três elementos centrais, a partir dos quais a trama pode ser criada e se desenvolver. Estes elementos se expressam pelas perguntas “Quem?”, “O quê?” e “Onde?”.

A pergunta “Quem?” se refere aos personagens. São as emoções, as ações e as reações, as trajetórias e as relações entre os personagens que conduzem uma trama. Muitas vezes, o teatro também se utiliza de personagens alegóricos, que representam ideias, valores ou tipos sociais.

“O quê?” é a ação teatral. A interação entre os personagens, a sucessão de eventos a que estão sujeitos, suas escolhas, seus atos e suas consequências são exemplos de acontecimentos que constituem uma trama teatral.

Por fim, “Onde?” é o espaço cênico, o lugar onde os personagens constroem a ação. Ele pode ser a representação de um lugar real ou verossímil, como nas peças realistas, ou um lugar sem nome, fictício ou simbólico, como os espaços vazios e misteriosos onde se passam, por exemplo, as peças de Samuel Beckett.

## Os personagens

Os personagens são um dos principais elementos das artes cênicas. Eles são vividos por atores ou atrizes que podem interpretar textos escritos por **dramaturgos** ou atuar de improviso.

Em geral, os atores e atrizes são orientados por diretores, que, por meio de vários ensaios, os conduzem na construção dos personagens e na busca pela melhor atuação para compor as cenas.

Para encenar uma ação ou expressar um sentimento, os atores e atrizes podem usar o próprio corpo, bonecos e até mesmo objetos.

**dramaturgo:** autor de peças de teatro ou profissional que adapta outra obra para o teatro.



92 UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### A BNCC nestas páginas

#### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

#### Processos de criação

BNCC EF15AR21 BNCC EF15AR22

Neste momento, ao estudar elementos da linguagem teatral e participar de jogos teatrais, os alunos terão a oportunidade de descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais; exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro; além de experimentar as possibilidades criativas do corpo e da voz.



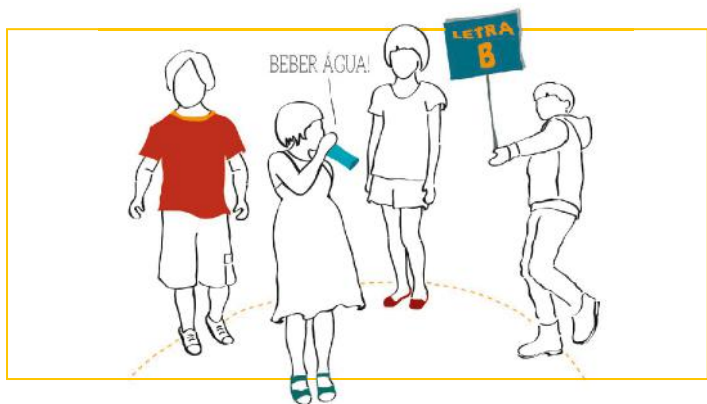
## Atividade prática

Que tal inventar e encenar uma história coletiva?



Vamos todos ser personagens!

- 1 Forme um círculo com os colegas. Juntos, escolham uma letra do alfabeto e um tema para o desenvolvimento da história.
- 2 Um jogador inicia a história dizendo o nome de uma ação que comece com a letra escolhida.
- 3 Depois, um segundo jogador, do outro lado da roda, deve se oferecer para representar esse início.
- 4 O jogador seguinte, à esquerda daquele que iniciou a história, deve continuá-la, interpretando uma ação que comece com a próxima letra do alfabeto e que tenha relação com a primeira ação.
- 5 O jogo continua dessa maneira até que todos tenham participado tanto da criação da história como de sua interpretação.



Joana Pessoa/Arquivo da editora



Usando a memória!

- 1 Depois de finalizar o jogo da história coletiva, tente registrá-la por escrito. Conte tudo o que lembrar!
- 2 Quando terminar, compartilhe a sua versão com um colega. Será que ele se lembrou de algum detalhe diferente?

## Sugestão de...

### Livro

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Nesta obra clássica e utilizada por grupos de teatro do mundo todo, Augusto Boal criou e sistematizou séries de exercícios e jogos para que o espectador se reconheça como participante do teatro e assuma a condição de ator.

## Atividade prática

Os jogos teatrais são exercícios de sensibilização corporal, sensorial e cênica e servem para atrair e estimular grupos de não atores a representar. Geralmente, são um recurso usado pelo diretor para deixar o ator pronto para o palco. Existem inúmeros jogos teatrais para atores e não atores.

O principal objetivo dos jogos teatrais é fazer com que os estudantes de teatro e as pessoas em geral abandonem os modelos prontos e se expressem de um modo mais livre. Os jogos propõem problemas que devem ser “resolvidos” pelos jogadores. Na estrutura dos jogos teatrais, além dos personagens, da ação teatral e do espaço cênico, há outros três elementos:

- O **foco**, que é a atividade que o jogador deve desenvolver.
- A **instrução**, que é a explicação da proposta do jogo.
- A **avaliação**, ou seja, a verificação do resultado.

É muito importante estabelecer com os alunos alguns combinados prévios para garantir a seriedade da atividade: deixe claro que o desafio é criar uma história nova, na qual as sequências sejam reconhecidas ao longo da narrativa. Combine também que palavrões e temas impróprios para o ambiente escolar não serão permitidos.

Antes de iniciar a atividade proposta, peça a um aluno que escolha uma letra do alfabeto e comece você uma história, orientando para que um aluno do outro lado da roda a continue. Simule o início da atividade, antes que ela comece efetivamente, para verificar se há dúvidas. Após as explicações, escolham outra letra e prossigam com a atividade até que todos tenham participado de uma rodada completa, ou seja, que todos tenham criado e encenado a história uma vez.

## A ação teatral

Promova uma conversa com os alunos sobre a ação teatral e verifique as diversas interpretações deles para as cenas ilustradas. Para isso, você pode perguntar, por exemplo: “Que personagens aparecem na primeira cena? O que eles estão fazendo?”; “E na segunda cena? O que está acontecendo?”; “Na terceira cena, quem são os personagens? Como é a expressão deles?”; “O que se passa na última cena?”.

Retome com a turma que, além do texto, do ator e do público, há outros elementos muito importantes em um espetáculo teatral, como a cenografia, o figurino, a maquiagem, a sonoplastia e a iluminação. Reforçamos que é importante que você estimule seus alunos a ir ao teatro. Para mais orientações sobre visitas culturais, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR21 BNCC EF15AR22

Neste momento, ao estudar elementos da linguagem teatral e participar de jogos teatrais, os alunos terão a oportunidade de descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais; exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro; além de experimentar as possibilidades criativas do corpo e da voz.

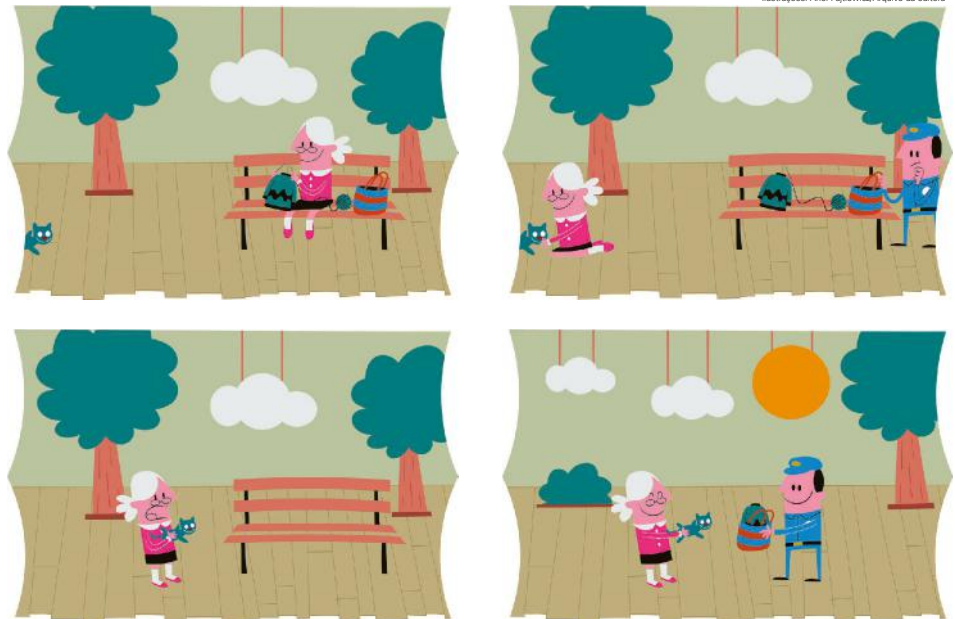
## A ação teatral

Os personagens estão sempre aprontando alguma coisa!

As ações realizadas pelos personagens, interpretados pelos atores, são chamadas de **ações teatrais**.

Cada ação teatral é dividida em cenas. Entre uma cena e outra, os atores podem entrar no palco e sair dele, e os cenários podem ser trocados.

Observe as imagens a seguir. O que está acontecendo nestas cenas? Converse com os colegas.



## O espaço cênico

O local em que a ação teatral se desenrola é chamado de **espaço cênico**, que tanto pode ser o palco de um teatro como um lugar qualquer escolhido pelos artistas para encenar a peça (uma praça pública, por exemplo).

Neste local, é possível montar um cenário para ambientar a peça, ou mesmo interagir com o que já existe no espaço.



94

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

### Acesso físico e acesso simbólico

A mediação teatral, no âmbito de projetos que visam à formação de público, é toda e qualquer iniciativa que viabilize o acesso dos espectadores ao teatro. O primeiro aspecto a ser considerado é o **acesso físico**.

Quais iniciativas facilitam a ida do público ao teatro? Quais iniciativas facilitam a ida do teatro até o público? Há difusão de espetáculos por regiões social e economicamente desfavorecidas na sua cidade?

Iniciativas como promoção e barateamento dos ingressos, ampla circulação das produções culturais pelos veículos de comunicação, disponibilização adequada de transportes e a construção de centros culturais na periferia das cidades pode garantir o acesso do público ao teatro.

Um segundo aspecto a ser considerado é o **acesso simbólico**, que opera no terreno da linguagem. Lidamos aqui com a relação que o espectador estabelece com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa.

## Atividade prática

✿ Agora vamos criar uma cena completa, com personagem, local e ação!

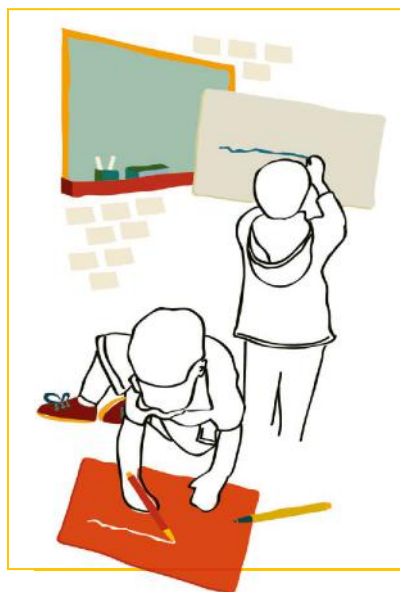
- 1 Reúna-se com os colegas formando um grupo de seis integrantes.
- 2 Juntos, vocês vão imaginar uma situação. Para isso, devem definir **quem** (um personagem ou vários personagens), **onde** (um local real ou imaginário) e **o quê** (o que está ocorrendo nesse local com esses personagens).
- 3 O grupo deve escrever suas escolhas em uma folha de papel à parte.
- 4 Depois, o professor vai trocar os papéis entre os grupos.

Ilustrações: Joana Pinheiro/Arquivo da editora



### Material necessário

- papel sulfite
- lápis preto



- 5 O desafio do seu grupo é improvisar uma cena com os elementos que outro grupo escolheu.
- 6 Durante a improvisação, não se esqueça do local, concentre-se nos personagens e foque na ação!

## Atividade prática

Nesta atividade, se for necessário, ajude os alunos a definir uma situação e esclarecer quem é o personagem, o que ele está fazendo e onde a ação se passa. Depois, organize as improvisações dos grupos e auxilie-os nas eventuais dificuldades.

Encerrados os jogos teatrais, faça uma roda com os alunos e converse com eles sobre as atividades realizadas. Essa roda de bate-papo é uma boa oportunidade para sistematizar com os estudantes alguns conceitos trabalhados nas atividades, como a noção de que a imaginação é necessária para a participação teatral e de que o treino e a prática são muito importantes para desenvolver a capacidade de improvisação.

Em momentos de conversa como esse, é natural que todos queiram dar a sua opinião e falem ao mesmo tempo. Se possível, deixe que os alunos expressem livremente o que pensam. Se tiver uma classe numerosa, faça pequenas rodas, por exemplo, de quatro alunos, e fique atento às ideias deles. Registre o resultado dessa conversa em pequenos cartazes, que poderão ser afixados no mural da sala de aula.

A autonomia refere-se à construção de sentidos que nasce a partir da experiência sensível, a elaboração de significações que constituem o ato pessoal e intransferível do espectador. Esta autonomia precisa ser construída.

A diferenciação estabelecida entre acesso físico e acesso simbólico nos ajuda a esclarecer a diferença entre pensar a formação de público e a formação de espectadores.

Um projeto que cuide da viabilização do **acesso físico** dos espectadores ao teatro pode ser considerado um projeto de formação de

público de teatro, almejando a ampliação dos frequentadores e criando em determinada parcela da população o hábito de ir ao teatro.

Já um projeto de **formação de espectadores** visa não apenas à facilitação do acesso físico, mas também ao acesso aos **bens simbólicos**. Almeja-se inserir o espectador na história da cultura.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *A ida ao teatro*.

Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>.

Acesso em: 14 dez. 2017.



## Outros trabalhos de José Júlio

Para saber mais sobre as aulas-espetáculo que José Júlio promove nas escolas, leia os relatos que o artista publica em seu *blog*, acompanhados de fotos dessas ações (Disponível em: <[www.mamulengojurubeba.com.br/p/blog-page\\_2.html](http://www.mamulengojurubeba.com.br/p/blog-page_2.html)>. Acesso em: 14 dez. 2017).

### Texto complementar

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – inscrito no **Livro de Formas de Expressão**, em março de 2015 – teve seu pedido de inclusão solicitado pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB), o que mostra a tendência de uma apropriação da sociedade sobre suas manifestações. Os estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, além do Distrito Federal, compõem a área de abrangência dessa manifestação cultural. Para o Iphan, esse bem imaterial não é um brinquedo ou um traço do folclore, e envolve, sobretudo, a produção de conhecimento criativo, artístico e com uma forte carga de representação teatral.

O registro como Patrimônio Cultural Imaterial justifica-se devido à originalidade e tradição dessa expressão cênica, repassadas de mestre para discípulo, de pai para filho, de geração para geração. Uma tradição que revela uma das facetas da cultura brasileira, onde brincantes, por meio da arte dos bonecos, encenam histórias apreendidas na tradição que falam de relações sociais estabelecidas em um dado período da sociedade nordestina e de histórias que continuam revelando seu cotidiano, através dos novos enredos, personagens, música, linguagem verbal, das cores e da alegria que são inerentes ao seu contexto social.

TEATRO de Bonecos Popular do Nordeste. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/508/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

## Outros trabalhos de José Júlio

Além das apresentações do **Mamulengo Jurubeba** em praças e parques do Recife e de outras cidades de Pernambuco, José Júlio dá aulas-espetáculo! Nesses encontros, o artista conta a história do teatro de mamulengo e ensina a manipular os bonecos, como é possível observar nas imagens a seguir.



▶ Crianças aprendem a manipular os mamulengos durante oficina, Recife, Pernambuco, 2017.



Você já brincou com um mamulengo ou outro tipo de fantoche?

96

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sobre o artista

José Júlio nasceu na cidade do Recife, em Pernambuco. O interesse pelos mamulengos surgiu quando ele vivia em Maceió, Alagoas. Pouco tempo depois de pesquisar mais a fundo a história e a técnica dos mamulengos, ele e seu mestre mamulengueiro Otávio Coutinho criaram o **Mamulengo Jurubeba**.

Em 1990, voltou para o Recife e começou a se apresentar em praças, parques, ruas e escolas. O teatro de mamulengo não é a principal fonte de renda de José Júlio – ele trabalha como **programador** de informática. Essa arte, no entanto, é muito importante para ele, que considera uma missão valorizar e manter viva essa tradição.

**programador:** profissional que cria, testa e faz a manutenção de programas e aplicativos de computador.



► Mestre José Júlio com bonecos do **Mamulengo Jurubeba**, Recife, Pernambuco, 2017.

### Sugestão de...

#### Site

Accesse o *site* do **Mamulengo Jurubeba** e conheça melhor o projeto de José Júlio. Disponível em: <[www.mamulengojurubeba.com.br](http://www.mamulengojurubeba.com.br)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

## Assim também aprendo



Você gostou de conhecer um pouco do trabalho de José Júlio? Forme um grupo com dois ou três colegas e, juntos, elaborem um comentário contando por que gostaram ou não da obra do artista. Levem em consideração o fato de ele valorizar uma manifestação artística tradicional.

## Assim também aprendo

Antes de os estudantes realizarem a atividade, procure retomar com eles tudo que foi discutido sobre o trabalho de José Júlio. Você pode pedir a cada aluno que escolha uma palavra que expresse o que considera mais importante na produção do artista. Escrevas as palavras citadas pelos estudantes na lousa e, em seguida, proponha uma conversa sobre elas. Isso poderá auxiliar a turma na elaboração do comentário coletivo sobre o artista. Se necessário, retome as etapas que os alunos devem seguir para construir esse tipo de texto:

- Identificar aspectos que os fizeram gostar ou não do trabalho de José Júlio.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista.
- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma. Depois, peça aos alunos que copiem o texto em uma folha à parte para arquivá-lo no portfólio.

## A BNCC nestas páginas

### Contextos e práticas

**BNCC** EF15AR18

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de reconhecer e apreciar formas distintas de manifestação do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.



## Ampliando o repertório cultural

### A embolada

Antes de realizar a leitura com os alunos, faça uma sondagem com a turma para verificar se eles conhecem a embolada e se já tiveram contato com esse tipo de manifestação, que, assim como o teatro de mamulengos, também pode acontecer em ruas, em praças e em outros locais públicos. Se na comunidade em que vocês vivem houver cantadores de embolada, considere a possibilidade de convidá-los para fazer uma apresentação na escola.

## A BNCC nestas páginas

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

### Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os alunos terão oportunidade de conhecer e caracterizar outras manifestações de diferentes matrizes estéticas e culturais que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro.

## Ampliando o repertório cultural

### A embolada

A embolada é uma forma tradicional de música muito difundida no Nordeste e que também pode ser apresentada em praças e outros locais públicos. É executada por uma dupla de “cantadores” acompanhados pelo som do pandeiro ou do ganzá.

Com versos rápidos, na embolada um cantador desafia o outro, improvisando uma provocação que deve ser respondida imediatamente. Caso o desafiado não consiga improvisar, o provocador é considerado vencedor.

A embolada começa em um ritmo e vai ficando cada vez mais rápida!



- **ganzá:** tipo de chovalho de metal com formato cilíndrico.
- **trovador:** compositor ou declamador de versos.

► Emboladores durante Encontro de coco de roda e embolada em Lagoa de Itaenga, Pernambuco, 2012.

As origens da embolada remontam à Idade Média na Europa, quando nas praças das cidades os **trovadores** divulgavam histórias de amor, de aventura e do dia a dia. Por volta dos séculos XVI e XVII, essas histórias foram trazidas para o Brasil pelos portugueses.

Aqui, muitas delas foram recriadas para abordar temas regionais e difundidas nos **folhetos de cordel**, que são vendidos até hoje em feiras, mercados, praças e bancas, onde ficam pendurados em cordões – ou **cordéis** – de barbante. É possível encontrá-los principalmente nas cidades do interior e nos subúrbios das grandes cidades.



► Folhetos de cordel à venda na Nova Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

98

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Texto complementar

O trecho a seguir elenca algumas características estruturais do texto da embolada.

O coco de embolada, ou apenas embolada, como mais frequentemente chamam os emboladores, é um sistema literário popular complexo e rico. É cantado em duplas, sendo o acompanhamento feito com pandeiro ou mais raramente com ganzá. Apresentam-se os emboladores quase sempre em feiras, praças, ruas, parques, comícios ou mesmo nos Congressos de cantadores de viola. Nesse caso, apenas

como modalidade de exibição, fora da disputa. A elaboração poética da embolada é patente, podendo ser aproximada nesse sentido, mas guardadas as especificidades, da cantoria e do folheto. É grande a variedade de formas poéticas atualmente utilizadas pelos emboladores, e sua descrição detalhada seria matéria para um extenso estudo. Contudo, poderíamos citar algumas formas mais comuns.

Com muita frequência são utilizadas as quadras, as sextilhas e as décimas; formas também chamadas de 4 linhas, 6 linhas e carreiros. Esses três gêneros parecem ser os mais apreciados, embora



## O museu de bonecos do grupo Giramundo

O grupo mineiro Giramundo também realiza encenações com bonecos. Para valorizar o trabalho dos mamulengueiros e de outros bonequeiros, o grupo criou o museu Giramundo. Esse museu é o arquivo vivo, e sempre em construção, da produção do grupo Giramundo. Lá, estão reunidos todos os registros e todas as experiências das produções cênicas do Giramundo – bonecos, cenários, fotografias, projetos e desenhos originais, documentos, filmes, áudios e arte gráfica.

O grupo Giramundo surgiu da iniciativa do artista Álvaro Apocalypse (1937-2003), que, em 1970, fabricou seus primeiros bonecos. A esposa de Apocalypse, Terezinha Veloso (1936-2003), auxiliava o marido, reunindo os familiares para assistir às montagens.

Manter esse rico acervo organizado e aberto ao público é o compromisso assumido pelo grupo Giramundo desde 2001, quando o museu foi inaugurado em Belo Horizonte.



► Bonecos do acervo do Museu Giramundo, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.

De lá para cá, o museu Giramundo se tornou referência para diversas companhias de teatro e de produção cultural, além de ser um ponto turístico da capital mineira. Em 2003, o grupo conseguiu patrocínio para um teatro móvel e passou a se apresentar pelo interior do estado com um caminhão.

No mesmo ano, o grupo perdeu Álvaro Apocalypse e Terezinha Veloso. As filhas do casal, em homenagem à memória dos pais, decidiram intensificar o trabalho social do grupo. Inauguraram uma sede própria no bairro Floresta, em Belo Horizonte, e, além do teatro, criaram um museu, uma escola e um estúdio de cinema e de animação.

sejam muito usadas também as sétimas. É interessante notar, entretanto, que parece não haver obrigatoriedade de manutenção de um mesmo gênero numa embolada, isto é, nada impede que se comece a cantar sextilhas e logo após se passe a cantar sétimas, oitavas ou mesmo décimas. O metro é sempre redondilha, variando entre a maior e a menor. [...].

AZEVEDO, Jimmy Vasconcelos de. O pandeiro e o folheto: a embolada enquanto manifestação oral e escrita. *Revista Graphos*, v. 1, n. 2, 1996. p. 180-181.

## O museu de bonecos do grupo Giramundo

Antes de abordar o museu de bonecos do grupo Giramundo, se possível, busque mais informações sobre ele. Uma sugestão é acessar o site oficial do grupo (Disponível em: <[www.giramundo.org/](http://www.giramundo.org/)>, acesso em: 14 dez. 2017).

Outra forma de teatro de bonecos muito conhecida no Brasil são os bonecos gigantes. Em geral, vários manipuladores precisam vestir esse tipo de boneco para dar-lhe vida.

### Texto complementar

#### Qual a origem dos bonecos gigantes de Olinda?

A tradição de construir bonecos gigantes surgiu na Europa, provavelmente durante a Idade Média. Começou com as religiões pagãs, na expressão de seus mitos. Ficaram muito tempo escondidos, por medo da Inquisição.

Chegaram ao Brasil com os portugueses, desfilando inicialmente em procissões e festividades religiosas na figura de bufões ou reproduzindo santos católicos.

Em Olinda, a brincadeira começou com O Homem da Meia-Noite (1931). Segundo o conhecimento popular, todos os dias, exatamente à meia-noite, um homem muito bonito seguia a pé pela Rua do Bonsucesso. Ele fazia sempre o mesmo caminho. Depois de um certo tempo, as moças da rua descobriram a rotina dele e passaram a esperar, escondidas, atrás das janelas, para admirar o belo homem que atravessava a rua. A fama desse costume foi se espalhando e virou uma brincadeira de carnaval. Fizeram um boneco bem grande, todo bonito e elegante, de terno, gravata e chapéu, para passar à meia-noite, começando a festa de carnaval, na sexta-feira. [...]

Os bonecos sempre saem acompanhados por uma orquestra de metais. Eles chegam a medir três metros e meio de altura e pesam, em média, 35 quilos. Em Olinda, tem até corrida de bonecos gigantes.

QUAL a origem dos bonecos gigantes de Olinda? *EBC Brasil*. Disponível em: <[www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2013/02/qual-a-origem-dos-bonecos-gigantes-de-olinda](http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2013/02/qual-a-origem-dos-bonecos-gigantes-de-olinda)>. Acesso em: 7 dez. 2017.

## Experimentação

Nesta experimentação, a proposta é que os alunos sejam divididos em grupos para produzir mamulengos feitos de caixa de leite e criar uma apresentação. É importante que todos os materiais necessários sejam providenciados, preparados e disponibilizados com antecedência. Você pode organizar com os estudantes uma lista dos itens e a quantidade necessária para que se dividam e providenciem o material. Leve uma caixa grande para que eles possam guardar o material coletado até o dia da atividade.

É recomendável também que você confeccione o próprio mamulengo com antecedência, segundo as orientações do Livro do Estudante, para se familiarizar com os procedimentos e tentar antecipar se os estudantes poderão ter alguma dificuldade. Não deixe de auxiliar os alunos com o corte das caixas de leite e, principalmente, com o uso da cola quente, que deve ser manuseada apenas por você.

Divida a turma em grupos de quatro ou cinco alunos. Peça a cada grupo que escolha uma história curta, um acontecimento do noticiário ou uma anedota para encenar. Lembre-os de que, mesmo ensaiando e escolhendo a história com antecedência, o teatro de mamulengos permite que haja improvisação e mudanças na apresentação aos colegas. Fale também que a participação da plateia deve ser estimulada.

Oriente os estudantes na escolha da trilha sonora para a apresentação. Ela pode ser gravada ou feita ao vivo. Não se esqueça de providenciar um equipamento para reproduzir o áudio escolhido, se for o caso.

Você pode combinar com os grupos e registrar as apresentações teatrais para depois fazer uma mostra em sala de aula. No momento de reproduzir cada apresentação, solicite aos estudantes que falem um pouco sobre como foi a experiência.

# EXPERIMENTAÇÃO

Que tal montar um espetáculo de mamulengos com os colegas?

Para começar, elabore o roteiro e planeje como serão os personagens.

- 1 Em grupos de até quatro integrantes, crie e registre por escrito uma história rápida, que será contada utilizando os bonecos.
- 2 Pense nas características dos personagens: Eles terão algum adereço, como uma flor, um chapéu, um bigode? E a voz? É muito importante que ela tenha a ver com a personalidade deles. Se o boneco for trapalhão, que tipo de voz ele deve ter? E se ele for bravo? Desenhe um projeto de como serão os bonecos, fazendo anotações sobre suas características.

Agora, crie seu mamulengo de sucata.

- 1 Com a ajuda do professor, faça um corte horizontal na caixa de leite, deixando apenas um lado dela sem cortar.



Foto: Dora Zilch/Arquivo da Editora

- 2 Dobre a caixa, de forma que sua mão caiba dentro dela. Encape-a e decore-a como quiser.



### Material necessário

- tesoura com pontas arredondadas
- caixa de leite vazia e limpa
- papéis coloridos
- pedaços de EVA
- lã
- cola branca

## Apresentando

Com os colegas e sob a orientação do professor, escolha uma data para a apresentação do espetáculo e planeje o evento. Juntos, organizem o espaço do palco e da plateia.

## Registrando

Guarde, no portfólio, fotografias dos ensaios e da apresentação da peça.

100

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## A BNCC nestas páginas

### Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

### Processos de criação

BNCC EF15AR20

BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22

Neste momento, ao participar da experimentação, os alunos terão a oportunidade de descobrir teatralidades na vida cotidiana; experimentar o trabalho colaborativo e coletivo em improvisações teatrais; exercitar a imitação e o faz de conta, resignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro; além de experimentar as possibilidades criativas do corpo e da voz.

# O QUE ESTUDAMOS

- O teatro de mamulengo é uma forma tradicional de teatro.
- Os temas do teatro de mamulengo podem ser atuais e fazer as pessoas refletirem.
- Os dramaturgos produzem os textos teatrais, que definem quem desempenha a ação teatral, em que tempo e onde ela se desenrola.
- Os personagens são interpretados pelos atores e atrizes com base em textos teatrais ou de improviso.
- Os atores e atrizes podem usar o próprio corpo, além de manipular bonecos e até mesmo objetos para interpretar personagens.
- O espaço cênico é o local onde a ação teatral se desenrola.
- A embolada é uma forma tradicional de música que também pode ser apresentada em espaços públicos.
- O museu Giramundo possui um grande acervo de bonecos a fim de valorizar a arte de bonequeiros como os mamulengueiros.



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem grupos de teatro de bonecos? Procure descobrir quando se apresentarão e vá conhecer o trabalho de um deles.



## É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir.

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito do teatro de mamulengos? Justifique sua resposta com um breve parágrafo.
2. Você ficou satisfeito com suas produções artísticas? Você considera que elas expressam suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê? Escreva um pequeno comentário a respeito de uma de suas produções.
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

» O QUE ESTUDAMOS

101

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## O que estudamos

Inicie o trabalho com a seção promovendo a leitura da síntese dos conceitos estudados. Retome com os alunos os trabalhos de José Júlio apresentados no Livro do Estudante e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

## É hora de retomar o portfólio

Retome a lista que foi feita no início do bimestre com a turma, assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue elementos da linguagem teatral?
- O aluno utiliza elementos da linguagem teatral em suas produções de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso dos elementos da linguagem teatral em suas produções?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com a linguagem teatral, na busca de soluções para expressar suas ideias e seus sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem teatral;
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos da linguagem teatral, mas ainda precisa de alguma orientação;
- consegue se apropriar e trabalhar com os elementos da linguagem teatral explorados, sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto;
- explora e pesquisa os elementos constitutivos da linguagem teatral a partir da apropriação que tem dos procedimentos desenvolvidos nas atividades.



## Arte é patrimônio!

A última parte da unidade tem como objetivo fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta “Arte é patrimônio?”. Para começar, retome as listas feitas ao final da introdução e antes de iniciar o capítulo 4. Pergunte se os itens propostos se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que o projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão neste encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Reconhecer elementos da linguagem audiovisual.
- Conhecer a técnica do *stop-motion*.
- Apreciar obras de arte audiovisuais, em especial o filme de animação.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar e produzir uma cena de *stop-motion* inspirada no filme de animação **Òrun Àiyé: a criação do mundo**.

## A animação de Jamile Coelho e Cintia Maria

Neste fechamento, além de retomar as questões acerca da pergunta “Arte é patrimônio?”, abordamos a linguagem audiovisual, mais especificamente o filme de animação em *stop-motion*.

Leia o texto com os alunos e estimule-os a compartilhar suas experiências pessoais com os registros audiovisuais e suas vivências com essa linguagem. Depois, in-

# Arte é patrimônio!

## A animação de Jamile Coelho e Cintia Maria

Ao longo do trabalho com esta unidade, descobrimos que as manifestações artísticas devem ser valorizadas, preservadas e que podem fazer parte do patrimônio cultural de um povo ou lugar.

Aprendemos que as danças africanas chegaram ao Brasil com os africanos escravizados e que elas se tornaram uma das raízes de nossa cultura. Por isso, são um patrimônio a ser valorizado. Também vimos que a arte do teatro mamulengo, um dos patrimônios culturais imateriais brasileiros, precisa ser preservada para que não se perca no tempo.

Sem dúvida, arte é patrimônio! Mas será que as tecnologias de comunicação e de informação podem nos ajudar na tarefa de valorizar e de preservar essas manifestações?

Observe as imagens a seguir. O que você vê? Você já viu personagens como esses? Como você acha que esses bonecos são feitos? Que histórias você acha que as imagens podem contar?



Daqui: Luciferrandere Produções

▶ Cena do filme de animação **Òrun Àiyé: a criação do mundo**, das cineastas Jamile Coelho e Cintia Maria, 2015.

102 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

centive-os a falar sobre suas impressões iniciais em relação ao trabalho das cineastas Jamile Coelho e Cintia Maria.

As questões que iniciam essa parte do fechamento buscam fazer com que os estudantes levantem hipóteses a respeito do trabalho com animações em *stop-motion*. Deixe-os livres para respondê-las em um primeiro momento e estimule-os a fazer mais perguntas

sobre as imagens, de modo que demonstrem os alvos de sua curiosidade e interesse.

Para estimulá-los, você pode ler as perguntas com eles e colocar suas respostas em discussão: “Qual é a aparência desses personagens?”; “Como vocês acham que eles se movimentam no filme?”; “Vocês já viram outros personagens de animação com essa aparência?”.

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, ao conhecer um filme de animação em *stop-motion* e se preparar para a produção final do projeto, os alunos poderão reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, além de caracterizar histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

Sugestão de...

Site

Visite o *site* da animação **Òrun Àiyé: a criação do mundo** para saber mais sobre o trabalho das cineastas baianas Jamile Coelho e Cintia Maria. Disponível em: <[www.orunfilme.com.br/](http://www.orunfilme.com.br/)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

Jamile Coelho/Estardafine Produções



► Cena do filme de animação **Òrun Àiyé: a criação do mundo**, das cineastas Jamile Coelho e Cintia Maria, 2015.

O que você sente ao olhar para as imagens? Você já viu alguma animação com personagens parecidos? Que tamanho você acha que eles têm?

As imagens destas páginas fazem parte do filme de animação **Òrun Àiyé: a criação do mundo**, das cineastas baianas Jamile Coelho e Cintia Maria.

O filme foi premiado no V Festival Internacional de *Stop-Motion*, em 2015. Esse festival anual acontece desde 2011, no Recife, Pernambuco, e recebe animadores do mundo todo!

Essa animação conta os mitos iorubas da criação do mundo. Ela nos apresenta as aventuras de Oxalá, o orixá responsável por essa tarefa. Você já ouviu falar em Oxalá e nos orixás? Que outras histórias sobre a criação do mundo você conhece?

Saiba mais >

Os **mitos** são narrativas criadas para explicar a origem dos seres, os eventos da natureza e os costumes tradicionais de um povo. Cada povo tem seus próprios mitos, criados há muitos séculos. Alguns desses mitos se transformam com o tempo e com o contato entre os povos.

Os iorubas são um povo que vive na atual Nigéria. Milhares de iorubas foram trazidos à força ao Brasil e escravizados entre os séculos XVI e XIX. Muitos de seus descendentes mantiveram as tradições e crenças iorubas vivas no Brasil, apesar do preconceito e da perseguição. Os deuses da religião dos iorubas se chamam **orixás**.

## Que obra é essa?

Antes da leitura do texto, organize os estudantes em grupos de três ou quatro integrantes. Peça-lhes que, após observarem a imagem desta página e as das páginas anteriores, comentem entre si as impressões que tiveram. Então, pergunte: “Como são os personagens do filme?”; “Que lugares são representados nos cenários do filme?”; “Como eles são representados?”; “Quais detalhes mais impressionam?”.

Após a leitura, incentive os estudantes a discutir a pergunta colocada e procure esclarecer as dúvidas a respeito da religião tradicional ioruba. Você pode propor questões como: “Por que os outros orixás sentiriam inveja de Oxalá?”; “Vocês conhecem outras religiões e mitologias em que os deuses têm sentimentos como os nossos?”. Essa etapa é fundamental não apenas para a abordagem da obra, mas também para buscar desfazer preconceitos e visões estereotipadas das religiões afro-brasileiras, historicamente discriminadas.

Comece a abordagem do tema com perguntas mais genéricas: “Vocês entenderam o que é um mito? Já tinham ouvido essa palavra antes?”; “Vocês conhecem outros mitos e histórias antigas que contam sobre a origem do mundo e de todas as coisas?”. Além da narrativa cristã, que é de amplo conhecimento no Brasil, é possível que eles já tenham ouvido falar em mitologias como a dos gregos, a dos romanos, a dos vikings ou a de algum dos povos indígenas brasileiros.

## Que obra é essa?

As jovens cineastas Jamile Coelho e Cintia Maria resolveram criar esse filme de animação para valorizar as culturas africanas e afro-brasileira. Elas se preocuparam também em combater o racismo e a discriminação religiosa. As diretoras escolheram falar de histórias dos iorubas, um dos muitos povos africanos que foram vítimas da escravidão.

No Brasil, grande parte das pessoas é afrodescendente, como Jamile e Cintia. A Bahia, onde as filmagens foram realizadas, é um dos estados brasileiros que mais receberam iorubas nos séculos passados.

O personagem principal do filme é Vovô Bira, um contador de histórias africano. Ele narra para sua neta a importante tarefa que o ser supremo da religião dos iorubas, Olodumaré, deu ao orixá Oxalá: criar o mundo.

Outros orixás ficam com inveja de Oxalá e criam dificuldades para ele. Apesar disso, Oxalá consegue cumprir sua missão com a ajuda de Nanã, a orixá mais velha.

Como será que Oxalá conseguiu criar o mundo?



► Cena de **Òrun Àiyé**: a criação do mundo em que Oxalá vai até Olodumaré.

### Sugestão de...

#### Livro

Para saber mais sobre os orixás, leia o livro **Os orixás sob o céu do Brasil**, de Marion Villas Boas (Editora Biruta, 2012). Além de apresentar a mitologia de diversos orixás, como Oxalá, a obra conta como pessoas vindas de diferentes regiões da África chegaram ao Brasil e se uniram pelo culto a esses deuses.



### Sugestão de...

#### Leitura complementar

BARGAS, Diego. *Como é a mitologia ioruba?* Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/religiao/como-e-a-mitologia-ioruba/>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

O texto apresenta a mitologia ioruba e pode ajudar a subsidiar a discussão sobre o tema.



## Como a obra foi feita?

Os personagens e os cenários de **Òrun Àiyé: a criação do mundo** são todos confeccionados com silicone. Eles são muito detalhados!

O filme foi feito com uma técnica de animação chamada **stop-motion**. Nela, o artista tira uma série de fotografias de uma cena: a cada fotografia, ele move um pouco os personagens e faz pequenas alterações no cenário. Nesse filme, os personagens de silicone foram sendo moldados a cada fotografia.



Como as imagens ganham vida? É simples: a sensação de movimento é criada quando as fotografias são colocadas em sequência e vistas rapidamente!

► As diretoras Jamile Coelho e Cintia Maria durante a produção do filme **Òrun Àiyé: a criação do mundo**. Salvador, Bahia, 2015.

Para fazer esse **curta-metragem** de 12 minutos, foram tiradas cerca de 25 mil fotografias e mais de 40 pessoas participaram das filmagens. A trilha sonora da animação também tem inspiração na cultura afro-brasileira.

**curta-metragem:**  
filme com até 30 minutos de duração.



### Sugestão de...

#### Vídeo

Assista a algumas cenas do curta-metragem **Òrun Àiyé: a criação do mundo**. Disponível em: <[www.mostradecinemainfantil.com.br/orun-aiye-a-criacao-do-mundo/](http://www.mostradecinemainfantil.com.br/orun-aiye-a-criacao-do-mundo/)>. Acesso em: 1ª dez. 2017.

Conhecer e valorizar a cultura e a história de seu povo de origem é muito importante, não é? Os mitos de criação fazem parte dessa herança, e uma animação como a produzida por Jamile Coelho e Cintia Maria ajuda a mostrar a importância e a beleza dessas histórias.

105

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Como a obra foi feita?

Depois de ler o texto, pergunte: “O que vocês acham de um filme de animação sobre a criação do mundo?”; “Como essa história pode ser contada usando personagens feitos de silicone?”; “Que diferenças vocês percebem entre as imagens de uma animação feita em silicone e outros tipos de animação que vocês conhecem?”.

É importante aproveitar esse momento para incentivar os estudantes a investigar a produção de uma animação como essa. Peça-lhes que observem a imagem das artistas trabalhando na produção do filme e, em seguida, apresentem as dúvidas que tiverem.

Então, levante questões sobre como funciona a animação dos elementos feitos de massa de modelar ou silicone: “Como serão as alterações feitas de uma fotografia para outra? Pequenas, grandes, muito pequenas?”; “Quanto tempo será que os técnicos levam para compor as imagens para uma cena inteira do filme?”; “Vocês acham que é um processo trabalhoso?”; “Por que essas animações são feitas assim?”.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Matrizes estéticas culturais

BNCC EF15AR24

Neste momento, ao conhecer um filme de animação em *stop-motion* e se preparar para a produção final do projeto, os alunos poderão reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, além de caracterizar histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

## Fazendo arte

Sua mediação é fundamental para que a proposta da seção possa ser realizada. Planeje com antecedência o tempo e os recursos necessários para a execução de cada etapa da atividade.

A técnica de *stop-motion* é relativamente simples, porém exige o cuidado com todos os passos e os procedimentos necessários. Por isso, é recomendável que você realize, antecipadamente, algumas experiências de animação de objetos com uma câmera ou celular.

Para começar, faça com os alunos uma leitura compartilhada do infográfico que mostra as etapas de produção de uma animação em *stop-motion*. Depois da leitura compartilhada do texto e das imagens da seção, pergunte aos alunos se eles se lembram de algum desenho ou animação com a técnica do *stop-motion* a que tenham assistido recentemente. Deixe que compartilhem seus conhecimentos e, então, se julgar necessário, forneça mais informações sobre a técnica para os alunos.

## FAZENDO ARTE

Que tal criar uma cena com a técnica de *stop-motion* para exibir em uma mostra de cinema na escola? Para começar, conheça um pouco melhor essa técnica.

### Saiba mais

Os filmes em *stop-motion* são realizados por meio de fotografias.

Os modelos são colocados no cenário.

A cada cena, os modelos são movidos um pouco.

Os personagens são então fotografados a cada mudança de posição.

Todas as fotografias são reunidas em um processo digital chamado de edição. É também nesse momento que a trilha sonora é incluída.

O resultado que vemos no cinema ou na televisão é a sequência de todas as fotografias reproduzidas com a trilha sonora.

106

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

### Sugestão de...

#### Leitura complementar

OLIVEIRA, Flávio Gomes de. *Panorama e proposições da animação em stop-motion*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <[https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2010\\_Flavio\\_Gomes\\_de\\_Oliveira.pdf](https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2010_Flavio_Gomes_de_Oliveira.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

Nesse trabalho, há indicações e informações sobre a técnica de *stop-motion* usada em animações conhecidas pelo grande público.

## Preparação da história

- 1 O professor vai dividir a turma em grupos. Com os colegas, escolha uma história para filmar. Vocês podem selecionar um mito ou outra narrativa que acharem interessante. Definam a cena que será filmada.
- 2 Juntos, decidam como os personagens serão criados. Vocês podem construí-los com massa de modelar ou outro material maleável, para que seja possível modificar os movimentos deles a cada cena. Planejem também o cenário da cena e separem o material necessário para montá-lo.

### Material necessário

- materiais diversos para criar os personagens e o cenário, como massa de modelar e peças de montar

## Filmagem e edição

- 1 Encontre um lugar na escola que seja calmo e onde não bata muito vento. A iluminação não deve mudar muito e não pode ser fraca. Apoie a câmera no tripé ou em outro tipo de suporte: ela deve ficar na mesma posição até o final da filmagem!
- 2 Com os colegas de grupo, retome o texto da história. Verifique em que cenário a cena se passa e que personagens participam dela. Monte-a de acordo com isso, colocando os elementos na posição mais adequada para serem fotografados.
- 3 Faça os personagens se movimentarem de acordo com os acontecimentos da cena. Lembre-se de que você deve mexê-los apenas um pouco de cada vez e fotografar após cada mudança. É aconselhável tirar dez fotos para cada segundo de vídeo.
- 4 Depois que tiver produzido todas as imagens, com a orientação do professor, transfira as fotos para o computador e utilize um programa de edição de vídeo a fim de criar a animação!

### Material necessário

- câmera fotográfica digital ou celular
- tripé ou outro tipo de suporte para fixar a câmera
- computador
- programa de edição de vídeo



107

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Preparação da história

Você pode optar entre duas formas de propor esta atividade: criar uma cena sobre um tema escolhido pelo grupo ou roteirizar uma cena já existente de um filme. Para a criação livre da cena, os membros do grupo precisam, antes, elaborar uma ideia geral de como seria a sinopse desse filme, pensar no gênero, na trama e nos personagens.

Outra sugestão é pedir que representem a cena, para que visualizem melhor como poderiam ser os planos, os cortes e o enquadramento. Para ter uma ideia de como escrever o roteiro, procure na internet por trechos ou mesmo roteiros inteiros de filmes. Não é raro que muitos deles sejam disponibilizados na rede. Para realizar a busca, use os termos “roteiro de cinema”, “roteiros de filmes” ou “cinema roteiros disponíveis”.

## Filmagem e edição

Para organizar melhor a filmagem, os grupos podem fazer *storyboards*. Peça-lhes que desenhem as cenas de suas narrativas, como se fossem histórias em quadrinhos: isso ajudará a prever os movimentos e as ações das cenas. Os estudantes devem dividir a história em cenas e planejar gravar uma cena de cada vez.

Durante a gravação, é preciso observar se há movimentos simultâneos na cena – ou seja, se entre uma foto e outra mais de um personagem ou elemento se move. Os estudantes devem escolher com cuidado o ângulo da câmera, evitando, por exemplo, que a luz incida contra a lente. Além disso, a câmera deve ficar bem fixa, pois sua posição ao se fotografar a sequência de um mesmo movimento não pode ser alterada.

As mudanças entre uma foto e outra devem ser bem sutis para movimentos lentos e mais amplas para movimentos rápidos. De qualquer modo, é importante que se faça uma série de fotografias com a progressão gradual desses movimentos, para evitar que eles fiquem bruscos no momento de animar.

Quando houver material suficiente, edite com os alunos as imagens usando um *software* de animação. Se possível, realize esta etapa em parceria com o professor de Informática Educativa. É importante que você supervisione os estudantes para garantir que a animação seja bem-sucedida.

Os sistemas operacionais da maioria dos computadores costumam disponibilizar editores de vídeo gratuitos. Esse tipo de recurso também é comum em celulares e *smartphones*.

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Arte e tecnologia

BNCC EF15AR26

Neste momento, ao elaborar o produto final do projeto, os alunos poderão reconhecer e experimentar as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, além de explorar diferentes tecnologias e recursos digitais nos processos de criação artística.



## Trilha sonora

Converse com os alunos sobre que sons podem fazer com a boca, os pés e as mãos. Você pode perguntar, por exemplo: "Quais sons podemos fazer com a boca?"; "Que animais e coisas podemos imitar? Como?"; "Que sons engraçados podemos produzir?"; "E sons tristes?". Criar uma trilha sonora coletivamente enquanto se assiste à animação pode ser bem interessante como experiência de improvisação musical e de composição em grupo.

### Expondo

Ao final da atividade, promova um momento de exibição dos filmes para os alunos. Procure reservar com antecedência uma sala da escola que comporte grande número de pessoas. Caso a escola possua *datashow*, utilize esse equipamento acoplado a um computador.

### Registrando

Termine a atividade com uma roda de conversa e registre os comentários dos alunos em seu diário de bordo. Nesse momento, convide os estudantes a contar o processo de produção, suas dificuldades, se gostaram ou não da experiência, o que deu certo e o que não deu, etc. Ao final, distribua papel e lápis de cor para que os alunos representem por meio do desenho a vivência propiciada pela atividade.

Peça aos estudantes que gravem o filme em um DVD e guardem uma cópia no portfólio. Você pode solicitar aos grupos que selecionem apenas uma passagem das histórias para gravar a animação, pois é um trabalho lento e detalhado.

## Trilha sonora

- 1 Combine com os colegas os sons que podem ser produzidos em conjunto e aqueles que serão produzidos individualmente. Vocês podem utilizar objetos e o corpo para criar sons, além de vozes diferentes para cada personagem.
- 2 Tente fazer essa sonorização ao mesmo tempo que assiste à animação com os colegas de grupo. Grave a sonorização para depois refletir sobre o resultado. Caso não fique satisfeito, repita o processo com os colegas.
- 3 Ao finalizar, com a ajuda do professor, transfira o áudio para o computador e use novamente o programa de edição de vídeo para combinar áudio e imagem. Grave a animação produzida em um DVD.

### Material necessário

- gravador (pode ser do celular)
- computador
- programa de edição de vídeo



## Expondo

- Com os colegas e sob a orientação do professor, escolha uma data para a exibição das animações. Será como um festival de animações em *stop-motion*! Convide os colegas da escola, os professores, as famílias e a comunidade escolar. Vai ser um sucesso!

## Registrando

- Guarde, no portfólio, uma cópia do DVD com o filme de animação produzido por seu grupo.

108

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

## Sugestão de...

### Site

No **Mural Animado** do site do festival *Anima Mundi* você encontra as animações criadas nas oficinas realizadas durante o evento. Disponível em: <[www.animamundi.com.br/pt/mural-animado/](http://www.animamundi.com.br/pt/mural-animado/)>. Acesso em: 14 dez. 2017.

# O QUE ESTUDAMOS

- Os mitos podem servir de inspiração para obras de arte.
- Nas obras de arte audiovisuais, para criar histórias, os artistas inventam cenários, personagens e possibilidades sonoras.
- O filme de animação em *stop-motion* exhibe rapidamente uma sequência de fotografias, o que cria a sensação de movimento.
- A arte pode ajudar a combater o racismo e a discriminação religiosa.
- A cultura e a história dos povos devem ser valorizadas.
- Arte é patrimônio!



## Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem estúdios que produzem animações? Aproveite a ocasião para conhecê-los na companhia do professor ou de seus responsáveis. Também procure assistir a um filme feito com essa técnica no cinema ou em casa.



## É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu nesta unidade. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos nesta unidade, como você acha que as diversas manifestações artísticas podem ajudar na preservação das culturas que formaram o Brasil? Por quê?
2. Você ficou satisfeito com a sua produção artística? Ela ajuda a responder à pergunta proposta pela unidade?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

Durante os nossos estudos, vimos que precisamos valorizar e preservar as manifestações artísticas e culturais tradicionais, pois são verdadeiras riquezas da humanidade. Que tal continuar a criar, a preservar e a pensar sobre esse patrimônio que é de todos nós?

## A BNCC nestas páginas

### Processos de criação

BNCC EF15AR23

### Arte e tecnologia

BNCC EF15AR26

Neste momento, ao elaborar o produto final do projeto, os alunos poderão reconhecer e experimentar as relações processuais entre diversas linguagens artísticas, além de explorar diferentes tecnologias e recursos digitais nos processos de criação artística.

## O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "Arte é patrimônio?". Peça que voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final de uma cena de animação usando a técnica de *stop-motion*. Ao longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens da dança e do teatro e aprofundaram a compreensão sobre o tema patrimônio cultural.

## É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o fim?
- Ele estabelece os próprios objetivos?
- Ele se dispersa?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele nas aulas de Arte?

# BIBLIOGRAFIA

## Linguagem visual e audiovisual

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *O que é vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes).

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

## Linguagem musical

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OHTAKE, Ricardo. *Instrumentos musicais brasileiros*. São Paulo: Rhodia, 1988.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore. Marseille: Wildproject*, 2010.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## Linguagem da dança

BOGÉA, Inês. *O livro da dança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

## Linguagem teatral

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

## Culturas afro e indígena brasileiras

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). *Povos indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2004.

OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Cortez, 2011.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.



## MATERIAIS RECOMENDADOS

### Coleções

ARTE AO REDOR DO MUNDO. São Paulo: Callis.  
ARTISTAS BRASILEIROS. São Paulo: Callis.  
A VIDA E A OBRA DE. São Paulo: Madras.  
CRIANÇAS FAMOSAS. São Paulo: Callis.  
GRANDES MESTRES. São Paulo: Ática.  
MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DA MÚSICA NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES. São Paulo: Moderna.  
MESTRES DAS ARTES NO BRASIL. São Paulo: Moderna.  
ÓPERAS PARA CRIANÇAS. São Paulo: Callis.  
PEQUENA VIAGEM. São Paulo: Moderna.  
POR DENTRO DA ARTE. São Paulo: Ática.  
SANTA ROSA, Nereide. *A Arte de Olhar*. São Paulo: Scipione.

### Livros paradidáticos

BRANDÃO, Toni. *Maracatu*. São Paulo: Studio Nobel, 2007.  
CANTON, Kátia. *Escultura aventura*. São Paulo: DCL, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Fantasias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.  
COELHO, Raquel. *A arte da animação*. São Paulo: Formato, 2004.  
\_\_\_\_\_. *Música*. São Paulo: Formato, 2006.  
MCCAUGHREAN, Geraldine. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
NESTROVSKI, Arthur. *O livro da música*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.  
SOUZA, Flávio de. *O livro do ator*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

### Sites\*

#### Linguagem visual e audiovisual

Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <[www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)>  
Cinemateca: <[www.cinemateca.gov.br/](http://www.cinemateca.gov.br/)>  
Itaú Cultural: <[www.itaucultural.org.br/](http://www.itaucultural.org.br/)>  
Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ): <[www.mis.rj.gov.br/](http://www.mis.rj.gov.br/)>  
Museu de Arte Brasileira da Faculdade Armando Álvares Penteado (MAB Faap): <[www.faap.br/museu/](http://www.faap.br/museu/)>  
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP): <[www.mac.usp.br/](http://www.mac.usp.br/)>  
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): <<http://masp.art.br/masp2010/>>  
Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP): <[www.mam.org.br/](http://www.mam.org.br/)>  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio): <[www.mamrio.org.br/](http://www.mamrio.org.br/)>  
Museu do Índio: <[www.museudoindio.gov.br/](http://www.museudoindio.gov.br/)>  
Museu Histórico e Artístico do Maranhão: <[www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php](http://www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php)>  
Museu Histórico Nacional: <<http://mhn.museus.gov.br/>>  
Museu Imperial: <[www.museuimperial.gov.br/](http://www.museuimperial.gov.br/)>  
Museu Lasar Segall: <[www.museusegall.org.br/](http://www.museusegall.org.br/)>

Museu Nacional de Belas Artes: <<http://mnba.gov.br/portal/>>  
Museu Náutico da Bahia: <[www.museunauticodabahia.org.br/](http://www.museunauticodabahia.org.br/)>  
Pinacoteca de São Paulo: <<http://pinacoteca.org.br/>>  
Portal Brasil Cultura: <[www.brasilcultura.com.br/](http://www.brasilcultura.com.br/)>  
Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <[www.museus.gov.br/](http://www.museus.gov.br/)>  
Projeto Portinari: <[www.portinari.org.br/](http://www.portinari.org.br/)>  
Tarsila do Amaral: <[www.tarsiladoamaral.com.br/](http://www.tarsiladoamaral.com.br/)>

### Linguagem musical

Academia Brasileira de Música: <[www.abmusica.org.br/](http://www.abmusica.org.br/)>  
Biblioteca Nacional – Música: <[www.bn.gov.br/tags/musica](http://www.bn.gov.br/tags/musica)>  
Cultura Artística: <[www.culturaartistica.com.br/](http://www.culturaartistica.com.br/)>  
História da Música: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoque.htm>>  
Linha do tempo da música brasileira: <<http://timelinemusicabrasileira.org.br/>>  
Mozarteum Brasileiro: <<https://mozarteum.org.br/>>  
MPB Net: <[www.mpbnet.com.br/](http://www.mpbnet.com.br/)>  
Origem da Música Caipira: <[www.violatropeira.com.br/origem](http://www.violatropeira.com.br/origem)>

### Linguagem da dança

Bienal Internacional de Dança do Ceará: <[www.bienaldedanca.com](http://www.bienaldedanca.com)>  
Canal Curta! – Danças brasileiras: <[www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417](http://www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417)>  
Festival Conexão Dança: <[www.conexaodanca.com.br/](http://www.conexaodanca.com.br/)>  
Festival de Dança de Joinville: <[www.festivaldedanca.com.br/site/](http://www.festivaldedanca.com.br/site/)>  
Instituto Caleidos: <[www.institutocaleidos.org/](http://www.institutocaleidos.org/)>  
Revista *Dança Brasil*: <[www.dancabrasil.com.br/](http://www.dancabrasil.com.br/)>

### Linguagem teatral

Clown: <[www.clown.comico.nom.br/](http://www.clown.comico.nom.br/)>  
Denise Stoklos: <[www.denisestoklos.com.br/](http://www.denisestoklos.com.br/)>  
Festival Internacional de Londrina: <<https://filo.art.br/>>  
Funarte – Portal das Artes – Teatro: <[www.funarte.gov.br/teatro/](http://www.funarte.gov.br/teatro/)>  
Oficina de Teatro: <<http://oficinadeteatro.com/>>

\* Todos os acessos dos sites recomendados foram feitos em 6 de novembro de 2017.





